

**UNESP- Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”**

**FAAC - Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação**  
*Programa de Pós-Graduação em Comunicação*

David Cintra Sobrinho

***Alma do espetáculo ou público pagante?***

**Uma análise culturológica sobre as representações  
do torcedor de futebol na mídia esportiva impressa**

**Bauru-SP**  
**Dezembro/2005**

# ***Alma do espetáculo ou público pagante?***

**Uma análise culturológica sobre as representações  
do torcedor de futebol na mídia esportiva impressa**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação - área de concentração em Comunicação Midiática - da FAAC - Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", pelo aluno David Cintra Sobrinho, sob orientação do Professor Doutor Cláudio Bertolli Filho, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Comunicação.

**Bauru-SP  
Dezembro/2005**

**Ficha catalográfica elaborada por**

**DIVISÃO TÉCNICA DE BIBLIOTECA E DOCUMENTAÇÃO  
UNESP - Bauru**

Cintra Sobrinho, David

Alma do espetáculo ou público pagante? Uma análise culturológica sobre as representações do torcedor de futebol na mídia esportiva impressa / David Cintra Sobrinho. - - Bauru : [s.n.], 2005.

234 f.

Orientador: Cláudio Bertolli Filho.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, 2005.

1. Futebol - torcedores. 2. Jornalismo esportivo. 3. Torcida - futebol. 4. Comunicação midiática. I – Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação. II - Título.

David Cintra Sobrinho

## ALMA DO ESPETÁCULO OU PÚBLICO PAGANTE?

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação, da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” e submetida à banca examinadora como exigência parcial à obtenção do título de Mestre em Comunicação.

Banca examinadora:

Presidente: Prof. Dr. Cláudio Bertolli Filho

Titular 1: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Rosana de Lima Soares

Titular 2: Prof. Dr. Ricardo Alexino Ferreira

Bauru, 19 de dezembro de 2005

***PARA MARISTELA E ANA LÍDIA***

## AGRADECIMENTOS

*A Deus, pela inspiração;  
a meus pais, Joaquim e Luzia, pela vida;  
a Maristela e Ana Lúcia, pelo amor;  
à Sílvia, eterna mestra;  
ao professor Cláudio Bertolli Filho,  
pela infinita paciência;  
aos amigos da Biblioteca do campus de Bauru,  
pela inestimável colaboração;  
a todos da Seção de Pós-Graduação da FAAC,  
pela compreensão e  
ao povo brasileiro, pelo futebol.*

*Nós, os seres humanos,  
deveríamos nos preocupar mais com as gerações futuras.  
Nosso compromisso maior com nossos filhos é fazê-los felizes.  
Se não for possível, devemos, pelo menos,  
proporcionar a eles momentos de felicidade.  
Por isso, precisamos, no presente,  
manter as festas e as brincadeiras  
que aprendemos com nossos antepassados,  
para que nossas crianças possam também festejar e brincar no futuro.  
Se conseguirmos isso, seremos, nós mesmos, felizes também.*

(2005)

## RESUMO

A presente dissertação apresenta uma análise com bases em teorias culturalistas sobre as representações do torcedor de futebol na mídia esportiva impressa. Dividido em quatro capítulos, o texto inicialmente reflete sobre questões teóricas e metodológicas acerca da mídia e sua importância enquanto espaço de construção de significados e identificações. Busca-se um diálogo entre conceitos de duas correntes distintas de análise da comunicação: a Teoria Crítica e os Estudos Culturais. Ainda no campo conceitual abordam-se parâmetros lingüísticos como referência para análises de fenômenos midiáticos e a idéia de jogo. Apresenta-se ainda as origens do futebol no mundo e no Brasil. A partir destes pressupostos busca-se compreender *quem são* os torcedores enquanto sujeitos sociais, simbolicamente construídos. Acrescenta-se uma trajetória histórica sobre os modos de torcer e as relações conflituosas entre torcedores e mídia. Para finalizar, são apresentadas impressões de torcedores de futebol, que possuem em comum o fato de serem também *leitores* de uma mesma publicação - especificamente, a editoria de esportes do *Jornal da Cidade* - e que, por suas posturas, podem ser considerados sujeitos representativos do campo receptivo. Após o percurso analítico, nota-se que o torcedor é elemento-chave do universo futebolístico, porém, nem sempre é assim percebido na mídia impressa, em que aparece como sujeito passivo, sem voz ativa, apesar de sua importância para a construção do fenômeno futebol-espetáculo. Identifica-se assim uma lacuna no jornalismo esportivo impresso, em que se desconsidera a voz dos torcedores na configuração do futebol enquanto espetáculo e para quem, em última análise, o jornalista escreve.



## **ABSTRACT**

This work presents an analysis, based on culturalist theories, about the representations of the football spectators in the sports press. Divided in four chapters, the text initially reflects on theoretical and methods questions, concerning the media and its relevance while a space for expression. It claims for a dialogue between concepts of two distinct theories: the Critical Theory and the Cultural Studies. Still in the conceptual field, linguistics parameters are presented as a way of analysis for media phenomenon. It presents too the origins of the football game in the world and in Brazil. Based on these studies, it tries to understand the football spectators while authentic social citizens, symbolically build. It adds a historical trajectory about football assistance and how it got so many alterations along the time. The conflituos relations between spectators and media is aborded too. To complete, impressions of spectators, readers of a same news and representative persons of the reception are presented. After this analytical way, spectators appears as representative persons of the football's universe, but, are printed in the media as passive persons, without active voice, although its strong representation in the football while a spectacle. So, its suggests that there is a gap in the sports press: it doesn't give a voice to the football spectators, key persons for the actual football configuration and, at last, for whom the journalists writes.

# SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	11
<b>CAPÍTULO 1</b>	
Questões conceituais e metodológicas .....	24
Comunicação e [é] cultura .....	28
Os Estudos Culturais .....	32
Identidades e representações culturais .....	41
O poder do simbólico .....	53
Mídia [o importante é vender] .....	59
Mídia esportiva [o importante é aparecer] .....	64
Linguagem, cultura e futebol .....	76
<b>CAPÍTULO 2</b>	
O futebol .....	89
Esporte – jogo, competição e espetáculo .....	93
A(s) história(s) do futebol .....	101
O futebol brasileiro .....	119
O futebol e o jornalismo .....	138
<b>CAPÍTULO 3</b>	
O torcedor de futebol .....	145
Da <i>assistance</i> às torcidas <i>organizadas</i> .....	157
Torcida e violência .....	168
Torcida vs. Imprensa .....	171
<b>CAPÍTULO 4</b>	
Representações do torcedor na mídia impressa .....	182
Mídia local e regional .....	183
Do <i>Progresso de Bahuru</i> ao <i>Jornal da Cidade</i> .....	185
O esporte no <i>JC</i> .....	190
Conteúdo e discursos da editoria de esportes do <i>JC</i> .....	196
Análise dos discursos da editoria de esportes do <i>JC</i> .....	206
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS E RECOMENDAÇÕES</b> .....	222
<b>BIBLIOGRAFIA</b> .....	230

## INTRODUÇÃO

Apesar do grande desenvolvimento e ampliação dos meios eletrônicos de comunicação, que têm a seu favor a instantaneidade da informação, o forte apelo da imagem e a anulação das distâncias, o jornal impresso se mantém como um dos principais suportes para a informação neste início de século XXI e desde o século XIX. Sua sobrevivência está ligada a fatores como o apelo local e a potencialidade de realizar análises mais aprofundadas dos acontecimentos, além do envolvimento e fidelidade do leitor. No entanto, por envolver interesses econômicos e ideológicos das empresas e dos agentes “construtores” da notícia (pau-teiros, repórteres e editores), bem como dos leitores-consumidores e daqueles *sobre quem e para quem* se “fala”, os processos que envolvem o jornalismo são marcados por tensões. São muitas as dúvidas e conflitos que subjazem ao fenômeno, pertencente à esfera midiática e complexo por natureza. Entretanto, tais “ruídos”, nem sempre podem ser notados na superfície dos textos, exigem leituras mais apuradas para serem detectados.

O objetivo desta dissertação é interpretar um desses conflitos, previamente detectado na prática profissional do autor, e que envolve a mídia esportiva impressa e os torcedores de futebol. Partindo da premissa de que a torcida é o elemento que dá vida a uma partida de futebol, que sem o *show* das arquibancadas e dos gritos de incentivo ou desaprovação das multidões, esse jogo não passaria de uma atividade física sem maiores conseqüências “extra-esporte”, observou-se que, principalmente, nas reportagens específicas sobre os jogos de futebol e nas páginas dos jornais, a torcida não é assim representada. Com frequência, os torcedores aparecem apenas como plano de fundo das fotografias e nas fichas técnicas das partidas, como o *público pagante* e não como *personagem ativo* da ação.

Enquanto técnicos jogadores e personalidades públicas são constantemente chamados a dar suas opiniões sobre vários aspectos das disputas, os tor-

cedores de futebol não têm reproduzidas suas vozes na maioria das reportagens, quase sempre, focadas apenas no jogo em si. A exceção fica por conta dos casos de violência, que sempre colocam os torcedores em destaque nas páginas dos periódicos. A violência, inegavelmente, existe e é condenável. A mídia tem o dever não só de mostrá-la como também colaborar para que deixe de acontecer<sup>1</sup>. No entanto, há também um lado “positivo” (sem conotação com o termo científico *positivismo*) do torcedor, que a imprensa pouco explora, como, por exemplo, a festa em torno dos “grandes jogos” e o estímulo dado aos jogadores, motivando-os a buscar as vitórias. Raramente no jornalismo esportivo os torcedores são consultados sobre as performances atléticas ou sobre o modo como os clubes são conduzidos. A voz das arquibancadas não está estampada nos jornais.

Resumidamente, o percurso para efetivar o debate sobre tal estranhamento foi iniciado com o enquadramento do fenômeno em um campo teórico e conceitual, através do qual, a Comunicação é vista como fenômeno cultural e, como tal, seus processos interessam especialmente aos Estudos Culturais. Ainda no campo teórico, já aceitando o futebol também como fenômeno midiático, são apresentadas reflexões sobre a influência da linguagem nas relações entre a mídia e o esporte. A seguir, foi realizado um estudo sobre o futebol, que revela como uma prática de características lúdicas foi incorporando, através de sua historicidade, elementos característicos de cada época e meio social em que se processava, transformando-se até tornar-se, primeiro, um esporte regulamentado e oficializado, depois, espetáculo e fenômeno sociocultural. Ainda como parte do segundo capítulo, resgata-se aspectos históricos do futebol no Brasil, com o intuito de demonstrar a especificidade da modalidade no país, ou seja, o que a di-

---

<sup>1</sup> A violência no futebol é tema já debatido em trabalhos acadêmicos, se não numerosos, substanciais, como se verá mais adiante, nos quais as investigações demonstraram que, para uma parcela significativa dos torcedores, a mídia contribui, ainda que subliminarmente, para alimentar a violência no esporte. Mesmo que não seja reconhecida como a causadora dos distúrbios, a imprensa, ao acentuar a rivalidade entre as equipes ou supervalorizar a importância de uma partida - por exemplo, classificando-a como de “vida ou morte” -, estimularia o potencial de torcedores, supostamente, predispostos a comportamentos violentos.

ferencia em relação a outros países. Depois, são feitas considerações sobre as relações entre imprensa e futebol.

O terceiro capítulo é mais específico ao tema proposto, dedicado aos torcedores de futebol, no qual procura-se saber um pouco mais sobre *quem* são esses sujeitos na dimensão cultural. Para tal, foi realizado um estudo bibliográfico, entrevistas e uma análise de conteúdo da editoria de esportes de um veículo de comunicação impresso. A escolha da publicação foi baseada em critérios qualitativos, por isso, não se apresenta aqui uma “enxurrada” de dados estatísticos, a partir dos quais poderiam ser feitas generalizações “incontestes”. A publicação é o *Jornal da Cidade*, que, pelo menos à época da realização de maior parte do presente trabalho, tratava-se do único jornal impresso e um dos órgãos de imprensa mais representativos da mídia na cidade de Bauru, local dessa pesquisa<sup>2</sup>. Pesou ainda na opção, o fato de o jornal reproduzir material de quatro agências de notícias: *Folha (atualmente Folhapress)*, *Lancepress!*, *Estado* e *Reuters*, o que permite analisar também as representações sobre o torcedor de futebol nos discursos de órgãos de imprensa de circulação nacional. Além disso, este estudo se propõe a abordar aspectos da recepção no processo midiático, portanto, necessita investigar sujeitos que participam desse espaço, ou seja, de receptores.

Com a pretensão de avaliar aspectos da recepção no processo midiático, tomou-se depoimentos de sujeitos representativos do universo dos torcedores de futebol. Isso não implica que as opiniões defendidas pelos entrevistados em seus depoimentos seja a de todos, ou de maiorias e minorias, entretanto, pelo modo intenso como esses sujeitos negociam com o esporte e a mídia, são representativos das relações colocadas em questão. Os critérios usados para escolha dos entrevistados são: a) ser torcedor de futebol e b) leitor da publicação em questão.

Quatro desses personagens são “torcedores comuns”, enquanto três pertencem a torcidas organizadas. Foram eles: *Arialdo* Madruga Krupa, 28 anos,

---

<sup>2</sup> Desde novembro de 2005, circula também, em Bauru, o diário *Bom Dia*.

porteiro; *Erasmus* Diniz, 58 anos, aposentado; *Mário* Sérgio Palharin, 32 anos, bancário; *André* Paulo da Silva Mantovani, 31 anos, advogado; *Sinuhe* Daniel Preto, 43 anos, professor; José Roberto *Pavanello* Silva, 51 anos, auxiliar administrativo e *Givanildo* da Silva, 27 anos, auxiliar administrativo. No decorrer do texto, esses personagens serão identificados pelo nome em destaque neste parágrafo<sup>3</sup>.

No quarto capítulo, é feita uma análise mais detalhada da editoria de esportes da publicação, com foco nos discursos e na percepção dos leitores-torcedores entrevistados sobre o jornal em questão. Adota-se o método proposto por Norman Fairclough, descrito no capítulo 1.

Assim, as considerações apresentadas, os resultados observados, não podem ser vistos de modo generalizado. Não se pretende dizer, a partir de observações em um único veículo, que “a mídia esportiva é assim” ou ainda que os torcedores de futebol sejam contra ou a favor de qualquer coisa, o que, certamente, teria validade questionável. O que se busca mostrar é como aparecem, num veículo representativo de uma comunidade relativamente numerosa (Bauru), além de poder abordar problemas mais gerais da comunicação e das relações sociais, uma vez que os conflitos estão nos discursos de ambos os lados. Para fechar o texto são apresentadas algumas considerações finais e recomendações.

### *Justificativas*

O interesse dessa temática se baseia no fato de a mídia esportiva ter grande participação no cotidiano dos meios de comunicação. Em muitos casos, a presença de algum tipo de veículo de comunicação em massa determina a existência ou não da atividade esportiva, por exemplo, quando o próprio suporte midiático é o promotor do evento. Nos veículos impressos, além de periódicos es-

---

<sup>3</sup> Entre os entrevistados poderia ter sido incluída uma ou mais mulheres, entretanto, não foi possível encontrar uma representante, o que deixa uma lacuna. Aliás, a questão de gênero no futebol não aparece no presente trabalho por se considerar que é de importância tal que merece ser apreciada separadamente em um outro estudo.

pecializados, praticamente todos os jornais têm sua editoria de esportes e, historicamente, desde pelo menos a metade do século XIX, dedicam espaços generosos para os eventos esportivos em suas páginas.

De outro lado, o esporte é reconhecidamente um fator de inclusão social, além de ter relações com alguns aspectos de saúde pública e influências na educação, portanto, trata-se de um fenômeno importante para a compreensão da atual sociedade brasileira. Existem outras práticas que colocam o esporte na dimensão cultural – como a chamada “geração saúde”, um segmento gigantesco da população que lota academias e pratica os mais variados esportes, ou ainda os chamados esportes radicais, que atraem milhares de praticantes –, porém, nenhuma delas com tanta representatividade quanto o futebol. A própria mobilização da mídia em torno de acontecimentos esportivos (a maioria futebolísticos) é outro indicativo da importância cultural do fenômeno.

O que faz a mídia se interessar tanto pelo assunto certamente não são apenas os aspectos estéticos do jogo, já que outros esportes apresentam tais elementos, muitas vezes mais atraentes. Os meios de comunicação investem no futebol devido à repercussão das reportagens, devido à audiência atingida, ao grande número de exemplares vendidos quando acontecem fatos extraordinários ligados ao assunto. E o responsável por tal resposta positiva são os torcedores de futebol.

No entanto, em que pese essa importância sociocultural, o assunto “esporte” ainda não foi suficientemente explorado nos meios acadêmicos. Mais especificamente, nos cursos de Comunicação é uma temática tratada como uma espécie de “patinho feio” do Jornalismo. A maioria dos trabalhos científicos sobre o futebol foi produzida em cursos de Educação Física e Ciências Sociais. Assim, no plano acadêmico, este estudo pretende contribuir com reflexões teóricas desenvolvidas a partir de uma temática mais presente no cotidiano e que ainda tem muito a oferecer para o entendimento da identidade cultural do povo brasileiro. O objetivo teórico desta dissertação é apontar *caminhos* para se pen-

sar fenômenos e não *resultados definitivos* ou *conclusões* sobre eles. É provável que sejam levantadas aqui mais questões a serem investigadas do que apresentadas constatações.

O desenvolvimento deste projeto é ainda uma oportunidade de aproximar estudos acadêmicos e prática profissional, uma vez que se pretende sugerir procedimentos para a elaboração de reportagens sobre eventos futebolísticos ou rotinas que possam inserir o torcedor do futebol nas páginas dos jornais não mais como mero coadjuvante ou *público pagante*, mas como a verdadeira *alma do espetáculo*.

### *Revisão bibliográfica*

A pesquisa bibliográfica para a realização deste trabalho começa na busca por conceitos científicos adequados ao tema. Para isso, foram utilizadas obras como *Teorias da Comunicação de Massa*, de Melvin De Fleur e Sandra Ball-Rokeach (1993); *Teorias da comunicação: conceitos, escolas e tendências*, organizada por Antonio Holfeldt (2001); *História das teorias da comunicação*, de Armand e Michèle Mattelart (2000), e, especialmente, *Pesquisa em comunicação*, de Maria Immacolata Vassalo de Lopes (2001), que foram essenciais para indicar “o caminho a seguir” em meio ao verdadeiro manancial teórico do campo da Comunicação.

Foram consultadas ainda outras obras que debatem conceitos teóricos dos processos comunicacionais, como *Antropológica do espelho*, de Muniz Sodré (2002) e *Por uma outra comunicação*, organizada por Denis de Moraes (2003), ou ainda os artigos *Comunicação: uma abordagem plural*, de Laan Mendes de Barros (2002), e *O conceito de indústria cultural e a comunicação na sociedade contemporânea*, de Cláudio Novaes Pinto Coelho (2002). Também foram importantes para o desenvolvimento dessas reflexões teóricas os trabalhos de Jesús Martín-Barbero (2001), Stuart Hall (2000 e 2003), Richard Hoggart



(1973), Nestor Garcia Canclini (2001) e Raymond Williams (2000), além de textos de Silas de Paula (1998), Olga Guedes (1998) e outros citados no desenvolvimento do capítulo e na bibliografia. O estudo dessas obras aponta para a centralidade da cultura nas análises que buscam interpretar os fenômenos sociais. Ainda no campo teórico, as obras de Norman Fairclough (1996 e 1997) apontam para a importância de se observar o papel da linguagem nos processos comunicacionais.

Na análise estrutural do fenômeno futebol e suas ligações com a mídia, apresentam-se estudos embasados inicialmente pelo clássico *Homo ludens*, de Johan Huizinga (1990), que coloca o jogo como um dos pilares da organização social, anterior à própria Cultura. O autor, já nos primeiros anos do século XX, apontava para a dissociação do esporte ao sagrado, o que o faria perder parte de sua essência lúdica. A transformação das práticas esportivas, que desde a Antiguidade se ligavam às festas e rituais sagrados, em atividades regulamentadas, também domina parte da dissertação de mestrado apresentada por Fernando Antonio Cardoso Garrido (1999) ao PPGEF da UGF, denominado *Tendências da cultura esportiva no Rio de Janeiro: uma análise da mídia e das práticas de esportes*.

A seguir procura-se resgatar o desenvolvimento histórico do futebol no mundo e no Brasil, com base nos textos de Gerhardt (1979), Costa (2005), Contador (2003), Turtelli (2002), Cunha (2005), Mazzoni (1950), Melo (2000), Neto (2000) e outros. A partir desses textos, mostra-se como o ser humano sempre teve entre suas práticas jogos com objetos esféricos, que foram se transformando e sendo adaptados até surgir o futebol. Ainda nesse segundo capítulo apresentam-se reflexões sobre as relações do futebol com a mídia, bem como sobre a linguagem jornalística especializada, explorando alguns aspectos abordados nas obras de Garrido (op. cit.) e Coelho (2003).

Ainda que pudesse receber mais atenção por sua importância no cotidiano nacional, o torcedor é tema de teses e dissertações de diversas áreas das

Ciências Humanas, o que possibilitou o levantamento de uma bibliografia substancial sobre o assunto. Especificamente na Comunicação, identificou-se *O torcedor de futebol e o espetáculo da arquibancada: características da participação de torcedores brasileiros em jogos de futebol*, dissertação de mestrado em Ciências da Comunicação apresentada na ECA-USP por Manuel Gustavo Manrique Gianoli (1996). No texto, o autor traça um panorâmico histórico do futebol, bem como apresenta uma pesquisa realizada entre torcedores paulistas. A concepção de três tipos de torcedores: comuns, tientes e organizados é uma contribuição substancial para se entender o “universo das arquibancadas”. O autor apresenta ainda dados interessantes sobre as torcidas organizadas *Mancha Verde*, *Gaviões da Fiel* e *Tricolor Independente*.

*Tua imensa torcida é bem feliz...: da relação do torcedor com o clube*, de Sílvio Ricardo da Silva, tese de doutorado defendida em 2001, na Faculdade de Educação Física da Unicamp, é um estudo consistente em que se busca a compreensão do processo de construção da relação do torcedor com o Clube de Regatas Vasco da Gama, do Rio de Janeiro. Silva cita uma pesquisa (à qual, infelizmente, não foi possível ter acesso) e que seria a pioneira na temática, denominada *Os Gaviões da Fiel e a águia do capitalismo*, de autoria de Benedito Tadeu César, uma dissertação de mestrado defendida em 1982 pela Unicamp (IFLCH/Antropologia Social). Silva resume assim esse trabalho:

Através de acompanhamento intensivo de seus integrantes [torcedores da torcida organizada Gaviões da Fiel, do Sport Club Corinthians Paulista] e de suas atividades, aquele autor procurou traçar um perfil histórico dessa torcida, pesquisando também sua dinâmica interna, suas relações com o exterior, suas condicionantes, suas ramificações, suas interferências, suas influências e os condicionamentos pelos quais passava. (p.9)

Em *Futebol e sociedade: as manifestações da torcida*, tese de doutorado em Educação Física de autoria de Heloísa Helena Baldy dos Reis, pela Unicamp (1998), a autora analisa o comportamento da torcida da Sociedade Espor-

tiva Palmeiras durante o Campeonato Brasileiro de Futebol de 1996. O estudo de Reis tem como base teórica a obra *A busca da excitação* de Elias & Dunning (1992), autores que se debruçaram sobre a violência das torcidas de futebol. Entre outros pontos em comum com a abordagem proposta na presente dissertação, Reis assume o futebol como fenômeno integrado a aspectos socioculturais da sociedade e não como prática de lazer ou atlética autônoma, desligada dos demais processos sociais.

A tese de doutorado em Lingüística de Sandra Regina Turtelli, *Estudo da linguagem de um evento esportivo numa abordagem sócio-léxico-computacional*, defendida na FFLCH da USP, em 2002, apresenta um estudo comparativo sobre a linguagem empregada em quatro textos veiculados ao vivo no rádio e na televisão sobre um mesmo evento esportivo. O trabalho contém ainda informações importantes de cunho histórico e sociológico sobre o futebol, além do entendimento da linguagem como um fenômeno que extrapola o campo lingüístico: “Da mesma maneira que o uso da linguagem permeia a vida social, os elementos da vida social fazem parte da forma como a linguagem é utilizada” (p. 23), refere-se a autora. Essencialmente, por influência desse trabalho, toma-se na presente dissertação a posição de que analisar aspectos da linguagem e, portanto, dos discursos, é fundamental para o entendimento dos fenômenos midiáticos.

Ainda na área de Educação Física, Ana Beatriz Correia de Oliveira (2000), em *Representações da Torcida Raça Rubro-Negra sobre o ídolo do futebol*, dissertação de mestrado apresentada ao PPGEF da UGF, apresenta um estudo sobre a construção do ídolo no futebol. O estudo é feito entre torcedores do Flamengo, time carioca de maior torcida no país. A importância do trabalho está na abordagem sociológica da autora que busca na Teoria das Representações Sociais vincular o comportamento dos torcedores em relação aos ídolos (jogadores cultuados por eles) com sistema de valores, noções e práticas sociais.

As torcidas organizadas cariocas são o tema da dissertação de mestrado de Rosana da Câmara Teixeira, *Os perigos da paixão: filosofia e prática das torcidas jovens cariocas*, apresentada ao PPGSA da UFRJ (1998). O trabalho é de cunho antropológico e apresenta entrevistas com torcedores de diferentes clubes do Rio de Janeiro, na busca pelos motivos que os fizeram adotar um clube de coração e pelo qual são capazes de morrer, bem como investigar as causas mais profundas da violência neste grupo social. Importante nesse trabalho é a constatação de que a imprensa em geral não é bem vista pelos torcedores, que a consideram “manipuladora da realidade”.

Em outros trabalhos de origem acadêmica, porém, editados comercialmente, o torcedor de futebol aparece em grande número de publicações que tratam sobre a violência dos estádios, como o livro-reportagem *Entre os Vândalos: a multidão e a sedução da violência*, de Bill Buford (1992), jornalista que conviveu com os *hooligans* ingleses durante quase quatro anos para tentar entender a lógica da violência praticada por tais torcedores. A questão da violência das torcidas de futebol também incomodou o sociólogo Jean Baudrillard. Em seu *A transparência do mal, ensaios sobre os fenômenos extremos* (1990), ele dedica um capítulo ao episódio ocorrido no estádio de Heysel, em Bruxelas, no ano de 1985, quando centenas de torcedores foram pisoteados, ocasionando dezenas de mortes.

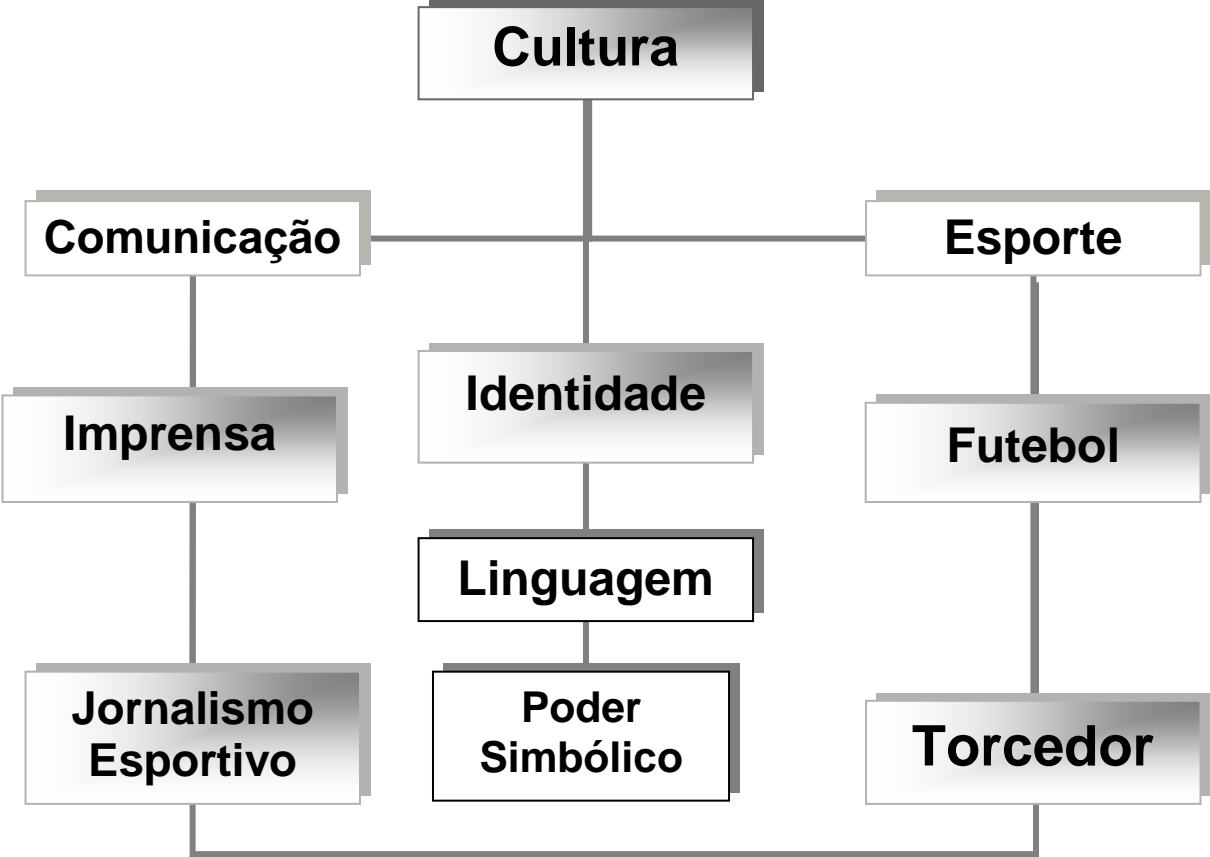
Ainda que não trate especificamente do assunto torcedor de futebol, Janet Lever aborda o tema em *A loucura do futebol: esporte e integração social no Brasil* (1983), obra que traz um “olhar estrangeiro” (a autora é norte-americana) sobre o fenômeno do futebol no Brasil e foi originada de uma dissertação de mestrado pela Universidade de Chicago. Já a obra *Football: a sociology of the global game*, de Richard Giulianotti (1999), é de relevante interesse para o tema proposto, não apenas por apresentar o futebol no mundo sob o prisma da sociologia inglesa contemporânea, como também por analisar as diferenças e semelhanças entre as *spectators culture* (cultura dos espectadores) de tor-

cedores latinos e europeus. Além disso, essa obra mostra como academicamente o tema futebol e torcedor de futebol é analisado de maneira mais aprofundada na Inglaterra, país berço do futebol moderno.

Artigos e ensaios que abordam o tema também foram pesquisados, como *Das “charangas” às torcidas virtuais: a comunidade, os meios de comunicação e o futebol*, de José Rocco Júnior, artigo apresentado durante o XXVII Congresso da Intercom – 2004 e que aborda a “evolução” das torcidas organizadas desde as “charangas” criadas na década de 1930 até às comunidades virtuais de torcedores contemporâneas na Internet.

A compreensão do sujeito em questão neste trabalho, ou seja, do torcedor de futebol como um fenômeno atual dos grandes centros urbanos está baseada na obra *O tempo das tribos*, de Michel Maffesoli (2002), que não trata diretamente do tema, mas faz uma análise em que o torcedor de futebol pode ser enquadrado como sujeito específico das sociedades urbanas contemporâneas. A bibliografia sobre o tema “futebol” é extensa, porém, poucos autores se preocuparam especificamente com o torcedor em seus trabalhos, o que justifica a pertinência desta dissertação.

ORGANOGRAMA



# **CAPÍTULO 1**

## QUESTÕES CONCEITUAIS E METODOLÓGICAS

*A comunicação moderna não pode ser conceituada como externa ao campo das estruturas e práticas sociais porque é, cada vez mais, internamente constitutiva delas. Hoje as instituições e relações comunicativas definem e constroem o social; elas ajudam a construir o político; elas medeiam as relações econômicas produtivas; elas se tornaram “uma força material” nos sistemas industriais; elas definem a própria tecnologia; elas dominam o cultural.*  
(Hall, in Lima, 2001)

Ser torcedor de futebol no Brasil, “ter um time”, é um traço integrante da identidade do sujeito. No país, raramente, a pergunta “para que time você torce?” fica sem resposta e, quase sempre, a réplica pode dizer muito sobre a personalidade do sujeito. Grande parte dessa atração se deve ao fato de os times brasileiros constantemente conseguirem superar os rivais, mas a intervenção da mídia também contribui para esse processo. É através dos meios de comunicação que os feitos atléticos ganham maior projeção para movimentar comunidades inteiras, sejam elas locais ou mundiais. Em torno desse envolvimento da sociedade instalou-se um mercado de números gigantescos, quase sempre com algarismos na casa do milhão. A partir do envolvimento da mídia, o futebol teve ampliada suas características de fato sócio-cultural e passou a ser, também, um grande negócio, como aponta o jornalista Ignácio de Ramonet em seu artigo *O poder midiático*.

O esporte hoje interessa aos grandes grupos de comunicação americanos e europeus ou a um grupo como Murdoch<sup>4</sup> (...), o qual, por exemplo, pretendia comprar o time de futebol mais célebre do mundo, o Manchester United. Um time de futebol não tem, hoje, o interesse esportivo: é muito menos uma prova esportiva que se desenrola em uma cancha do que um espetáculo que se difunde pela televisão. Um time de futebol não tem a ver, ou tem cada dia menos, com o esporte e cada vez mais com o espetáculo. Daí as importantes somas em dinheiro pagas aos atores

---

<sup>4</sup> Referência ao empresário Rupert Murdoch, proprietário da News Corporation, uma megaempresa que controla centenas de veículos de comunicação.



dessas equipes, como aos atores deste ou daquele filme ou telenovela. (in: Moraes, 2003, p. 246)

Na raiz desse processo estão os torcedores ou as pessoas que se interessam pelo futebol, não só as que se fazem presentes no estádio na hora da disputa e que, juntamente com os atletas, protagonizam o *espetáculo* de uma partida de futebol; mas também aquelas que acompanham à distância jogos e campeonatos e consomem os produtos oferecidos pela indústria midiática. Esta, por sua vez, criou mecanismos para *conquistar* os torcedores, ao disponibilizar informações detalhadas sobre os jogadores, os bastidores dos jogos ou as estatísticas dos campeonatos. No rádio, os locutores empregam discursos que se poderiam dizer *emotivos*, nos quais buscam tons e ritmos, muitas vezes, frenéticos<sup>5</sup>, são discursos trabalhados na área de confluência entre o descritivo e o interpretativo. A televisão tenta criar a sensação de que pode *mostrar tudo* de uma partida de futebol, com imagens tomadas de diversos ângulos, repetições dos lances mais importantes das partidas. Na tela, predominam os discursos *descritivos*.

No jornalismo impresso, que conta com a atualidade, mas não com a instantaneidade da informação, busca-se atrair o público através de *interpretações*, tanto do que acontece no espaço da disputa esportiva em si, como também fora dela. Entretanto, no plano lingüístico, os jornalistas de esportes não se limitam a usar discursos interpretativos e trabalham também com linguagens explicativas e descritivas. Além de textos, recursos como imagens fotográficas, tabelas de classificação e gráficos estatísticos, são utilizados pelo impresso para tentar aproximar-se dos ideais de *objetividade jornalística*. Por outro lado, no rádio e na tevê, a linguagem utilizada não permite reflexões mais longas por parte dos jornalistas. Assim, o impresso tem a seu favor a possibilidade de realizar análises mais aprofundadas dos fatos, ainda que nem sempre o faça, além de poder explorar dados estatísticos e outros fatores, como as relações socioculturais, as his-

---

<sup>5</sup> Há também no rádio brasileiro diversos programas dedicados ao futebol em que são utilizados outros discursos, como aqueles que promovem debates ao vivo, os humorísticos e os informativos, entretanto, refere-se aqui às transmissões de jogos ao vivo.

tórias de vida e aspectos comportamentais dos personagens envolvidos nos acontecimentos.

Apesar de a televisão ser hoje a mídia que se relaciona de modo mais acentuado com o futebol e que mais o influencia, o impresso participa da construção do fenômeno *futebol-espetáculo* desde que o mesmo foi desencadeado, tanto que as principais fontes de pesquisa histórica sobre a criação e o desenvolvimento da modalidade estão em antigas edições do gênero, uma vez que, em seus primórdios, não houve preocupação por parte da maioria dos clubes em registrar os primeiros jogos<sup>6</sup>. Em resumo, os principais fatores que sustentam o futebol como o “esporte número um” do Brasil, além da competitividade de seus jogadores e da *paixão* dos brasileiros pela referida prática, são os aspectos simbólicos do futebol e as relações da modalidade com a *mídia*.

Enquanto tais relações se mantêm restritas aos aspectos técnicos do jogo e envolvem personagens que atuam diretamente na ação, como atletas, treinadores e dirigentes, não há muitos questionamentos a serem feitos, já que o jornalismo esportivo criou rotinas profissionais eficazes para levar ao público uma grande quantidade de informações (embora, nem sempre com *qualidade*). Entretanto, quando o foco da questão é direcionado às relações da mídia com a *paixão* – traduzida e representada pela imagem do torcedor de futebol – as questões a serem colocadas se multiplicam. Considerado como sustentáculo do fenômeno, *alma do espetáculo*, o torcedor de futebol é assim representado na imprensa? Quais as influências de um sobre o outro, como cada um atua na construção do sentido das informações publicadas? Quais tipos de relações seriam criadas a partir dessa interação? A imprensa dedica espaços significativos ao futebol, assim, quanto desse espaço ela oferece ao torcedor? É suficiente? A imprensa “dá voz” a esse torcedor? E este, por sua vez, consegue se ver nas páginas dos jornais? Como avalia a imprensa?

---

<sup>6</sup> O rádio, a partir da década de 1930, também teve participação importante na formação do futebol-espetáculo, ao criar a *cultura oral* do futebol, o que proporciona ao público “assistir” aos jogos sem ver imagens.

Para efetivar essa investigação, propõe-se nesse primeiro capítulo um percurso teórico que estabelece a Comunicação como ciência de bases essencialmente culturais, solidificadas em perspectivas antropológicas e sociológicas, com as quais estabelece um diálogo conceitual na busca por explicações e interpretações sobre o Homem e as coisas que ele faz e pensa. Tais requisitos são preenchidos pelos Estudos Culturais, corrente teórica que propõe análises dos fenômenos comunicacionais a partir dos espaços da recepção, vistos como de negociações e de trocas, impregnados de múltiplas influências mediadoras e nos quais se constroem os sentidos. Espaço que em relação ao futebol é representado, principalmente, pelo torcedor de futebol. Além disso, esporte e mídia são categorias que estão vinculadas através dos conceitos de *identidade cultural* e *poder simbólico*, pontos também valorizados pelos Estudos Culturais.

Num segundo momento, ainda no campo teórico, são abordados os temas mídia e esporte com a intenção de demonstrar como os dois fenômenos, embora com espaços próprios de atuação, mantêm uma relação de *simbiose* representada no jornalismo esportivo. Espera-se contribuir com a idéia de que o esporte moderno está inserido no campo das relações midiáticas, embora os exercícios físicos e as competições atléticas tenham raízes históricas anteriores às influências dos meios de comunicação de massa. O esporte de que se fala neste trabalho não é a atividade física, mas sim o fenômeno sócio-cultural.

Para finalizar o capítulo, apresentam-se reflexões sobre a importância da linguagem na construção do fenômeno futebol na mídia. Assim, nesta primeira parte, estão os principais e mais gerais conceitos teóricos que sustentarão a análise pela qual se pretende elaborar sugestões no sentido de ampliar o papel do torcedor nas coberturas esportivas (mais especificamente, futebolísticas), bem como fornecer aos profissionais do jornalismo esportivo subsídios para refletirem sobre o papel do torcedor de futebol no processo de construção do futebol enquanto espetáculo.

## *Comunicação e [é] cultura*

A influência dos fenômenos comunicacionais no *modus vivendi* do Homem se deve em grande parte ao atual estágio técnico dos meios de comunicação de massa, que permite a ampliação exponencial do fluxo de informação e da área de atuação dos veículos. A troca de informações instantâneas entre quaisquer pontos do globo é uma condição inédita na história da Humanidade. A informação, dos mais diversos modos, está onipresente no cotidiano do Homem contemporâneo e exerce sua influência em escolhas simples como as roupas a vestir, os alimentos a ingerir e também em decisões mais complexas como na escolha de profissões. Mas isso não implica dizer que a sociedade contemporânea seja fruto desses fenômenos, pelo contrário, eles nada mais são do que parte de um processo histórico e social, traduzido pelo nome de Modernidade<sup>7</sup>.

Assim, torna-se essencial conhecer os marcos teóricos e metodológicos da ciência que estuda os fenômenos midiáticos<sup>8</sup>, um campo de estudos plural por natureza. Segundo os Mattelart (1999), os primeiros estudos específicos e sistematizados sobre a problemática da comunicação situam-se no século XIX, o que coincide com o surgimento das teorias positivistas que deram origem ao que se conhece hoje como Ciências Humanas, bem como com a expansão tecnológica dos aparatos midiáticos. A partir de então surgiram diversas teorias e métodos de análise, muitas vezes conflitantes em decorrência da variação do foco dos estudos, que, em alguns momentos, se direciona às mensagens e conteúdos, em outros, aos veículos e processos transmissores ou ainda às relações sociais que permeiam todo o fenômeno. Os conceitos de todas essas correntes formam um

---

<sup>7</sup> A título de esclarecimento, “Modernidade” é vista neste texto como um sistema social emergido na Europa a partir do século XVII e que ainda influencia decisivamente o modo de viver da maior parte das sociedades, bem como é determinante nas aspirações individuais do Homem contemporâneo. A respeito da questão da pós-modernidade assume-se aqui a posição proposta por Anthony Giddens (1991), de que vivemos antes um período no qual as conseqüências da Modernidade ainda não foram totalmente absorvidas e compreendidas do que uma “nova era”, em que um sistema social substitui a outro.

<sup>8</sup> Entre os muitos trabalhos possíveis de serem citados sobre tal campo, bem como sobre a história das ciências da Comunicação, estão os de Melvin De Fleur e Sandra Ball-Rookeach (1993), Armand e Michèle Mattelart (1999) e Antonio Holfeldt (2001).

*corpus* ainda a ser ordenado, se é que seja possível conferir unidade a um campo de estudo tão vasto.

Os estudos da Comunicação Social pedem uma abordagem plural tanto no campo das disciplinas, como no confronto de idéias. No primeiro caso torna-se possível o tratamento de diferentes dimensões do objeto de estudo; ora a comunicação é tomada enquanto fenômeno social, político e cultural, levando a atenção do pesquisador ao entorno espacial e temporal no qual ela ocorre; ora é trabalhada em sua natureza sógnica, tendo o foco da investigação na economia interna do processo comunicacional. No caso do confronto de idéias, da opção pela dialética, o rico é que a pesquisa ganha abertura para o seu desenvolvimento de maneira cada vez mais ampla e dinâmica. Ela se abre a outras explicações permitindo o exame sempre renovado de um objeto de estudo que se renova continuamente. (Barros, 2002, p. 11)

As teorias que relacionam Comunicação e Cultura, por sua vez, constituem-se de correntes que, apesar de basearem seus estudos em aspectos das *relações humanas* e de produzirem pesquisas essencialmente qualitativas ou interpretativas, também possuem divergências, não assumem paradigma único. Esse campo aparentemente ilimitado faz surgir conflitos conceituais, como, por exemplo, proposições contrastantes da Teoria Crítica e dos Estudos Culturais, ou ainda destes ante às muitas *subcorrentes territorializadas* como as chamadas escolas britânica, francesa, norte-americana, latina, portuguesa, canadense, etc. Além disso, os estudos culturoológicos sobre a comunicação envolvem conceitos emprestados de outros ramos como Sociologia ou Antropologia, também plurais por natureza.

A realidade é que a cultura está na mídia, pois o que é transmitido pelos meios de comunicação é cultura. Sob pena de se cair num outro extremo, contudo, deve-se ressaltar que, se tanto as culturas alternativas quanto hegemônicas são veiculadas pelos meios, estão também fora deles. Embora a comunicação midiática a cada momento envolva mais e mais as possibilidades de troca de sentido, ela não é única. Ou seja, a produção de sentido não é viabilizada só pelas indústrias culturais, envolvendo ainda - e necessariamente - as mediações. (Brittos, 2003)

Nessa abordagem, amplia-se a produção dos sentidos, vistos na Teoria Crítica como processo concentrado nas “indústrias culturais”, para o espaço da recepção. Apesar desse enfraquecimento de um dos pilares da *Escola de Frankfurt*, a percepção da influência dos mesmos nos processos de recepção não pode ser desconsiderada. Sodré (2002) observa que pairam sobre as análises mais atuais acerca das relações entre os fenômenos comunicacionais e a sociedade uma grande influência do pensamento de Theodor Adorno e Max Horkheimer. O próprio Stuart Hall, nome central e um dos “mentores” dos Estudos Culturais, admite que as análises sobre a comunicação, levadas a efeito pela Escola de Birmingham, sofreram grande influência da Teoria Crítica. Ambas têm em comum, entre outros pontos, as raízes marxistas, ainda que façam releituras das mesmas.

Apesar de os frankfurtianos basearem seus questionamentos a partir da idéia de que a massa é acrítica e manipulável, eles não deixam de reconhecer a possibilidade de resistência das audiências, embora o tenham feito de maneira tímida, sem a veemência dos Estudos Culturais. Na *Dialética do esclarecimento* (1985, p.135), Adorno e Horkheimer, afirmam que “tornou-se cada vez mais difícil persuadir as pessoas a colaborar. O progresso da estultificação não pode ficar atrás do simultâneo progresso da inteligência”. Ou seja, a massa não é tola, as estratégias de convencimento da Indústria Cultural podem fracassar ante a uma reação negativa ou indiferente do público. Naquela mesma obra, os autores lembram ainda que algumas mediações poderiam amenizar as graves consequências da massificação imposta pela Indústria Cultural.

Na Teoria Crítica, a passividade da massa é basicamente ideológica, normativa, não se trata de incapacidade em decodificar, reconhecer ou interpretar as mensagens. Isso implicaria, entre outras coisas, que a massa estaria alienada do processo de construção de sentido nos fenômenos comunicativos, o que não corresponde à realidade, conforme seria demonstrado mais tarde pelos Estudos Culturais ou pela “virada cultural”, como prefere Stuart Hall (1997). Nessa

“atualização”, não se exclui fatores como produção, meio, mensagem (linguagem) e efeito, bem como aspectos sociais, políticos e econômicos. Mas a junção desses conceitos só é possível tendo como pano de fundo a Cultura e atuando como fatores de mediação na construção do sentido no espaço da recepção.

Nos Estudos Culturais, as audiências, as multidões, não são acríticas, não constituem uma massa homogênea e anônima. Entretanto, é preciso reconhecer que esses receptores, ainda que ativos, estão sujeitos às influências de estratégias comerciais e publicitárias, bem como à sua própria formação social<sup>9</sup>, que lhe impregna de (pré) conceitos ideológicos (políticos ou religiosos, por exemplo). Ou seja, os meios de comunicação dão voz a diferentes discursos, transformam-se em um espaço onde atuam sujeitos com as mais variadas intenções e motivações. Ressalte-se também que o espaço de relações criado pelos meios de comunicação sofre influências de cunhos histórico, político e econômico. As pessoas usam e são usadas pelos meios de comunicação. A aceitação desse contraponto teria levado a um redirecionamento dos estudos de cunho culturoológico.

(...) parece que o pêndulo alcançou o ponto mais próximo possível da audiência e do prazer. Talvez seja o momento de se retornar a uma postura de leitura mais politizada da mídia, do seu papel de ‘agenda-setter’ ideológica e de indústria capitalista chave neste mundo internacionalmente corporatizado. (Turner, in: Paula, 1998).

As megacorporações midiáticas estão entre as mais lucrativas do mercado global, conseqüentemente, os meios de comunicação contemporâneos não podem ser observados sob um olhar inocente. Ainda que estejam sujeitos às reações do público, que sejam elaborados com um mínimo de conotação política, os produtos da indústria midiática atuam sobre o imaginário popular e influenciam nas opiniões (e decisões) políticas dos indivíduos. O que, de certa forma, trata-se de uma breve incursão, ou retorno, a conceitos da Teoria Crítica, segundo a

---

<sup>9</sup> Conseqüentemente a Educação passa a ter papel de grande relevância nos processos receptivos, já que é fundamental na *formação* do leitor, ouvinte ou telespectador. Entretanto, o foco da análise está centrado nos modos como os

qual, a Indústria Cultural, por seus poderes de apropriação, resignificação e persuasão, capta as manifestações da massa e “em todos os seus ramos fazem-se, mais ou menos, num segundo plano, produtos adaptados ao consumo das massas e que em grande medida determinam esse consumo.” (Adorno, in: Cohn, 1975, p. 287).

A produção da Indústria Cultural é feita *para a* e não *pela* massa, com vistas a estimular o consumo, passando mesmo a determiná-lo. Por outro lado, excluir a produção *da* massa, faz perder de vista aspectos como a possibilidade de resistência e as manipulações feitas pelos consumidores do que lhes é oferecido pelo mercado de bens culturais, que por mais eficiente que queira ser, não consegue realmente prever a reação a seus produtos, que pode ir desde a indiferença até a aceitação. De certa maneira, a Indústria Cultural adapta seus produtos aos consumidores e procura suprir-lhes algumas necessidades, portanto, trabalha em função desses sujeitos, mas, para a Teoria Crítica esse não é um fator determinante, está sujeito a uma relação de poder classista, ideológica.

Nos Estudos Culturais, a recepção é vista como espaço de construção de significado, portanto, os “consumidores” da informação também a elaboram e não estão submissos aos poderes da esfera política e econômica. Assim, as produções midiáticas são *processos culturais*.

## *Os Estudos Culturais*

A corrente teórica conhecida por Estudos Culturais tem como marco de “fundação” o Centro de Estudos Culturais Contemporâneos, na Universidade de Birmingham, em 1964, sob influência dos trabalhos de Raymond Williams, Richard Hoggart e Edward P. Thompson<sup>10</sup>, e colaborou para o desencadeamento do que Stuart Hall (1997) chama “um novo campo interdisciplinar de estudo or-

---

<sup>10</sup> Stuart Hall (1997) coloca ainda na base dos Estudos Culturais os trabalhos dos franceses Lévy-Strauss e Roland Barthes. O primeiro ligado à antropologia e o segundo, à Semiótica.



ganizado em torno da cultura como o conceito central”. Ainda segundo Hall, a matriz intelectual dos Estudos Culturais faz aproximações seletivas com diversas linhas de teorização e análise, nas ciências humanas e sociais.

Sem entrar em detalhes, para se obter uma idéia dos diferentes discursos teóricos em que os estudos culturais se apoiaram, seria necessário referir, *inter alia*, às tradições de análise textual (visual e verbal), à crítica literária, à história da arte e aos estudos de gênero, à história social, bem como à lingüística e às teorias da linguagem, na área das humanidades. Nas ciências sociais, aos aspectos mais interacionistas e culturalistas da sociologia tradicional, aos estudos dos desvios e à antropologia; à teoria crítica (por exemplo, à semiótica francesa e aos teóricos pós-estruturalistas; Foucault; a “Escola de Frankfurt”; os autores e autoras feministas e à psicanálise); aos estudos do cinema, da mídia e das comunicações, aos estudos da cultura popular. Também foram importantes as formas não-reducionistas do marxismo (especialmente as ligadas à obra de Antonio Gramsci e a escola estruturalista francesa liderada por Althusser), e a preocupação destas com questões de poder, ideologia e hegemonia cultural. (Hall, 1997, p.13)

Nesse sentido, os Estudos Culturais propõem acrescentar ao marxismo a necessidade de se considerar as dinâmicas culturais como integrantes de todos os níveis sócio-econômicos, de pensar os espaços da recepção como fonte na construção de significados, de ter os sujeitos constituintes não mais submetidos unicamente ao poder econômico de uma classe dominante.

A obra de Richard Hoggart, *Os usos da cultura* (no original, em inglês, *The uses of literacy*), foi pioneira em algumas propostas, como estudar a influência dos meios de comunicação de massa entre trabalhadores da periferia de Londres e entendê-la como espaço de aprendizagem e exercício de senso crítico. De certa maneira, Hoggart inova ao entender as práticas cotidianas também como práticas culturais, até então vistas apenas de um ponto de vista “elitista”, ou seja, a vida ordinária, os pequenos atos de cidadãos anônimos não eram considerados “cultura”. A obra de Hoggart traz à tona ainda uma importante contri-

buição para as análises do impacto social dos meios de comunicação ao ressaltar a possibilidade da resistência por parte dos receptores ou consumidores. Seu objetivo é ver nas práticas cotidianas “qual é a influência desta imprensa [popular] sobre as atitudes e em que medida elas são capazes de resistir a tal influência” (1970, p. 44). Dessa forma, ainda que não tenham uma formação acadêmica ou familiaridade com a literatura clássica, os indivíduos podem sim realizar leituras críticas das produções da indústria cultural. Isso implica dizer que as massas não apenas “consomem” informação, mas fazem uso dela, criam fatos culturais a partir dos textos que lhes são oferecidos pelas indústrias culturais. E essas produções são tão representativas quanto a chamada “arte erudita” ou “superior”. Assim, nos processos comunicacionais há antes relações de cunho sociocultural entre os agentes produtores e receptores do que um embate ideológico ou uma relação de dominação.

Maffesoli (2002), por sua vez, constrói a idéia de “nebulosa afetual”, em que vê a massa como o espaço onde os seres humanos estabelecem relações “tácteis” e no qual “a gente se cruza, se toca, se roça, interações se estabelecem, cristalizações se operam e grupos se formam” (102). A massa, “onde se cristalizam as agregações de toda ordem, tênues, efêmeras, de contornos indefinidos”, é um contraponto do social, que para ele “privilegia os indivíduos e suas associações contratuais e racionais” (p. 101-102). Dessa forma, a massa torna-se um processo em si, sobrepõe-se aos meios de comunicação e passa a usufruir deles. Em conseqüência, pode-se dizer que a massa é constituidora dos meios e não o contrário, ainda que num momento inicial possa parecer influenciada pelas mais diversas estratégias de sedução e convencimento elaboradas pelos agentes produtores. A comunicação torna-se então estruturante da realidade e não acessória a ela, a mídia para Maffesoli se molda a essa realidade, ao ser apropriada pela massa e transformada em espaço próprio de expressão, de identificação cultural. Sob tal ponto de vista invertem-se alguns papéis, já que a massa é que passa a determinar a produção da Indústria Cultural.

Num primeiro momento a ampliação e a multiplicação dos meios de comunicação de massa puderam provocar a desintegração da cultura burguesa, fundamentada na universalidade e na valorização de alguns objetos e atitudes privilegiadas. Podemos, entretanto, perguntar-nos se o prosseguimento desta ampliação e a banalização induzida por ela, não conduz esses mesmos meios de comunicação de massa para mais perto da vida comum. (p. 39)

Thompson (1995) alerta para o problema do termo “comunicação de massa”, já que, ao evocá-lo, pode produzir-se a “imagem de uma vasta audiência de muitos milhares, até milhões de indivíduos” (p.30). Para ele, o que importa na conceituação dos meios de comunicação de massa é que eles disponibilizam suas produções para uma grande pluralidade de indivíduos, no entanto, pode não atingi-los, o que ainda assim não deve tirar-lhe as características de “massivo”. Outro problema, ainda segundo Thompson, é que o termo pode sugerir que “os destinatários dos produtos da mídia se compõem de um vasto mar de passivos e indiferenciados indivíduos” (p.30). Embora não cite diretamente, Thompson refere-se claramente à Teoria Crítica, principalmente às idéias de Adorno e Horkheimer. Apesar de reconhecer méritos nessa linha de pensamento, ele argumenta que a massa não tem nada de passiva.

Devemos abandonar a idéia de que os destinatários dos produtos da mídia são espectadores passivos cujos sentidos foram permanentemente embotados pela contínua recepção de mensagens similares. Devemos também descartar a suposição de que a recepção em si mesma seja um processo sem problemas, acrítico, e que os produtos são absorvidos pelos indivíduos como uma esponja absorve água. Suposições deste tipo têm muito pouco a ver com o verdadeiro caráter das atividades de recepção e com as maneiras complexas pelas quais os produtos da mídia são recebidos pelos indivíduos, interpretados por eles e incorporados em suas vidas. (Thompson, 1995, p. 31)

Dentro de uma outra corrente dos Estudos Culturais – os estudos latino-americanos sobre a comunicação – a massa é vista de forma bastante seme-

lhante, como apropriadora dos meios de comunicação de massa para transformá-lo em espaço de expressão própria. Os meios passam a ser *da*, e não *de*, massa.

Alguns autores latino-americanos, nos quais me incluo, têm trabalhado no estudo e reconhecimento *cultural* destas modalidades diversas de comunicação, mas têm feito pouco pela valorização teórica destes circuitos populares como foros onde se desenvolvem redes de intercâmbio de informação e aprendizagem da cidadania em relação ao consumo dos meios de comunicação de massa contemporâneos, para além das idealizações fáceis do populismo político e comunicacional”. (Canclini, 1999, p. 49)

As “modalidades diversas de comunicação” a que o autor se refere é uma espécie de circuito paralelo, “informal”, no qual as culturas populares ganharam grande impulso a partir da segunda metade do século XX, sob influência da expansão da comunicação de massa<sup>11</sup>. Por outro lado, Canclini aponta que os meios eletrônicos que “fizeram irromper as massas populares na esfera pública foram deslocando o desempenho da cidadania em direção às práticas de consumo” (p. 50). Configura-se assim uma situação que faz da massa, “cidadãos-consumidores”, o que implica no reconhecimento da força dos meios de comunicação de massa como instrumento de poder político, um canal capaz de proporcionar a participação e informar o indivíduo sobre decisões e fatos ocorridos na esfera-pública.

Apropriados pelas massas, os meios possibilitam maior participação dos cidadãos na vida pública e contribuem para a constituição do novo cenário sócio-cultural que irrompe neste início de século XXI. O exercício da cidadania ganha uma dimensão jamais presenciada anteriormente e deixa de ser uma exclusividade de agentes como partidos políticos ou sindicatos, tão formais e burocráticos quanto o próprio Estado, responsável pela alienação do sujeito da esfera das decisões públicas. Desiludido com os entraves burocráticos do Estado e de seus agentes, o público recorre aos veículos de comunicação para conseguir o

---

<sup>11</sup> Note-se, entretanto, que as manifestações da cultura popular são anteriores aos meios de comunicação de massa.

que as instituições cidadãs não conseguem lhe proporcionar imediatamente: serviços, justiça, reparações ou simples atenção. Não se trata, porém, segundo Canclini, de uma mera substituição de instituições no exercício do poder, mas de um reordenamento da vida urbana, que passa a ser direcionada para o consumo. E consumo implica em ganhos financeiros, o que subordina as produções das indústrias culturais a critérios empresariais que visam quase exclusivamente o lucro. Tal postura contém ecos da Teoria Crítica, ainda que Canclini trabalhe com conceitos contraditórios a essa corrente e, comparativamente, seja bastante otimista quanto ao papel dos meios.

Portanto, aos Estudos Culturais interessam os usos que se faz das produções culturais, sejam elas “de massa”, “eruditas”, “tradicionais” ou “populares”. Isso, em termos contemporâneos, significa estudar a música popular, os desenhos animados, os jogos de futebol, as telenovelas, as práticas cotidianas de lazer, as formas de expressão como *street dance*, o grafite e as pixações de muros, etc.

Ao considerar a recepção também como parte da produção das mensagens, os Estudos Culturais passam a exigir uma nova atitude dos pesquisadores da Comunicação. É preciso sair de uma posição crítica em relação às páginas de esportes dos jornais ou a programas de televisão do apresentador *Ratinho*, para uma postura analítica, de interpretação e compreensão do significado dessas produções para o público. A aceitação da centralidade da cultura no desenrolar dos processos sociais é certamente um dos principais pilares dos Estudos Culturais e também um dos seus pontos mais questionados.

Contra essa postura, pode-se questionar: afinal, não há nada fora da cultura? Tudo é cultura? Se assim é, então onde começa e onde termina a cultura? O próprio Stuart Hall dá uma resposta.

Naturalmente, esta afirmação em relação à centralidade da cultura não significa — como seus críticos por vezes têm alegado — que não há nada senão a “cultura” — que tudo é “cultura” e que a

“cultura” é tudo; ou, parafraseando a observação agora considerada infame do filósofo desconstrucionista francês Jacques Derrida, “Não há nada fora do texto”; ou, como imputam a Foucault, “Não há nada além do discurso”. Se fosse isso o que está sendo argumentado, seria certa — e corretamente — motivo para crítica porque, neste caso, teríamos simplesmente substituído o *materialismo* ou o *socialismo econômico*, que outrora ameaçavam dominar estas questões nas ciências sociais, por um *idealismo cultural* — isto é, substituído uma forma de argumento reducionista por outra. O que aqui se argumenta, de fato, *não* é que “tudo é cultura”, mas que toda prática social depende e tem relação com o significado: conseqüentemente, que a cultura é uma das condições constitutivas de existência dessa prática, que toda prática social tem uma dimensão cultural. Não que não haja nada além do discurso, mas que toda prática social *tem o seu caráter discursivo*. (Hall, 1997)

Entre os processos a serem analisados por uma investigação norteadas por pressupostos dos Estudos Culturais, estão a identidade, a representação, a produção, o consumo e a regulação. Os dois primeiros serão discutidos de maneira mais aprofundada no próximo item, entretanto, é pertinente uma breve discussão prévia sobre cada um desses conceitos. A identidade, segundo Woodward (in: Silva, 2002, p.9) é relacional, ou seja, depende de algo fora dela para existir, é construída pela diferença entre os sujeitos. Assim, não há uma identidade fixa, imutável. O que há, são *processos de identificação*, portanto, a identidade está em permanente construção.

Diferentes contextos sociais fazem com que nos envolvamos em diferentes significados sociais. Consideremos as diferentes “identidades” envolvidas em diferentes ocasiões, tais como participar de uma entrevista de emprego ou de uma reunião de pais na escola, ir a uma festa ou a um jogo de futebol, ou ir a um centro comercial. Em todas essas situações, podemos nos sentir, literalmente, como sendo a mesma pessoa, mas nós somos, na verdade, diferentemente posicionados pelas diferentes expectativas e restrições sociais envolvidas em cada uma dessas diferentes situações, representando-nos, diante dos outros, de forma diferente em cada um desses contextos. (Woodward, in: Silva, 2002, p. 30)

Ou seja, os processos de identificação estão relacionados à maneira como os sujeitos se posicionam – e são posicionados – ante aos diversos campos sociais<sup>12</sup> em que atuam. A necessidade de assumir diversas identidades ou representar papéis diferentes é uma das fontes de conflito no mundo contemporâneo, pois muitas vezes aquilo que se exige do indivíduo numa determinada situação interfere com as exigências de outra. Outra fonte de tensão dos processos de identificação são as expectativas ante as normas sociais. Para Woodward, esses “desajustes” entre identificações distintas seriam os responsáveis para o que muitos denominam “crises de identidade”.

Os processos de identificação são simbólicos, por isso, estão associados a sistemas de representação, conceito que também pode assumir uma multiplicidade de significados, dependendo do posicionamento teórico do pesquisador. No caso dos Estudos Culturais, a representação é sempre externa, não é uma representação mental ou interior. Trata-se do posicionamento dos sujeitos ante aos campos sociais não através de uma interioridade psicológica, mas através de uma dimensão significativa, de registros simbólicos que o identifiquem, são representações visíveis. Para exemplificar, dentro do tema central desta dissertação, pode-se pensar o torcedor de futebol. Ele se posiciona ante à sociedade como simpatizante de um determinado time através de representações, como, por exemplo, usar as cores do uniforme do clube em peças de vestuário e também nos discursos. A linguagem é, também, um instrumento para a realização dos processos de identificação e representação.

A representação não é simplesmente um meio transparente de expressão de algum suposto referente. Em vez disso, a representação é, como qualquer sistema de significação, uma forma de atribuição de sentido. Como tal, a representação é um sistema linguístico e cultural: arbitrário, indeterminado e estreitamente ligado às relações de poder. (Silva, 2002, p. 91)

---

<sup>12</sup> Woodward toma o conceito de “campos sociais” de Bourdieu, para se referir aos espaços de atuação do sujeito como a família, os círculos de amizade, as instituições educacionais, o trabalho, partidos políticos, etc.

Pode-se questionar que o posicionamento do sujeito ante aos campos sociais sejam escolhas pessoais, psicológicas. No entanto, como nota Hall (1997), “são ocasionadas por um conjunto especial de circunstâncias, sentimentos, histórias e experiências únicas e peculiarmente nossas, como sujeitos individuais. Nossas identidades são, em resumo, formadas culturalmente”. Ou seja, deve-se pensar a identificação como construções realizadas no interior dos processos de representação, conseqüentemente, através da cultura.

Outro conceito fundamental nos Estudos Culturais, bastante explorado por Hall em suas obras, é o de *regulação*, processos que podem se referir a políticas governamentais ou a quaisquer outras formas de “pressão” que “exercem um poder determinante de controle, de modelagem sobre a cultura” (Hall, 1997), como a política, a economia, o Estado, o mercado, a Igreja, etc. A própria cultura é um fator de regulação, segundo Hall (idem): “a cultura, por sua vez, nos governa, ‘regula’ nossas condutas, ações sociais e práticas e, assim, a maneira como agimos no âmbito das instituições e na sociedade mais ampla”. Conseqüentemente, lembra Hall (ibidem), “aqueles que precisam ou desejam influenciar o que ocorre no mundo ou o modo como as coisas são feitas necessitarão - a grosso modo - de alguma forma ter a ‘cultura’ em suas mãos, para moldá-la e regulá-la de algum modo ou em certo grau”. Por isso, a questão do poder é também pertinente para se entender os processos culturais. Entretanto, as relações de poder não são vistas nos Estudos Culturais, necessariamente, como conflituosas, mas como arranjos de poder discursivo ou simbólico.

As regulações através da cultura podem ser exercidas de três formas diferentes. Ela é *normativa* quando conduzida por um conjunto de normas, valores e conhecimentos culturais, que se não fossem traduzidos em conceitos, valores, normas, regras e convenções comuns a todos, para regulamentar as práticas sociais, as sociedades entrariam em colapso.



O que a regulação normativa faz é dar uma forma, direção e propósito à conduta e à prática humanas; guiar nossas ações físicas conforme certos propósitos, fins e intenções; tornar nossas ações inteligíveis para os outros, previsíveis, regulares; criar um mundo ordenado — no qual cada ação está inscrita nos significados e valores de uma cultura comum a todos. (Hall, 1997)

Os *sistemas classificatórios* são uma outra maneira de regulação das condutas sociais. São eles que definem, em relação ao comportamento dos sujeitos, o que é sagrado ou profano, o que é aceitável ou condenável, o que é esteticamente belo ou feio, o que é semelhante ou diferente. É através desses sistemas que as pessoas escolhem as roupas que vestirão, os recursos lingüísticos de seus discursos, os hábitos alimentares, etc.

A terceira forma de regulação citada por Hall é a “produção” ou “constituição” de novos sujeitos, por meio de uma “mudança cultural”, porém, não por imposição, pela força ou pelo constrangimento, mas através de estratégias que levem os sujeitos a regularem a si mesmos. Isso acontece, por exemplo, quando profissionais sentem necessidade de se aperfeiçoarem para poder continuar no mercado de trabalho. São mudanças comportamentais às quais os sujeitos aderem, muitas vezes sem perceber, para se adequarem a um novo paradigma. No entanto, é nos processos de identificação e representação que estão os conceitos que mais atendem às indagações sobre os fenômenos que esta dissertação pretende dissecar. Esse é o tema do próximo item.

### *Identities e representações culturais*

Identidade e poder simbólico são conceitos com os quais o torcedor de futebol e a mídia esportiva estão em estreita associação. A simpatia de um indivíduo por um determinado time é uma escolha pessoal, porém, o caminho que essa pessoa irá percorrer até que se defina por um ou outro time sofrerá muitas interferências, que podem ir desde a *tradição familiar* (existem famílias de co-

rintianos, flamenguistas, palmeirenses, vascaínos, etc.) até a *vinculação* do sujeito a aspectos como nacionalidade, raça e religião, passando pelo sentimento de *pertencimento* a grupos geográfica e/ou socialmente determinados. Esses processos de identificação entre um sujeito e um time de futebol são determinados por ações simbólicas, efetuadas tanto pelos grupos fundadores e administradores dos clubes, como (e principalmente) pela mídia. Ao assumir-se como torcedor de um determinado time de futebol, o indivíduo procura não só demonstrar uma preferência, mas também achar um grupo de referência, marcar uma posição perante o *outro*, quer ser reconhecido ou diferenciado de determinados setores da sociedade.

O futebol é um esporte que tem grande potencial para abrigar esses processos de identificação porque a maioria dos clubes foi criada como representante de algum grupo social. As escolhas dos torcedores sofrem influência direta da mídia: se esta retrata um clube como o “time do povo”, os indivíduos que simpatizam com as classes mais humildes (ainda que a elas não pertençam) terão então facilitada essa identificação com aquela agremiação. Em boa parte dos casos a mídia amplia e projeta imagens e traços que os próprios clubes fazem questão de assumir<sup>13</sup>, são agremiações que *adotaram* uma identidade a representar. No Brasil, os primeiros jogos de *football association*<sup>14</sup> foram promovidos ou envolveram em sua maioria indivíduos das comunidades inglesas instaladas em São Paulo e no Rio de Janeiro. Com a multiplicação das equipes, os jogos de futebol tornaram-se palco para representações não só de classes sociais, como de grupos comunitários e entidades coletivas como clubes, colégios e associações diversas. Rapidamente as diferenças entre os grupos, fontes de conflitos e antagonismos, foram levadas para os campos de futebol, dentro e fora dele. A socióloga norte-americana Janet Lever (1983) realizou importante estudo so-

---

<sup>13</sup> O Palmeiras, fundado e administrado por representantes da colônia italiana paulistana é um exemplo, assim como o Vasco em relação à colônia portuguesa no Rio de Janeiro.

<sup>14</sup> Denominação original surgida na Inglaterra no século XIX para distinguir a nova prática esportiva surgida nos colégios de classes aristocráticas o *football* que era praticado nas ruas desde a idade média, como se verá no item *História do futebol*.

bre aspectos sociais do futebol brasileiro e uma de suas conclusões é que o mesmo “integra pelo conflito”. O futebol é um espaço de identificação, portanto, de diferenciação e antagonismos.

O aumento da popularidade do futebol e, conseqüentemente, do número de torcedores, acirrou as rivalidades entre equipes. Incompatibilidades anteriores à existência dos times passaram a ser levadas a campo, onde o “combate” se dá de modo menos rude que nos conflitos bélicos, ainda que a violência não esteja ausente, pelo contrário. Dentro de campo, a violência é controlada por um conjunto de regras obedecido em quase sua totalidade e, quando isso não ocorre, os violadores do código recebem punições. O problema é quando as hostilidades chegam às últimas conseqüências e geram agressões físicas – muitas mortes já foram registradas em conflitos entre torcedores – e a violência foge ao controle, com verdadeiras batalhas a sucederem-se. Pode-se dizer que as torcidas de futebol vivem em pé de guerra (no terceiro capítulo a violência entre torcidas aparece mais detalhadamente).

Giulianotti (1999) lembra que os antagonismos no futebol acontecem em vários níveis: jogadores, times, clubes e países. No primeiro estão os atletas que dentro do campo enfrentam seus oponentes imediatos (atacantes contra zagueiros, por exemplo). No segundo, surge a rivalidade entre equipes, ainda dentro das quatro linhas limítrofes da prática. A partir do terceiro nível, quando surgem as oposições entre clubes, como representantes de regiões geográficas e grupos sociais, os processos de identificações culturais assumem papel determinante, pois são rivalidades determinadas por “profundas divisões históricas e culturais” (p.10). Como exemplo, o autor cita alguns clubes e suas respectivas representações. Primeiramente, há as rivalidades entre clubes de uma mesma cidade: em Londres, Arsenal e Tottenham competem pela supremacia na região norte da cidade, enquanto West Ham e Millwall disputam a hegemonia entre as classes trabalhadoras da zona leste; na Itália, a rivalidade entre Roma e Lazio reflete as diferenças culturais entre os moradores da “Cidade Eterna” e os da zo-

na rural nos arredores daquela capital; na Espanha, em Sevilha, o Real Betis tem a simpatia do braço esquerdo das classes trabalhadoras, enquanto o Sevilha atrai os mais tradicionalistas. No Brasil, as rivalidades entre equipes da mesma cidade são muitas e em todas é possível notar a mesma “divisão histórica e cultural”. Quando há apenas um time nas cidades, a rivalidade passa a ser entre clubes de comunidades vizinhas, como acontece entre Feyenord e Ajax, na Holanda, clubes que representam, respectivamente, as cidades de Rotterdam e Amsterdam. No Brasil, também são muitos os exemplos, como entre Noroeste (Bauru) e XV de Novembro (Jaú).

No entanto, os mais representativos antagonismos do futebol estão relacionados às classes sociais. Para Giulianotti, a América do Sul é a região em que tais rivalidades são mais claras. No Rio de Janeiro, o Flamengo é o time dos pobres, enquanto o Fluminense representa a aristocracia; em São Paulo, o Corinthians atrai muitos simpatizantes nas classes “economicamente mais baixas”, enquanto o São Paulo é o time favorito das elites econômicas; em Belo Horizonte, o Cruzeiro é o time dos ricos e o Atlético o dos pobres; em Lima, a rivalidade entre Alianza e Universitário opõe não só ricos e pobres, mas também negros e brancos; em La Plata, Argentina, o Estudiantes é o time rico, enquanto o Gimnasia y Esgrima é o pobre.

Alguns outros fatores podem determinar a rivalidade entre clubes e isso depende também das diferenças culturais de cada região. Em Israel, a divisão é política: o Hapoel é o clube da esquerda, patrocinado pelo Partido Trabalhista e seus torcedores adotaram a insígnia da foice e do martelo em suas faixas e bandeiras, enquanto o Maccabi é o clube preferido da direita nacionalista e seus simpatizantes usam como símbolo principal a estrela de David. Em Buenos Aires, há uma rivalidade étnica entre Boca Juniors, criado por descendentes de italianos e o River Plate, originário nas colônias inglesa e espanhola. Na Escócia, a oposição entre Celtic e Rangers é por questões religiosas, sendo o primeiro representante dos católicos e o segundo dos protestantes.

Em seu paradoxo de integração pelo conflito, o futebol faz todos esses antagonismos locais e regionais serem (parcialmente) esquecidos nas competições internacionais entre seleções, que colocam então em campo rivalidades entre nações, que também não têm origem exclusivamente na disputa esportiva. Na Europa, Alemanha e Holanda levam a campo rugas que podem ter origem na ocupação do território batavo pelos nazistas durante a Segunda Guerra. Na região dos Bálcãs, as divergências políticas certamente influenciam o clima de rivalidade registrado nos jogos entre Grécia e Turquia, Bulgária e Romênia ou Iugoslávia e Croácia. Em função de tais antipatias, muitos conflitos são registrados quando os selecionados desses países se enfrentam, entretanto, as hostilidades quase sempre se resumem aos campos de jogo e aos arredores dos estádios.

Muitos pesquisadores do assunto associam o futebol à guerra, especialmente nas disputas internacionais. Nesse sentido, a expressão “a pátria de chuteiras”, cunhada por Nelson Rodrigues soa como um chamamento à batalha. Fernández (1974, p.62 e 63) o nota em relação ao vocabulário empregado pela mídia esportiva, que constantemente classifica o jogador como se fizesse referência a um soldado e as partidas de futebol como verdadeiras batalhas; os técnicos montam estratégias para *derrotar o inimigo*; os chutes a gol são *tiros desferidos pelos atacantes*; vitórias por larga vantagem são chamadas *massacres*; os zagueiros dão *combate*; os vencedores são *heróis*, etc. Lever (1983), por sua vez, nota essa correlação futebol-guerra ao ver o futebol como espaço privilegiado da exacerbação de sentimentos nacionalistas e resume seu raciocínio com uma declaração do jogador Alan Ball, em relação à sua participação na Copa do Mundo de 1966: “Eu não sentia que estava jogando *pela* Inglaterra, sentia que *era* a Inglaterra... Podia sentir a força dos torcedores por trás de mim. Venço por eles; eles são parte de mim” (p.53).

O futebol já serviu de pretexto para uma batalha “real”, uma guerra verdadeira, com mortos e feridos. A chamada “Guerra do Futebol” entre Honduras e El Salvador aconteceu em 1969 e teve como estopim a disputa por uma

vaga na Copa do Mundo de Futebol de 1970, ocorrida num momento de extrema tensão política na fronteira entre as duas nações. O saldo final do conflito computou cerca de seis mil mortos e doze mil feridos. Não se pode afirmar com certeza absoluta que as hostilidades ocorreram apenas em função de um jogo de futebol, já que havia toda uma situação anterior que leva a crer ser o conflito inevitável, porém, os registros dos acontecimentos apontam para o agravamento da situação a partir do embate esportivo. Em *A Arte da Reportagem*, obra organizada por Igor Fuser (1996), o enredo desse incrível episódio aparece mais detalhado (p. 423 a 442). Trata-se de um exemplo de como a fronteira entre o esportivo e o social é tênue, bem como da grande responsabilidade dos meios de comunicação perante a opinião pública, já que os jornais de ambos os lados tiveram participação como incitadores das hostilidades.

Assim, o conceito de identidade cultural se torna crucial para a compreensão do futebol e especialmente do fenômeno torcedor de futebol. A recíproca também é verdadeira, basta pensar sobre os exemplos anteriores e pode-se ter uma noção do que é identidade ou *identificação* cultural. Para Denis Cuche (1990), a idéia de identidade está estreitamente ligada à de cultura, entretanto, embora muito próximas, uma e outra não podem ser confundidas.

Em última instância, a cultura pode existir sem consciência de identidade, ao passo que as estratégias de identidade podem manipular e até modificar uma cultura que não terá então quase nada em comum com o que ela era anteriormente. A cultura depende em grande parte de processos inconscientes. A identidade remete a uma norma de vinculação, necessariamente consciente, baseada em oposições simbólicas. (p.176)

Cuche lembra que existe mais de uma maneira de se pensar a identidade cultural, de acordo com a noção de cultura que for adotada. Se a cultura for pensada como uma “segunda natureza”, hereditária, a identidade estaria estreitamente vinculada ao grupo social de origem do indivíduo, fundamentada nas “raízes” do sujeito, e “o marcaria de maneira quase indelével” (p.178). Assim,

no tempo, o vínculo do indivíduo estaria ligado ao passado, com a história dos seus, enquanto no espaço essa ligação se daria com os lugares onde nasceu e cresceu. “A identidade repousa então em um sentimento de fazer parte de certa forma inato”. (p.179).

Já numa abordagem culturalista, abandona-se a ênfase à herança biológica em favor da herança cultural, “ligada à socialização do indivíduo no interior de seu grupo cultural” (p.179). Para ele, o resultado das duas abordagens não difere, pois, em ambas o indivíduo interioriza modelos que lhe são impostos e o processo de identificação é anterior a ele, está ligado a uma cultura particular. Assim, numa e noutra concepção, uma análise do grupo de origem do indivíduo poderia revelar muito sobre sua identidade.

São concepções a que Cuche chama *objetivistas*, criticadas pelos que defendem uma concepção *subjetivista* de identidade, que a vê manipulada pelo indivíduo. A principal oposição entre as duas correntes é que uma considera o fenômeno da identidade como estático, ou pelo menos muito estável, enquanto a outra o tem como variável. Entretanto, Cuche observa que “o ponto de vista subjetivista levado ao extremo leva à redução da identidade a uma questão de escolha individual arbitrária” (p.181). Mas essa bipolaridade é ainda insuficiente para entender as várias possibilidades do processo de identificação. Cuche aponta Frederik Barth (1969) como um dos primeiros a superar as contradições objetivismo/subjetivismo.

Para Barth, deve-se entender o fenômeno da identidade através da ordem das relações entre os grupos sociais. Para ele, a identidade é um modo de categorização utilizado pelos grupos para organizar suas trocas. (...) para definir a identidade de um grupo, o importante não é inventariar seus traços distintivos, mas localizar aqueles que são utilizados pelos membros do grupo para afirmar e manter uma distinção cultural. (p.182)

Por consequência, Barth não vê os indivíduos pertencentes a um grupo social definitivamente determinados por essa vinculação etno-cultural, já que a

identidade estaria em constante (re)construção. “Não há identidade em si, nem mesmo unicamente para si. A identidade existe sempre em relação a uma outra. Ou seja, identidade e alteridade são ligadas e estão em uma relação dialética” (p.183). O processo de identificação, para Cuche, ocorre no campo de negociação “entre uma auto-identidade definida por si mesmo e uma hetero-identidade ou exo-identidade definida pelos outros” (p.184). O que implica dizer que a imagem que o indivíduo faz de si não é a mesma que outros lhe atribuirão. Assim, a identidade não é definitiva e nem absoluta, mas mutável e relativa, construída a partir de estratégias dos atores sociais.

Cuche alerta ainda para os riscos de se confundir os *processos de identificação* com *classificação* ou *rotulação* dos sujeitos em grupos sociais, econômicos, étnicos e racialmente distinguidos. Confusão que frequentemente gera preconceitos e conflitos, já que tende a generalizações, do tipo “o árabe é assim...” ou “os africanos são assim...”. Cuche defende uma noção de identidade multidimensional em oposição à *monoidentidade* incentivada pelos Estados-Nações modernos, que a despeito de, nos casos de países democráticos como França e EUA, admitirem em seu seio um certo pluralismo cultural, tendem a uma rigidez em matéria de identidade e distinguem cada vez mais o que é nacional ou não.

Stuart Hall, por sua vez, defende a idéia de que as identidades modernas são *fragmentadas*, o indivíduo já não se reconhece ante a tantos papéis que precisa assumir. A exposição de milhares de papéis que o indivíduo gostaria de representar, através de um aparato midiático que alcança todos os quadrantes do globo, multiplica os processos de identificação. À perda do “sentido de si” Hall denomina “deslocamento” ou “descentração” do sujeito, situação que passa a constituir o que poderia ser chamado de “uma crise de identidade”.

Um tipo diferente de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas no final do século XX. Isso está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia,



raça e nacionalidade, que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais. Estas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando a idéia que temos de nós próprios como sujeitos integrados. (Hall, 1997)

Hall, tendo como referência marcos teóricos da Sociologia, distingue diferentes noções de identidade a partir das concepções de sujeito possíveis de serem construídas em três momentos diferentes da História. No Iluminismo, é “totalmente centrado, unificado, dotado de capacidades de razão, de consciência e de ação. (...) o centro essencial do eu era a identidade de uma pessoa” (Hall, 1997); na Modernidade, não é mais visto como autônomo e sim “formado na relação com ‘outras pessoas importantes para ele’, que mediavam para o sujeito os valores, sentidos e símbolos - a cultura - dos mundos que ele/ela habitava” (idem). Assim, a identidade é formada da interação entre o sujeito (“eu”) e a sociedade. Na pós-modernidade, a conceituação do sujeito o coloca sem uma identidade fixa, ou seja, a identidade é fragmentada e plural, “algumas vezes contraditórias ou não-resolvidas. (...) torna-se uma ‘celebração móvel’: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam” (ibidem). Tais sistemas culturais estão solidificados nos signos, portanto no *simbólico*, e criam um espaço de negociação entre os mais diversos sujeitos e instâncias sociais. A mídia não apenas se faz presente nesse espaço como assume papel central no processo.

Por sua vez, Canclini (2001) vê a identidade em estreita relação com o conceito de nacionalidade e associa diretamente a construção das identidades contemporâneas com as ações da mídia. Para ele, num primeiro momento, os processos de identificações se davam através de dispositivos como livros escolares, museus, rituais cívicos e discursos políticos. Ao que poderiam ser acrescentadas as narrativas populares, a tradição oral, as cantigas, enfim, o que original-

mente se conceituava como *folclore*<sup>15</sup>. Na primeira metade do século XX, surgem o rádio e o cinema, que deram contribuição para a expansão dos relatos de novas identidades e sentido de cidadania nas sociedades nacionais. O rádio e o cinema contribuíram para que grupos sociais antes afastados e desconectados se reconhecessem e, de certa maneira, se integrassem, ainda que através das diferenças. Propunham novas maneiras de se lidar com problemas, bem como mostravam realidades antes desconhecidas.

Na segunda metade do século XX, primeiro com a televisão e já na transição para o século XXI com novas tecnologias de comunicação eletrônica, a expansão midiática ampliou o processo. Canclini reconhece então uma multiplicidade, ou pluralidade, da identidade, sutilmente diferente da fragmentação defendida por Stuart Hall.

Nesta perspectiva, as nações se convertem em cenários multiterminados, onde diversos sistemas culturais se interpenetram e se cruzam. Só uma ciência social – para a qual se tornem visíveis a heterogeneidade, a coexistência de vários códigos simbólicos num mesmo grupo e até em um só sujeito, bem como os empréstimos e transações interculturais – será capaz de dizer algo significativo sobre os processos identificadores nesta época de globalização. Hoje a identidade, mesmo em amplos setores populares, é poliglota, multiétnica, migrante, feita com elementos mesclados de várias culturas. (p. 166)

Além disso, há a questão da identidade *requerida* e a *atribuída*, conceitos próximos do que Cuche, apoiado em Bourdieu e dentro de um paradigma marxista, classifica como “auto-identidade”, definida por si mesma, e “hetero ou exo-identidade”, definida pelos outros, sendo que a primeira é, normalmente, generalizadora, fruto e fonte de preconceitos sociais. “Em uma situação de dominação caracterizada, a hetero-identidade se traduz pela estigmatização dos grupos minoritários” (p.184). O próprio Cuche cita um exemplo esclarecedor:

---

<sup>15</sup> Atualmente o termo perdeu sua significação original de “saber do povo”, cunhada por William John Thoms, em 1846. O termo Folclore sofreu uma distorção nos dias de hoje e diz respeito mais ao bizarro, ao curioso, aos exotismos do que ao saber popular.

... na América Latina, no fim do século XIX e no começo do século XX, os imigrantes sírio-libaneses, em geral cristãos, que fugiam do Império Otomano, foram chamados (e continuam a sê-lo) de *Turcos*, porque chegavam com um passaporte turco, ao passo que eles não desejavam justamente se reconhecer como turcos. O mesmo aconteceu com os Judeus orientais que emigraram para a América Latina na mesma época. (p. 184)

Ainda segundo Cuche, a hetero-identidade leva freqüentemente a um processo de identificação “negativa”, que acontece em duas mãos, já que, para ele, a auto-identidade é um processo de “interiorização de uma imagem de si mesmos construídas pelos outros” (idem), de modo que a negatividade da identidade atribuída pelos grupos majoritários muitas vezes é assimilada pelas minorias como uma diferença negativa, da qual se envergonham. Mas os processos de auto-identificação não podem ser generalizados como negativos, já que os grupos dominantes ou majoritários também atribuem traços identificatórios que, obviamente, não são negativos. Um exemplo são os chamados *wasps* (*White anglo-saxon protestants*), grupos dominantes dos Estados Unidos.

Assim, para Cuche, nas lutas sociais o que está em jogo é a identidade, a afirmação de si mesmo, porém, o “poder de identificação” dependerá da posição dos grupos nas relações de dominação. Citando Bourdieu (1980), o autor argumenta que “somente os que dispõem de autoridade legítima, ou seja, de autoridade conferida pelo poder, podem impor suas próprias definições de si mesmos e dos outros” (p.186). Por outro lado, os processos de identificações não se resumem à esfera ideológica, têm caráter multidimensional e dinâmico, são construções socioculturais. A auto-identidade de um grupo pode não ser reconhecida por outros, assim como a hetero-identidade que lhe é imposta pode não ser aceita.

Sob quaisquer dessas perspectivas de análise dos processos de identificação cultural, nas sociedades contemporâneas, está claro que o futebol integra o mosaico que compõe a identidade *individual*. No Brasil, especificamente, tor-

cer por um time chega a ser uma necessidade. Portanto, identidade também é um conceito que está bastante associado à idéia de *representação*, que, conforme França (2004) situa-se nas fronteiras da Sociologia, Psicologia e Semiótica, ainda que cada um desses ramos científicos tenha sua definição específica para o termo representações. Nas Ciências Sociais, são definidas “como categorias de pensamento, de ação e de sentimento que expressam a realidade, explicam-na, justificando-a ou questionando-a” (p.14). França frisa, porém, que a partir da obra de Émile Durkheim surge o conceito de “representações coletivas”, que diz respeito “aos significados, às imagens, ao quadro de sentidos construídos e partilhados por uma sociedade” (p.14).

Na psicologia, originalmente o estudo das representações está ligado aos processos cognitivos e à atividade simbólica, portanto, individual. Mas a psicologia social busca ampliar essa conceituação, ao ligar os processos de representações com as diferenças sociais e pensar não em representações coletivas, mas sociais. França cita S. Moscovici, para quem as representações sociais circulam, se entrecruzam e se cristalizam pela “substância simbólica”, pelos signos, assim, adentra-se no campo da semiótica. Esta terceira ciência associa as representações às imagens mentais (subjativa), mas reconhece sua existência pública (processos intersubjetivos), assim, estão próximas do conceito de signo, são imagens construídas ou aceitas pelos indivíduos para identificá-lo (diferenciá-lo) publicamente, processo que passa a depender das mediações. Para França, é exatamente na intercessão entre os conceitos de representações e mediações que a Comunicação deve centrar seus esforços para entender os fenômenos que analisa (midiáticos).

Na Comunicação, o conceito de mediações ganhou muita força com o crescimento dos Estudos Culturais, principalmente a partir do texto *Encoding/decoding* de Stuart Hall, publicado na década de 1970 (no Brasil apenas em 2003!) e do livro *De los medios a las mediaciones* de Jesús Martín-Barbero, do final dos anos de 1980. Para Hall, os momentos da emissão e da recepção (codi-

ficação/decodificação), embora relacionados, são distintos, assim o espaço da recepção é dotado de relativa autonomia e especificidade, tem uma lógica própria. Martín-Barbero desloca o eixo das análises comunicacionais, antes centradas nas produções midiáticas, para o campo da recepção e para a vida cotidiana, de modo que em ambos os trabalhos reforça-se a idéia da inserção da comunicação na cultura, já que cria um campo de relações entre os sujeitos envolvidos no processo que, por sua vez, sofre influências de outras forças sociais, processo que se situa no campo do simbólico e abriga embates permanentes entre as diversas modalidades do poder.

### *O poder do simbólico*

As relações de poder influenciam intensamente os processos comunicacionais, daí o interesse em compreendê-las para a análise dos fenômenos midiáticos. Quando se faz referência ao poder na Comunicação, o primeiro conceito que surge é o de mídia como *quarto* poder, que influencia – e, para alguns pensadores controla – os demais poderes políticos do sistema democrático (Legislativo, Executivo e Judiciário). No entanto, essas são apenas algumas das variadas formas de poder, termo que recebe diversas conceituações, já que é tema recorrente nas ciências que buscam o entendimento do Homem na dimensão das relações sociais desde as mais remotas épocas. O poder, no presente texto, é aceito como a capacidade de indivíduos, grupos ou instituições intervirem no curso dos acontecimentos ou mesmo causá-los em benefício próprio ou de causas que defendem, e pode ser exercido de várias maneiras, determinadas por contextos sócio-culturais, portanto, não há *um* poder, mas *relações* de poder,.

O sociólogo John B. Thompson (1995) distingue quatro formas de poder: econômica, política, coercitiva e simbólica, que se associam em diversas instâncias. Sempre que houver a concentração de uma dessas forças, estará caracterizada a relação de poder, cada uma sustentada por modos de relacionamen-

to particulares, mas interdependentes. O poder simbólico, diretamente ligado ao tema da presente dissertação, é oriundo da atividade de produção, transmissão e recepção de significados, relações que são fontes de poder porque estão em condições de igualdade com as atividades produtivas (econômicas), coordenadoras dos indivíduos (política) e coercitivas.

Uma das características mais importantes das relações de poder é que elas são *cumulativas*, ou seja, quanto mais poder detém o indivíduo ou o grupo, maiores serão as possibilidades de aumentá-lo. Por exemplo, o detentor de grandes valores econômicos pode usar seu capital financeiro para pressionar os meios políticos a beneficiá-lo e assim ampliar não apenas seu patrimônio material, como passa a deter também a possibilidade de influenciar no curso dos acontecimentos políticos. Além disso, à medida que as diversas formas de poder expandem seu campo de ação, tanto no sentido geográfico como social, inversamente, elas se concentram nas mãos de cada vez menos detentores do poder.

Os meios de comunicação de massa são algumas das ferramentas mais eficientes na legitimação de tais processos, pois atuam como se fossem portavozes da sociedade e influenciam de maneira significativa a formação das opiniões. Não se pode deixar de lado também a força de *agenda-setter* da mídia, que determina em grande parte os assuntos a serem discutidos – ou esquecidos, o que é mais perigoso politicamente – pela sociedade.

A informação torna-se então elemento central nas relações de poder simbólico, descrito por Pierre Bourdieu (2002) como algo “quase mágico, que permite obter o equivalente daquilo que é obtido pela força, (física ou econômica)” (p.14), porém, invisível, “só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem” (p. 8). O sociólogo francês reconhece ainda que é um tipo de poder que só pode existir em uma relação entre os que o exercem e os que lhe estão sujeitos, troca que recebe influências de outras formas de poder como o político, o econômico e o coercitivo. Além do mais, qualquer que seja a forma de poder, é mediada por

instituições tais como a Igreja, escolas, universidades, meios de comunicação de massa, etc.

Bourdieu classifica os instrumentos que proporcionam poder simbólico como “bens”, por darem vantagem a um sujeito sobre outro, de modo que passa a ter valor substancial para a manutenção dessa dominação. O acúmulo e concentração desses bens representaria, assim, um “capital simbólico”, equivalente aos valores financeiros para o exercício do poder econômico ou da força e das armas para a imposição do poder coercitivo. No entanto, os símbolos nem sempre são materializáveis como o dinheiro ou as propriedades privadas; como a força física ou um arsenal bélico. E nem sempre são perceptíveis aos sentidos como tato, olfato, visão ou audição, não estão sujeitos a leis biológicas, químicas, físicas ou matemáticas, ainda que, para ser exercido, o poder simbólico incorpore, submeta-se e utilize os sentidos e as leis da natureza. Muitos bens tidos como “culturais” e que fazem parte do universo midiático como livros, revistas e jornais, são também materiais, portanto, estão na esfera econômica, o que torna o poder simbólico parcialmente *dependente* do capital financeiro.

A capacidade de fazer existir em estado explícito, de publicar, de tornar público, quer dizer, objetivado, visível, dizível, e até mesmo oficial, aquilo que, por não ter acedido à existência objetiva e coletiva, permanecia em estado de experiência individual ou serial, mal-estar, ansiedade, expectativa, inquietação, representa um considerável poder social. (Bourdieu, 142)

No campo político, o bem cultural só terá valor se o sujeito que o detém estiver também investido da devida autoridade, que, certamente, não deriva exclusivamente das palavras, dos discursos, mas também de relações sociais de cunho histórico e econômico. Trata-se, por exemplo, da diferença entre o que diz um cidadão comum e um primeiro-ministro. Um (o político investido no cargo) tem poderes reconhecidamente maiores para alterar o curso dos acontecimentos que o outro.

Bourdieu observa ainda que os processos que originam as relações de poder simbólico funcionam como integrantes das estruturas sociais e, de acordo com a tradição marxista, servem como instrumentos de dominação das classes que detêm os aparatos de produção simbólica. “(...) a cultura que une (intermediário de comunicação) é também a cultura que separa (instrumento de distinção) e que legitima as distinções compelindo todas as culturas (designadas como subculturas) a definirem-se pela sua distância em relação à cultura dominante” (p.11).

De outro lado, ainda segundo Bourdieu, tais sistemas simbólicos só podem ser usados como instrumentos de dominação a partir da preexistência de uma relação de poder de uma classe sobre outra, de modo que a dominação seria anterior à utilização dos sistemas simbólicos, o que os caracteriza como *estruturados* para manter a relação de poder, que conta com outros fatores em sua estrutura de dominação como forças coercitivas, políticas e econômicas. Ou seja, o que permite às palavras (um sistema simbólico) constituírem-se em poder simbólico é a crença em sua legitimidade, bem como na daquele que as pronuncia. “Crença cuja produção não é da competência das palavras”. O simbólico, em conjunto a outros “capitais” como o financeiro, o bélico e o político passa a sustentar estruturas de poder mais complexas e gerais. Assim, as palavras, pronunciadas ou escritas sem a autoridade do sujeito, não têm poder por elas mesmas; se não lhe forem atribuídos significados, o que só pode ser feito através de ações simbólicas, não podem alterar o rumo dos acontecimentos.

Tal posicionamento mostra que a mídia não pode ser considerada um *poder em si*, uma vez que a capacidade (econômica) de “fazer existirem em estado explícito” suas produções está concentrada nas mãos de minorias que determinam seus conteúdos. Além disso, é necessário considerar o que pode acontecer na esfera da recepção. A mídia torna públicos eventos dependentes das esferas da produção e da recepção, é manipulada, sofre censura externa e autocensura. O que faz uma classe sobrepor-se sobre outra, definitivamente, não é a



ação da mídia, mas todo um processo histórico, político, social e econômico. A mídia não passaria então de um *instrumento* ou um *campo de expansão* do poder, influente o bastante para ser confundido com ele próprio. Sem dúvida, o poder simbólico inclui em seu capital o uso dos meios de comunicação como difusores de sua ideologia, como instrumento para justificar suas ações e outros fins legitimadores de sua dominação, porém, não são os meios em si que lhe dão tal supremacia. Ou seja, a mídia serve às relações de poder simbólico.

Mesmo sob a perspectiva da Teoria Crítica, os meios de comunicação são mais um *instrumento* para exercício do poder do que um poder em si, já que funciona como sustentáculo e disseminador da ideologia das classes dominantes, que controlam os meios de produção da informação. Assim, é possível afirmar que a mídia *integra* as relações de poder simbólico; pode, sim, mudar o rumo de alguns acontecimentos, mas para tal deve estar associada a alguma outra força social. Para os que sustentam a idéia de mídia como quarto poder, um contraponto a esse raciocínio poderia ser o fato de que, na verdade, nenhum poder age por si, toda relação de poder envolve mais de uma força social, inclusive a dos meios de comunicação de massa. Entretanto, não é apenas essa necessidade de agir em conjunto com outras forças que faz da mídia *instrumento de* e não um poder em si; é sua fragilidade, sua submissão perante influências econômicas, políticas e coercitivas.

Em relação ao futebol, essa ambigüidade da mídia de poder influenciar e ao mesmo tempo estar submetida a diversas modalidades de controle pode ser notada tanto na superfície do fenômeno, quanto em seus aspectos menos aparentes. Atletas e agentes dos espetáculos esportivos utilizam-se cada vez mais dos meios de comunicação para promoverem suas ações e ampliar seus ganhos financeiros e simbólicos (como a fama). Para isso, são utilizadas técnicas de marketing, bem como estratégias mais “agressivas” (força econômica e pressões políticas, por exemplo), que influenciam, e muito, o noticiário esportivo. Os veículos de comunicação, por sua vez, apostam na divulgação, promoção e organi-

zação de espetáculos esportivos para atrair mais leitores, ouvintes ou telespectadores. Entretanto, para isso necessitam ter um relacionamento minimamente amigável com as estruturas de poder do esporte – compostas por federações e associações diversas – e também com clubes e atletas mais destacados.

A mídia se submete ainda ao que muitos jornalistas chamam de “ditadura da audiência”, que nada mais é do que trabalhar com esquemas que têm retorno garantido. Ou seja, deve-se “fazer o que o público quer”. O problema é: o que o público quer? Para as empresas a resposta está nos índices de audiência e de vendagem. Se o que é oferecido ao público (sempre visto como *consumidor*) é aceito, então deve continuar sendo oferecido, até que os mesmos índices indiquem o contrário. É uma ferramenta de avaliação quantitativa, portanto, bastante relativa. Por exemplo: uma partida de final de Copa do Mundo terá índices elevadíssimos de audiência muito mais pela importância que as pessoas dão ao evento do que devido ao modo como os meios de comunicação tratam o assunto.

De qualquer maneira, o público, o torcedor já não pode ser mais visto como agente passivo desse processo, já que se não receber aquilo que realmente espera, tanto por parte dos atletas, como por parte da mídia, pode simplesmente ignorar o fenômeno e torná-lo vazio, já que sem público, sem consumidor, o espetáculo estará condenado ao fracasso. As relações de poder entre mídia e futebol estão no campo simbólico e por isso assumem suas características, ou seja, estão em constante movimento. Em determinadas situações os meios de comunicação se sobrepõem, em outras, são submetidos, o que mostra mais uma vez sua condição de *instrumento* de poder.

Tais considerações são necessárias para situar o futebol como fenômeno integrante destes processos sócio-culturais, portanto, capaz de revelar muito sobre as sociedades em que ocorre. Não se trata de uma simples prática esportiva, mas de um fenômeno de massa e popular ao mesmo tempo; controlado em certos aspectos pela Indústria Cultural, mas também independente e espontâneo em outros; entretanto, sua principal característica na atualidade é ter se

transformado em um fenômeno de comunicação de massa. Sem apoio do aparato midiático, é difícil pensar que uma partida de futebol pudesse ser assistida por muitas pessoas, o interesse pelo jogo se resumiria àquelas presentes durante a prática. Como espaços de integração e conflito, mídia e futebol, ao se relacionarem, potencializam tais características. Assim, nos próximos itens apresentam-se considerações sobre as relações geradas pelo diálogo entre esses dois campos. Para isso optou-se por uma análise que busca inicialmente conceituar o termo mídia e contextualizá-lo em relação à temática desta dissertação. Na seqüência, discute-se as relações entre mídia e esporte.

### *Mídia [o importante é vender]*

Ao quebrar barreiras espaço-temporais, a disseminação da informação via veículos midiáticos acarretou mudanças fundamentais nas relações sociais<sup>16</sup>. Para Thompson (1995, p.106) os fenômenos midiáticos são de suma importância na construção simbólica da Modernidade, já que a mídia está diretamente envolvida na construção do mundo social, “ao levar informações para indivíduos situados nos mais distantes contextos”. Assim, os meios de comunicação não só modelam e influenciam o curso dos acontecimentos, como criam fatos que poderiam não ter existido em sua ausência.

O processo de agigantamento do campo de atuação da mídia tornou as fronteiras entre as noções de comunicação, mídia e jornalismo ainda mais tênues, entretanto, uma não pode ser confundida com a outra. A primeira, mais geral, inclui as outras duas, porém, pode se referir a aspectos tão diversos como uma troca de olhares ou a interligação de países por cabos de telefonia. A segunda engloba a terceira, porém, também faz referência ao mundo da publicida-

---

<sup>16</sup> A grandiosidade e a influência deste processo podem ser medidas pelo conceito de *quarto bios* defendido por Muniz Sodré (2002, p. 25), para quem, além dos três gêneros de existência (bios) propostos por Platão em sua *Ética a Nicômacos*, sejam: o *theoretikos* (vida contemplativa), o *politikos* (vida política) e o *apolaustikos* (vida prazerosa, do corpo), a partir do gigantesco avanço tecnológico das vias de comunicação, surgiu o *bios midiático*, “onde predomina (muito pouco aristotelicamente) a esfera dos negócios, com uma qualificação cultural própria (a ‘tecnocultura’)”.

de e do *marketing*. O terceiro termo é o mais específico, diz respeito às informações e interpretações de fatos cotidianos; tem como matéria-prima a notícia, a novidade. Mas o desenvolvimento das tecnologias de informação não apenas ampliou o alcance do espectro de disseminação da informação como acarretou mudanças profundas no modo de se fazer jornalismo. Se no início do século XX uma notícia poderia levar até meses para chegar a seu destino, cem anos depois, o “11 de Setembro” foi visto por milhões de pessoas ao redor do globo no exato instante em que ocorreu. Ainda assim, por um longo período seguinte ao ataque terrorista, o principal assunto dos jornais no mundo inteiro continuou sendo o referido atentado.

Isso demonstra que os textos jornalísticos, dentro do contexto tecnológico da atualidade, estão muito além da notícia, são mais do que meros relatos ou descrições dos acontecimentos: tornaram-se ampliações dos mesmos. Os jornalistas hoje necessitam proporcionar condições ao leitor para compreender melhor os fatos, correlacioná-los com outros e com seu próprio cotidiano, não basta apenas informar o acontecido. Ainda que se advogue a causa da objetividade, os textos jornalísticos são de caráter interpretativo, estão presos à subjetividade de seu construtor. Por isso, não resistem a análises que tentem provar o contrário, como já demonstrado principalmente por estudos da linguagem. Apenas para citar um exemplo, Kerbrat-Orecchioni (1980) vê as produções discursivas como não análogas à realidade, ou seja, não a reproduzem fielmente, uma vez que fazem recortes a partir de universos referenciais particulares, impõem uma visão individualizada do mundo, organizando-o por abstrações generalizantes a partir de eixos semânticos “parcialmente arbitrários”. Isso porque só podemos descrever a natureza segundo linhas traçadas por nossa língua, por conseqüência, não é possível atingir a imparcialidade absoluta. Esse posicionamento é muito próximo ao de Geertz (1989), que vê os relatos antropológicos como ficções (no sentido de *fictio* como *construção* da realidade e não *invenção*).

Ainda segundo o raciocínio de Kerbrat-Orecchioni, não é possível construir discursos totalmente objetivos ou subjetivos, mas discursos com maior ou menor grau de objetividade e subjetividade. Como exemplo, pode-se colocar o discurso científico como bastante próximo da objetividade total, e o poético, da subjetividade. A mídia, ao contrário, não tem um discurso próprio, é um espaço em que são utilizadas as mais diversas modalidades discursivas. Na grade de programação de um canal de televisão podem ser encontrados informativos jornalísticos, programas de auditório, infantis, filmes, *reality shows*, etc., além das mensagens publicitárias. Cada uma dessas modalidades se utiliza de discursos próprios que podem ser objetivos, subjetivos, persuasivos, informativos, opinativos ou simplesmente com intenção de divertir. Fundamentalmente, os discursos midiáticos buscam *convencer* as audiências a consumir produtos e serviços e também a acatar posicionamentos e opiniões. No primeiro caso, os discursos empregados são basicamente diretos, muito próximos da objetividade, embora a publicidade cada vez mais utilize mensagens subliminares. Entretanto, o objetivo é bastante claro: compre. No segundo caso, as estratégias de convencimento nem sempre aparecem de modo tão claro às audiências, muitas vezes, se dá através da omissão de informações.

Se não obtiveram êxito em suas tentativas de manipulação das massas, os meios de comunicação de grande alcance conseguiram criar o que se chama de público consumidor (de informação), a que os próprios produtores consideram “cativo”, já que esse passa a ter o veículo como principal fonte de informação, portanto, de referência. Porém, trata-se de um consumidor ativo por que faz uso do que lhe é oferecido, inclusive, quando ignora o que lhe é posto. Mas, acima de tudo, esse público, ou massa, por mais heterogêneo que possa ser cultural, econômica ou socialmente tem algo em comum: a disposição para o consumo. É nisso que as empresas de comunicação apostam, e ganham, ao oferecerem as informações que orientarão as preferências das massas.

As inovações tecnológicas dos meios de comunicação promoveram outras mudanças substanciais no *modo* de se fazer jornalismo, alteraram até mesmo a *linguagem* do jornalismo. Para Ignácio Ramonet (in Moraes, 2002, p. 243 a 252), uma das conseqüências da “revolução” digital é a fusão do texto, imagem e som a partir do que megaempresas de comunicação passaram a fundir também os conceitos de publicidade, jornalismo e cultura de massas. Assim, já não existiriam mais as fronteiras entre esses conceitos ou discursos. Tal constatação está cristalizada no jornalismo esportivo, um dos produtos mais característicos da indústria cultural e certamente um dos gêneros jornalísticos mais afetados pela linguagem da publicidade e das ações de *marketing*.

(...) hoje a informação é considerada essencialmente uma mercadoria, não é um discurso que tenha a vocação ética de educar o cidadão ou de informar, no bom sentido da palavra, o cidadão, pois tem essencialmente e, antes de mais nada, uma perspectiva comercial. Compra-se e vende-se informação com o objetivo de obter lucros. Esta é uma lei importante, de modo que a informação não se move em função das regras da informação (...) mas em função das exigências do comércio, que fazem do ganho, ou do interesse, o imperativo supremo. (Ramonet, in Moraes, 2003, p. 247)

No entanto, a informação não se trata de um bem materializável em linhas de produção ou coletado na natureza. Além disso, a informação está em toda parte e assume formas variadas. No jornalismo ela se transveste em *notícia*, mais um termo de muitos significados, porém, nenhum deles definitivo e todos bastante complexos se analisados profundamente. Apenas no *Novo dicionário da língua portuguesa*, de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira (s/d, p. 979), aparecem quinze designações diferentes para a palavra notícia: “informação, notificação, acontecimento, observação, apontamento, nota, escrito ou exposição sucinta de um assunto qualquer, novidade, nova, lembrança, memória, nota histórica, *constituir-se novidade ou destacar-se em um noticiário (ser notícia)*”. Numa rápida reflexão sobre qualquer um desses termos descobre-se logo porque

são possíveis tantas significações serem atribuídas a uma só palavra: todas são insuficientes. A notícia é fundamentalmente informação, mas não pode ser considerada apenas como tal, trata-se também de uma construção sócio-cultural.

Ademais, numa suposta sobreposição entre os termos do dicionário *Aurélio*, surgem relações conflitantes como em “acontecimento/escrito”, em que a notícia toma o lugar do já ocorrido para se tornar o relatado, informado, notificado, observado, apontado, etc. Nada problemático, não fossem alguns detalhes como o fato de que cada sujeito que presencie um fato e depois o relate, o faz de acordo com uma visão particular, mesmo sob influência de fatores reguladores e mediadores, aos quais o sujeito procura adequar sua linguagem e suas mensagens. Ou seja, os portadores da notícia sempre proporcionarão uma visão particular sobre determinados eventos e isso não pode ser tomado como o fato em si. Ou ainda, “novidade/memória”, em que se coloca de um lado a notícia como algo que não era conhecido, um fato supostamente novo e que passa a ser compartilhado, e, de outro, algo que já era conhecido, que já estava na memória, apenas lembrado. Uma outra sobreposição conflitante é “observação/notificação”, já que contrapõe o ato de ver, presenciar ao de dar conhecimento a outrem de alguma coisa, que se tratam de ações completamente distintas.

Toda essa complexidade se origina no fato de a notícia ser uma construção simbólica do mundo, inserida, portanto, na esfera da Cultura. Sendo assim, potencialmente pode acarretar alterações nas relações sociais, desde as interações simbólicas entre o sujeito e suas atividades privadas (no sentido de rotina pessoal) até situações de conflito entre países. É através de noticiários, de “saber o que está se passando no mundo”, que muitas pessoas orientam suas ações. A reação dos receptores a notícias divulgadas em veículos de grande alcance pode gerar verdadeiros estados de *comoção pública*, bem como servir de pretexto para processos de revolta, etc. Por outro lado, podem também ser recebidas com indiferença.

Em resumo, a mídia pode ser considerada como um espaço de interações simbólicas atualmente marcado por avanços tecnológicos que transformaram a informação em elemento essencial para as relações humanas, de tal forma que tornam-se determinantes de comportamentos, metas e preferências individuais. É com base no que a mídia lhe oferece que o indivíduo fará suas escolhas, assim, a informação adquire *valor* de “bem”, no sentido de mercadoria, torna-se a matéria-prima da Indústria Cultural. Mas o espaço midiático não é *puro*, pois se relaciona com todas as instâncias sócio-culturais e, conseqüentemente, influencia e é influenciado pelas diversas mediações. Trata-se de um processo no qual todos os sujeitos, desde os produtores aos receptores da informação, são *manipuladores* em dados momentos e *manipulados* em outros. O jornalismo esportivo nasce e se desenvolve no espaço midiático, assim, adquire muitas dessas características, como se verá nos próximos itens.

### *Mídia e esporte [o importante é aparecer]*

Desde os seus primórdios o esporte sempre se dividiu em duas vertentes. De um lado, pode ser visto como um conjunto de práticas com finalidade de aperfeiçoamento físico, atrelado assim a fatores de higiene e saúde; de outro é percebido como competição, seja entre indivíduos, entre grupos, do homem contra ele mesmo ou contra o tempo, distâncias, barreiras físicas, etc. Atualmente, a estas definições deve-se acrescentar uma terceira, essencial para entender os fenômenos esportivos, como espetáculos oferecidos via aparato midiático. O esporte tem evoluído paralelamente ao desenvolvimento dos meios de comunicação de massa e recebido muitas influências destes, apesar de também *usufruir* da capacidade da mídia em atrair algo que tornou-se essencial para sua prática: o público (exceto no caso citado nas segunda e terceira linhas deste parágrafo).

O esporte adquiriu a configuração dos dias atuais principalmente em função do desenvolvimento de novas tecnologias de comunicação. Inicialmente, como assunto recorrente na imprensa já no início do século XX, depois com as



transmissões radiofônicas de eventos esportivos<sup>17</sup>. A popularidade que tais transmissões adquiriram, colaboraram muito para o desenvolvimento do próprio rádio ante as dificuldades técnicas que tinham de ser superadas e a concorrência entre as emissoras. Mais tarde, com a televisão, os esportes ganharam o impulso decisivo para adquirir a característica de mega-espetáculo e fonte de lucros. Isso ocorreu com tanta força que, se nos primórdios dos Jogos Olímpicos da Era Moderna<sup>18</sup>, Pierre de Coubertin criou o lema “o importante não é vencer, mas competir”, passados pouco mais de cem anos pode-se dizer que *importante não é vencer, nem competir, mas aparecer na mídia*.

Um dos principais objetivos no esporte contemporâneo é proporcionar espetáculos que chamem a atenção da imprensa, que atraiam grandes públicos, presentes tanto nas “arenas” onde se dão as competições, quanto nos índices de audiência e de vendagem de exemplares e espaço publicitário. A performance atlética, ainda que esteja no núcleo dos acontecimentos, chega a ficar em segundo plano conforme o modelo de cobertura jornalística adotado pelos veículos midiáticos envolvidos na divulgação do espetáculo. Os meios de comunicação que se utilizam de imagens, principalmente, tendem a transformar competições em grandiosos *shows*. Aspectos não relacionados diretamente à ação dos competidores podem se tornar, de forma premeditada ou não, o tema central da cobertura jornalística. A mídia abre grandes espaços para as performances atléticas mais brilhantes, mas nem sempre basta o esforço dos atletas para que a imprensa noticie um fato esportivo. Entre outros fatores, a popularidade da modalidade praticada pode ser determinante para que um acontecimento seja ou não noticiado.

Assim, uma grande façanha de um iatista (como Robert Scheidt, oito vezes campeão mundial) pode ser ignorada, enquanto um treino corriqueiro de

---

<sup>17</sup> Segundo Garrido (1999), a primeira transmissão de um evento esportivo ao vivo no rádio brasileiro ocorreu em 1931, quando a Rádio Sociedade Educativa Paulista transmitiu a partida de futebol entre as seleções paulista e paranaense.

<sup>18</sup> A primeira edição do atual ciclo olímpico foi realizada em 1896, em Atenas.

uma grande equipe de futebol, beisebol ou basquetebol pode merecer ampla cobertura. O sucesso de um evento esportivo, nos dias de hoje, depende, antes de tudo, de campanhas publicitárias bem planejadas e executadas. O fator eficiência atlética também tem sua parte, mas isoladamente não garante o sucesso dos eventos. Para os atletas atingirem plenamente seus objetivos, precisam além de bons treinadores, de uma boa assessoria de imprensa ou de uma estratégia de *marketing* bem planejada.

Outra intervenção da imprensa no mundo dos esportes pode não ser tão clara à primeira vista, mais uma vez por ter ligação com as nuances do discurso: a transformação do realmente acontecido no que foi mostrado e ou noticiado (o esporte *da* mídia). Ou seja, o fato esportivo assume outras significações tão logo é apropriado pela mídia, de modo que o que chega ao destinatário é uma interpretação, com a qual ele pode estar de acordo ou não, mas sua opinião ou a visão que terá será baseada não no realmente acontecido, mas no que lhe foi mostrado, ou no que ele leu. Por isso não é incomum haver divergências entre a experiência de assistir a qualquer tipo de competição esportiva ao vivo, de presenciá-la no local dos acontecimentos (interação face a face), e a de, no dia seguinte, ler as reportagens nos jornais ou assistir nos noticiosos sobre esporte imagens selecionadas do mesmo evento presenciado. O sujeito participante desse evento terá opiniões diferentes daquelas explícitas ou implícitas no discurso midiático, terá assistido ou participado diretamente da ação a partir de um ângulo totalmente diverso daquele possível de ser notado e mostrado pelos meios de comunicação.

Num exemplo prático, podem-se tomar os lances polêmicos de uma partida de futebol em que as decisões do árbitro são aparentemente acertadas, ou não, para os sujeitos presentes durante a ação, mas que no dia seguinte, após ser visto e revisto (o lance gerador da polêmica) nos programas de televisão ou nas análises escritas dos jornalistas, o mesmo sujeito tende a mudar de opinião. E isso não é novidade alguma em termos de jornalismo esportivo. Em uma crônica

publicada pelo extinto diário *Última Hora*, em 20 de junho de 1962, sobre a Copa do Mundo realizada naquele ano, no Chile, Paulo Francis observou o seguinte:

Os espíques de rádio, sem exceção, falsificaram o que estava acontecendo em campo, observação facilmente verificável graças ao vídeo-tape. Tinham (sic) um número de pessoas situadas junto a cada gol, que se limitava a concordar com o espíquer principal: “Exato fulano, foi exatamente assim como você disse, numa gentileza da firma, etc”. (Arquivo em Imagens, número 2, Série Última Hora, p.77)

Atualmente, com o largo uso da imagem e a possibilidade das transmissões ao vivo, tornou-se bem mais difícil “falsificar” os acontecimentos esportivos, como faziam os “espíques” do rádio em décadas passadas. No entanto, ainda não se pode dizer que o que foi transmitido pelas televisões tenha refletido todo o acontecido. A transmissão pode ser tendenciosa ou não. Basta pensar em um jogo, de qualquer modalidade, que envolva dois ou mais países na disputa. Em cada um dos países a transmissão proporcionará diferentes imagens e, conseqüentemente, suscitará sensações diversas sobre o mesmo evento. As retransmissoras de cada país envolvido privilegiarão ângulos que mostrem mais os atletas conterrâneos. As polêmicas serão mostradas, ou omitidas, de acordo com o interesse de cada um dos órgãos de imprensa presentes.

Na mídia impressa, a cobertura tendenciosa de eventos esportivos é ainda mais facilitada e evidente. Não são apenas sentimentos nacionalistas, paixões clubísticas e regionalismos que influenciam o jornalismo esportivo. Os interesses pessoais dos jornalistas e/ou das empresas envolvidas no todo do processo também trabalham para que as notícias sobre eventos esportivos nem sempre sejam confiáveis ou que reflitam o realmente ocorrido. O resultado é que o noticiário esportivo atual no Brasil tem se mostrado superficial, inconseqüente até, com meras coberturas sobre resultados ou aspectos irrelevantes como a vida pessoal dos atletas, ou a apresentação de estatísticas curiosas sem o acompa-

nhamento de interpretações a respeito dos números “descobertos”. As justificativas para isso são muitas e variam desde a rotina de trabalho do jornalista, cada vez mais burocratizada e sujeita às amarras dos *manuals de redação*, até a já velha desculpa de que é “isso o que o leitor quer, nada de politizar onde não há política”.

São cada vez mais raras análises estruturais sobre a situação do esporte no país, reportagens investigativas ou matérias sobre as relações entre esporte e saúde, enfim, poucas são as pautas que exploram explicitamente aspectos socioculturais do esporte, enquanto diariamente o público é bombardeado por um sem número de estatísticas (quase sempre desacompanhadas de interpretações) e badalações em torno de “astros” das mais variadas modalidades. Para tentar entender um pouco mais sobre como esse processo se desenrola é preciso pensar um pouco sobre o próprio jornalismo e a mídia atual.

A influência da mídia no esporte, principalmente o rádio e a televisão, é tão forte que tem até mudado regras de algumas modalidades. Um dos exemplos é o voleibol, que para se tornar um esporte mais “atraente”, na verdade, mais adequado para transmissões esportivas, teve suas regras bastante modificadas, com vistas a diminuir o tempo das partidas, antes consideradas muito longas. No futebol, a implantação da *morte súbita*<sup>19</sup> é outro exemplo. No basquete, regras como a limitação do tempo de posse de bola (primeiro para 30 segundos e hoje em 24 segundos) e o arremesso de três pontos foram criadas para tornar o jogo mais excitante para o público, especialmente as audiências televisivas. Datas e horários de jogos, em toda e qualquer modalidade, são marcados com vistas a favorecer transmissões ao vivo e se encaixar nas *grades* (programação) das televisões. Diversos campeonatos e competições são criados anualmente com

---

<sup>19</sup> A “morte súbita” é um dispositivo de desempate em partidas decisivas. Normalmente, em jogos decisivos que terminam empatados após o tempo regulamentar (90 minutos) disputa-se uma prorrogação de 30 minutos. Por “sugestão” de grandes grupos da mídia, criou-se o dispositivo de este tempo extra terminar quando uma das equipes conseguir marcar um gol. Quando persiste o empate, o jogo é decidido em cobranças alternadas de tiros livres diretos (pênaltis). O dispositivo da morte súbita, tenta evitar o prolongamento “desnecessário” de algumas decisões. O tempo na TV é primordial, e muito caro. Porém, atualmente a Fifa tende a revogar o dispositivo, por motivos competitivos.

vistas única e exclusivamente a serem veiculados na mídia e expor patrocinadores. Assim, muitos campeonatos existem como eventos midiáticos para dar suporte a atletas e equipes. A própria Olimpíada é hoje um dos maiores acontecimentos midiáticos do planeta, calcula-se que a cerimônia de abertura dos Jogos Olímpicos de Los Angeles, em 1984, tenha sido assistida por 2,5 bilhões de pessoas em todo o mundo (na época, mais de 50% da população mundial).

A “construção” de ídolos no esporte é outra grande arma da mídia, tanto para vender os espetáculos, como para chamar a atenção das audiências para que assistam determinadas competições. A mídia precisa dos ídolos para tornar o espetáculo mais atraente, assim, atletas que realizam performances acima da média passam a ocupar grandes espaços. Exemplos não faltam em todas as modalidades. Os ídolos do esporte ainda auxiliam empresas que os contratam e vinculam seus produtos à imagem de vencedores. Surge então o patrocinador, figura vital da qual o esporte contemporâneo é dependente. Em decorrência de que, pode-se dizer que não há esporte sem espetáculo, não há espetáculo sem mídia, sem patrocinador, sem dinheiro.

No jornalismo esportivo as questões mercadológicas afloram e diluem as fronteiras, por natureza evanescentes, entre notícia e propaganda. A notícia esportiva está muito próxima à publicidade, já que na maioria das vezes promove espetáculos ou a imagem de determinados atletas ou agremiações. Poucas vezes o jornalismo esportivo se aventura no campo da investigação. É verdade que existem exemplos históricos de que quando o fez colheu resultados expressivos, como na série de reportagens publicadas pela revista *Placar*, nos anos de 1970, que denunciou um esquema de armação de resultados para a Loteria Esportiva, que fraudava milhares de apostadores. No entanto, esse tipo de matéria no jornalismo esportivo é exceção.

Além disso, a profissionalização dos esportistas contribui para uma presença cada vez maior do *marketing* esportivo nas páginas de jornais e revistas e também nos meios eletrônicos. Por isso, não são incomuns matérias exaltando

feitos ou tratando de curiosidades a respeito de atletas ou associações, muitas sem qualquer valor informativo, ou seja, nada acrescentam para os destinatários da mensagem. Um grande exemplo é o acompanhamento do dia-a-dia de clubes de futebol no Brasil. Mesmo que não aconteça absolutamente nada de novo em relação ao time, os grandes jornais reservam espaços diários para comentários sobre o cotidiano de clubes e atletas, ainda que tenha de ser dito que nada aconteceu, que está tudo “tranquilo” ou que não houve atividades. É uma espécie de anti-notícia, assim, também poderia ser chamado anti-jornalismo, “anti” no sentido de contrariedade, não de anterioridade.

Essa influência, que poderia ser chamada de mercadológica, sobre o jornalismo esportivo nem sempre é notada na superfície do discurso. Está, na maioria das vezes, fora dele, no que não é dito, nas pautas factuais, na crítica não proferida ou na imagem omitida. Cientes da força da mídia, clubes e atletas armam estratégias de relacionamento com jornalistas, que chegam mesmo a servir de assessores de imprensa indiretos. Para Dante Panzeri (1967) esse tipo de jornalismo, que considera extremamente prejudicial à sociedade, tem origem em um certo desprezo das ciências sociais pelo desporto. Para o autor, há uma “barreira absurdamente instalada entre a concepção de homem-social e a de homem-desportista” (p.25) e os maiores culpados por tal barreira seriam os próprios intelectuais, que apesar de permitirem ao Homem conhecer melhor o Homem, cometem uma grave omissão ao descartarem o esporte e o esportista como fenômenos etnográficos tão certos e vigentes em suas riquezas como qualquer dos personagens que desfilam pela literatura filosófica e sociológica. Segundo Panzeri, filósofos e sociólogos sempre relegaram o esporte e o desportista ao plano das coisas feitas simplesmente para “jogar” – no sentido infantil, de importância secundária – que acontecem ao largo das apaixonadas discussões que os maiores mantêm enquanto “as crianças brincam”.

A pouca frequência de estudos filosóficos e sociológicos a respeito do esporte, e particularmente o futebol, é uma contradição já que as competições

esportivas absorvem a atenção passageira ou permanente de uma porcentagem da população mundial como dificilmente outra atividade humana o faz. Em consequência dessa lacuna, o homem comum permanece em um estado de ignorância a respeito do futebol, deslocado em sua própria paixão, o que gera situações como a fanatização das massas, barbárie e angústia em torno do esporte. Ou seja, o homem comum não teria idéia do “porquê” se joga futebol. Situações frequentemente atribuídas ao caráter passional do futebol, o que para o autor não se justifica, afinal, não é passional o amor? E, no entanto, oferece muito menos questionamentos. Panzeri conclui que a barbárie e o desagradável do futebol se originam no fato de que o público ainda não sabe para quê e o porquê se joga futebol, por isso, é levado a crer que em uma partida de futebol joga o país ou a pátria e não apenas onze atletas. Panzeri responsabiliza a “crônica esportiva” por isso. Para ele, tanto a prática como a paixão pelo futebol não têm nada de perigosas ou insanas, ao contrário, são satisfatórias e saudáveis.

Assim, para as massas que se interessam pelo futebol o melhor seria é que fossem informadas a respeito do que é e por que se pratica o futebol pela Ciência e não pelo jornalismo esportivo, muito mais interessado em fazer negócios rentáveis do que em realmente informar. A mídia esportiva (Panzeri não usa o termo mídia, mas jornalismo) não fala realmente de esporte, de jogo como concebido por Huizinga, quando esconde o número de vítimas em um acidente num estádio de futebol, “para não prejudicar o espetáculo”. Assim, o que os jornalistas esportivos fazem gira em torno do “jogo-negócio”, jamais em torno do jogo-esporte.

No entanto, é bom lembrar que após a publicação do trabalho de Panzeri, sociólogos e filósofos publicaram inúmeros trabalhos sobre o esporte, sobre o porquê de se jogar futebol e, ao contrário do que pensou o autor argentino, isso não diminuiu o fanatismo que leva à “insanidade” e à “barbárie” no esporte. Na Inglaterra, a partir dos anos de 1970, principalmente com o crescimento do fenômeno *hooligans*, foram publicados muitos e profundos estudos sociológicos

sobre o futebol, o que não pôde evitar o crescimento da violência entre torcedores por toda a Europa especialmente nos últimos 20 anos. Obviamente que a maioria dos torcedores e simpatizantes do futebol não têm acesso – material e intelectual – a tais obras.

Esse pessimismo em relação ao jornalismo esportivo está bastante presente na literatura sobre o assunto. Franklin Goldgrub (1990) faz uma “análise das análises” da crônica esportiva e detecta inúmeras falhas. Para ele, a mídia esportiva brasileira é parcial por natureza, principalmente por assumir um “curioso” partidarismo pelos clubes de futebol considerados “grandes” (ou que agregam torcidas numerosas).

Basta que o denominado “pequeno” ganhe ou empate um desses confrontos, onde se espera que cumpra seu papel de eterno perdedor, para que os comentários veiculem impropérios sobre o absurdo do acontecimento. Tem-se a impressão de que o argumento principal extrai sua força de raízes sobretudo econômicas. A indignação do observador parece derivar da diferença entre as respectivas folhas de pagamento. Ele não pode conceber que um atleta profissional regamente pago seja derrotado por quem ganha menos (...) o cronista esqueceu-se totalmente de sua tarefa para transformar-se numa espécie de acionista identificado com os interesses da federação ou das instituições clubísticas. Seu comentário constitui uma espécie de lamento financeiro e parece deslocado na seção de esportes; de fato, se encaixaria melhor nas páginas dedicadas à economia, como uma reportagem sobre empresas falidas ou sobre a queda da produção agrícola em virtude de praga ou estiagem” (p.67).

Para exemplificar, Goldgrub cita uma manchete da *Folha de São Paulo*, datada de 8 de maio de 1989: *Corinthians dá vexame e perde por 3 a 1*. A reportagem trata da derrota do clube mais popular do estado de São Paulo para um considerado pequeno - no caso, o Santo André -, considerada como “vergonhosa”. Segundo Goldgrub a causa dessa parcialidade é que a imprensa esportiva faz uma análise “resultadista” do futebol, não leva em conta o desempenho dos jogadores em campo, mas apenas o resultado. Para ele, a função do comen-



tário esportivo não é justificar um resultado, como normalmente ocorre, “mas constituir uma reflexão sobre o próprio fenômeno futebolístico”, entretanto, para isso “não significa que deva ser pesado como um texto filosófico” (p.70)

Goldgrub nota, porém, que o jornal *Folha de São Paulo* mudou um pouco essa situação, quando passou a publicar os números estatísticos dos jogos, como quantidade de faltas cometidas, erros de passes, chutes a gol, etc. No entanto, critica o fato de não se extrair conclusões a respeito, apenas são apresentados os dados e o leitor que os interprete por si; nos textos, o “resultadismo” permanece. O autor comenta ainda a tendência dos jornalistas esportivos atribuírem gols e derrotas sofridas muito mais a alguma falha do que ao mérito do marcador ou vencedor. Isso se deve ao fato de o cronista não conseguir se separar do papel de torcedor, que acaba exercendo ao presenciar o espetáculo, ainda que, em teoria, profissionalmente.

A imprensa, falada e escrita, não escapa a contaminação dessa lógica. Quando se trata de jogos protagonizados pela seleção nacional, a contraditória exigência de muitos gols a favor e nenhum contra empolga a todos por igual, torcedores e cronistas. Não se percebe que num bom jogo de futebol, entre equipes bem armadas, as chances costumam ocorrer dos dois lados. (p. 72)

Também Betti (1997) vê negativamente a atuação da mídia em relação ao futebol. Em um estudo sobre a violência no futebol (mais direcionado para o jogo dentro de campo), o autor lembra que alguns estudos sociológicos sobre os comportamentos desviantes no futebol (violência, doping, suborno, etc.) têm suas raízes na massificação e na comercialização do esporte. E a responsabilidade por tal massificação está relacionada com o papel exercido pela mídia esportiva.

O desenvolvimento das funções políticas e econômicas do esporte é intensificado pela reportagem esportiva. É por meio da popularidade dos astros esportivos, da constante recepção de informações sobre o esporte, e da combinação do sucesso com a imagem do produto que o esporte torna-se interessante para a in-

dústria. Por todos estes motivos, a expressão “esporte espetáculo” parece ser a mais apropriada para designar a forma assumida pelo esporte na nossa sociedade. (p.30)

O autor lembra, com subsídios da Teoria Crítica, que a mídia é responsável pela formação de uma nova hierarquia de valores, que passa a determinar em grande medida a atitude do consumidor e com forte efeito na prática do esporte. Os atos de violência no futebol, em geral, são condenados pela imprensa esportiva, porém, mostrados a exaustão. Especificamente em relação ao jogo dentro do campo, algumas análises e comentários admitem a violência (existem as faltas “necessárias”) como algo pertencente ao jogo, admite-se a violência entre os jogadores, esta, porém, é controlada por um árbitro que procura manter os competidores dentro dos limites estabelecidos pelas regras. É a presença da justiça na teatralização da sociedade durante o jogo. Fora do campo, a rivalidade entre as equipes é anunciada como o grande atrativo dos confrontos. Estabelece-se assim um círculo vicioso entre a violência (dentro e fora do campo de jogo) e a mídia, que atua como realimentadora e amplificadora dos comportamentos dos jogadores e dos espectadores. “A mídia não causa a violência, mas a reproduz, de uma maneira distorcida, e a amplifica”. (p. 141)

Mas há um contraponto para tais observações, pois não se pode imputar à mídia a responsabilidade pela violência no futebol, esta tem raízes em muitos outros aspectos da sociedade. As tensões levadas a campo e às arquibancadas dos estádios nem sempre têm origem apenas na rivalidade entre duas equipes. O que faz torcedores de times diferentes se odiarem é o antagonismo das representações culturais que seus times carregam, não é o modo como um e outro jogam, pois isso é variável. A mídia amplia essas representações com o intuito de atrair leitores, ouvintes e telespectadores, mas não pode ser responsabilizada por um ódio preexistente. As interpretações do público sobre o que a mídia veicula não estão realmente sob controle dos jornalistas. Ao contrário do que se pressupõe, a repetição exaustiva de jogadas violentas pela televisão, bem como as críticas a

esse tipo de jogo em todos os gêneros de jornalismo esportivo, podem servir para atenuá-las, não incentivá-las. Isso porque os envolvidos expõem-se publicamente como transgressores e isso, em termos profissionais, é considerado como uma conduta desabonadora para suas carreiras. Aparecer e se manter nos noticiários esportivos como profissionais competentes é hoje tão importante para a carreira de jogador profissional de futebol quanto ter um preparo físico adequado e competência para o jogo. Observe-se, porém, que tal raciocínio não pode se estender em relação à violência entre torcedores, fenômeno bastante distinto da violência no jogo, entre atletas, e que será debatido no terceiro capítulo.

Ao atrair multidões aos estádios, a prática esportiva desperta o interesse não só dos fãs dos jogadores ou do clube, torna-se também *alvo* da mídia, que amplia o fenômeno, o faz chegar aos mais distantes lugares e passa a obter lucros com a exploração (como *descoberta* e não *abuso*) diária do assunto. E, de acordo com os conceitos teóricos debatidos neste capítulo, na base de tais processos estão os torcedores de futebol, não apenas porque é para eles que os atletas jogam, ou porque a mídia esportiva depende dos fãs para atingir vários de seus objetivos, principalmente financeiros, mas porque é no ato de torcer que está o espaço de recepção no futebol. É a partir da intervenção do torcedor no jogo que o mesmo ganha ares de espetáculo para desencadear uma corrente de relações sociais que o transforma, citando Janet Lever (1983, p.121), de “elemento relativamente menor da cultura” em uma “instituição social ampla”. No entanto, as relações entre mídia e esporte são bastante conflituosas em alguns pontos, e de cumplicidade em outros, uma vez que compartilham um espaço controlado por ações simbólicas, representativas de aspectos culturais dos indivíduos e grupos envolvidos. E é na linguagem, nos discursos, que se pode comprovar tais conflitos.

## *Linguagem, cultura e futebol*

Segundo Fuchs (1985), a preocupação com aspectos da linguagem teve origem no século V a.C., entretanto, é Aristóteles, já no século IV a.C., que elabora os elementos essenciais da Retórica, a primeira ciência a se ocupar basicamente de elementos lingüísticos. Apesar de estar em desuso, a retórica de Aristóteles tem ainda seus ecos, principalmente no discurso jurídico. Mas não só. Segundo observações de Fuchs, a retórica inspira trabalhos contemporâneos sobre a linguagem em áreas como as teorias da literatura (a estilística, a neo-retórica, a semiologia poética, etc., buscam conceitos teóricos na retórica); ou as teorias do discurso, que retomam sob as perspectivas sociolingüísticas e ideológico-políticas os conceitos aristotélicos de papel, lugar e imagem; também as teorias da argumentação, que tal e qual a retórica, fundamentam-se nos mecanismos de persuasão através do discurso, principalmente as correntes lógico-lingüística e pragmático-lingüística; finalmente, na prática, em que se aplicam recursos retóricos em técnicas de expressão, como nos resumos, nas dissertações, etc.

Apesar desta origem longínqua no tempo, a Análise do Discurso começou a ser desenvolvida apenas na segunda metade do século XX. Mariani (1999) cita a obra de Michel Pêcheux como fundadora dessa ciência. Entre as propostas de Pêcheux, a autora destaca a intenção de “abrir uma fissura teórica nos campos das ciências sociais [bem como] propor uma disciplina que pudesse romper com a concepção tradicional de linguagem” (p.107). Essa concepção tradicional pode ser traduzida pelo estudo da linguagem como um sistema fechado, limitada a mero instrumento de comunicação, despossuído de exterioridade. Para Fairclough (1997, p.55), até mesmo nas análises baseadas em Pêcheux, o tratamento do texto seria insatisfatório, por serem “homogeneizados antes da análise pela maneira como o *corpus* é constituído”. Uma outra problemática é que, com esse posicionamento, os textos tendem a ser considerados

como produtos acabados e deixa-se de lado as influências das relações interpessoais de produção e recepção textual.

Entretanto, Fairclough aponta trabalhos de uma “segunda geração da análise de discurso na tradição de Pêcheux”, representada por autores como Bakhtin, Kristeva e Courtine, que alterou profundamente a abordagem, ao aceitar o discurso como prática heterogênea, reconhecendo influências de conceitos como dialogismo e intertextualidade. Os discursos passam a ser vistos como “processos em constante reestruturação” (idem, p.56). Assim, a partir de trabalhos inspirados em Pêcheux, as análises lingüísticas passam a ser divididas em duas grandes correntes ou abordagens. De um lado, trabalhos que buscam dar continuidade e são complementares à abordagem sociocultural de Pêcheux e, de outro, os trabalhos mais “tradicionais” ou “não-críticos”, que buscam recursos para suas interpretações na *língua* em si e não nos seus usos, que tomam por base, principalmente, as obras de Saussure e Benveniste. A análise crítica de Fairclough (1996) tenta sintetizar as duas correntes.

Acredito que análise da prática discursiva deva envolver uma combinação do que se poderia denominar ‘microanálise’ e ‘macroanálise’. A primeira é o tipo de análise em que os analistas da conversação se distinguem: a explicação do modo preciso como os participantes produzem e interpretam textos com base nos recursos dos membros. Mas isso deve ser complementado com a macroanálise para que se conheça a natureza dos recursos dos membros (como também das ordens de discurso) a que se recorre para produzir e interpretar os textos e se isso procede de maneira normativa ou criativa. (...) é a natureza da prática social que determina os macroprocessos da prática discursiva e são os microprocessos que moldam o texto.” (Fairclough, 1996, p. 115)

Fairclough defende que a linguagem da mídia deve ser analisada não apenas em seu conteúdo formal, fechada no enunciado, pois a análise crítica do discurso deve considerar a natureza sociocultural da mídia, bem como suas condições de produção e recepção. Afinal, a língua, elemento essencial da comunicação e da cultura, é indissociável da sociedade. Esta percepção não é exclusiva

daqueles que se dedicam à análise discursiva. Stuart Hall também viu nos estudos da linguagem uma grande possibilidade para a compreensão das mudanças sociais e da própria sociedade. Em *A centralidade da cultura* (1997), Hall faz a seguinte colocação:

Fundamentalmente, a ‘virada cultural’ iniciou com uma revolução de atitudes em relação à linguagem. A linguagem sempre foi assunto de interesse de especialistas, entre eles, estudiosos da literatura e lingüistas. Entretanto, a preocupação com a linguagem que temos em mente aqui refere-se a algo mais amplo – um interesse na linguagem como um termo geral para as práticas de representação, sendo dada à linguagem uma posição privilegiada na construção e circulação do *significado*.”

Em trabalho anterior a Hall, du Gay (1994) já colocava a linguagem como constitutiva dos fatos, não como meramente *descritiva* deles.

(...) uma inversão da relação que tradicionalmente tem se pensado que exista entre as palavras que usamos para descrever as coisas e as próprias coisas. A suposição usual do senso comum é a de que os objetos existem “objetivamente”, como tal, “no mundo” e, assim, seriam anteriores às descrições que deles fazemos. Em outras palavras, parece normal presumirmos que as “moléculas” e os “genes” precedam e sejam independentes dos seus modelos científicos; ou que a “sociedade” exista independentemente das descrições sociológicas que dela se fazem. O que estes exemplos salientam é o modo como a linguagem é presumivelmente subordinada e está a serviço do mundo do “fato”. Entretanto, nos últimos anos, a relação entre a linguagem e os objetos descritos por ela tem sido radicalmente revista. A linguagem passou a ter um papel mais importante. Teóricos de diversos campos — filosofia, literatura, feminismo, antropologia cultural, sociologia — têm declarado que a linguagem constitui os fatos e não apenas os relata.

O que Du Gay quer dizer é que sem uma construção da linguagem sobre qualquer coisa, sem que essa “coisa” ou fato tenha uma denominação ou seja descrita por palavras, efetivamente não podemos conhecê-la, apesar de sua exis-

tência material ou objetiva não depender desse processo. Uma das definições do termo *cultura*, proposta por Hall (1997) pode esclarecer melhor esse raciocínio.

(...) a cultura não é nada mais do que a soma de diferentes sistemas de classificação e diferentes formações discursivas aos quais a língua recorre a fim de dar significado às coisas. O próprio termo “discurso” refere-se a uma série de afirmações, em qualquer domínio, que fornece uma linguagem para se poder falar sobre um assunto e uma forma de produzir um tipo particular de conhecimento. O termo refere-se tanto à produção de conhecimento através da linguagem e da representação, quanto ao modo como o conhecimento é institucionalizado, modelando práticas sociais e pondo novas práticas em funcionamento. Dizer, portanto, que uma pedra é apenas uma pedra num determinado esquema discursivo ou classificatório não é negar que a mesma tenha existência material, mas é dizer que seu *significado* é resultante não de sua essência natural, mas de seu caráter discursivo.

Dentro dessa perspectiva, os discursos seriam constitutivos dos fatos, conceito muito importante para qualquer análise sobre fenômenos comunicacionais, já que contrasta com a assertiva de que os meios de comunicação são mediadores dos acontecimentos, são *veículos informativos*, uma espécie de “ponte” entre o fato e as audiências. A notícia, como *construção narrativa*, relata o fato, mas não o reproduz (mesmo as imagens de tevê, são “filtradas” pelas lentes das câmeras, por isso, o espetáculo que um torcedor de futebol presente no estádio vê é muito diferente daquilo que o telespectador assiste em sua casa). Por consequência, os meios veiculam não os fatos, mas uma versão dos mesmos. Não deixam de funcionar como mediadores, porém, já não poderiam mais ser vistos como uma “ponte” entre os acontecimentos e os receptores, e sim entre a versão de um determinado produtor da informação e o público.

Uma visão crítica dos discursos deve também colocar o receptor como co-autor desses discursos. As condições em que os mesmos são decodificados ou interpretados interferem em seus significados. A formação do leitor, seu histórico de vida, sua posição social, suas preferências pessoais influenciam na significação que dará aos textos que lê, vê e ouve. Por exemplo, uma crítica feita a

um determinado jogador pode parecer justa ou injusta, importante ou absolutamente desnecessária, dependendo de quem a lê.

(...) a mídia ao reportar um acontecimento, reproduz as informações a ele inerentes, mas também produz sentidos, porque a mídia se caracteriza como lugar de construção simbólica dos acontecimentos.

Como cada mídia agenda seus temas de forma própria, cada uma delas vai ler o fato, interpretar e produzir sentidos de acordo com suas estratégias. Dessa forma, um único fato, um evento esportivo, por exemplo, passa a ser um acontecimento múltiplo e cada mídia, de acordo com seu público, vai mobilizar as estratégias para garantir audiência.

Segundo Helal (1998), “a mídia ‘constrói’ fatos, ‘cria’ histórias, ‘fabrica’ mitos e ídolos, porém, tudo isso é realizado, de certa forma, em ‘comum acordo’ com o público que assiste”. (Turtelli, p.43)

É preciso notar também a diferenciação entre textos e discursos. Todo texto possui marcas de um discurso, no entanto, o texto em si não encerra todos os discursos do enunciador. Isso implica numa situação contraditória, pois se os textos não representam os discursos, então não seria possível uma análise completa do discurso através do estudo de um texto. Na verdade, os textos são apenas *fragmentos* dos discursos de seus enunciadores. É exatamente isso que as teorias “sociológicas” da Análise do Discurso acentuam. É preciso conhecer todo o processo de produção e recepção do texto, não basta olharmos suas marcas internas. Estas, oferecem pistas e esclarecimentos essenciais, mas não podem ser tomadas como a visão total dos discursos. Em relação aos textos jornalísticos, esse problema se acentua, já que o processo de comunicação envolve muito mais do que uma *codificação* e *decodificação* do texto, seja impresso televisado ou radiofônico.

A proposta de Fairclough passa exatamente por essa fusão entre uma análise do texto em si, de suas marcas internas, e das condições de produção e recepção do mesmo. Para ele, não podemos descartar os métodos tradicionais de análise, centrados exclusivamente no texto, já que é através destas metodologias



que se consegue pôr em prática a AD. No entanto, segundo Fairclough, a fusão desses dois métodos de análise não teria sido bem sucedida ainda, principalmente devido ao isolamento dos estudos lingüísticos das demais ciências sociais, que, por sua vez, demonstrariam pouco interesse pela linguagem.

Nesse ponto, os Estudos Culturais, ou a “virada cultural” apregoada por Stuart Hall, surgem para preencher o vazio denunciado por Fairclough, que reconhece, entretanto, o esmaecimento cada vez maior das fronteiras entre as ciências sociais e cita como exemplo de tentativas de realizar uma síntese entre o hermetismo da lingüística tradicional e o alargamento de campo da análise social da linguagem, trabalhos de um grupo de lingüistas britânicos na década de 1970, capitaneados por Roger Fowler, que buscaram uma combinação de análise textual sistêmica com teorias de ideologia, e do próprio grupo de Pêcheux.

Ambas as tentativas apresentam um desequilíbrio entre os elementos sociais e os lingüísticos da síntese, embora tenham pontos negativos e positivos complementares: nos primeiros [britânicos], a análise lingüística e o tratamento de textos lingüísticos estão bem desenvolvidos, mas há pouca teoria social, e os conceitos de ideologia e poder são usados com pouca discussão ou explicação, enquanto no trabalho de Pêcheux a teoria social é mais sofisticada, mas a análise lingüística é tratada em termos semânticos muito estreitos. (Fairclough, 1996, p.20)

Fairclough critica o fato de ambos os grupos terem também considerado os textos como produtos acabados e dado pouca atenção aos processos de interpretação textual (recepção). Para tentar preencher este vazio, Fairclough sugere procedimentos para se colocar em prática a análise crítica do discurso que tanto reclama. O próprio autor alerta que não se deve adotar procedimentos fixos para análises de discursos, já que cada um tem sua própria abordagem e cada projeto, objetivos específicos, além da visão pessoal de cada analista acerca do que seja exatamente os discursos.

Duas concepções estão no centro do que se discute aqui: linguagem e cultura. A noção de linguagem, tomada da análise crítica de Norman Fairclough

(1997), a compreende como prática social, situada no campo da ação e mantém uma relação *dialética* com outras facetas do social. “*What I mean by a dialectical relationship is that it is socially shaped, but is also socially shaping - or socially constitutive. Critical discourse analysis explores the tension between these two side of language use*” (p.55). A linguagem assim entendida passa a ter influência direta nos processos de identificação, nas relações sociais e no sistema de significação (que inclui conhecimentos e crenças), entrelaçando-se com a cultura, concebida aqui à moda dos Estudos Culturais, conforme citado anteriormente.

A cultura assume assim posição central em contextos mais amplos, passa a nortear a busca pelo entendimento. É um processo de *conhecer o conhecimento, estudar os estudos, interpretar as interpretações*, constituído em seu núcleo por práticas discursivas, significativas, comunicativas, etc., realizadas através dos muitos modos de utilização das linguagens. Tal qual a sociolinguística, os Estudos Culturais trazem a linguagem e os discursos para a dimensão do social, do significado, e, no mundo dos signos, tudo é significado e significante. Os discursos constituem e são constituídos pelo social, portanto, os fatos socio-culturais transformam-se também em fenômenos discursivos. Do que deriva a necessidade de estabelecer as relações entre cultura e linguagem, conseqüentemente, com a sociedade e o próprio homem.

A “virada cultural” está intimamente ligada a esta nova atitude em relação à linguagem, pois a cultura não é nada mais do que a soma de diferentes sistemas de classificação e diferentes formações discursivas aos quais a língua recorre a fim de dar significado às coisas. O próprio termo “discurso” refere-se a uma série de afirmações, em qualquer domínio, que fornece uma linguagem para se poder falar sobre um assunto e uma forma de produzir um tipo particular de conhecimento. O termo refere-se tanto à produção de conhecimento através da linguagem e da representação, quanto ao modo como o conhecimento é institucionalizado, modelando práticas sociais e pondo novas práticas em funcionamento. (Stuart Hall, 1997)

Assim, os discursos da mídia esportiva, no campo teórico, situam-se na fronteira entre os fenômenos lingüísticos e as práticas sociais. O que não implica esquecer tratem-se também de produções individuais. Em geral, os discursos midiáticos buscam de maneira quase obsessiva mais *objetividade*, o que tem feito muitos textos aproximarem-se de um outro gênero de discurso: os *relatos*. No entanto, os jornalistas esportivos não abrem mão da *subjetividade* em seus discursos, por mais que tentem escondê-la ou que a neguem. É justamente este emprego da linguagem, até certo ponto poético ou artístico, uma das marcas mais relevantes da identidade da mídia esportiva. O grande exemplo dessa vocação poética são as transmissões radiofônicas de eventos esportivos ao vivo. No Brasil, particularmente, os narradores de futebol contribuíram, e muito, para a massificação do futebol com seus gritos de gol estilizados e a paixão com que transmitem os jogos. Já na segunda metade do século XX, o fenômeno das transmissões televisivas traz o narrador esportivo como uma espécie de “mestre de cerimônias virtual”.

No jornalismo impresso esse estilo narrativo está presente nas *crônicas esportivas*, que atualmente são publicadas na forma de “colunas”. No fundo, todo jornalista esportivo é um colunista, já que ao optar por trabalhar com esse *gênero jornalístico* passa a construir textos de acordo com as características de seu público, passional por natureza. E, difícil negar, o jornalista esportivo é também um *torcedor de futebol*, muitas vezes, bastante apaixonado.

Escrever sobre eventos esportivos é tornar-se participante deles, não mais como mero espectador, como ocorre no momento de sua realização, mas como um verdadeiro *juiz* (no sentido daquele que faz julgamentos), que posteriormente irá reconstruir tais eventos em suas narrativas. É, portanto, uma maneira de um espectador privilegiado tornar pública a maneira como vê um determinado evento. Assim, por mais objetividade que tente transparecer nos textos relativos às competições, ao eliminar marcadores lingüísticos que demonstrem subje-

tividade, ou seja, ao buscar incessantemente pela anulação do sujeito no texto, chegando a discursos *pré-moldados*, o jornalista esportivo emite concepções particulares sobre os eventos (antes ou depois de realizados). Assim, as performances dos atletas podem ser consideradas eficientes ou não; um gol pode ser duvidoso ou não, etc. Tudo dependerá da visão que o jornalista teve do fato e o modo como irá narrá-lo.

Então, a objetividade é inatingível em se tratando de esportes? Como em qualquer gênero jornalístico, pode-se, no máximo, conseguir *aproximações* com a objetividade, mas jamais o discurso estará livre de aspectos subjetivos em sua construção. No jornalismo esportivo, a *frieza* de uma informação objetiva chega mesmo a ser incômoda ou indesejável. Isso pode ser exemplificado por matérias relativas a conquistas de títulos internacionais, tanto em esportes coletivos como nos individuais, geralmente carregadas de grandes doses de patriotismo. Raramente o jornalista esportivo consegue se afastar de uma visão passional quando se trata de material envolvendo seu país de origem.

O jornalista esportivo, por mais impessoalidade que tente transmitir na construção de seus textos, não escapa das armadilhas da linguagem e acaba denunciando aspectos relativos às identidades do sujeito elaborador do discurso. Por mais ausente que esteja no *corpus* do texto, ele ainda é o detentor do discurso, é ele quem manipula os dados. Um exemplo prático pode deixar tudo mais claro. Geralmente um bom *lead* para um texto que conte a história de uma partida de futebol, deve conter minimamente as seguintes informações: *quem* jogou contra quem, o *resultado* do jogo, *quando* e *onde* se realizou o evento e as *conseqüências* imediatas do resultado. Assim para noticiar um empate entre dois grandes times (x e y), o jornalista poderia usar uma espécie de fórmula: *x e y (quem) empataram em 0 a 0 (resultado) ontem à noite no estádio do Pacaembu em São Paulo (quando e onde). O resultado tira as chances de classificação das duas equipes (conseqüência)*. De fato, basta verificar rapidamente as reportagens que tratam de partidas de futebol realizadas, para reconhecer estes marca-

dores lingüísticos. Mas o jornalista não se furta de colocar a sua opinião, de mostrar o modo como ele viu o jogo. Os trechos abaixo, *leads* de matérias veiculadas pelo Jornal da Cidade, são exemplares:

1. “O Fluminense foi ao ataque, meteu cinco bolas na trave, mas perdeu para o Atlético Mineiro por 1 a 0, ontem em Édson Passos, gol de Lúcio Flávio, e complicou mais ainda sua situação”.

Texto da agência Lancepress. (29/10/2003, p. 12)

2. “No sufoco, na persistência com dois gols marcados no final do jogo. Assim o São Caetano se reabilitou dentro do Brasileiro ao vencer o Paraná, por 2 a 0, ontem à tarde, no estádio Anacleto Campanella. O herói da tarde foi o atacante Warley que entrou no segundo tempo e marcou os gols da vitória”.

Texto da Agência Estado (29/10/2003, p.12)

3. “O Noroeste não jogou bem e chegou a ser pressionado pelo Paraguaçuense, que vem sendo ‘saco de pancada’ na Copa Estado de São Paulo. Mas venceu o jogo de ontem à tarde, em Paraguaçu Paulista, por 1 a 0, mantendo as chances de vaga para a próxima fase da competição”.

(06/10/2003)

Os três textos têm em comum os elementos essenciais para o *lead* citados anteriormente, conforme o quadro abaixo:

	<b>Texto 1</b>	<b>Texto 2</b>	<b>Texto 3</b>
<b>Quem</b>	Fluminense x Atlético-MG	São Caetano x Paraná	Paraguaçuense x Noroeste
<b>Resultado</b>	0 x 1	2 x 0	0 x 1
<b>Quando</b>	Ontem	Ontem à tarde	Ontem à tarde
<b>Onde</b>	Édson Passos	Est. Anacleto Campanella	Paraguaçu Paulista
<b>Conseqüências</b>	(Fluminense) complicou ainda mais sua situação	(São Caetano) se reabilitou.	(Noroeste) mantém chances de obter vaga na próxima fase da competição.

Por outro lado, guardam marcas que deixam claro algumas preferências do enunciador oculto, no caso, os jornalistas. Em todos eles, o tema central não é o jogo em si, mas a atuação das equipes (Fluminense, São Caetano e Noroeste), demonstrando uma certa preferência do narrador, salientada no item “conseqüências”, que tece comentários apenas em relação às referidas equipes. No texto 1, por exemplo, ficaram claras as conseqüências em relação a um dos times, mas e para o outro, o que acarretaria? No texto 2, o jornalista emite um julgamento sobre o evento, enquanto em 3, o julgamento recai não sobre o jogo,

mas sobre um dos clubes. Em 1 e 2, é como se os adversários das equipes “eleitas” não estivessem presentes. Em 3, esta presença é motivo de chacota. Ações potencialmente pessoais, possíveis de serem realizadas apenas pelo *manipulador* do texto, que mesmo não aparecendo, deixa marcas claras de suas escolhas, imprime ao texto características pessoais.

No entanto, o paradoxo é que, no jornalismo esportivo, esse procedimento, que em política, por exemplo, seria antiético, não é prejudicial, ao contrário, pode ser até *desejável*. E, como exemplo, estão eventos como os Jogos Olímpicos e os campeonatos mundiais de diversas modalidades, que mobilizam milhões de pessoas em busca do “prazer” proporcionado pelo espetáculo, da estranha sensação de também fazer parte do jogo, mesmo sem jogá-lo. É com este aspecto que o jornalismo esportivo passou a trabalhar e a ganhar seu público e construir sua identidade. É neste campo da exacerbação, da explosão de sentimentos que o jornalista busca as expressões e constrói um discurso que não pode deixar de receber as marcas emotivas e das preferências de sua fonte.

Muitas vezes, as escolhas não aparecem numa primeira leitura, ou numa leitura superficial do texto, mas estão claras quando dirigimos um olhar mais atento à questão como nos exemplos do quadro 1. Esta *opacidade* do texto já foi bastante explorada por Pierre Bordieu e assim sintetizada por Norman Fairclough (1997), em tom quase de denúncia:

*... our social practice in general and our use of language in particular are bound up with causes and effects which we may not be at all aware under normal conditions (...) Specifically, connections between the use of language and the exercise of power are often not clear to people. (p.54)*

Ou seja, há no texto muito mais do que podemos ver em sua superfície. Em se tratando de competições esportivas estas relações podem ser vistas como *inofensivas*, mas uma análise que considere aspectos socioculturais não pode fugir do conceito de que o jornalismo esportivo está inserido numa estrutura

maior, não está dissociado de todo o meio midiático, ao contrário. Ainda que carregado de mais subjetividade, o jornalismo esportivo não está livre das mesmas influências que agem sobre os demais gêneros de discurso jornalístico, como a linha editorial do veículo ou as condições de produção da notícia no ambiente da prática profissional. Muitos dos problemas da mídia esportiva são correlatos aos de outros gêneros jornalísticos.

Uma questão bastante discutida em termos da linguagem empregada pelos jornalistas esportivos é quanto à violência, não a do esporte em si, mas dos termos empregados, como chamar uma determinada partida de “batalha” ou “duelo de vida ou morte”. A vitória é saudada como atos heróicos e a derrota, humilhação. Quatro dos sete entrevistados desta pesquisa, sendo três ligados a torcidas organizadas, concordam que o vocabulário bélico da imprensa de alguma maneira contribui para a violência, predispondo os torcedores a participarem das “batalhas”.

“Acho que essa instigação da rivalidade acaba sendo desnecessária, porque traz um efeito negativo para os torcedores. Acho que contribui com a violência. A gente torce para brincar mesmo, para brincar com o amigo que torce para o outro time, mas, infelizmente tem gente que leva para o outro lado, parte para a ignorância, para a violência. Acho que a mídia contribui um pouco para isso, não explicitamente, mas implicitamente.” (André Paulo da Silva Mantovani, em entrevista)

O entendimento da questão central abordada neste trabalho - as representações culturais do torcedor de futebol no jornalismo esportivo -, de acordo com as proposições teórico-metodológicas apresentadas, deve passar inicialmente por um estudo bibliográfico sobre as origens do fenômeno futebol, seu desenvolvimento e importância para a história sociocultural do Homem. Pois assim, será mais fácil compreender como essa prática esportiva consegue despertar sentimentos tão fortes nos torcedores de futebol. Ainda no mesmo capítulo será debatida a presença do jornalismo esportivo no “universo do futebol”.

## **CAPÍTULO 2**



## O FUTEBOL

O futebol é hoje o esporte que mais atrai espectadores no mundo; estima-se que a final da Copa do Mundo de 2002, entre Brasil e Alemanha, tenha sido assistida por mais de dois bilhões de pessoas. Neste capítulo, pretende-se facilitar a compreensão de como o futebol deixou de ser um simples jogo ou diversão e se tornou um dos maiores fenômenos de massa da atualidade. Além de ocupar milhares de páginas na mídia impressa, bem como tempo significativo no rádio e na televisão e incontáveis megabytes na rede mundial de computadores, o futebol é assunto constante nas conversas cotidianas de parcela significativa da população de muitos países. No Brasil, a presença do futebol no cotidiano pode ser notada até mesmo na língua falada, recheada de expressões extraídas desse jogo, como por exemplo, “dar bola”, usada para expressar interesse amoroso ou sobre um assunto qualquer; enganar alguém, em qualquer situação, é o mesmo que “driblar” ou “dar um chapéu<sup>20</sup>”, ao contrário, quem engana ou faz algo desagradável, “pisa na bola”; ser excluído de algo é ficar “fora da jogada”; depois de um acontecimento trágico, é comum o uso da expressão “bola pra frente”, como consolo; desistir de alguma coisa pode ser expresso por “tirar o time de campo”; a aposentadoria é o “pendurar as chuteiras”; algo que promete dar certo “vai dar jogo”; etc.

Busca-se aqui apresentar subsídios que possibilitem uma maior compreensão de como o futebol atingiu a condição de principal esporte coletivo praticado atualmente no mundo. Inicialmente, conceitua-se o termo esporte em relação à sociedade contemporânea, a seguir, resgata-se, através de pesquisa bibliográfica, a história do futebol no mundo e no Brasil. Tal como o anterior, este é um capítulo dissertativo, em que não se pretende apresentar nenhuma grande descoberta, mas busca diferenciar-se da maioria dos textos a respeito do assunto por assentar-se em conceitos culturoológicos, busca-se dados que possam de-

---

<sup>20</sup> Neste caso “chapéu” se refere a um drible em que um jogador passa a bola por cima do outro e a pega do outro lado, que exige muita habilidade e é considerado humilhante a quem o sofre.

monstrar o desenvolvimento do fenômeno além da sua esfera de produção ou de seu espaço específico, como um fato social inserido historicamente na construção da cultura do Homem contemporâneo.

Primeiramente, é necessário considerar uma distinção entre dois tipos de futebol: o informal e o profissional ou oficial, que pode ainda ser chamado de *futebol-espetáculo*. No primeiro caso, refere-se ao futebol praticado por milhões de crianças e adultos ao redor do planeta com o objetivo único de se divertirem, em que não se obedece às regras institucionalizadas, mas àquelas acordadas entre os participantes que podem ser em número bastante variável – no Brasil é chamado de *pelada* ou *futebol de rua*; no segundo, está o futebol em que equipes (amadoras ou profissionais) se enfrentam sob um conjunto de regras pré-estabelecidas pelas entidades reguladoras do esporte. Apesar de serem formas distintas, é importante observar que uma depende da outra, já que sem o futebol informal, o oficial perderia sua maior fonte de “matéria prima” (jogadores), enquanto o informal se ressentiria da falta de uma referência.

Para Giulianotti (1999), os principais fatores para a popularidade do futebol são a relativa simplicidade das regras, equipamentos e técnica para se praticar o jogo de modo informal. Ou seja, embora tenha um conjunto de regras oficiais mais complexas (muitas desconhecidas pelo grande público), o futebol pode ser jogado obedecendo-se a princípios básicos simples, como o uso dos pés para controlar a bola e o vencedor ser aquele que marcar mais gols. Por todo o planeta, joga-se futebol nos mais variados espaços e com um equipamento mínimo: basta uma bola, que pode ser feita de qualquer material (no Brasil, a “bola de meia” é bastante popular entre crianças pobres, confeccionada com uma meia velha cheia de papel). Além disso, pode ser jogado com eficácia por indivíduos de qualquer porte físico, ao contrário, por exemplo, do basquete e do vôlei, em que os jogadores mais altos levam nítida vantagem. Se tiver boa habilidade, um jogador de futebol franzino pode ser superior a outro mais forte. Tais caracterís-

ticas certamente influenciam para que o futebol seja bastante popular entre as classes mais pobres.

Embora tais brincadeiras sejam importantes para que o indivíduo adquira simpatia pelo jogo, elas não passam de arremedos do fenômeno a que se refere este texto, que consegue mobilizar em torno de um único episódio – como a final de uma Copa do Mundo – mais da metade da população do planeta. Esse é um outro futebol, o oficial, que pode ser também denominado *futebol-espetáculo*, um espaço que abriga relações socioculturais bem mais complexas e que atrai ainda mais simpatizantes que o futebol informal. Para estar envolvido no mundo do futebol-espetáculo não é necessário praticá-lo, pois a mídia consegue levá-lo a toda parte. Não há dúvida de que existem torcedores de futebol que jamais foram a um estádio, ou que mal sabem chutar uma bola, entretanto, podem mostrar tanto entendimento do jogo quanto qualquer *expert*. Para isso contam com o auxílio de análises de especialistas, dados estatísticos e históricos que lhes são oferecidos diariamente pelos veículos midiáticos.

Se não há muitas dificuldades em apontar os motivos que mais influenciam para que o futebol informal seja tão popular, o mesmo não se pode dizer em relação ao futebol espetáculo. Entre outras motivações, pode-se dizer que o futebol atrai e fascina porque é um jogo carregado de emoções; porque opõe identidades geográficas e culturais; porque reproduz estruturas sociais conflitantes, etc. Para Fernández (1974), o futebol é *catártico*, funciona como terapia para as massas, na qual estão incluídos indivíduos das camadas populares, intelectuais e homens de negócio, que se deixam dominar pela excitação provocada pelo jogo, bem como os jogadores, embora muito se critique o fato de que no futebol moderno os atletas estariam mais interessados no dinheiro do que na disputa em si. Entretanto, durante os jogos de futebol há uma entrega dos atletas que muitas vezes levam a atitudes extremas em consequência do descontrole emocional provocado pela “refrega”. Fernández lembra que o termo grego *katharsis* foi empregado por Aristóteles em sua *Poética* para designar o efeito libe-

rador da tragédia, gênero literário que alivia emoções “desagradáveis” no espectador, como temor e piedade. Ainda segundo a autora, o termo foi retomado pela psicanálise para “definir o método que leva à exteriorização das emoções recalcadas por meio de palavras, atos ou sentimentos” (p.39). Posicionamento que associa o futebol a fatores psíquicos e que justifica afirmações do tipo “o futebol funciona como válvula de escape”. Como a maioria da população brasileira vive sobre pressão de condições socioeconômicas desfavoráveis, o futebol rapidamente tornou-se popular. No entanto, o futebol é também bastante popular na Suécia, país de condições socioeconômicas opostas às brasileiras.

Atribuir a popularidade do futebol ao fato de no jogo oporem-se grupos socioculturais antagônicos, e na possibilidade de grupos socialmente discriminados poderem superar o dominante, também é atraente, mas pouco sustentável, já que diversas outras modalidades esportivas também acumulam tais características, mas nem por isso conseguem chamar tanto a atenção, como acontece com o handebol e o voleibol. A própria questão da emoção do jogo de futebol é questionável, pois muitas pessoas – especialmente as mulheres – não vêem emoção alguma no jogo de futebol, pelo contrário, acham-no entediante.

Uma outra ressalva a ser feita é que o futebol não é tão popular em alguns países, que têm no basquete, hóquei, voleibol, beisebol e críquete os principais esportes. Nos Estados Unidos, onde o futebol é chamado *soccer*, o basquete, o beisebol, o hóquei e o futebol americano são mais populares. O beisebol também supera o futebol em número de adeptos em Cuba, no Japão e na Venezuela. Indianos e paquistaneses preferem o críquete. Mas nenhuma dessas modalidades consegue se aproximar dos números que o futebol alcança em escala mundial. Nenhuma delas tem uma organização centralizada e unicidade de regras, além de serem praticadas profissionalmente em um número bastante limitado de países, ao passo que o futebol profissional existe em boa parte das 205 nações filiadas à Fifa, órgão que centraliza a organização da modalidade.

Na verdade, todas essas e muitas outras explicações para a popularidade do futebol têm sua parcela de verdade, mas contestáveis se pensadas isoladamente. O futebol atrai e fascina por essas e outras razões em conjunto, há uma junção de elementos que o transforma em um fenômeno único entre todas as modalidades esportivas. Além disso, é impossível pensar o futebol sem a intervenção da mídia, que usa sua capacidade de *agenda-setter* para colocar o futebol na pauta das conversas, bem como para promover os espetáculos. A mídia, por si, não pode inculcar a paixão pelo jogo no indivíduo, mas pode lhe chamar a atenção para tais atividades, com as quais não teria contato sem ver televisão, ouvir rádio ou ler jornais. Para entender o processo que levou o futebol à condição de espetáculo midiático é necessário um resgate de sua trajetória histórica, bem como de seu significado enquanto “esporte”.

### *Esporte: jogo, competição e espetáculo*

O termo esporte é constantemente relacionado ao *lazer*, se visto como um conjunto de atividades físicas praticadas de maneira individual ou coletiva com fins de aperfeiçoamento corporal e mental e, principalmente, para manter o indivíduo ocupado em seu tempo livre. Pode ser visto também como pertencente a algumas das áreas da *saúde*, se entendido como um conjunto de exercícios físicos realizados com finalidades curativas ou corretivas de problemas corporais e mentais – como nas caminhadas ou exercícios praticados em academias de ginástica –, aconselhados por médicos para melhorar a circulação sanguínea, postura, etc. Na língua portuguesa, o termo esporte pode distinguir ainda um tipo de vestimenta, oposta à chamada roupa social, ou pode ser uma referência às práticas realizadas sem fins lucrativos, por exemplo, quando o sujeito pinta quadros “por esporte”, ou seja, não o faz para vendê-los, apenas por gosto pessoal, para “passar o tempo”.

Mas atualmente, esporte refere-se à *competição* ou às disputas do homem contra ele mesmo (só ou em grupo), o tempo ou obstáculos (naturais ou não) pelo simples prazer de superar marcas. Diz respeito às diversas modalidades de competição, como futebol, tênis, voleibol, basquete, rugby, beisebol, etc. A mídia se orienta por essa idéia de esporte como competição, como jogo, portanto, é esse o significado que o termo assume neste texto. Mais precisamente, refere-se ao que Bourdieu (1983, p. 137) classifica como o “sistema de instituições e de agentes diretamente ou indiretamente ligados à existência de práticas e de consumos esportivos”. Definição que supera a idéia de esporte como atividades físicas, de maior interesse para estudos do campo da Educação Física.

Turtelli (2002) cita artigo de R. C. Grinvald, que divide o esporte em três segmentos: no primeiro estaria o esporte educativo, praticado nas escolas, e o recreativo, como prática de lazer e diversão; no segundo, encontra-se o esporte competição, em que predomina o componente agonístico e “é praticado de maneira sistemática e organizado através de federações e clubes”; finalmente, o terceiro é o esporte competição-espetáculo, em que unem-se ao componente agonístico fatores econômicos, políticos e sociais. Para a autora, o esporte moderno se encaixa no terceiro segmento, o que também é aceito no presente texto.

Esporte e competição são termos que desde o século XIX têm sido associados e cada vez mais entendidos como sinônimos. Entre os principais fatores que contribuem para essa fusão de significados está a fundamentação de ambos na noção de *jogo*. Este, de acordo com a Antropologia, é um dos três pilares da coesão e da organização social (os demais são o sagrado e a festa). E, o esporte tem, ou teve em algum momento, relações sólidas com esse tripé, como se verá ao longo deste texto. Huizinga (2000) defende o jogo como atividade lúdica por excelência, que antecede a própria cultura e, como exemplo, cita as brincadeiras de filhotes de cães, que para ele seriam uma das formas mais simples do jogo entre animais. O autor, entretanto, não aceita uma completa distinção entre jogo e competição, já que para ele todo o tipo de competição é passível de ser incluí-

do na categoria de jogo, ainda que boa parte das competições tenha adquirido seriedade extrema na história da evolução humana. E, se a competição, tal como o jogo, “é desprovida de objetivo”, ou seja, a ação começa e termina em si mesma sem resultar em qualquer contribuição para o processo vital do grupo, e, conseqüentemente, interessa apenas para os que participam da ação, seja como jogadores, competidores ou espectadores, presume-se que seja também desprovida de seriedade. O filósofo resume assim a noção de jogo:

(...) o jogo é uma atividade ou ocupação voluntária, exercida dentro de certos e determinados limites de tempo e de espaço, segundo regras livremente consentidas, mas absolutamente obrigatórias, dotado de um fim em si mesmo, acompanhado de um sentimento de tensão e de alegria e de uma consciência de ser diferente da ‘vida quotidiana’. (p. 33)

Huizinga lembra que normalmente o jogo acontece de maneira paralela à vida corrente, é uma atividade não habitual, muitas vezes imprevista, mas assim mesmo absorve completamente os jogadores e eventuais testemunhas (platéias, assistências). Embora esteja presente no cotidiano, o jogo ao ser encerrado não traz maiores conseqüências para a sociedade, por isso, se enquadra na categoria das coisas *não-sérias*, essencialmente lúdicas. Assim, a seriedade de grande parte das competições contemporâneas – como o futebol – as exclui da categoria jogo. Entretanto, o jogo pode ser bastante sério, inclusive com a possibilidade de colocar a vida em risco, por outro lado, algo *não-sério* pode não se tratar de um jogo. O esporte moderno, de alta competitividade, principalmente a partir do século XIX, baseia-se pela organização de grandes espetáculos que movimentam quantias gigantescas de dinheiro em todas as partes do mundo, por isso, perdeu a essência lúdica, tornou-se um grande negócio, não tem nada de *brincadeira* para os atletas e indivíduos envolvidos na organização. O próprio Huizinga, que escreveu sua obra no início do século passado, já o notara.

Desde o último quartel do século XIX que os jogos, sob a forma de esportes, vêm sendo tomados cada vez mais a sério. As regras se tornam cada vez mais rigorosas e complexas, são estabelecidos recordes de altura, de velocidade ou de resistência superiores a tudo quanto an-

tes foi conseguido (...) Ora, esta sistematização e regulamentação cada vez maior do esporte, implica a perda de uma parte das características lúdicas mais puras. Isto se manifesta nitidamente na distinção oficial entre amadores e profissionais (ou “cavalheiros e jogadores” como já foi hábito dizer), que implica uma separação entre aqueles para quem o jogo já não é jogo e os outros (...) O espírito do profissional não é mais o espírito lúdico, pois lhe falta a espontaneidade, a despreocupação. (p. 219)

Para Huizinga, esses fatores afastariam o esporte moderno de seu conceito de jogo também porque perde-se a ligação espiritual e as conotações religiosas originais do jogo e das primeiras competições esportivas da Antigüidade. O esporte torna-se dessacralizado, uma atividade profana e fora do conceito de cultura adotado por ele, pois perde também a espontaneidade e suas ligações orgânicas com a estrutura da sociedade. O excesso de seriedade do esporte moderno teria eliminado o elemento lúdico de tais práticas. É possível notar uma certa nostalgia no ponto de vista do filósofo, que tem seus estudos bastante ligados à Idade Média, o que faz de suas convicções contraditórias a boa parte dos conceitos atuais que vêm no esporte, ou nos espetáculos esportivos modernos, a apoteose do elemento lúdico de nossa civilização.

Nesse ponto, Pierre Bourdieu (1983) trabalha numa linha bastante semelhante à de Huizinga. Para o sociólogo, desde que as práticas esportivas passaram a ser regulamentadas, disciplinadas, normatizadas e tuteladas por associações afastou-se definitivamente da idéia de *jogo*. Bourdieu, inclusive, afirma ser um erro considerar os jogos das sociedades pré-capitalistas como práticas pré-esportivas.

Esta comparação [jogos das sociedades pré-capitalistas com esporte moderno] só tem fundamento quando, indo exatamente na direção inversa da busca das origens, tem como objetivo (...) apreender a especificidade da prática propriamente esportiva ou, mais precisamente, de determinar como alguns exercícios físicos pré-existentes passaram a receber um significado e uma função radicalmente novos – tão radicalmente novos como os casos de simples invenções, como o vôlei ou o basquete – tornando-se esportes definidos em seus objetos de disputas, suas regras do jogo e, ao mesmo tempo, na qualidade social dos participantes, praticantes ou espectadores, pela lógica específica do “campo esportivo”. (p. 138)



Assim, o esporte moderno pensado a partir de seu significado seria um fenômeno exclusivo da sociedade industrial ou capitalista, enquanto a prática esportiva em si, a atividade física tem origens remotas. Segundo Bourdieu, nos casos do futebol e do rúgbi (esportes que compartilham das mesmas raízes históricas), a transformação de atividade física pura e simples em processos sociais amplos e complexos teve origem entre os séculos XVII e XVIII na Inglaterra, o que se confirma pela história do futebol apresentada mais adiante neste texto.

Parece indiscutível que a passagem do jogo ao esporte propriamente dito tenha se realizado nas *grandes escolas* reservadas à “elites” da sociedade burguesas, nas *public schools* inglesas, onde os filhos das famílias da aristocracia ou da grande burguesia retomaram alguns *jogos populares*, isto é, vulgares, impondo-lhes uma mudança de significado e de função muito parecida àquela que o campo da música erudita impôs às danças populares, *bourrées*, gavotas e sarabandas, para fazê-las assumir formas eruditas como a suíte. (p.139)

Essa distinção entre as atividades físicas pré-capitalistas e os processos esportivos contemporâneos, entretanto, não representa uma ruptura isolada, própria e exclusiva do campo esportivo, uma vez que este faz parte do universo sociocultural do Homem, nem tampouco “apaga” o passado e dissocia as origens dos esportes modernos daquelas práticas. O que Bourdieu e Huizinga defendem é que o esporte de nossos dias se diferencia das práticas que lhe deram origem exatamente por ter deixado de lado os aspectos lúdicos (em Huizinga) e ter assumido um fim em si mesmo, dissociado de ocasiões sociais ordinárias, como festas agrárias e festivais sagrados (em Bourdieu), ou seja, deixa de ser um jogo para se tornar atividade lucrativa ou espetáculo à venda.

Os Jogos Olímpicos na Grécia Antiga seriam o exemplo documentado mais longínquo do que hoje conhecemos como competições esportivas, ainda que muito distante dos espetáculos atuais, pois tinham uma função religiosa. Mas as disputas atléticas são anteriores aos Jogos Olímpicos gregos, afinal, estes também têm uma história que remonta aos tempos lendários. Fontes literárias e

iconográficas comprovam que no Egito e na Mesopotâmia, milênios antes dos Jogos Gregos, já eram realizadas atividades atléticas. No Egito antigo praticava-se luta, combate com varas, boxe, acrobatismo (semelhante em muitos aspectos à ginástica olímpica), vela, *jogos com bola* e eventos eqüestres. Alguns textos egípcios referem-se à importância de atividades físicas na preparação do Faraó e de membros da corte, o que sugere que os eventos atléticos eram restritos às classes altas. Na própria Grécia pré-clássica existem registros de atividades físicas anteriores aos Jogos Olímpicos. Afrescos indicam que nobres minuanos de Creta (2.100 a 1.100 a.C.) praticavam a ginástica, boxe, luta e acrobacias, além de competições de salto sobre o touro. Os miocenos (1.600 a 1.100 a.C.) teriam adotado essas práticas, às quais acrescentaram as corridas de bigas e competições de pista. Em todos esses casos existiam fortes componentes religiosos.

Os esportes modernos, associados a práticas de lazer e com regras para as competições, tiveram origem apenas na sociedade européia, especialmente a inglesa, dos séculos XVIII e XIX, segundo atesta também trabalho apresentado por Garrido (1999). Na Inglaterra do século XVIII, a Revolução Industrial estabelecera a distinção entre classes e passara a exigir uma regularidade na conduta dos indivíduos, especialmente nas chamadas camadas mais “altas” da sociedade. Nessa época, muitos dos jogos praticados por toda a Europa eram bastante violentos. Como as classes altas inglesas começavam a adotar um comportamento de busca por uma regularidade na conduta individual e a adquirir novos hábitos sensíveis a qualquer forma de violência, passou-se a estabelecer “restrições civilizadoras” a determinados jogos para que pudessem ser praticados sem ferir tais parâmetros distintivos.

O Estado impunha um desenvolvimento social em conjunto com educadores, moralistas, policiais e médicos. Através de um controle social mais rigoroso sobre a população, esclarecia os perigos que ameaçavam a vida coletiva. (...) Desse modo, as atividades esportivas devem ter representado uma resposta de transformação para a formação de um homem de hábitos civilizados, com formação moral e um corpo fortalecido e saudável, ou seja, práticas desenvolvidas como fatores de

higiene e saúde. O esporte, um hábito social de lazer distintivo das classes altas, passava a significar uma atividade geradora de autocontrole a ser alcançada através de suas regras escritas, que coíbiam ou limitavam a violência entre os praticantes do confronto. (Garrido, 1999, p. 20)

Ainda segundo Garrido, na Alemanha dos séculos XVIII e XIX se desenvolveram outros elementos que compõem os esportes contemporâneos. A fim de atender interesses nacionalistas, à preparação militar, à reabilitação de enfermos e à saúde física de toda a população, desenvolveram-se naquele país exercícios físicos sistematizados (ginástica) com a utilização de equipamentos, emprego de estatísticas e prescrição de treinamentos. Logo surgiriam os chamados grêmios (clubes) e competições de ginástica entre regiões. O grande objetivo era a integração nacional da Alemanha.

A partir dessas situações que logo se estenderiam a outros países europeus e à América, padronizaram-se distâncias, tempos e espaços de acordo com cada modalidade, bem como foram criadas regras e aperfeiçoados equipamentos para as diversas práticas atléticas que surgiam e se consolidavam, como o futebol, o boxe, o remo, o atletismo, o beisebol, o rugby, etc. Com a integração mundial pelos meios de transportes e de comunicação, o esporte aos poucos assumiu as características atuais de um dos fenômenos de maior magnitude no planeta, com eventos que envolvem milhões de pessoas e cifras astronômicas.

Um grande e decisivo marco para a consolidação do esporte moderno foi o ressurgimento dos Jogos Olímpicos no final do século XIX, graças ao trabalho do barão francês Pierre de Coubertin. A primeira Olimpíada da Era Moderna foi disputada em Atenas em 1896 por 285 atletas, representantes de 13 países. Consta que a abertura do evento foi presenciada por cerca de 80 mil pessoas. Foram disputadas as seguintes modalidades: atletismo, ciclismo, esgrima, ginástica olímpica, levantamento de pesos, luta greco-romana, natação, tênis e tiro. São números bastante modestos se comparados aos Jogos de 2004, coincidentemente, também disputados na Grécia, onde praticamente todas as nações

do mundo se fizeram representadas por cerca de dez mil atletas. Mas o que distingue o esporte moderno é sua característica de *espetáculo*, que movimenta enormes quantias de dinheiro diariamente, sua constituição em um nicho de mercado, processo iniciado paralelamente à industrialização e ao desenvolvimento do capitalismo, mas que ganhou impulso principalmente a partir das intervenções da mídia, como já visto no primeiro capítulo.

Assim, embora tenha raízes na Antigüidade, o esporte é um fenômeno contemporâneo sem paralelos em outras épocas. As competições esportivas ancestrais integravam um sistema de rituais religiosos, situavam-se no campo do sagrado. Na Idade Média, estavam associadas às festas e festivais populares, às datas comemorativas. Na Modernidade, depois de serem devidamente apropriadas pelas elites européias que lhes deram regras nos colégios e associações, as práticas esportivas foram reapropriadas pelas classes populares que tanto passaram a praticá-las normativamente como também a dar sustentação aos espetáculos esportivos, que têm no futebol sua melhor tradução. Esse é o tema do próximo item, que busca, através de pesquisas bibliográficas sobre a história do futebol, demonstrar inicialmente como esse esporte se faz presente em variados momentos e lugares da história do Homem e posteriormente na constituição da cultura brasileira.

## *A(s) história(s) do futebol*



*Reprodução de quadro retratando o tsu-chu, praticado na China, e, provavelmente, a forma mais antiga de “futebol”. (Disponível em <http://www.fifa.com>, acesso em 18/05/2004)*

O futebol como é praticado hoje é uma modalidade esportiva criada e regulamentada na segunda metade do século XIX na Europa, entretanto, suas raízes remontam a diversos jogos em que se usavam bolas ou objetos esféricos desde a Antigüidade. A atração do homem por jogos é primitiva, “anterior à cultura”, como sentencia Huizinga, e sempre esteve acompanhada da utilização de objetos esféricos. O antropólogo suíço Joham Jacob Bachofen, que ficou mais famoso por sua “teoria do matriarcado”, descobriu nas paredes de cavernas da região de Kerven na Nova Guiné desenhos rupestres datados da pré-história que retratam figuras humanas correndo atrás de um objeto de aspecto arredondado. A cena chama a atenção por ser o primeiro registro de uma atividade física humana. Estudos posteriores sobre estes desenhos, encomendados pela Universidade de Munique, concluíram que se tratava sim de uma atividade lúdica. Outros achados arqueológicos permitem afirmar que há mais de trinta séculos um jogo de bola, praticado com o pé, era conhecido no Egito, na Babilônia e entre povos asiáticos. É quase certo que tal prática tinha caráter religioso, na qual a bola simbolizaria o Sol (Egito), a Lua (Babilônia) ou ainda maus espíritos que os jovens afugentavam com chutes em uma bexiga de boi inflada de ar (Ásia).

Os escritores Lao-tse e Yang-tse fazem referência a um jogo de bola, que teria sido praticado em território chinês por volta do século V a.C., durante a dinastia Hsia (ou Hia) e que se tornou bastante popular durante a dinastia Han entre os séculos II e III a.C. Esse jogo, cuja invenção muitos autores atribuem ao próprio Yang-tse, chamava-se *tsu-chu* ou *ts'uh kúh*, expressão que significa “golpear a bola com o pé”, e fazia parte do treinamento militar da guarda do imperador Huang-ti. O jogo tinha regras simples: dois grupos de oito soldados disputavam uma bola feita de couro, recheada com pêlos de crinas de cavalos, lascas de madeira e fibras de vegetais e tinham de passá-la sobre um fio de seda esticado entre duas estacas. Outra semelhança dessa prática com o futebol contemporâneo é o fato de que era realizada dentro de uma área demarcada por um quadrado de 14 metros de cada lado. No entanto, o *tsu-chu* teria características próprias, como não ser permitido que a bola tocasse o solo e ser praticado também com o uso das mãos.

No *site* oficial da Fifa - Federação Internacional de Futebol<sup>21</sup>, entidade que regulamenta e organiza o futebol mundial, a história do futebol, escrita por Wilfried Gerhardt (1979), apresenta uma versão do *tsu-chu* na qual a bola tinha de ser passada “com o pé por uma pequena rede, com uma abertura de 30 a 40 centímetros, fixada em varas de bambu”. Esse mesmo autor afirma que existiria ainda uma outra versão do *tsu-chu*, “segundo a qual os jogadores eram obstruídos no caminho de suas metas e podiam jogar a bola com os pés, peito, barriga e ombros – mas não com as mãos – tendo que salvar os ataques de um oponente”. O que demonstra que as táticas de ataque e defesa do futebol moderno não são novas.

Sem datas precisas (“500 a 600 anos mais tarde”, segundo Gerhardt) registra-se no Japão um jogo semelhante ao *tsu-chu*, denominado *kemari*, expressão que significa “chutar (*ke*) a bola (*mari*)”, e que ainda hoje é praticado. Embora inspirado no jogo dos chineses, o *kemari* possui algumas características

---

<sup>21</sup> <http://www.fifa.com/es/history/history/0,1283,1,00.html>

próprias e está ainda mais distante da competição, já que não conta pontos e seu objetivo se restringe a apurar a técnica de dominar a bola com os pés. O kemari era um dos passatempos favoritos da realeza e há registros de que os imperadores En-ji e Ten-ji o praticavam regularmente. Turtelli (2002, p. 10), aponta o *kemari* como um jogo praticado no Japão “há aproximadamente 1.400 anos”, que lembra aspectos do futebol moderno e o futevôlei praticado atualmente em praias brasileiras.

[o *kemari*] era jogado com uma bola de couro de veado, cheia de seragem, com aproximadamente 25 cm de diâmetro. Era muito popular durante os séculos X a XVI e hoje ainda existem jogadores de *kemari*, que jogam especialmente durante as festividades da primavera. O jogo contava com oito participantes, duas equipes de quatro jogadores cada uma. Os jogadores formavam um círculo, a bola era lançada, e o objetivo era chutar a bola tantas vezes quanto possível sem deixá-la cair no chão. O campo de jogo era delimitado por quatro árvores, cada uma em um canto do quadrado.

Costa (2005) fornece dados mais detalhados sobre o kemari, com algumas divergências. Segundo o autor, esse jogo era praticado “apenas” como entretenimento, no qual os participantes se portavam com bastante delicadeza e interrompiam a partida inúmeras vezes para se desculpar e confraternizar. Costa afirma que no kemari os japoneses “usavam as mãos, os pés e uma bola de couro de 22 cm de diâmetro, cheia de detritos orgânicos”. O campo seria uma área quadrada com 20m de cada lado e nos cantos havia árvores que simbolizavam os valores da cultura japonesa da época.

No canto Noroeste havia um pinheiro que representava a virtude. No canto Nordeste, uma cerejeira representava a amizade. No canto Sudoeste, uma amendoeira representava a fraternidade. No canto Sudeste, um salgueiro representava a cortesia. A existência dessas árvores marca o clima de camaradagem que imperava no campo de jogo.

Segundo Costa, com o passar do tempo o kemari perdeu o sentido educativo e o aspecto cortês, assumindo um caráter lucrativo, já que passou a motivar apostas e “ao terminar o jogo, os perdedores provocavam distúrbios”. Por-

tanto, se havia apostadores, havia platéia e, por conseqüência, *torcedores*. O mesmo autor conta que em muitos casos, o capitão da equipe perdedora era açoitado publicamente por seus próprios companheiros e eventualmente também pelos *espectadores* que tinham perdido dinheiro nas apostas. Outro pioneirismo do kemari, de acordo com Costa, foi a realização de jogos internacionais entre equipes da China e do Japão.

Com datação da mesma época, embora menos documentadas (Gerhardt sequer as cita no *site* da Fifa), algumas descobertas arqueológicas atestam que civilizações americanas pré-colombianas praticavam jogos com bolas semelhantes ao futebol. No Haiti, os nativos jogavam com uma bola feita de borracha extraída das árvores. Consta na *Encyclopaedia Britannica* (1987) que “relatos do abade Prévost, já no século XVIII, afirmam que os astecas praticavam um jogo chamado *tlachtli*, semelhante à péla dos europeus”. Alguns historiadores acreditam que os sul-americanos tenham sido pioneiros na confecção de bolas de resina com finalidades lúdicas e recreativas. Há registros de que índios da Patagônia praticavam o *tchoekah*, um jogo semelhante ao hóquei, no qual utilizava-se um pedaço de madeira para impulsionar a bola. No Chile, os índios praticavam um jogo com bola chamado *pilimatum*. Os nativos da América do Norte jogavam o *pasuckquakkohowog*, expressão que pode ser traduzida por “eles se reúnem para jogar futebol”, segundo afirma Giulianotti (1999, p. 1). Por sua vez, Cunha (2005) fornece as seguintes informações sobre jogos com bola na América pré-colombiana:

Outros achados arqueológicos atestam que em vários pontos da América pré-colombiana, à mesma época que os chineses e japoneses se entregavam ao seu futebol, os nativos também se dedicavam aos jogos de bola. O historiador espanhol Herrera y Tordesillas menciona "uma bola de borracha extraída das árvores", que os índios jogavam no Haiti, quando lá chegou Cristóvão Colombo. Acredita o historiador Jean Le Floc'hmoan que tenham sido os sul-americanos os primeiros a fabricar bolas de resina com fins lucrativos. Embora cronistas mencionem "meninos maias e astecas, impulsionando com os pés, esferas de látex", todos esses jogos eram, basicamente disputados com as mãos,



guardando, portanto, pouca semelhança com esportes que, como os do Oriente, são considerados precursores do futebol.

No entanto, é bom lembrar que em alguns dos jogos do Oriente e da Europa antiga também era permitido o uso das mãos e nem por isso deixam de ser reconhecidos como precursores do futebol moderno. Mesmo que por motivos geográficos os jogos com bola dos povos americanos mais antigos não possam ser incluídos nas raízes do desenvolvimento do futebol moderno, é certo que estes povos os praticavam, o que confirma a atração que as atividades lúdicas com o uso de algum objeto esférico exercem sobre o homem de qualquer época ou civilização.

Os estudos sobre as origens do futebol acusam o surgimento, na Grécia clássica, de um jogo chamado *epyschiros*, *epyskiros* ou *epislcycros*, que integravam um conjunto maior de jogos com bola denominados *sphairomachia*. Consta que em um destes jogos, do qual não se sabe o nome, utilizava-se um bastão com a ponta curva para conduzir uma bola do tamanho de um punho e que é reconhecido como precursor do hóquei, num curioso paralelo entre as civilizações helênica e patagônica pré-colombiana. Apesar de populares, tais esportes não foram incluídos em nenhuma das Olimpíadas realizadas durante 12 séculos na Grécia antiga, mas são poucas as informações sobre as regras do *epyschiros*. Turtelli (2002, p.10) o descreve como “praticado no século I a.C., com uma bola cheia de areia, por 12 jogadores de cada lado, no qual usava-se tanto os pés e as mãos e uma linha de meta tinha de ser ultrapassada”. Segundo a autora, Júlio Pólux faz referências ao jogo, que teria como objetivo levar a bola além de uma linha de meta localizada no fundo de cada lado do campo. Já Unzelte (2002) situa esse jogo no ano de 776 a.C. e o descreve como integrante da “educação atlética da juventude helênica, consistindo em disputar, com os pés, uma bexiga de boi cheia de ar, com quinze jogadores de cada lado”.

Os romanos “importaram” e adaptaram a seu modo de vida muitos aspectos da cultura grega e os esportes não ficaram alheios a este processo. Cunha

(2005) relata que os gregos criaram ainda outro jogo, bastante semelhante ao *epyschiro*, ao qual deram o nome de *harpaston*, que os romanos, séculos depois, modificariam para criar o *harpastum*, que se visto hoje pareceria uma estranha mistura de handebol, futebol e rugby. Era jogado por duas equipes com um número variado de integrantes, inicialmente, com uma bexiga de boi cheia de ar, depois, os romanos criariam um outro tipo de bola, cheia de areia com objetivo de aumentar o esforço feito pelos jogadores-soldados, que ainda usavam manoplas (peças de armadura que recobriam as mãos) nas partidas, as quais eram utilizadas também para penalizar os jogadores quando fosse necessário. O *harpastum* era largamente praticado nos acampamentos militares romanos e há indícios de que até mesmo Júlio César o teria jogado. O esporte dos romanos aparece assim descrito pela *Encyclopaedia Britannica* (1987):

O campo era retangular, com uma linha divisória em duas linhas de meta, devendo as duas equipes disputar a bola, com o intuito de atingirem a linha de meta adversária, denominada *locus stantium*. Essa linha era protegida por jogadores com funções defensivas, como os goleiros e zagueiros de hoje. Na região do campo denominada *area pilae pratervolantis et superiectae*, atuavam os jogadores mais ofensivos e velozes. Existiam jogadores que permaneciam sobre a linha divisória do campo, a *medicurrens*, e que jogavam para os dois lados, ora passando a bola para um time, ora para outro.

Gerhardt cita o *epyschiros* como um jogo do qual “se sabe relativamente pouco”, mas o reconhece como precursor do *harpastum* romano. É nesse relato que surge a primeira referência a torcedores. Apesar de notar as muitas semelhanças entre o *harpastum* e o futebol moderno, o autor não crê que aquele seja seu precursor.

*Los romanos tenían un balón más chico y dos equipos jugaban en un terreno rectangular, limitado con líneas de marcación y dividido con una línea mediana. La pelota tenía que ser lanzada detrás de la línea de marcación del adversario. Se hacían pases, se eludía, los miembros de un equipo tenían ya diferentes tareas tácticas y **el público los incitaba, con gritos, en sus rendimientos y resultados.** Este deporte fue muy popular entre los años 700 y 800. (Gerhardt, 1979)*

Máximo e Porto (1968) também notaram muitas semelhanças entre o *harpastum* e o futebol moderno.

Sabe-se, por exemplo, que havia jogadores mais lentos, quase parados, que ocupavam defensivamente a zona de campo situada perto da linha-de-meta, denominada *locus stantium*: eram os zagueiros da época. Outros atuavam mais à frente, com funções nitidamente ofensivas, jogando na *area pilae praetervolantis et superiectae*: seriam os atacantes. Um terceiro tipo de jogador, o *medicurrens*, ficava sobre a linha divisória do campo. Poderia ser um protótipo dos nossos meias de ligação, já que tinha por objetivo fazer uma espécie de ponte entre a defesa e o ataque. Só que era uma espécie de homem neutro, jogando pelos dois times. (p.11)

Por tais descrições é possível associar o *harpastum* ao futebol moderno, mas também ao *rugby*, modalidade bastante popular na Inglaterra e muito pouco praticada no Brasil. O fato é que o *harpastum* é considerado o primeiro jogo de equipes com um esquema tático definido para se alcançar a vitória e, por isso, ao contrário da versão da Fifa, é considerado por alguns autores como precursor do futebol. Segundo Fernández (1974), é provável, mas não foi provado, que foram os legionários de Júlio César que o levaram às Ilhas Britânicas, onde séculos depois se transformaria no *football*. Não é novidade que os romanos se apropriavam de costumes dos povos conquistados, bem como levavam - muitas vezes impunham - seus próprios costumes a estes povos. Assim, o *harpastum*, nascido a partir do *epyskiros*, foi levado a outras regiões. Na Gália (França), região de forte presença romana, surgiu um jogo, provavelmente derivado do *harpastum*, chamado *soule*, praticado por pessoas de todas as classes - nobreza, clero e povo - com uma bexiga de porco cheia de ar. Cunha (s/d) afirma que os romanos levaram a outros povos os seus jogos de bola.

É muito provável que tenham sido eles (romanos) os introdutores do futebol na Gália e depois na Bretanha, sendo que, quanto a esta última, os historiadores divergem: uns acreditam que tenha sido de fato os romanos, durante os quatro séculos de domínio que se seguiram à primeira expedição de Júlio César, no ano 43 d.C., que deram a conhecer aos bretões as regras do *harpastum*; outros afirmam que os romanos, ao chegarem à Bretanha, já encontraram lá um futebol nativo, de origem meio lendária, meio cívica.

O “futebol nativo” a que se refere o autor recebe diferentes nomes. Em alguns textos aparece como *ludus pilae*, em outros, *hurling* e ainda *shrovetide(te) football*. Tal modalidade era bastante popular entre a população celta na Idade Média e ainda hoje é praticada na cidade de Cornwell e em algumas localidades da Irlanda. Segundo Fernández (1974, p.19), o documento mais antigo relacionado a esse jogo inglês é o livro *Descriptio Nobilissimae Civilitatis Londinae*, de William Fitzstephen, escrito em 1175. Neste, o autor descreve um jogo disputado durante as *Shrovetite*, quando os habitantes de várias cidades inglesas punham-se a chutar uma bola de couro pelas ruas, comemorando a expulsão dos dinamarqueses no período de domínio anglo-saxão. Cunha (2005), por sua vez, apresenta relato um pouco mais detalhado sobre este “quase futebol” inglês.

Durante toda a Idade Média, e por muitos séculos depois, realizou-se na cidade de Ashbourne, Inglaterra, um jogo de bola que pode ser considerado o mais importante precursor do futebol moderno. Tal jogo era disputado anualmente, nas *Shrove Tuesdays* (espécie de terças-feiras gordas), entre os habitantes da cidade: um número ilimitado de participantes, às vezes de 400 a 500 de cada lado, corria atrás de uma bola de couro fabricada pelo sapateiro local, com o objetivo de alcançá-la, dominá-la e finalmente levá-la até a meta adversária, no caso as portas norte e sul da cidade, uma para cada equipe. As origens do jogo de Ashbourne - mais tarde praticado em outros pontos do condado de Derbyshire também são discutidas, um cronista da época, afirma que se tratava de uma comemoração anual da vitória dos bretões sobre os romanos, numa partida de *harpastum*, efetuada no ano de 217.



Reprodução de quadro retratando o futebol praticado em locais abertos na Inglaterra, durante a Idade Média. (Disponível em <http://www.fifa.com>, acesso em 18/05/2004)

Duarte (1993) fala superficialmente de “um episódio histórico de 1.000 jogadores, 500 de cada lado, querendo levar a bola até as portas da cidade de Chester!” (p.2). No *site* da Fifa, que denomina essa prática como “*Shrovetide Football*”, Gerhardt afirma que era realizada nas cidades de Ashbourne e Derbyshire e a situa na categoria de “futebol massivo”, ou seja, sem limitação de jogadores ou regras estritas, baseado num antigo manual de Workington, na Inglaterra, segundo o qual “*todo estaba permitido para llevar el balón a la meta contraria, con excepción de asesinato y el homicidio*”. O autor fala também sobre a origem controversa deste ancestral do futebol moderno.

*Según se cree, este juego tiene origen anglosajón. Sobre su primera aparición existen varias leyendas. Se cuenta en Kingston-on-Thames y también en Chester que 1 primera vez se jugó con la cabeza cortada de un monarca danés derrotado, el que había sido hostigado por las calles en una marcha triunfal. En Derby, se busca e origen aún más atrás: en una fiesta de regocijo después de una victoria sobre los romanos en el siglo III.*

Fernández (1974, p.19) afirma que, conforme a tradição, a primeira bola usada nesse tipo de jogo foi a cabeça de um bandido danês (povo que antecedeu os atuais dinamarqueses). Versão um pouco diferente é apresentada por Costa (2005):

O futebol, tal como o conhecemos hoje, foi inventado em países que pertenciam ao império britânico (o nome do esporte vem do inglês "football", literalmente pé e bola). As primeiras notícias deste esporte estão resumidas em uma lenda dramática. Conta-se que no início do século XI houve uma tentativa de desembarque de Vikings nas costas inglesas, perto de Kingston-on-Thames. Os habitantes do local derrotaram os invasores, capturaram seu chefe e o decapitaram. Sua cabeça então teria sido usada como bola em um jogo. A partida só terminou quando a cabeça ficou totalmente desintegrada.

Embora a maioria dos historiadores e estudiosos das origens do futebol apresente datas diferentes é certo que a violência com que era praticado pelos bretões (que acontecia mais fora do que dentro da disputa em si, o que indica a presença de espectadores ou torcedores) acabou por determinar sua proibição.

Segundo a *Encyclopaedia Britannica* (1987) o rei Eduardo II foi quem primeiro proibiu a disputa das partidas, em 1314, mas antes seu pai, Eduardo I, “também temia pela violência do jogo e que seus soldados aderissem a essa atividade e se descuidassem dos afazeres da profissão”, isso porque a Inglaterra estava em guerra com a Escócia, iniciada em 1297, e os soldados deviam ocupar seu tempo com atividades mais úteis para o conflito como arco e flecha e lutas corporais. Eduardo III, em 1389, não só manteve a proibição, como a estendeu a outros jogos. Na Escócia, em 1423, Jaime I proibiu que qualquer homem jogasse futebol, com pena de multa. As restrições reais foram reforçadas nos reinados de Henrique VIII, Eduardo VI e Isabel I. No entanto, nenhuma obteve êxito total, já que o jogo continuou a ser praticado clandestinamente, inclusive em mosteiros, apesar de ser condenado pela Igreja, obviamente em uma versão menos violenta e sem a presença de público, o que diminuía a violência. Conclui-se assim que a proibição acabou servindo para que o futebol primitivo da região que hoje forma o Reino Unido começasse a ganhar alguns dos contornos atuais, ou seja, algumas regras começaram a ser estabelecidas para que a disputa se tornasse mais equilibrada, proibindo o uso da força excessiva na disputa pela bola.

Enquanto o *football* era proibido em solo anglo-saxão, na mesma época, na França, o *soule* ou *choule*, menos violento, era largamente praticado e difundido, tanto entre os homens do povo, como entre os nobres (Henrique II e o poeta Pierre de Ronsard seriam apenas alguns exemplos). Alguns historiadores, como Paulo Várzea (1967), apontam que o jogo criado entre os legionários romanos deu origem, na Idade Média, não só ao *soule*, mas também a uma outra modalidade na Itália, denominada *gioco del calcio*, ou simplesmente *calcio*<sup>22</sup>, palavra que pode ser traduzida por chute ou coice. Essas variantes do *harpastum*, embora menos violentas que a versão inglesa, tinham também uma origem belicista e eram disputadas com bastante ferocidade, por isso, também foram

---

<sup>22</sup> Ainda hoje na Itália o futebol é chamado de calcio. A entidade que regula o futebol naquele país é a Federação Italiana de Calcio e, por isso, muitos consideram este jogo como a verdadeira origem do futebol moderno.

proibidas em algumas localidades. Mas, tal como o *football*, continuaram a ser praticadas clandestinamente, devido ao fascínio e a popularidade que haviam atingido. O *calcio* difundiu-se bastante entre a nobreza, tornando-se um esporte típico da aristocracia entre os séculos XIV e XVII. Suas regras foram fixadas por Giovanni Bardi, em 1580, baseadas em relatos sobre um jogo realizado em Florença, no dia 17 de fevereiro de 1529. Tal jogo realizou-se para resolver uma antiga rixa entre duas facções políticas locais e acabou entrando para a história<sup>23</sup>. O *calcio* daquela época era praticado em praças por duas equipes compostas de 27 elementos cada. Costa (2005) descreve mais detalhadamente:

Inicialmente, o “Cálcio” consistia em um entretenimento entre dois grupos de tamanho variável. Os grupos podiam ter 20, 30 ou 40 jogadores cada um, dependendo do espaço disponível para a realização do jogo. Após serem fixadas as regras, em 1580, as equipes normais tinham 27 jogadores com a seguinte distribuição: 15 atacantes alinhados em forma de flecha, cinco jogadores de meio de campo, quatro na linha de ataque e três na defesa. O jogo havia sido adaptado para as grandes praças de Florença, das quais a maior era a de Santa Croce, com 137 m de comprimento por 50 m de largura. Os encontros eram dirigidos por seis árbitros que ficavam em uma tribuna lateral. Apesar da organização das equipes, quando o jogo começava os jogadores entravam em luta pela bola, a qual podia ser chutada ou agarrada com as mãos, mas nunca arremessada com elas. A partida geralmente se transformava em uma verdadeira batalha, pois os regulamentos permitiam chutes, empurrões e socos.

Com indireta e involuntária influência de sua proibição, aos poucos o futebol foi “domesticado” em terras anglo-saxônicas. Já nos séculos XVI e XVII as proibições afrouxaram e são registradas modalidades esportivas com bola cada vez mais semelhantes ao futebol moderno e menos violentas, ainda que com um alto grau de danos materiais e perdas de vidas. Pesquisas indicam que naqueles séculos os italianos levaram o *calcio* a outros países europeus, já com regras rígidas para coibir atos de maior violência.

Já no século XVII, sob o reinado de Jaime I, a proibição do futebol praticamente era ignorada e alguns nobres passaram a se interessar mais pelo

---

<sup>23</sup> Até hoje, em Florença, no dia 24 de junho, nas festividades do dia de São João, padroeiro da cidade, é feita uma reconstituição desse jogo.

jogo. Cunha (2005) registra alguns fatos durante o século XVII que marcaram um período de abertura para o futebol em solo inglês, como um convite feito ao visconde de Dorchester por John Chamberlain “para assistir a um jogo em Florença”; ou a organização de um jogo-exibição, em 1613, pelo vigário de Wiltshire em virtude de uma visita real; ou ainda a introdução do futebol em dois colégios de Cambridge, o St. John’s e o Trinity, em 1620. Entretanto, na versão da história do futebol da Fifa, os séculos XVI e XVII são citados como um “período em que o futebol pouco se desenvolveu” e durante o qual, na Inglaterra, o jogo “continuou sendo rude e pouco elegante”. Entretanto, cita que nesse período o pedagogo Richard Mulcaster, que dirigiu “os renomados colégios de Merchant Taylor’s e de St. Paul’s” identificou valores positivos na prática do futebol como sua influência para uma boa saúde e ganho de força. Esse reconhecimento se contrapunha ao principal argumento dos opositores do futebol na época, que via a prática como causadora de tumultos e danos materiais. Tais argumentos se justificavam por ocorrências como a registrada em 1608 em Manchester, onde uma nova proibição foi proferida com a explicação de que o futebol causava muitas quebras de vidros de janelas.

Segundo Gerhardt, outro fato que contribuiu para uma repressão oficial contra o futebol em algumas regiões da Inglaterra foi a expansão do Puritanismo – embora Oliver Cromwell, um dos mentores do movimento tenha sido “um robusto jogador de futebol na juventude” –, que declarava guerra às diversões “libertinas”, às quais eram encabeçadas pelo futebol, considerado perturbador do descanso dominical (na mesma época e por razões semelhantes o teatro foi reprimido na Inglaterra). Curiosamente, ainda hoje, a maioria dos jogos de futebol na Inglaterra é realizada aos sábados.

O fato é que entre os séculos XVI e XVII o futebol passou por um período de transição na Inglaterra, que de um lado o ameaçou de extinção, mas de outro, deu-lhe algumas das características que perduram até hoje, como a necessidade de coibir a violência, com a adoção de juizes e a penalização de jogadas



desleais, a limitação do número de jogadores e a demarcação de uma área de jogo (campo). É bom lembrar, entretanto, que tais fatos referem-se ao futebol inglês, já que tanto o *soule*, na França, como o *calcio*, na Itália, já adotavam algumas destas regras. Mas a principal transformação por que passou o futebol inglês naquele período foi sua transposição das praças e locais abertos para dentro dos colégios, onde começou a ser regulamentado até originar o futebol como é conhecido atualmente.

A introdução do futebol nos colégios ingleses no século XIX se deve a Thomas Arnold (1795-1842), diretor do Colégio de Rugby e educador responsável pela reformulação de todo o sistema educacional da ilha, que passou reconhecer a importância da prática esportiva na educação dos jovens. E o futebol não foi esquecido por ele, tendo sido um dos primeiros esportes introduzidos de maneira oficial nas escolas públicas inglesas. Entretanto, em cada colégio tinha regras particulares, embora semelhantes, e elaboradas de acordo com as tradições de cada instituição bem como com o terreno, assim, o espaço disponível para prática determinava o número de jogadores em cada time, além de influenciar na forma de jogar. Nos colégios com espaços menores (Charterhouse, Westminster, Eton, Harrow, Winchester e Shrewsbury), exigia-se mais habilidade e proibia-se o uso das mãos, enquanto naqueles com campos maiores e mais jogadores (Cheltenham e Rugby), se privilegiava o uso da força e permitia-se jogar com as mãos.

Permitir ou não o uso das mãos foi uma das primeiras discussões sobre as regras do “novo” esporte que começava a tomar forma. Até 1823, a maioria dos colégios permitia o uso das mãos apenas para reter a bola alta e colocá-la no chão. Segundo Cunha (2005) naquele ano, um lance inusitado ocorrido durante uma partida no Colégio de Rugby, teria marcado definitivamente a divisão entre um modo e outro (com ou sem o uso das mãos) de se jogar futebol. O fato foi protagonizado por William Webb Ellis, ao desrespeitar as regras e pegar a bola com as mãos e carregá-la até a linha do gol. Em 1846, o Colégio de Rugby

instituiu as regras que permitiam carregar a bola com as mãos, bem como o uso da força física e métodos violentos como pisotear o adversário para impedir sua evolução em campo.

Em 1848, Cambridge instituiu suas regras, com a proibição do uso das mãos e restrições a atos de violência. A partir da metade daquele século, quando os jogos intercolégiais se tornaram mais comuns e com a maioria a favor de Cambridge, a divisão se tornou mais profunda e logo se consolidou. Em 1857, Sheffield instituiu regras com teor parecido às de Cambridge. O futebol de Rugby ficava cada vez mais isolado.

Ainda que adotassem regras semelhantes, cada colégio, principalmente em função do espaço, adotava dimensões de campo e número de jogadores diferentes. O número de 11 jogadores, instituído em Cambridge onde as turmas possuíam dez alunos e um bedel, foi o que mais se adaptou e permanece até hoje. Também as bolas tinham tamanhos, pesos e formatos diferentes (alguns locais usavam a bola oval, adotada em Rugby). Mas não era só nos pátios dos colégios que a prática do futebol se disseminava, o jogo então já era praticado por quase todo o Reino Unido e logo começaram a surgir clubes e a serem realizados alguns campeonatos. Em 1862 foi fundado o Notts County, reconhecido hoje como o time de futebol mais antigo do mundo ainda em atividade (atualmente disputa a quarta divisão do Campeonato Inglês). Em 26 de outubro de 1863 foi criada a *The Football Association*, após uma reunião entre representantes de clubes e dirigentes de escolas em Londres, na *Freemason's Tavern*, situada na Great Queen Street (Duarte, 1993, p.7).

Gerhardt fala não em um, mas em uma série de encontros a partir de 26 de outubro de 1863. Tais reuniões culminaram no dia 8 de dezembro daquele ano com a separação definitiva do futebol e do rugby. Os defensores das regras de Rugby retiraram-se da reunião. “*No querían participar en un juego donde no estaba permitido hacer la zancadilla o patear las canillas de los adversarios o llevar el balón con la mano*”. Naquela mesma noite foi aprovado o conjunto de

regras, num total de 13 itens, que deram origem ao futebol como é conhecido e praticado atualmente. Duarte (1993) fala em 14 regras e que mesmo aprovadas não foram adotadas imediatamente.

No dia 8 de dezembro de 1863, a *Football Association* tornava oficiais essas 14 regras, fazendo-as publicar para conhecimento de todos. Apesar disso, em Sheffield e outras regiões, ainda se jogava com regras antigas. Apenas a 13 de maio de 1866 é que, por ocasião de um jogo entre a *Football Association* (Londres e arredores) e a Associação de Sheffield, conseguiu-se, realmente, a unificação das regras: O tamanho do campo teria 120 jardas por 80, a bola seria a número 5 e o jogo duraria 1 hora e 30 minutos. Graças a isso, em 1877, só existiam as regras da *Football Association* em toda a Inglaterra e em muitos países do mundo. (p.4)

Após a unificação das regras e da fundação da *Football Association* o futebol não mais parou de se expandir no Reino Unido e no mundo todo. Em 1871 foi disputada a primeira edição da Copa da Inglaterra, reconhecida atualmente como a mais antiga competição futebolística do mundo. No ano seguinte, no dia 30 de novembro, em Glasgow, Inglaterra e Escócia disputam uma partida considerada como o primeiro jogo entre seleções nacionais, apesar de Gerhardt (1979) afirmar que os escoceses ainda não tinham uma associação de futebol e, portanto, não podiam formar uma seleção, sendo assim representados nesta pelo Queen's Park FC, o time mais antigo daquele país ainda em atividade, embora permaneça amador, recusando-se até hoje a aderir ao profissionalismo. Esse jogo terminou com o placar de zero a zero e teria sido assistido por cerca de três mil e quinhentos torcedores.

A partir da década de 1870 o futebol começou a sair dos muros dos colégios e passou a ser ensinado às classes trabalhadoras durante o processo de industrialização inglesa, por clérigos, homens de negócios e diretores de fábricas. Para os religiosos, o futebol – antes visto como “propagador da violência” – passou a ser utilizado como meio de combate à delinquência nas áreas mais pobres. Entre os trabalhadores, o jogo se tornou a principal diversão quando passaram a ter as tardes de sábado livres (os líderes religiosos puritanos ainda conde-

navam as diversões aos domingos) e logo “se tornou uma válvula de escape recreativa para as massas urbanas” (Lever, 1983). A popularização do futebol nas áreas urbanas e entre os trabalhadores também influenciou a maneira como o jogo era praticado, uma vez que boa parte dos trabalhadores não tinham o mesmo preparo atlético que os filhos dos aristocratas nos colégios, já que não tinham tempo livre suficiente para treinar. Assim, a habilidade, o controle da bola e passes precisos passaram a ser a marca registrada dos times formados por trabalhadores, que logo conseguiriam superar a forma de jogar dos times colegiais, centradas unicamente na força física.

O conflito entre o “futebol dos trabalhadores” e o das elites não demoraria a surgir. Os jogos nas áreas industriais atraíam milhares de espectadores e os clubes começaram a cobrar ingressos, conseqüentemente podiam pagar seus jogadores, o que foi considerado uma afronta aos princípios e tradições amadorísticas do esporte pela aristocrática Football Association, que ameaçou afastar os clubes que pagavam seus jogadores de suas competições. Estes, por sua vez, ameaçaram uma retirada em massa e a criação de sua própria competição. Em 1885, foi firmado um acordo e o profissionalismo dos jogadores permitido, entretanto, os clubes não poderiam ser geridos como empresas e nem ter fins lucrativos. Apesar do acordo instaurou-se uma divisão entre os clubes do sul, que permaneceram fiéis ao amadorismo, e os do norte (aos quais se juntaram clubes das regiões industriais), que buscavam expandir o profissionalismo. Em 1888, os profissionais criam a Liga Inglesa - que só incluiria um clube sulista depois de cinco anos de existência -, entidade que organiza até hoje os campeonatos naquele país e tornou-se modelo de organização (e centralização) administrativa para os esportes em geral.

*Con el incremento del fútbol organizado y el ya sorprendente alto número de espectadores, se presentaron los inevitables problemas con los cuales tuvieron que enfrentarse los otros países mucho más tarde: por ejemplo, el asunto del profesionalismo. La primera referencia al respecto data del año 1879, cuando un pequeño club de Lancashire,*

*Darwen, alcanzó dos veces un empate sensacional contra el imbatible Old Etonians, antes de que los famosos aficionados londinenses pudieran asegurarse la victoria. Dos jugadores del equipo de Darwen, los escoceses John Love y Fergus Suter, parecen haber sido los primeros en haber recibido dinero por su arte futbolística. Estos casos se multiplicaron y ya en 1885, la F.A. estuvo obligada a legalizar oficialmente el profesionalismo. Esto fue cuatro años antes de que se fundaran las primeras asociaciones nacionales fuera del sector británico, la de Holanda y la de Dinamarca. (Gerhardt, 1979)*

A essa altura, nos quatro países que compõem o Reino Unido (Inglaterra, Escócia, Irlanda e País de Gales) o futebol já estava largamente difundido. A associação escocesa de futebol foi fundada em 1873, a galesa em 1875 e a irlandesa em 1880. Em 1883, essas quatro associações fundaram a *The International Football Association Board*, entidade que até hoje regulamenta o futebol mundial em cooperação com a Fifa – Fédération Internationale de Football Association, fundada em 21 de maio de 1904, após iniciativa do holandês Anton Wilhelm Hirschmann. Apesar da origem inglesa do futebol, o primeiro presidente da Fifa foi o francês Robert Guérin, eleito por membros dos sete países fundadores da hoje poderosa entidade internacional: França, Bélgica, Espanha, Suíça, Países Baixos, Dinamarca e Suécia. Apenas no ano seguinte é que Inglaterra, Alemanha, Áustria, Itália e Hungria se tornariam afiliadas. A Fifa nasceu da necessidade de solucionar problemas surgidos com a expansão do futebol pelo continente, bem como pela multiplicação exponencial de praticantes. Um desses primeiros problemas, surgido e parcialmente solucionado antes mesmo do aparecimento da entidade, foi a questão da profissionalização.

O “surpreendente alto número de espectadores” serviu como motivação para que o futebol integrasse o projeto imperialista inglês de disseminação da cultura britânica como forma de dominação, por isso, logo passou a ser “exportado”. Além disso, pensado como um esporte de elite, chamou a atenção das classes altas de outras nações européias, o que facilitou a rápida disseminação da modalidade não só pelo Velho Continente, como pelo mundo todo. Depois das associações britânicas, holandesas e dinamarquesas, surgiram as duas primeiras

entidades não-européias. Em 1891, é fundada a Associação de Futebol da Nova Zelândia e, dois anos depois, AFA – Associação de Futebol Argentina. A seguir surgem entidades no Chile, Suíça e Bélgica (1895), Itália (1898), Alemanha e Uruguai (1900), Hungria (1901), Noruega (1902), Suécia (1904), Espanha (1905), Paraguai (1906) e Finlândia (1907).

Oito anos após sua fundação, a Fifa agregava 21 associações. Em 1930 é disputada a primeira Copa do Mundo de Futebol com participação de selecionados de 13 dos 41 países afiliados à Fifa. As primeiras tentativas de realizar um campeonato mundial de futebol no início do século XX foram frustradas em virtude das turbulências políticas vividas pelos europeus, que culminariam na Primeira Grande Guerra. No entanto, o futebol fez parte das Olimpíadas de 1924 e 1928, quando os uruguaios superaram as seleções européias e deram início a uma rivalidade que perdura até hoje entre os continentes. A primeira Copa do Mundo foi realizada no Uruguai e vencida pelos anfitriões. A essa altura o futebol já era um dos esportes mais populares do planeta. Na metade do século XX, em 1950, 73 nações estavam representadas na Fifa. Atualmente, a entidade mundial conta com 205 afiliadas, que representam mais de 300.000 (trezentos mil) clubes, dois terços deles na Europa. A entidade calcula que atualmente 20 milhões de jogadores atuam nos campeonatos organizados por seus afiliados.

Desses afiliados, um em especial se destacou e mesmo não tendo sido o berço da modalidade passou a ser conhecido como o “país do futebol”: o Brasil, onde o futebol faz parte da vida social de grande parcela dos indivíduos desde quando nascem; é costume generalizado entre os brasileiros presentear os meninos com bolas de futebol (e as meninas com bonecas, o que confere uma característica machista ao jogo), bem como vesti-los com as cores de suas equipes preferidas durante toda a infância. Para muitos pais brasileiros, é uma verdadeira tragédia que seu filho não venha a gostar de futebol ou que passe a torcer por um time rival ao preferido da família. Certamente em países onde o futebol é

muito popular - como na Argentina, Inglaterra, Itália e Espanha - não deve ser diferente. A importância desse esporte para os brasileiros pode ser resumida pela pergunta: é possível entender o Brasil sem pensar em futebol? Todo brasileiro sabe que não.

### *O futebol brasileiro*

A história do futebol brasileiro está amplamente documentada e não é o objetivo deste trabalho reproduzi-la. Assim, neste item foram compilados fatos históricos que podem contribuir para uma compreensão da introdução do futebol no Brasil a partir de um ponto de vista cultural que, embora não deva se prender aos registros históricos oficiais, não deve ignorá-los. Isso porque eles indicam muitos dos aspectos socioculturais da evolução do fenômeno, como o fato de o esporte mais popular do Brasil, que por muito tempo conviveu com a pecha de “ópio do povo” e hoje é reconhecido como uma das poucas possibilidades de lazer dos pobres, foi criado no seio das elites, entre os ricos.



*A foto ao lado é considerada a mais antiga sobre o futebol brasileiro, tirada na Chácara Dulley, no bairro do Bom Retiro, em São Paulo. (in: Duarte, 1993, p. 5)*

Por outro lado, podem ser constatadas algumas lacunas na historiografia do futebol, principalmente em relação à participação de segmentos não pertencentes às elites em sua difusão. A maioria dos historiadores atribui ao paulistano filho de ingleses Charles Miller a responsabilidade pela introdução do futebol no Brasil, em 1894. Esta espécie de versão oficial aceita praticamente sem questiona-

mentos, afirma que Miller, depois de completar seus estudos na Banister Court School, em Southampton, Inglaterra, onde aprendeu a jogar e gostar do futebol<sup>24</sup>, retornou ao Brasil e trouxe em sua bagagem duas bolas, calções, chuteiras, camisas, bomba de encher a bola e agulha, com a firme intenção de continuar a praticar o esporte pelo qual se apaixonara em solo brasileiro, ao lado de ingleses e descendentes. Entretanto, há indícios de que em outras regiões do país e do estado de São Paulo o futebol foi introduzido antes de Miller ou sem qualquer ligação com esse personagem.

Shirts (in Meihy e Witter, p. 87 a 99, 1982) critica bastante a postura conformista e elitista dos historiadores do futebol, uma vez que são muitas as evidências de que o esporte já era praticado no Brasil antes do *advento Miller*, que teria sido mais um incentivador – e nisso teve muitos méritos – do que propriamente um pioneiro. Shirts cita Gilberto Freyre e estudos antropológicos que atestam a prática de jogos com bola entre os índios brasileiros. No entanto, é bom notar, como relatado anteriormente na história geral do futebol, que nem sempre os jogos ancestrais praticados com uso de bolas fossem já o futebol. Certamente, o *tsu-chu*, o *kemari* e outros jogos praticados por diversas civilizações americanas pré-colombianas (inclusive no Brasil) são precursores do futebol moderno, mas não se pode afirmar que estes povos antigos *jogavam futebol*. A prática daqueles outros jogos formou a base para que o futebol se desenvolvesse, seja no Velho ou no Novo Mundo.

As críticas do artigo de Shirts são endereçadas principalmente a autores como José Roberto Borsari, Thomaz Mazzoni, Adriano Neiva, Mário Filho e tantos outros que aceitam o que ele denomina “tese Müller”, que determina 1894 como ano do nascimento do futebol brasileiro. Shirts lembra que estes mesmos autores apontam uma série de acontecimentos que atestam a anterioridade do futebol em relação a Miller, para a seguir ignorá-los em favor de uma postura

---

<sup>24</sup> Segundo Duarte (1993, p.2), Miller chegou a jogar pela seleção do condado de Hampshire numa partida contra os amadores do Corinthians de Londres, clube que faria uma excursão no Brasil em 1910 e daria origem ao nome de um dos times mais populares do país, o Sport Club Corinthians Paulista.



elitista e assumidamente oficialista. Isso é bastante claro em Mazzoni (1950) que abre sua história do futebol brasileiro citando o trabalho de Paulo Várzea, que em 4 de maio de 1942 escreveu na *Gazeta Esportiva* (extinto diário paulistano dedicado exclusivamente ao esporte e que atualmente sobrevive como *site* na Internet):

O futebol teria sido exibido na Argentina e no Brasil por volta de 1864, por marinheiros dos barcos mercantes e de guerra estrangeiros, particularmente ingleses. Na Argentina, porém, sua verdadeira prática pelos nacionais data de 1865, entre os sócios do Buenos Aires Cricket Club, sendo que no Uruguai apareceu por volta de 1880, entre os marinheiros, ali por Punta Carreta. Mas só passou a ser divulgado entre os orientais e argentinos depois que se divulgou nas escolas, por Iniciativa de Watson Hutton, na Argentina, e Henry Castle, no Uruguai”. (Mazzoni, 1950, p. 17)

Mazzoni registra também que os marujos britânicos jogaram partidas de futebol “nos capinzais desertos do litoral norte e sul do país, nos tempos coloniais, do fim do Império e da Guerra do Paraguai” (p.17). Assim, à moda dos romanos que levaram a prática do *harpastum* a outras regiões e deram continuidade ao processo de desenvolvimento do futebol, os marinheiros ingleses levaram a muitos países o costume de se jogar futebol e desencadearam a *mundialização* da prática.

Ainda segundo Mazzoni, pelo menos duas jornadas futebolísticas dos marinheiros britânicos ficaram registradas, ambas no Rio de Janeiro. Uma delas teria sido “realizada com fúria, em 1874, na Praia do Glória e outra efetuada em 1878, por tripulantes do ‘Criméia’, num capinzal existente entre as ruas Paissandu e Roso, em frente à residência da Princesa Isabel” (p.17). Um pouco mais adiante, Mazzoni fala de indícios de “que, entre 1875 e 76, anglo-brasileiros, empregados nas companhias de navegação inglesas, bancos, docas, cabos submarinos, City e Leopoldina Railway fizeram a prática do futebol naquele campo do Paissandu, animados por um tal Mr. John.” (p. 17)

Ao não perceber uma possível ligação dos fatos é que Mazzoni abre brechas para as críticas de Shirts, pois ainda que não se possa comprovar por

documentação oficial, é evidente que para a prática futebolística são necessários alguns requisitos que a impedem de ser realizada em qualquer local e por pessoas que não tenham um mínimo de preparo, como conhecimento de regras, ainda que sejam as mais simples (como ser proibido o uso das mãos e a necessidade de passar a bola por uma meta pré-marcada, ou *goal*). De modo que o capinzal que serviu aos anglo-brasileiros entre 1875 e 76, e também aos marinheiros do “Criméia” em 1878, poderia ser na verdade um verdadeiro campo de futebol usado regularmente e o “tal Mr. John” tem as características de um técnico, instrutor ou juiz (portanto, conhecedor do futebol) e não *animador*.

Mazzoni relata ainda que, em 1882, um inglês chamado mister Hugh, teria organizado jogos entre funcionários brasileiros e ingleses da São Paulo Railway, em Jundiaí, e que no mesmo ano em que Charles Miller teria introduzido o esporte no Brasil, um padre espanhol já o teria feito em Petrópolis, onde, em 1882, o futebol já seria jogado regularmente num colégio da região. Outra citação de Mazzoni, fala que contemporâneos de 1872-73 relatam o seguinte:

“(...) as primeiras práticas do futebol de São Paulo procedem de Colégio S. Luiz, de Itu (hoje o prédio é um quartel do Exército), em cujo recreio um sacerdote do corpo docente o teria introduzido batendo o balão de encontro ao muro do colégio, à maneira dos estudantes de Eton, tradicional colégio britânico, onde, na falta de um campo apropriado, os acadêmicos se compraziam em bater a bola de encontro ao paredão da escola”. (p.17)

Escapa mais uma vez a Mazzoni a anterioridade do futebol em relação a Miller, quando cita que o clube esportivo, “terrestre e ao ar livre”, mais antigo do Brasil foi fundado em 1875 “pelos srs. H. L. Wheatley, A. Mac Milan, C. D. Simons, Amaral, Robinson e Cox”, segundo o autor estes teriam “tentado ali a prática do futebol entre 1891 e 93”. O local? “Nos terrenos existentes para os lados do palácio Guanabara, junto à rua Paissandu, onde mais tarde se fixou aquele clube, recebendo posteriormente a denominação de Paissandu Cricket

Club” (p. 21). Coincidentemente, no mesmo local onde havia indícios de que entre 1875 e 76 se jogara futebol, como já citado.

Também Melo (in Rodrigues, 2000. p.17-28) tece críticas à tese de que Charles Miller tenha sido o responsável pela chegada do futebol ao Brasil. Primeiramente, Melo estranha o fato de que “um homem trouxesse uma bola, e poucos anos mais tarde, grande parte da população brasileira já praticasse o esporte”. Sem deixar de reconhecer que Miller foi o maior responsável pela completa organização do futebol no país, Melo afirma que o futebol chegou ao Brasil através de colégios dirigidos por padres jesuítas, como o São Luiz, de Itu (SP), e Anchieta, de Nova Friburgo (RJ). Tese que ganhou mais credibilidade com a publicação do historiador José Moraes dos Santos Neto, que em seu *Visão do Jogo - Primórdios do futebol no Brasil* (2004) detalha mais o futebol praticado no colégio de Itu. O estudo de Neto foi elaborado a partir de documentos obtidos nos acervos do Colégio São Luís, Mosteiro de Itaiaci, Arquivo do Estado de São Paulo e entrevistas com descendentes diretos daqueles que seriam os pioneiros do futebol no Brasil.

Segundo Neto, o então deputado Rui Barbosa teria sido um dos responsáveis indiretos pela introdução do futebol no país, quando, em 1882, atendendo solicitação de Dom Pedro II, apresentou à Câmara do Império parecer sobre a Reforma do Ensino Primário e das Instituições Complementares de Instrução Pública. Havia grande preocupação das autoridades imperiais em melhorar o sistema educacional no país, que à época apresentava índices de analfabetismo superiores a 80% da população. Entre as recomendações de Rui Barbosa em relação à educação física estava a introdução de exercícios ao ar livre. Como a maioria das instituições de ensino brasileiras mantinha relações com colégios europeus, especialmente britânicos, enviaram representantes ao Velho Continente em busca de soluções para os problemas apontados. Estava dado o primeiro passo para a importação da prática esportiva que se tornaria a mais popular no país e no mundo.

Entre os colégios que seguiram por esse caminho estava o São Luís, que abrigava entre seus alunos boa parte dos filhos da elite paulista. De volta da excursão à França, Alemanha e Inglaterra, um dos integrantes da missão, o padre José Mantero, que se tornaria reitor da Instituição ituana, trouxe em sua bagagem duas bolas e a disposição de ensinar aos alunos do São Luís o “empolgante e saudável” jogo. Essas bolas consistiam em câmaras de ar sob um envoltório de couro, chamado de capotão, que mais tarde, devido ao uso intenso foram substituídas por bexigas de boi. Entretanto, Neto observa que até 1887, padres e alunos jogavam juntos, mas não praticavam o chamado *football association*, que pressupõe a formação de dois times e a existência de um conjunto de regras, apenas realizavam um “bate-bola na parede” como “parte de uma estratégia gradual de apresentação do esporte aos alunos”. O passo seguinte foi introduzir pequenas marcas em paredes opostas do pátio, à guisa de servirem como traves, e dividir a turma em dois times, camisas verdes de um lado e camisas vermelhas de outro. Mas o mais importante é que os alunos, ao deixarem o colégio, levaram o gosto pelo esporte e o teriam espalhado por outras cidades e estados brasileiros, preparando terreno para sua popularização, reforçada pela intensificação da imigração e, principalmente, pela expansão das ferrovias.

A despeito do pioneirismo de marinheiros ingleses e padres jesuítas, o grande impulso para a expansão do futebol no Brasil foi mesmo dado por Charles Miller, que em seu regresso encontrou na capital paulista apenas um clube dedicado às práticas esportivas: o São Paulo Athletic Club, fundado por ingleses e que se dedicava quase exclusivamente ao críquete. É do próprio Miller o seguinte relato, citado por Mazzoni (p.18): “Realizamos o primeiro ensaio em terras brasileiras, no ano de 1895, e precisamente na Várzea do Carmo, nas proximidades da rua do Gasometro e Santa Rosa. Para isso reuni um grupo de ingleses da Companhia do Gás, London Bank e S.P.R<sup>25</sup>”. Entretanto, ainda segundo o

---

<sup>25</sup> São Paulo Railway Company.

relato autobiográfico de Miller, não foi esta a primeira partida regulamentar que ajudou a promover.

Logo que nos sentimos mais traquejados e que o numero de praticantes do jogo havia crescido, convoquei a turma para o primeiro cotejo regulamentar, denominando os quadros um, de “The Team of the Gaz”, o que era integrado por empregados daquela Companhia, e o outro de “The S. P. Railway Team”, formado de funcionários desta ferrovia. Foi isso a 14 ou 15 de abril de 1895. Ao chegar ao campo, a primeira tarefa que realizamos foi enxotar do mesmo os animais da C. Viação Paulista, que ali pastavam. Logo iniciávamos nosso jogo, que transcorreu interessante, sendo que alguns companheiros Jogaram mesmo de calças, por falta de uniforme adequado. Venceram os da S. P. Railway, por 4 a 2, entre os quais eu formava, e que eram, na sua maior parte, sócios do S. P. Athletic. Quando deixamos o campo já estava assumido o compromisso de promovermos um segundo jogo, sendo que a exclamação geral foi esta: “Que ótimo esporte, que joguinho bom”. Outras partidas realizamos, mas já na Chácara Dulley, onde finalmente acabamos incorporando o futebol ao clube S. P. A., que foi o primeiro campeão brasileiro desse esporte. (Mazzoni, 1950, p.19-20)

O fato é que a partir da metade da década de 1890, começam a se multiplicar registros de partidas de futebol e fundação de clubes que abrigavam sua prática. Segundo Mazzoni, o primeiro deles, “brasileiro e para brasileiros”, dedicado exclusivamente ao futebol foi a Associação Atlética Mackenzie College de São Paulo, oficialmente fundada em 18 de agosto de 1898. No entanto, é certo que o futebol já era jogado naquele colégio desde os primeiros anos da década de 1890. Além do São Paulo Athletic (que alinhava apenas jogadores ingleses ou descendentes) e do Mackenzie (que admitia apenas alunos do colégio), naquela década foi fundado um terceiro time paulistano, pelo alemão Hans Nobiling, que em sua terra natal atuara pelo E. C. Germania, da cidade de Hamburgo. Este reunia comerciários amigos de Nobiling e treinava no terreno da Chácara Dulley (o S. P. A. já se transferira para um novo campo na Rua da Consolação). Logo seriam disputados jogos entre estas três equipes. Em 1899, surge o Sport Club Internacional fundado por amigos do Nobiling, que não concordando com o nome do novo clube decidem fundar o Sport Club Germânia, que seria rebati-

zado como Esporte Clube Pinheiros, após a Segunda Guerra Mundial. Em 1900 foi fundado o Clube Atlético Paulistano, exclusivamente por brasileiros.

Esses cinco clubes pioneiros seriam os protagonistas do primeiro Campeonato Paulista de Futebol, que terminou com São Paulo Athletic e Paulistano empatados em número de pontos, o que ocasionaria um jogo desempate, disputado em 26 de outubro de 1902. Essa partida foi realizada no campo do Velódromo Paulistano, que ficava na rua da Consolação entre as antigas ruas Florisbela (hoje, Nestor Pestana), Martinho Prado e Olinda, e teria sido assistida por cerca de 4.000 (quatro mil) pessoas, um público espantoso para a época. Mazzoni (1950) reproduz trechos da descrição da partida publicada pelo jornal *O Estado de S. Paulo* no dia seguinte à disputa, um dos primeiros textos jornalísticos a respeito de um jogo de futebol no Brasil<sup>26</sup>.

O snr. Egydio de Souza Aranha dá sinal para o inicio da luta. João da Costa Marquez, *forward* do Paulistano, é logo vítima dum desastre, destroncando o braço. Coube ao Paulistano dar o 1.º *Kik*, porém com tal infelicidade, que resultou um *Córner*. Após conquistada a bola pelos Ingleses que conduzem-na até a Linha de 11 Yards, é daí *shootada* por Rubião. Boyers, do Athletico, consegue levá-la além da linha de 11 Yards, donde passa-a a Charles Müller, que com bello *shoot*, marca o primeiro *goal* para o Athletico.

A luta torna-se, então, renhida de lado a lado. Após o 1.º *goal* é a bola atirada fora do campo por um do Paulistano, cabendo à Biddel atirá-la para dentro. Biddel, com grande perícia, entrega-a a Motandon, que por sua vez passa-a à Charles Muller que, em extraordinario *shoot* rasteiro, marca o 2.º *goal* para o seu clube. Logo após momentos, é dado o sinal de *half time*.

Depois dum pequeno descanso dá-se inicio ao 2.º tempo, com ataque mais desenvolvido e forte do Paulistano. A bola volta para perto do *goal* do Paulistano, donde é muitas vezes *shootada* pelos Ingleses e rebatida por Jorge Miranda Filho.

Os *forwards* do Paulistano, em belos passes, levam-na até a linha de 11 Jards, donde é passada para Álvaro Rocha que, com magistral *shoot* marca o 1.º *goal* para o seu clube.

Logo em seguida o *referee* dá signal de terminado o jogo, com a vitória do Athletico, cabendo-lhe a Taça de 1902. Após o jogo foi esta solenemente entregue aos vencedores. Em brinde aos jogadores, é servido champagne na Taça, onde todos beberam, e a bola que serviu durante o *match*, foi banhada também no Champagne.

---

<sup>26</sup> Reproduz-se fielmente o texto publicado por Mazzoni.

Do *team* Inglês que em geral jogou magistralmente bem, salientamos: Jeffery, Charles Müller, os irmãos Alberto e George Kenworthy, Heyeok Wulckerer e Boyers. Os rapazes do Paulistano jogaram optima-mente e salientamos: Olavo de Barros, A. Rocha, Ibanez Salles, Renato G. Rubião, Thiers e Jorge Miranda Filho.

Eis os quadros: *São Paulo Athletic* – W. Jeffery, G. Kenworthy e A. Kenworthy; Biddel, Wucherer e Heyeock; Boyers, Brough, C. Muller, Motandon e Blacklock. *Club Athletico Paulistano* – J. Miranda Filho (Tutú), Thiers e G. Rubião; E. Baros, Olavo e Renato; B. Cerqueira, J. Marques, A. Rocha, Ibanez e O. Márquez. (p. 31-32)

Interessante notar que há nesse texto diversos elementos que ainda hoje fazem parte da linguagem dos jornais esportivos em relação à descrição de jogos de futebol, como detalhamento de lances importantes e decisivos da partida, destaque dos melhores jogadores em campo e a inserção no final da narrativa da escalação dos times, com a indicação dos atletas que entraram no transcorrer do jogo entre parênteses logo à frente do substituído. Os estrangeirismos e o a-portuguesamento das palavras inglesas marcariam definitivamente a linguagem do jornalismo esportivo e do próprio futebol, como já foi amplamente estudado por diversos pesquisadores, entre eles Fernández (1974, p. 74-80).

Apesar de ter atingido maior desenvolvimento e popularidade na capital paulista, o futebol no final do século XIX e início do XX já se propagava por outras cidades do estado bandeirante e unidades federativas. Mazzoni registra três clubes no Rio de Janeiro, em 1900, um em Niterói e dois no então Distrito Federal, mas observa que apenas dois deles estariam “verdadeiramente aptos à prática do jogo” (p. 24), estes seriam o Rio Cricket, sediado em Icaraí, e o outro “constituído de elementos nacionais, que o denominavam de Fluminense ‘Team’” (p. 24). O terceiro clube Mazzoni não cita o nome. Pode ser o Bangu Atlético Clube, que o elitista historiador “esquece” em sua obra.

A história do Bangu, o primeiro clube fundado por operários no país, é mais um confronto à “tese Miller”, conforme os trechos abaixo, extraídos do site oficial do clube:

Oficialmente, o Bangu Atlético Clube foi fundado em 17 de abril de 1904, porém, atividades esportivas em geral e **futebol em particular já eram práticas conhecidas no bairro desde o século XIX.** (...) Na capital da República, Rio de Janeiro, também se começou a jogar futebol no século passado, obra dos ingleses importados pelas fábricas de tecidos e pelos setores de ferrovias e energia elétrica. Em Bangu, os primeiros técnicos têxteis britânicos chegaram no ano de 1891, dois anos depois do início da construção do prédio da Fábrica e dois anos antes de sua inauguração. Era um número reduzido, que não iria ficar permanentemente em Bangu, vieram apenas para a instalação das primeiras máquinas. O segundo grupo chegou no final do ano de 1892, vindos de Manchester e Southampton, onde haviam fábricas têxteis nos moldes da que viria a existir em Bangu. (...) Segundo consta, foram esses ingleses que introduziram as atividades esportivas no bairro. Os ingleses utilizavam uma forma de organizar o trabalho nas fábricas que é muito comum até os dias de hoje: trabalhava-se seis dias por semana e havia folga no domingo. Cada imigrante utilizava esta folga como desejava. Os italianos realizavam festas com cantorias após o almoço, os portugueses cultivavam a religião e os ingleses voltavam-se para os esportes.

No ano de 1893 foram contratados quatro técnicos da firma inglesa Plat Brothers and Co. de Southampton, eram eles: Thomas Hellowell, Andrew Procter, William French e Thomas Donohoe, este último escocês. (...) Desses quatro técnicos, todos com passagens pelo Southampton Football Club, o que mais amava o esporte era Thomas Donohoe. O escocês que logo cedo descobriu uma oportunidade de trabalho na Inglaterra e que tinha quase 2 metros de altura era um *sportman* nato. Depois de estar bem assentado em sua residência e conhecer melhor os outros trabalhadores da Fábrica, Donohoe descobriu que não se praticavam esportes por aqui. (...) Football era algo desconhecido para os brasileiros. Os técnicos ingleses mais antigos o conheciam, porém nunca o haviam praticado em terras tropicais. Foi neste momento que o Sr. Donohoe se deu conta do engano que cometera. Achou desnecessário trazer uma bola de futebol para o Brasil, pois acreditava que o esporte já era popular por aqui. Na viagem de navio, Donohoe dizia que iria jogar com os estudantes das escolas superiores de Bangu e que logo ao chegar iria se associar a um clube local. (...) Para decepção de Donohoe, não havia football em Bangu e muito menos escolas superiores ou clubes.

(...) Mas a frustração inicial de Donohoe teria um fim. Ainda no ano de 1893, o Sr. Henry Bennet iria à Inglaterra adquirir peças de reposição, máquinas e outros equipamentos industriais. Era a chance que Thomas pedira para fazer uma encomenda especial ao importador. Precisava de uma bola urgentemente, com agulha para enchê-la e um livro de regras para ensinar aos brasileiros. Feita a encomenda, Donohoe esperou longos meses até o regresso do Sr. Bennet. Neste tempo a empolgação de Thomas crescera enormemente. Conversava com os outros ingleses, convidava os amigos para participarem do primeiro jogo assim que a bola chegasse. Quando o Sr. Bennet regressou de viagem, uma notícia partiu o coração de Donohoe: o amigo esquecera a encomenda no quarto do hotel onde ficara hospedado em Londres. (...) Porém, no ano seguinte, 1894, Thomas Donohoe tanto insistiu com os grandes diretores da Fábrica, que estes permitiram sua ida à trabalho para a compra de material na Inglaterra. O tesoureiro da Companhia, o Sr. Manoel Moreira da Fonseca, certamente pensou que Donohoe já estava morrendo de saudades de sua terra e liberou o técnico do serviço por três meses, além de pagar todas as suas despesas de viagem. De volta à Inglaterra, Donohoe visitou amigos, contou da sua vida no Brasil, buscou as encomendas da Fábrica, e obviamente pôde finalmente comprar a sua pelota de couro, com o dinheiro que sobrara da verba dada pelo Sr. Fonseca.

Todo o equipamento industrial da Fábrica vinha em enormes caixas de madeira. Dentro de uma dessas, o Sr. Donohoe colocou bem camuflado um pacote contendo uma bola de couro novinha, uma bomba para enchê-la e alguns pares de chuteiras. Ao regressar, em abril de 1894, foi só abrir a caixa, retirar a encomenda e dar o pontapé inicial para o desenvolvimento do esporte em Bangu.

O intrépido futebolista falou de sua nova aquisição e marcou para o próximo dia de folga uma partida entre todos os técnicos ingleses que trabalhavam na Fábrica. Distribuiu al-



gumas chuteiras para os amigos mais próximos e mostrou a sua preciosidade, que estava guardada na cristaleira de sua casa. A bola, sem dúvida a primeira existente no Brasil, era um verdadeiro troféu, que ele teve que suar muito para conquistar.

No domingo pela manhã, já era possível ver o Sr. Donohoe arrumando uma área livre (o que era fácil de encontrar nas proximidades da Fábrica), de preferência bem nivelada (isso era um pouco mais difícil) e fincando quatro estacas, duas de cada lado da várzea, formando assim as travessuras. Quem passasse pelo local naquela manhã poderia imaginar que os escocês estivesse tentando construir alguma coisa. À tarde, porém, devem ter pensado que todos os técnicos enlouqueceram. Donohoe chamou de casa em casa todos os seus companheiros dos tempos de Southampton e por volta das três horas da tarde, um grupo reduzido, composto de aproximadamente dez homens apareceu nas proximidades do terreno para estrear a bola nova e matarem a saudade do tão salutar jogo que eles haviam deixado para trás na Inglaterra.

Cada time jogou com apenas 5 *players*, mas foi o suficiente para garantir a diversão. Com o tempo, um maior número de pessoas se interessariam e neste momento poderia ser realizada uma partida com dois *elevens*. Mas para Donohoe isso pouco importava, o fato principal é que ele havia matado as suas saudades do football e conseguido realizar a sua primeira partida. Não houve preocupação com o uniforme, com as anotações dos gols marcados, com a cronometragem e tão pouco se pensou em anotar o nome dos jogadores, o importante era matar a fome de bola. Por esta falta de dados palpáveis é que se prefere creditar a Charles Miller a introdução do futebol no Brasil em outubro de 1894 e a realização da primeira partida, em abril de 1895, um ano após o jogo do Sr. Donohoe.

(...) Charles Miller, paulista nascido no bairro do Brás em 1874, que foi estudar na Inglaterra, na Banister Court School, de Southampton, provavelmente jogou com Thomas Donohoe por lá, é hoje considerado, erroneamente, o introdutor do futebol no Brasil. As justificativas para o mérito ter ido para Miller e não para Donohoe acabam sendo óbvias: era mais interessante que o homem que trouxe o futebol para o Brasil fosse um brasileiro do que um escocês. Além disso, Miller realizou suas partidas no centro de São Paulo, à vista de todos. Enquanto que Donohoe disputou seus matches no distante Bangu, que ficava a duas horas de trem do Centro do Rio, fazendo com que apenas os moradores do local tomassem conhecimento do seu pioneirismo.

Nem mesmo no Rio de Janeiro, a paternidade de Donohoe é reconhecida. Concede-se a honra de trazer a primeira bola para o Estado ao suíço Oscar Cox, no ano de 1897, três anos depois do verdadeiro pioneiro.

No longínquo 1897, enquanto o Sr. Oscar Cox desfilava do bairro das Laranjeiras ao Centro exibindo sua bola, em Bangu a paixão pelo jogo era tanta que mais duas outras já haviam sido trazidas da Inglaterra, em mais uma encomenda do Sr. Donohoe. Foi neste ano também que o incansável escocês juntou um punhado de companheiros do Reino Unido, para pedirem a ajuda da Fábrica na fundação de um clube, nos moldes dos existentes em seu país. Foram vetados pelo Secretário da Companhia, o Sr. Eduardo Gomes Ferreira, que se declarou inimigo de qualquer espécie de jogo, principalmente o football.

As idéias voltadas a atividades atléticas eram, na época, confundidas com jogos de azar. Pensavam que o futebol iria viciar os funcionários da Fábrica e que traria problemas para a administração. Além disso, quem quisesse lazer que procurasse a Sociedade Musical Progresso de Bangu e a Banda de Música dos Operários da Fábrica, que organizavam seus bailes constantemente. Por todos estes motivos, a idéia de fundação de um clube foi recusada. Já imaginou se os funcionários resolvessem faltar ao trabalho para ficarem no clube chutando uma bola?

Poderíamos ter sido o primeiro clube fundado no país que teria o futebol como esporte principal. Atravessamos para o século XX, e a paixão pelos esportes aumentava, principalmente entre os brasileiros. Além de assistirem as disputas dos ingleses, os brasileiros viam a alegria do novo gênero. Se antes os nacionais pouco sabiam do futebol, agora já se entusiasmavam em assistir os matches, e inclusive participar deles. Jogava-se nos grandes terrenos existentes em Bangu, nos enormes espaços que o recente desenvolvimento ainda não havia ocupado. Bangu era portanto o primeiro lugar no Brasil que aceitou esta mistu-

ra no futebol. Como não havia ingleses suficientes para montar dois times, os operários da Fábrica acabaram sendo enturmados pelos técnicos para a realização de partidas deste sport.

Por volta de 1901, os praticantes dos esportes ganharam um espaço exclusivo para disputarem suas partidas. Por determinação conjunta do Srs. Manoel Antônio da Costa Pereira e João Ferrer ficou decidido que a Companhia Progresso Industrial do Brasil cederia uma área localizada bem ao lado direito das salas de trabalho então existentes para a construção de um campo provisório. Este field situado dentro da Fábrica Bangu existiu até 1905, sendo disputadas muitas partidas com bastante audiência.

Em 1903, o Sr. Thomas Donohoe, como prêmio por completar dez anos de sua chegada ao Brasil para trabalhar como técnico da fábrica, ganhou da Companhia uma viagem a passeio para a Inglaterra com direito de levar sua família. Em dezembro deste ano, retornando da viagem, Seu Danau, como já era chamado pelos operários da Fábrica, trouxe mais duas bolas de football.

Conta a história que após desembarcar na Praça Mauá, o Sr. Donohoe seguiu até a Estrada de Ferro com sua família e todas as bagagens numa carroça, e da Estação da Praça da República tomou o trem para Bangu. Causou surpresa aos viajantes quando retirou da bolsa aquele pedaço de couro, com costuras expostas nos gomos, e com a ajuda de uma bomba de ar, encheu a bexiga dentro do vagão, começando a quicá-la. Duas horas depois, desceu com a pelota em baixo do braço, como não podia deixar de ser. Esta é a história original do nascimento do futebol no Brasil e de seu mais ferrenho incentivador. (Fonte: Departamento de Patrimônio Histórico do Bangu Atlético Clube, disponível em <[http://www.bangu.net/v04/clube/historia\\_02.php](http://www.bangu.net/v04/clube/historia_02.php)>)

Apesar do pioneirismo, o Bangu Atlético Clube seria fundado oficialmente apenas em 1904, dois anos depois do Fluminense Futebol Clube, reconhecido como o time mais antigo do Rio de Janeiro e também como o mais legítimo representante da elite carioca, o que contribuiu para que a maioria dos historiadores do futebol brasileiro não reconheça a saga do senhor Donohoe. Mas os historiadores do Bangu também advogam em causa própria. Há outros indícios de que o futebol chegou por aqui em contextos mais amplos do que trazido por um ou outro personagem.

Segundo Melo (2000, p.19), além do já citado colégio São Luís, de Itu, outras instituições de ensino adotaram a prática do futebol antes de Miller e mesmo Donohoe importarem bolas, chuteiras e uniformes. Também o Colégio Anchieta, em Nova Friburgo (RJ), logo após sua fundação em 1886, valorizava os exercícios físicos entre os alunos e incluía o futebol entre eles. O autor cita ainda o seguinte item do regulamento de 1892 do Colégio Pedro II, renomeado Ginásio Nacional, após a Proclamação da República:

O diretor e o vice-diretor do Ginásio procurarão desenvolver em seus alunos o gosto pelos exercícios de tiro ao alvo, de besta, tiro e flecha, exercícios ginásticos livres, saltos, jogo de volante, etc. (...) São permitidos como jogos escolares: a barra, a amarela, **o futebol**, a peteca, o jogo de bola, o *cricket*, o *lawn-tennis*, o chroché, corridas, saltos e outros, que a juízo do diretor, concorram para desenvolver a força e a destreza dos alunos, sem pôr em risco sua saúde. (Melo, 2000, p. 19)

Um outro fator que contribuiu para a popularização do futebol foi a expansão da ferrovia. Conforme os trilhos iam adentrando o interior do país, núcleos habitacionais iam surgindo e os costumes urbanos os acompanhavam. A quantidade de clubes surgidos em virtude da expansão ferroviária é enorme, muitos inclusive receberam nomes associados ao fenômeno, como o E. C. Nordeste, de Bauru, e a A. A. Ferroviária, de Araraquara. Não só havia muitos funcionários de origem inglesa nas companhias que já conheciam o futebol, como outros brasileiros que tiveram contato com o esporte nas capitais. Assim, ferrovia e futebol caminharam de mãos dadas como fatores de integração, enquanto um ligava fisicamente regiões, outro promovia a integração cultural entre as populações. As companhias de navegação também se encaixam nesse raciocínio, levando o futebol às cidades portuárias, como Belém, no Pará, onde já em 1906 foi criada a Pará Football League. A capital paraense abrigava na transição do século XIX para o XX diversas filiais de companhias inglesas, o que pode sustentar a tese de que o futebol foi introduzido lá pela mesma via de diversas outras localidades. Além disso, naquela época a integração nacional era bastante precária e os paraenses devem ter demorado muito tempo para ouvir falar de Charles Miller, Alfred Cox ou Thomas Donohoe.

Embora possam ser consideradas como “berço do desenvolvimento do futebol”, não é nas capitais paulista e carioca que estão os clubes mais antigos em atividade no Brasil. Um é o gaúcho Sport Club Rio Grande, fundado em 14 de julho de 1900, e o outro, a Associação Atlética Ponte Preta, de Campinas, a 11 de agosto daquele mesmo ano. Apesar das datas, é certo que esses clubes não foram fundados primeiro para depois se jogar o futebol. Em Campinas haveria a

prática do futebol desde 1897, no antigo Colégio Culto à Ciência e também no bairro da Ponte Preta, onde “a maioria das vezes o futebol era praticado com bola feita de pano e, de quando em quando, para gáudio dos neofutebolistas, aparecia uma bola de camara de ar, adquirida com o produto de coleta entre os moços” (Mazzoni, 1950, p. 25), fato que indica não serem os praticantes membros da elite, pois se assim o fossem, certamente mandariam importar bolas mais apropriadas. Já o Rio Grande, a exemplo dos primeiros clubes paulistas, tinha em seus quadros apenas alemães e descendentes e consta que a ata de sua fundação foi redigida em língua germânica. Ainda em 1900 registra-se a fundação do Sport Club Savoia (atual Clube Atlético Votorantim), na cidade de Sorocaba e sobre o qual quase não há informações.

Na primeira década do século XX, os clubes de futebol se multiplicaram por todo o país. Em São Paulo, o campeonato paulista era realizado regularmente a cada ano com novos times. No Rio Grande do Sul, em 1903 já existiam pelo menos seis clubes dedicados exclusivamente ao futebol. Aliás, neste estado o desenvolvimento do futebol tem uma história à parte e pouco citada pelos historiadores tradicionais do futebol nacional, uma vez que nas regiões fronteiriças com o Uruguai e a Argentina – países em que o futebol chegou e se disseminou mais cedo que no Brasil – o esporte se popularizou muito rapidamente e alheio ao que se passava no restante do país. Na Bahia, em 1905, é realizado um campeonato estadual com quatro times, apesar de já haver naquele estado pelo menos 11 equipes jogando regularmente, o que indica uma anterioridade na introdução do futebol também na região nordeste sem qualquer ligação com os “pioneiros” paulistas e cariocas.

Também no início do século são fundadas as primeiras entidades dirigentes, sendo a Liga Paulista de Futebol a primeira, em 1901. Depois, em 1905, nascem a Liga Metropolitana de Football, no Rio de Janeiro, e a Liga de Futebol da Bahia. Logo os jogos entre paulistas e cariocas se tornaram comuns e, em 1903, no campo da Pólvora, em Salvador (BA), é disputada a primeira partida

internacional em solo brasileiro, entre um combinado baiano e um time formado por oficiais norte-americanos embarcados em um navio que fazia escala no porto da capital baiana. A partida foi vencida pelos brasileiros por 2 a 0, no dia 30 de agosto de 1900, com gols marcados por Artur Moraes e Tarquínio.

Em relação à seleção brasileira de futebol, até 1913 não houve um time nacional propriamente dito, apenas combinados paulistas ou cariocas que representavam o país em jogos amistosos geralmente contra times em excursão pela América do Sul. Assim, uma seleção paulista representou o Brasil em um amistoso contra a África do Sul, em 31 de julho de 1906, disputado no campo do Velódromo em São Paulo e vencido pelos visitantes por 6 a 0. Dois anos mais tarde, em 9 de julho, no estádio das Laranjeiras, pertencente ao Fluminense FC, um combinado carioca foi derrotado por um argentino pelo placar de 3 a 2. A primeira seleção brasileira oficial a entrar em campo era na verdade um combinado paulista e carioca que disputou um amistoso contra o Exeter City da Inglaterra, em 21 de julho de 1914, no estádio das Laranjeiras. A equipe brasileira venceu por 2 a 0. Neste mesmo ano o selecionado nacional disputou sua primeira partida fora das fronteiras, contra a Argentina, em Buenos Aires, onde foi derrotada por 3 a 0, porém, na mesma excursão ganhou seu primeiro título internacional: a Copa Roca, em jogo único contra um selecionado argentino dissidente da AFA – Asociación de Fútbol Argentino. Mas o primeiro título de um selecionado brasileiro só viria a ser conquistado em 29 de maio de 1919, quando o país sagrou-se campeão sul-americano com uma vitória por 1 a 0 diante do Uruguai, no Rio de Janeiro.

Além da questão elitista, também o racismo foi um elemento marcante nos primórdios do futebol brasileiro. Numa sociedade em que o negro era abertamente segregado, os primeiros jogadores afro-descendentes só puderam atuar oficialmente após cerca de quinze anos da introdução do futebol no país. Até 1918, os negros eram oficialmente proibidos de jogar pela Federação Brasileira de Sports, precursora da atual CBF – Confederação Brasileira de Futebol. No

entanto, isso não significa que não jogassem, apenas não podiam disputar competições oficiais ou serem convocados para seleções brasileiras. Curiosamente, o Brasil ganhou seu primeiro título internacional em 1919, quando passou a contar com atletas negros e o gol da conquista foi anotado por Arthur Friedenreich, jogador que tinha o sobrenome do pai teuto-brasileiro e a cor da pele da mãe negra<sup>27</sup>.

No século XIX, quando o futebol começou a ser implantado no Brasil, os divertimentos públicos no país eram restritos às festas religiosas e cívicas; espetáculos teatrais, de dança e canto eram exclusivos da aristocracia. A influência estrangeira na convivência social era bastante acentuada e logo hábitos europeus começaram a transpor o Atlântico, entre eles as práticas esportivas que então começavam a ganhar importância no Velho Mundo não apenas como atividade de lazer, mas também de educação e higiene pessoal. Assim, o esporte organizado teria surgido no Brasil como elemento importado e restrito às classes mais altas. É bom lembrar que a sociedade brasileira, antes da proclamação da República, era dividida verticalmente em três estratos sociais. No topo estavam os brancos ricos, fazendeiros, pessoas com alguma ligação com a corte imperial e empresários (geralmente europeus) do comércio e da incipiente indústria. A classe intermediária era composta por empregados, burocratas subalternos e pequenos comerciantes. Na base, os escravos e mestiços pobres. Após a Proclamação da República e da Abolição este quadro se alterou um pouco, principalmente pela chegada de milhares de imigrantes para trabalhar nas lavouras em substituição à massa escrava, engrossando a classe intermediária, enquanto os negros libertos foram colocados à margem da sociedade constituindo uma nova classe junto com mestiços: a dos miseráveis. No topo, quase nada mudou, a não ser pelo incremento do poder de fazendeiros.

---

<sup>27</sup> Apesar da discriminação oficial, Friedenreich começou sua carreira em 1914, no elitista Germânia, de São Paulo, o que demonstra que a discriminação era mais classista que propriamente racista. Ou seja, se o indivíduo pertencesse a uma família rica, era aceito, embora com restrições, mesmo que tivesse a pele escura.

Assim, não é de se admirar que o futebol quando começou a ser jogado por aqui ficasse restrito aos círculos mais aristocráticos, entretanto, nos centros urbanos, graças à imigração e a exemplo do que acontecera na Europa, depois dos primeiros passos espalhou-se como fogo por todo o país, geralmente envolvendo jovens das classes altas.

O futebol brasileiro popularizou-se durante os seus anos formativos porque complementava a expansiva disposição urbana. De região a região, forneceu-se uma linguagem de experiências comuns a uma população cada vez mais móvel, carente de símbolos nacionais. O começo do século vinte foi, para o Brasil, uma época de estímulos culturais e intelectuais acelerados, tipificada pelo que se denominou de “fenômeno dos congressos”, reuniões entre as elites para trocar informações a todos os níveis, desde municipalidades intra-estaduais até o contato internacional. O futebol encaixou-se neste quadro. Aos torcedores, oferecia-se a fidelidade do grupo, escape emocional, e um conhecimento técnico que se poderia dominar sem escola ou linguagem distinta. (Levine, 1982, p.26)

Embora a maioria dos historiadores ignore sistematicamente, o fenômeno não passou despercebido nas classes mais baixas, que logo começariam a praticar a modalidade com mais habilidade, repetindo o que se passara na Inglaterra, quando os operários começaram a formar seus times e superar as equipes formadas nos colégios aristocráticos. Ainda que as elites não aprovassem, o futebol não demorou a ser “apropriado” pela ralé, que passou a produzir os melhores jogadores. Já na década de 1920, os clubes viviam um dilema: de um lado os sócios e incentivadores cobravam resultados, de outro não aceitavam mulatos, negros e mesmo brancos pertencentes às classes baixas, entretanto, os melhores jogadores eram exatamente oriundos desses estratos sociais. O grande golpe na elitização do futebol aconteceu em 1923, quando o Clube de Regatas Vasco da Gama, já com sete anos de existência e nenhuma conquista resolveu recrutar atletas da zona norte e colocou em campo um time com um negro, dois mulatos e oito brancos analfabetos. Com isso, ganhou o Campeonato do Rio de Janeiro duas vezes seguidas, o que obrigou os demais times a aderirem a uma política

mais liberalizada em relação à classe e raça dos jogadores. Contudo, segundo Mário Rodrigues Filho, em seu *O negro no futebol brasileiro*, de 1947, os dirigentes vascaínos diziam abertamente que “entre um preto e um branco, os dois jogando a mesma coisa, o Vasco fica com o branco. O preto é para a necessidade, para ajudar o Vasco a vencer”.

Antes disso, porém, alguns clubes mais populares, criados por operários ou pequenos comerciantes já faziam sucesso, como o Bangu (primeiro clube brasileiro a escalar um negro) e a Ponte Preta, já citados anteriormente, ou o Corinthians, criado em São Paulo, em 1910. Em Porto Alegre, em 1909, o Sport Club Internacional foi criado por dois pequenos comerciantes rejeitados pelos elitistas clubes locais, por serem migrantes paulistas “pouco conhecidos”, passando a agregar em suas fileiras operários e demais barrados. É na história do Internacional<sup>28</sup>, que surge mais dados que permitem inferir a existência de capítulos ainda não devidamente registrados e pouco documentados da história do futebol como esporte praticado também pelas classes menos privilegiadas: “a partir da década de 20, o Inter abriria a sua sede e daria lugar no seu time aos jogadores que pertenciam às muitas ligas que organizavam competições entre clubes representativos de negros (a famosa Liga da Canela Preta, por exemplo), de funcionários públicos, de funcionários do comércio e de estivadores”.

O futebol como fenômeno capaz de refletir aspectos socioculturais das comunidades que o praticam não deixou escapar o racismo da sociedade brasileira, mas também registra episódios em que os brasileiros foram discriminados em outros países. Em 6 de outubro de 1920, o selecionado nacional disputou uma partida amistosa contra a Argentina em que a intolerância racial dos adversários ficou patente. Em protesto contra um jornal argentino que publicara um desenho da seleção brasileira em que os jogadores foram caracterizados como macacos, alguns atletas se recusaram a entrar em campo e a partida foi iniciada com a equipe brasileira integrada por apenas sete jogadores brasileiros e com-

---

<sup>28</sup> Disponível em < <http://www.internacional.com.br/>>, acesso em 26 de março de 2005



pletada com quatro jogadores argentinos. O público local presente ao jogo protestou contra os reforços argentinos no time brasileiro e o jogo acabou sendo iniciado com apenas sete jogadores de cada lado.

Outro indicativo de que o futebol, já em seus primeiros anos e ainda que majoritariamente praticado pelas elites, também já estava nas classes populares é do próprio Mazzoni (1950, p. 39):

No entanto, em São Paulo, em outubro de 1903, já existiam vários clubes de arrabaldes, ou seja, os chamados “varzeanos”, publicando o “*Fanfulla*” no dia 4 de outubro daquele ano uma notícia onde se lia: “Hoje haverá *matches* no campo da Parada do trem da Cantareira, entre os times da A. A. Cruzeiro Paulista e A. A. Santos Dumont, e no campo diocesano entre os times do S. C. Silvio de Almeida e S. C. Guarani.” (p. 39)

Mazzoni se mostra mais uma vez um historiador competente no levantamento de dados, mas escapa-lhe o fato de que em 1903 não havia profissionalismo, assim, tanto o São Paulo Athletic de Charles Miller, como os desconhecidos clubes citados pela *Fanfulla*, eram na verdade “varzeanos”, termo que, já em 1950, época da publicação de sua obra, distinguia times não-profissionais. O jornal *Fanfulla* foi um dos pioneiros na cobertura esportiva, tratava-se de periódico dedicado à colônia italiana em São Paulo e, por isso, não era lido pelas elites<sup>29</sup>. Segundo Coelho (2003, p. 8) o jornal “trazia relatos de página inteira num tempo em que esse esporte [o futebol] ainda não cativava multidões”. Em 1880 o futebol já era bastante desenvolvido na Itália, onde os colégios de jesuítas permitiam sua prática, o que faz supor que imigrantes daquele país possam ter trazido conhecimentos e o gosto pelo esporte.

Esses e outros dados, que certamente poderiam ter sido levantados numa pesquisa específica sobre a prática do futebol fora dos círculos aristocráticos no Brasil do final do século XIX e início do XX, indicam que há ainda aspectos históricos do futebol a serem explorados. Certamente, assim como na Eu-

---

<sup>29</sup> Uma curiosidade sobre este jornal é que foi a partir de um anúncio nele publicado que surgiu o Palestra Itália, time que depois mudaria de nome para Sociedade Esportiva Palmeiras, um dos principais clubes brasileiros da atualidade

ropa, o futebol em seus primórdios foi mais praticado pelos filhos das elites brasileiras, entretanto, assumiu as dimensões de fenômeno sociocultural mais amplo através de sua popularização entre todas as classes sociais, para o quê, fatores como a possibilidade de ser praticado sem a necessidade de muitos equipamentos (basta uma bola, ou algo parecido, feita de qualquer material) muito contribuiu. A atuação da imprensa também foi decisiva nesse processo, como se verá no próximo item.

### *O futebol e o jornalismo*

*Calculem os senhores que quando efetuamos o primeiro jogo interestadual solicitei dos jornais de então que dessem curso à notícia do prélio realizado. Pois a resposta do “O Estado de São Paulo”, “A Platéia” e “Diário Popular” foi uma só: “Não nos interessa semelhante assunto”.*  
(Charles Miller, in: MAZZONI, 1950, p. 19)

Apesar das afirmações da epígrafe acima, é difícil imaginar que a imprensa brasileira não tenha tido interesse pelo futebol em sua fase de implantação. A primeira partida entre paulistas e cariocas foi realizada em 1901 e o jornal *O Estado de São Paulo* já mantinha uma seção denominada *Sport*, que desde 1900 divulgava informações sobre jogos de futebol na capital paulista. Além das atas de fundação de clubes, é nos jornais que se encontram a maior parte dos dados para a compilação de uma história do futebol. No entanto, ainda não há uma historiografia específica e completa da imprensa esportiva brasileira<sup>30</sup>, apenas referências nos muitos trabalhos sobre o futebol ou sobre a imprensa brasileira.

Sabe-se que mesmo antes de o futebol ter aportado no Brasil, a imprensa nacional demonstrava interesse por notícias relacionadas às práticas esportivas. Segundo Garrido (1999), as primeiras notícias desse tipo foram publicadas já nos meados do século XIX sobre corridas de cavalo e remo, embora tais

---

<sup>30</sup> Trabalho neste sentido está sendo desenvolvido pela professora Vera Regina Toledo Carmargo, pesquisadora do LABJOR/UNICAMP e coordenadora do Núcleo de Pesquisa em Mídia Esportiva da INTERCOM - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação.

inserções fossem esporádicas. Até mesmo alguns periódicos especializados circularam pelo Rio de Janeiro como *O Atleta* (1856), *O Sportman* e o *O Sport* (1887). Já na última década do século, jornais como *O Estado de S. Paulo*, *O Paiz*, *Correio da Manhã* e *Jornal do Brasil* mantinham seções especializadas e passaram a publicar notícias sobre esporte com maior frequência. Se não demonstravam interesse especial pelo futebol, esses jornais não o ignoravam. A edição de 10 de junho de 1902 de *O Estado de São Paulo* descrevia em detalhes uma partida de futebol entre os times do Sport Club Internacional e do São Paulo Athletic Club.

#### “SPORT

Sétimo match

Campeonato de 1902

Como hontem havíamos prometido, damos abaixo algumas peripécias de interessante match realizado ante-hontem entre os clubs Sport Club Internacional e S. Paulo Athletic Club.

Seriam 3' horas da tarde, mais ou menos, quando o referee, sr. Lamont deu o signal de começar o jogo. Ao São Paulo Athletic coube dar o primeiro pontapé na bola, o que fez com bastante calma e com bons passes, conseguindo assim ficar bem próximo do goal do Internacional, mas não pôde marcar o goal por ter o goal-keeper rebatido muito bem o schoot, que atirou a bola para o centro do campo. Os forwards do Athletic-Club, conquistando novamente a bola, conseguiram, depois de uma grande resistência, atravessar as linhas de forwards, half-backs e full-backs do Internacional, e um admirável schoot marcou o primeiro goal para o São Paulo Athletic. (...)

Pelo referee é dado o signal de terminado o tempo, obtendo o São Paulo Athletic Club a esplêndida vitória de três goals a 0. O jogo do Athletic é incontestavelmente bom nos admiráveis passes e na sua firmeza dos schoots contra o goal. Quanto ao jogo do Internacional é também bom no jogo de passes, porém só lhe falta o schoot contra o goal, único defeito que encontramos no seu jogo.

Do Internacional os que mais se salientaram foram: os srs. Jorge Mesquita, que mais uma vez vem confirmar seu vasto conhecimento e firmeza neste jogo, Duarte Azevedo, Geraldo Toledo, A. Costa e W. Holland. Do team do Athletic os que jogaram bem foram: os srs. C. Miller, Boyes, Unwain e Jeffery. O sr. Lamont, como referee agradou uns e descontentou a outros, parecendo porém, que suas decisões não foram justas, foram sinceras”. (ARQUIVO EM IMAGENS, s/d, p.28-29)

Sete dias depois, o mesmo jornal publicava um quadro estatístico do Campeonato Paulista daquele ano – o primeiro da história – em que aparecem o número de vitórias e derrotas de cada equipe, bem como a quantidade de gols marcados e sofridos e os pontos obtidos, exatamente como se faz hoje. Os textos sobre jogos de futebol não sofreram grandes mudanças ao longo do século que se passou, apesar de se ter perdido a ingenuidade, ainda se descrevem os jogos lance a lance e são tecidos comentários sobre as atuações individuais dos atletas. Algumas mudanças podem ser notadas, como o aporuguesamento dos termos - do exemplo acima, é possível citar *shoot*, *back* e *goal*, que se tornaram chute, beque e gol, respectivamente -, com os estrangeirismos sendo substituídos até não mais serem empregados, ou ainda a inserção de entrevistas e opiniões de atletas e treinadores sobre as partidas.

Com o aumento do número de times e a realização de campeonatos com maior regularidade, os jornais passaram também a dar mais espaço ao tema, entretanto, pelo menos até a metade da década de 1920, o futebol não teria sido manchete de primeira página em nenhum jornal brasileiro. Publicações dedicadas aos esportes também eram esporádicas e quando surgiam não duravam por muito tempo. É interessante notar que apesar da enorme popularidade, na imprensa brasileira são poucos os exemplos de sucesso de publicações dedicadas exclusivamente ao tema que, salvo exceções, tiveram vida efêmera. Os casos excepcionais são os jornais *A Gazeta Esportiva* e o *Jornal dos Sports* e a revista *Placar*. o primeiro começou a circular em 1924 na cidade de São Paulo como encarte de *A Gazeta* e deixou de ser publicado em 1999, já o segundo, iniciou sua história em 1931 no Rio de Janeiro e com breves períodos de paralisação sobrevive até hoje. A revista *Placar*, lançada em 1970, circulou regularmente até a Copa do Mundo de 1990, depois passou a ser editada em números especiais e temáticos, apenas para manter viva a marca de força reconhecida, porém, deficitária, segundo a Editora Abril. Em 1995, a *Placar* com alterações de formato e foco – adotou o *slogan* “futebol, sexo e *rock’n’roll*”, que se mostraria um fra-

casso – voltou ser publicada semanalmente durante cerca de três anos, quando novamente passou a ter periodicidade indefinida (em 2001 voltou a ser semanal e, em 2002, retomou a periodicidade irregular). São muitas as publicações especializadas em esportes ou especificamente em futebol lançadas e que deixaram de circular no Brasil nos últimos cem anos e, como já citado, trata-se de uma história ainda a ser relatada. Atualmente, o diário *Lance!* é a publicação mais importante do país nesse segmento e tem demonstrado vitalidade.

Mas a importância do jornalismo para a expansão do futebol não pode ser resumida à quantidade de textos e à divulgação dos jogos e campeonatos, além disso, pesa o fato de que a maioria da população do país no início do século era analfabeta. Especialmente a partir da metade da década de 1910, quando a seleção brasileira de futebol começou a disputar competições internacionais e os clubes a arrebanhar cada vez mais seguidores, a opinião da imprensa começou a influenciar nas decisões dos dirigentes esportivos. A convocação de jogadores para defender o país começou a passar pelo crivo da análise de jornalistas, bem como as atuações dos times nos campeonatos. A participação da imprensa em episódios como a aceitação de negros nos times e no selecionado nacional foi decisiva, assim como a pressão a favor da profissionalização, exercida no início da década de 1930 (o futebol profissional foi oficialmente instituído no Brasil em 1933).

Por outro lado, o jornalismo especializado em futebol sempre foi alvo de acusações de parcialidade e acriticidade em suas coberturas. Coelho (2003) lembra que durante a “crise do profissionalismo”, que provocou uma cisão entre os clubes, até então aparentemente unidos, entre os que admitiam e os que se negavam a pagar jogadores, “os jornais cariocas acompanharam tudo como puderam. Com pouco espaço e dando mais destaque ao que acontecia dentro de campo do que à briga política entre todos os times” (p. 16). Os repórteres que cobrem futebol costumam evitar questões administrativas e problemas políticos de bastidores e privilegiam coberturas burocráticas e limitadas às disputas dentro

de campo. Apesar disso, quando o jornalismo esportivo se aventurou em reportagens investigativas os resultados foram animadores, como a histórica série de reportagens publicadas pela revista *Placar*, que ao denunciar a existência de um esquema de corrupção que envolvia jogadores, técnicos e dirigentes na manipulação de resultados de partidas incluídas na Loteria Esportiva. A reportagem principal ganhou diversos prêmios e também alcançou as manchetes de editoriais políticas e criminais.

Existem outros exemplos e casos de reportagens investigativas bem sucedidas realizadas por jornalistas ligados ao futebol, entretanto, essa não é a linha editorial predominante do gênero, o que, em parte, faz o jornalismo esportivo ser considerado como uma espécie de “patinho feio” das redações e seja comparado a gêneros “menores” como o colunismo social. A partir da década de 1990 esse panorama tem sido alterado, ainda que lentamente, devido à profusão de escândalos protagonizados pelos administradores do futebol brasileiro. Além disso, jornais como a *Folha de S. Paulo* que antes desprezavam o futebol, passaram a dar mais espaço para os aspectos políticos da modalidade esportiva mais popular do país, o que obrigou outros diários a acompanharem-na.

A justificativa para o distanciamento dos bastidores do futebol é que tal tipo de matéria não agradaria o público, entretanto, não há, pelo menos amplamente divulgada, qualquer pesquisa que confirme tal suposição. Uma das edições mais vendidas da revista *Placar* foi justamente a que denunciou a máfia da Loteria Esportiva. Uma “justificativa” mais plausível são as relações dos repórteres com clubes e jogadores. Os dirigentes esportivos costumam “queimar” jornalistas que trabalham numa linha mais politizada<sup>31</sup> e orientam “seus” atletas a não darem entrevistas para eles, além de não repassarem informações consideradas importantes para as coberturas futebolísticas, como possíveis contratações de jogadores ou horários e locais dos treinamentos. Assim, em troca da “tranqüi-

---

<sup>31</sup> O jornalista Juca Kfourri, ex-diretor da *Placar* é muito conhecido por atuar nessa linha e, por isso, proibido de entrar em muitos clubes, além de ter sofrido diversos processos.

lidade” para trabalhar, os repórteres futebolísticos evitam reportagens de cunho politizado. E, como já visto, a influência dessas relações acaba transparecendo nos discursos das coberturas futebolísticas.

Em se tratando de competições esportivas, essas relações podem ser vistas como *inofensivas*, mas uma análise que considere aspectos socioculturais não pode fugir do conceito de que o jornalismo esportivo está inserido numa estrutura maior, não está dissociado de todo o meio midiático, ao contrário. Ainda que carregado de maior subjetividade, o jornalismo esportivo não está livre das mesmas influências que agem sobre os demais gêneros de discurso jornalístico, como a linha editorial do veículo ou as condições de produção da notícia no ambiente da prática profissional. Muitos dos problemas da mídia esportiva são correlatos aos de outros gêneros jornalísticos, não se pode dizer que as demais seções dos jornais pratiquem um jornalismo isento e objetivo. Os repórteres de política, economia, entretenimento e polícia também mantêm relações muitas vezes consideradas “promíscuas” com suas fontes, ao omitirem informações relevantes que possam afetar a imagem pública das personalidades e entidades envolvidas.

Resumidamente, pode-se dizer que o futebol tem raízes em práticas lúdicas milenares verificadas em diversas partes do mundo, com o advento da Modernidade e da Industrialização e, tal qual a própria sociedade, incorporou as transformações sociais instituídas por esses fenômenos mais amplos e ganhou dimensões socioculturais. A partir de intervenções da mídia impressa teve sua popularidade aumentada e chegou à condição de espetáculo. Entretanto, esse processo não se sustentaria sem a participação do torcedor de futebol, tema do terceiro capítulo deste trabalho.

## **CAPÍTULO 3**





*Torcedores aguardam, sob chuva, no Rio de Janeiro, o retorno da Seleção Brasileira que disputou a Copa do Mundo em 1938, na Itália (in: Duarte, 1993)*

## O TORCEDOR DE FUTEBOL

*Para Nelson Rodrigues, o torcedor é o homem que ama um clube e este amor significa entregar-se, viver, num jogo, seu destino, do qual, nunca escapa. Mario Filho, por sua vez, compara o amor pelo clube ao amor por uma mulher, para toda a vida, ou até que Deus separe, concluindo que o primeiro é mais duradouro que o segundo. Pode-se deixar de amar uma mulher, mas não a um clube. Traí-lo, nem mesmo em pensamento.*

[Teixeira, 1998, p.115]

Para entender o torcedor futebol, primeiramente, é necessário esclarecer que existem, na verdade, muitas categorias de torcedores. Para Dante Panzeri (1967) não é possível ver um jogo de futebol de uma única maneira, os juízos acerca desse esporte – e, conseqüentemente, os modos de torcer – se dividem entre os que *vêem* e os que *sentem*, ou entre os que “vão ver jogar” e aqueles que “vão ver ganhar”. Os primeiros apenas apreciam (ou não) o espetáculo e, prova-

velmente, nutrem alguma simpatia, ainda que momentânea, por uma das equipes. No entanto, este tipo de espectador não classificaria a si mesmo como um “torcedor de futebol”, diria ser apenas *simpatizante* e, tão logo o espetáculo termine, é capaz de esquecer a vitória ou a derrota que acabou de presenciar. Qualquer análise que este tipo de torcedor fizesse a respeito do futebol se resumiria a ter apreciado ou não o espetáculo oferecido, o que não o impediria de ter aplaudido ou desaprovado com alguma intensidade detalhes do jogo.

Turtelli (2002, p.21), ao citar a divisão dos torcedores em três categorias feitas por A. R. Salvo, apresenta uma delas próxima aos “que vão ver jogar”: as dos *espectadores* “que gostam de futebol e que vão aos estádios para assistir a uma partida que, de antemão, promete ser um bom espetáculo”, ou seja, não costumam se envolver emocionalmente com o time além do contexto dos jogos enquanto eles se desenrolam e, tão logo ele acabe, o sujeito passa a ter outras preocupações e o futebol pouco, ou nada, influencia no seu cotidiano. O futebol, para eles, é visto como um passatempo, uma atividade de lazer. Ainda que possam sentir alguma tristeza ou euforia quanto ao resultado das partidas, são sentimentos passageiros.

Na segunda categoria apontada por Panzeri, a dos que vão ao estádio “ver ganhar”, está mais próxima do significado do termo *torcer* e dos sujeitos desta pesquisa. No Brasil, genericamente, são conhecidos por *fanáticos*. A eles não importa a qualidade do espetáculo, mas sim o resultado. O time para que torcem pode jogar muito mal, porém, se ganhar, basta. Do contrário, sofrerão, poderão ficar muitos dias amargurados em consequência da derrota. Na verdade, em suas mentes, não é a equipe que perdeu, mas eles mesmos. Panzeri os classifica como “doentes”, uma vez que *sofrem*.

*... son enfermos, aún no recrutados como tales dentro de los servicios médicos y farmacêuticos. Unos peligrosos, otros mansos, pero enfermos al fin, puesto que sufren. Y hai que conveir que quien deja sulantar su personalidad más frecuente por outra que*

*se regula según la suerte de una divisa deportiva, es un enfermo, puesto que no es un individuo equilibrado, ni controlado. (p.36)*

“O Mario Filho falava uma coisa muito bonita sobre o torcedor, tem naquele livro *A pátria de chuteiras*, do Nelson Rodrigues, que o torcedor quer que o jogador o represente, que o jogador seja ele. O torcedor não inocenta o jogador, não o absolve, ele não pode errar, é um irmão que não pode errar, um amigo que não pode trair. Não pode falhar. É uma pessoa amada que não pode dar um passo em falso, porque isso trará problemas. Então o torcedor deposita toda a confiança no jogador, por isso **tamanha frustração**. O que você deixa de lado por isso, são muitas coisas, como, por exemplo, família, grana (hoje em dia, principalmente), amizades, compromissos ... Eu trocava aula minha, eu não ia dar aula para ver o Palmeiras ... Teve diretor que descobriu e me falava: ‘fala que você foi ver o Palmeiras, não fica doente, não mata alguém, fala que quer ir’. Então com isso já fui de moto para São Paulo, de caminhão da Folha [de São Paulo, jornal diário da capital], de trem. **Acho que o torcedor fanático sofre muito**. Quando o time dele ganha, não fez mais do que a obrigação e quando perde ele se torna um alvo impiedoso... (*Sinuhe*)

Panzeri lembra que, provavelmente, o futebol perderia grande parte de sua motivação e popularidade se não tivesse o suporte desses “doentes”, pois são eles que, ao levarem para o campo de disputa suas incontroladas paixões, angústias e alegrias, atuam sobre o ânimo dos jogadores. O autor lembra que, assim como o toureiro ante a uma praça vazia, o jogador não se sente em clima competitivo diante de arquibancadas despovoadas e silenciosas. Deprimem-se, tal qual os atores de teatro e os artistas de circo sem uma platéia a aplaudi-los ou mesmo a vaiá-los e xingá-los.

No entanto, as considerações de Panzeri foram baseadas no contexto do futebol argentino das décadas de 1950 e 60. Na transposição de sua análise é preciso lembrar das diferenças culturais entre os universos de torcedores brasileiros e argentinos, bem como as transformações históricas e sociais dos últimos 40 anos, que influenciaram o futebol em todos os aspectos, desde o modo como é praticado até o os modos de torcer.

Desse modo, no contexto da sociedade brasileira contemporânea, os *fanáticos* podem ser divididos em dois tipos: os *comuns* e os *organizados*. Ambos têm como motivação a *paixão* ou o *amor* pelo clube, porém, tais sentimentos se tornam apenas um pano de fundo para diferentes modos de expressão e comportamentos. Em Turtelli (2002, p.21), os “comuns” são aqueles que se autoproclamam torcedores de um time, envolvem-se de um modo mais aprofundado com o futebol do que os “que vão ver jogar”. Geralmente, são bastante interessados pelo que acontece no campo e acompanham os fatos relativos à vida do clube também fora dos gramados, muitos podem ser até sócios, porém, não se envolvem diretamente nas questões administrativas da agremiação. Também não costumam assistir a todos os jogos no estádio e, raramente, acompanham os times quando estes atuam em localidades distantes. Os sentimentos desses torcedores estão vinculados exclusivamente ao clube.

Uma outra diferença do torcedor *comum* em relação ao *organizado* é que ele pode torcer só ou acompanhado, isso não faz diferença, o importante é ver seu time jogar. Já o fanático que se associa a um grupo específico só vê sentido em ir ao estádio junto com os demais componentes da torcida, para ele, pode ser mais, ou tão, importante estar ao lado dos seus do que presenciar a partida em si.

O torcedor fanático - tanto o *comum* como o *organizado* - tem o futebol como prioridade em sua vida: é capaz de deixar de lado outros compromissos para ver seu time jogar, pode matar e morrer pelas cores de seu clube, enfim, tem o comportamento determinado em função do futebol. A vitória ou a derrota de sua equipe de preferência é que determinará seu humor. Não são raras notícias de torcedores mortos por enfartos sofridos devido às emoções experimentadas durante uma partida de futebol. Por outro lado, são eles também os responsáveis por atos de violência que hoje estereotipam os *fanáticos*, principalmente os ligados às torcidas organizadas, como “vândalos”.

Não que atos hostis não existissem antes, pelo contrário, o clima de tensão entre torcedores de dois times diferentes é patente em qualquer jogo desde os primórdios do futebol, considerado em si, um esporte violento. A diferença é que, até o advento das torcidas organizadas, as brigas se davam exclusivamente em torno do jogo, depois do aparecimento delas, a causa maior dos conflitos passa a ser os torcedores adversários. Tanto que são registrados diversos confrontos entre torcedores ocorridos longe dos estádios e antes dos jogos.

Atualmente, as desavenças entre os torcedores não têm origem unicamente em função do resultado de um jogo, como ocorria antes. Existem *rixas* intermináveis entre as muitas *facções*<sup>32</sup>, que criam um clima de hostilidade permanente entre os torcedores rivais. As *organizadas*, em determinadas situações, usam os jogos apenas para “marcar” o dia em que se confrontarão, assim, pouco lhes interessa o resultado da disputa em campo, brigarão de qualquer forma. Exemplo é que cada *organizada* tem uma rivalidade maior com uma outra torcida específica. Muitas vezes, há concorrência até mesmo entre *facções* da torcida de um mesmo time, como no Rio de Janeiro, onde as torcidas *Flajovem* e a *Raça Rubro-Negra*, ambas do C. R. Flamengo, são inimigas, conforme registrado por Teixeira (1998), que, em sua pesquisa, incluiu declarações de torcedores que afirmaram aceitar ter amizade com torcidas de outros Estados, porém, com cariocas não, inclusive as do próprio clube. Um dos entrevistados declara o seguinte: “Graças a Deus, somos nós e nós. Somos nós e Deus” (155).

Os torcedores pertencentes às torcidas organizadas, que Turtelli (op.cit.) distingue dos demais por apresentarem particularidades culturais, podem ser considerados como sujeitos de uma “subcultura” dentro do universo do futebol ou “um grupo cultural claramente identificável”. Para Turtelli, através dessa categoria de torcedores resgata-se o conceito de jogo de Huizinga, visto como uma prática ritualizada e vinculada ao sagrado.

---

<sup>32</sup> O termo é empregado pelos próprios torcedores e deriva do latim *factione* e, segundo o Dicionário Aurélio (s/d), pode se referir tanto a um “bando sedicioso” como a um partido político ou a uma parte divergente ou dissidente do mesmo.

A participação do torcedor de torcida organizada, e apenas a desse torcedor, permite o jogo voltar a ser jogo no sentido de atividade lúdica, cm vínculos com uma comunidade que o assume mediante rituais, que tem a emotividade do religioso no sentido profundo de devoção e oferenda de si mesmo. Dessa maneira, esse torcedor, na sua forma de participação numa partida de futebol, produzindo uma ligação mágica com o evento, é capaz de restituir-lhe durante uma hora e meia, o sentido arcaico de jogo. (Turtelli, 2002, p. 22)

Em resumo: “o *espectador* quer ver o futebol, o *torcedor comum* quer ver ganhar e o torcedor *engajado* quer ser visto” (Turtelli, op.cit., p. 23). Além dessas distinções, é possível ainda assinalar muitas outras categorias de torcedores, como o “eventual”, que só aparece quando seu time disputa o título de alguma competição ou que torce pela seleção do país durante a Copa do Mundo. Entre os organizados, há aqueles que “torcem pela torcida”, ou seja, se identificam muito mais com a torcida organizada do que com o clube em si, embora também sejam apaixonados pelas cores do time. Um pouco mais difícil de ser identificado, porém não tão raro, há o “torcedor do contra”, que não tem um time de preferência, mas sim um que odeia. Nem sempre o alvo de tal aversão é o clube, mas seus torcedores. Como exemplo, não é raro encontrar entre os paulistas “anti-corintianos” e, entre os cariocas, “anti-flamenguistas”.

A própria frequência aos estádios, o domínio de informações de bastidores. O consumo de mercadorias associadas à imagem do clube e o comportamento durante os jogos, são apenas alguns dos tantos critérios alencados para classificar e hierarquizar as diferentes intensidades e formas de expressão do pertencimento clubístico. Não há, portanto, um “tipo ideal” de torcedor que possa ser generalizado. Ou melhor, forjar esse “tipo ideal” seria desprezar a diversidade característica do universo futebolístico. (Damo, 1998, p. 65)

Apesar desses muitos modos de torcer e das várias maneiras como cada um se liga a um clube, o sentimento que move todas essas pessoas é um só: a paixão. Por isso, não se trata de um fenômeno classificável como racional. Di-

versas situações podem comprovar isso, entre elas, a violência gratuita de simpatizantes de um time contra os de outro, afinal, o que poderia haver de racional em agredir e até assassinar alguém que não se conhece pelo simples fato de essa pessoa gostar de um clube rival? Ou as múltiplas crenças em objetos mágicos e peças de roupas que, se usados durante um jogo, podem influenciar no resultado do mesmo, como exemplificado no depoimento de um dos entrevistados para este trabalho.

“Num Palmeiras e Grêmio, em 1996, pela Copa do Brasil - o Palmeiras tinha vencido o primeiro jogo, por 3 a 1, no Parque Antártica e foi jogar lá em Porto Alegre ... O Palmeiras fez 1 a 0, mas o Grêmio virou para 2 a 1 ainda no primeiro tempo e se fizesse mais um gol o jogo ia para os pênaltis. E eu estava na casa da minha sogra, em Birigui, e me lembrei que estava sem a “cueca da sorte”, essa cueca tinha sido lavada porque eu tinha jogado bola. Então eu fiz passar a cueca com o ferro bem quente para secar e coloquei a cueca. No segundo tempo, curiosamente, o Jardel fez o terceiro gol para o Grêmio e o juiz anulou. **Eu acreditei naquele momento que a minha cueca anulou o gol.** Depois o Palmeiras fez a final com o Cruzeiro em casa e perdeu. Mas a participação que você tem é coisa assim: “eu não fui, por isso que perdeu, se eu estivesse lá não perdia, porque eu nunca perdi para o Corinthians”. “Não vou não porque nunca ganhei do São Paulo”. Esses tabus são muito alimentados pelo torcedor”. (*Sinuhe*)

Acreditar que seu time conseguiu o resultado que necessitava por ter colocado uma peça de roupa, apesar de estar a mais de mil quilômetros do local da disputa não parece ser algo racional. Talvez por estar tão próximo do campo passional, a presença do sobrenatural acompanha o futebol e não está apenas na torcida. Não é incomum encontrar imagens de santos ou “trabalhos” de Umbanda nos vestiários da maioria dos clubes. Para Fernández (1974, p. 52-59) há uma “lógica fetichista” no futebol que inclusive pode ser notada na linguagem da mídia esportiva, que recorre constantemente à dicotomia sorte ou azar para “explicar o inexplicável”, como derrotas de times tecnicamente melhores para outros piores ( a autora cita mais de cem manchetes e frases com as palavras sorte ou

azar publicadas entre os meses de setembro e outubro de 1972 em jornais cariocas).

No Brasil, o futebolista Mário Jorge Lobo Zagallo encarna essa mistificação do esporte como poucos e, certamente, existem centenas de episódios em que buscou no sobrenatural um jeito para vencer. Coincidência ou não, ele participou como jogador das conquistas do título de campeão nas copas do mundo de 1958 e 1962, como técnico em 1970 e também integrou as comissões técnicas brasileiras campeãs mundiais em 1994 e 2002. Sua crença na sorte que o número 13 lhe dá é conhecida por todos os futebolistas brasileiros.

Lever (1983, p.134) também não deixou de notar esse lado místico do futebol brasileiro e cita episódios como uma final do campeonato amazonense em que os torcedores do Nacional, uma noite antes da partida decisiva, deixaram “uma galinha, 12 velas pretas, uma garrafa de cachaça, uma espada, uma cruz e pequenos pedaços de papel com os nomes dos jogadores no portão da concentração da equipe”.

A intensidade que pode atingir a paixão de um torcedor por seu clube também está traduzida em diversos suicídios cometidos em nome de vitórias ou derrotas, bem como mortes devido a ataques cardíacos. Matar, matar-se ou morrer pelo clube de futebol é algo sempre possível quando se trata de torcedores *fanáticos* ou *doentes* e, principalmente, dos organizados.

Depois que o Flamengo perdeu o campeonato estadual de 1969, um torcedor pulou do alto de um edifício gritando “Viva o Flamengo”. Um jornalista que cobria a Copa do Mundo de 1958, realizada na Suécia, afirma ter testemunhado o suicídio de um torcedor brasileiro, de “pura alegria”, quando seu país conquistou a Taça Jules Rimet pela primeira vez. É claro que os brasileiros não são os únicos torcedores que se matam por seus times. Na Copa do Mundo de 1966, um alemão ocidental se matou com um tiro, quando seu aparelho de televisão quebrou, durante a partida final entre seu país e a Inglaterra. Os americanos também não escapam a essas bizarras tragédias. Há o caso muito conhecido do habitante de Denver que escreveu um bilhete de suicida, dizendo: “Sou um torcedor do Broncos desde a sua fundação e



não posso mais suportar tantas derrotas”, matando-se em seguida com um tiro. (Lever, 1983, p.134-135)

Ainda que se deva considerar que há uma certa dose de fatores psicológicos que levam indivíduos a atitudes tão extremas, pode-se dizer que entre as principais condições para que tais processos se dêem está a representatividade simbólica dos times de futebol. Nessas associações e representações que se dão no espaço de atuação e influência das agremiações, há o que Maffesoli (2002) chama de “nebulosa afetual”, ou seja, uma rede de solidariedade e simpatia entre indivíduos, mesmo momentânea, que os faz sentirem-se como iguais, apesar das muitas diferenças, formando uma espécie de “tribo”. Esta “rede solidária” pode ser notada em praticamente todos os grupos sociais, como entre simpatizantes de um estilo musical, grupos religiosos ou “categorias” de trabalhadores e, principalmente, entre vizinhos. Os indivíduos tendem a se projetar no grupo, fazem dessa associação uma motivação para viver.

Nas sociedades urbanas contemporâneas, o sujeito tende a ser autosuficiente em relação à sua sobrevivência: para que se alimente, basta que vá a um estabelecimento comercial e adquira algum produto sem a necessidade de ter maiores contatos com outros indivíduos, pois pode adquirir alimentos por telefone ou via computador. Não por acaso, nas metrópoles, há uma tendência ao individualismo. No entanto, como animal social que é, o homem não consegue deixar de associar-se a seus semelhantes, seja por vínculos racionais ou emocionais, por necessidade por afinidade. O que une os sujeitos das diversas “tribos urbanas” está no campo *sentimental*, por isso, ainda segundo Maffesoli, a composição dos cenários urbanos cada vez mais se afasta de uma *racionalidade social* e caminha para uma *sociabilidade emocional*, determinada por variantes empáticas, conseqüentemente, culturais. O torcedor de futebol, sem dúvida, é um dos componentes desse cenário *tribalista* de Maffesoli, cuja hipótese encontra paralelo nos depoimentos dos entrevistados para a presente pesquisa, quando perguntados sobre o que os motiva a serem torcedores:

“É o sofrimento. Eu acho que são as dificuldades, vai quem gosta mesmo, vai se apegando cada vez mais, a gente fica muitas vezes imaginando, se ganhasse milhões na megasena, com certeza ia fazer alguma coisa pelo clube, eu sou um deles, eu ajudaria. Porque o clube me deu muita coisa, muita alegria ... foi dentro do futebol que eu adquiri meus laços de amizade, foi dentro do futebol que eu consegui minhas amizades, ser respeitado, foi o clube, foi o futebol que fez isso, se eu tivesse condições eu retribuiria mais. (...) você vê nos jogos a dificuldade ... seu coração a mil ali .... Que necessidade você tem de ir ao campo ver 22 caras correndo atrás da bola, suando, e você passando aquele sufoco? Para quê? É uma pergunta difícil. A troca de quê? É inexplicável isso aí.” (*Pavanello*)

Em uma pesquisa realizada com 200 torcedores na cidade do Rio de Janeiro, Lever (1983, p.149), apontou a família como fator de influência mais freqüente na escolha dos times e cita dois exemplos significativos: “Um torcedor disse: -Fui criado com a bandeira do Flamengo. Eu a conheci antes da bandeira do Brasil. E outro informou: -Eu já estava torcendo com minha família pelo Flamengo antes de começar a falar”. No entanto, a pesquisa apontou que essa escolha também se dá por muitos outros fatores, que Lever (*idem*, p.150) identifica como tradição (“Sou português e, por isso, não poderia deixar de ser Vasco”. Ou: “Sou preto e, por isso, tenho de ser Flamengo. É a tradição”. Também: “Sou Fluminense porque todos os seus jogadores e torcedores têm classe”); por estereótipos (“Não sou preto e não moro numa favela. Assim, não poderia torcer pelo Flamengo”) ou por razões pessoais (“Meu time venceu o primeiro jogo a que assisti”. Ou: “Meu time venceu o campeonato no primeiro ano em que comecei realmente a me interessar pelo futebol profissional”). Os vínculos familiares também aparecem nos trabalhos de Teixeira (1998), Oliveira (2000), Gianoli (1996) e Damo (1998). Entre os entrevistados para o presente estudo há ecos dessa motivação estabelecida no ambiente familiar.

“Eu não tive pai e meu cunhado que me ajudou a me criar, por ser palmeirense, da época da Academia<sup>33</sup> (anos 70) ele influenciou muito, tanto que eu estava entre o Santos e o Palmeiras, por causa de um irmão que era santista e o meu cunhado, aí ele me deu uma camisa do Luís Pereira<sup>34</sup>, isso foi nos idos de 1970, 71 ... e aí eu me motivei muito com isso. Só que eu me apeguei de um modo que até em terapia não conseguiram me explicar ainda. Terapeuta já chegou a falar para mim se eu sou o Palmeiras, se eu via no Palmeiras o pai que eu não tive. Então, o Palmeiras perder, para mim, era uma coisa muito complicada. Hoje que eu dou aula, eu tenho que me controlar para não brigar. Mas o Palmeiras perder, para mim, é o Sinuhe que perdeu. Eu me identifiquei demais, de uma hora para outra ... Você vai ao campo de futebol, você se apega mais, porque você faz parte do espetáculo. Ilusoriamente, você acha que muda um resultado.” (*Sinuhe*)

“Ah, eu sempre gostei. A família tem um pouquinho de influência também porque meus pais são corintianos. Mas eu comecei... tive vontade de ir um dia para o estádio e, a partir do momento que eu fui, me apaixonei mais ainda. Porque aí não larguei mão, aí sempre que eu tiver oportunidade eu vou, hoje em dia mais ainda. Quando não tem, arrumo um jeito de ir, às vezes falta alguma coisa, peço alguma folga do serviço, dou um jeito de ir. E agora, ainda mais como presidente da torcida organizada - a gente tem uma obrigação de estar em todos os jogos ... a faixa tem que estar presente - a gente faz um esforço pra ir e quando não dá, a gente manda um representante.” (*Givanildo*)

Nesse segundo depoimento, além do vínculo familiar, o torcedor acrescenta como fator que o fez “se apaixonar” pelo clube a presença do estádio. Para ele, ir ao jogo é ainda uma “obrigação”, há responsabilidades assumidas, como a presença da faixa da torcida. O primeiro torcedor citado, *Sinuhe*, de maneira mais intensa nas duas últimas frases de sua fala, também comenta sobre a importância de ter ido ao estádio para sua “formação” como torcedor. Para ambos, ir ao jogo pela primeira vez funcionou como ponto de partida para suas vidas de torcedores engajados, que, como integrantes de torcidas organizadas sentem-se parte do espetáculo e também da história não-oficial do futebol. É no es-

---

<sup>33</sup> Referência à equipe do Palmeiras que atuou na primeira metade da década de 1970. O hepteto foi criado pela maneira como aquela equipe jogava: era uma “aula de futebol”. Essa é uma outra particularidade lingüística do futebol, usada para reconhecer times que marcaram época, com o *Expresso da Vitória* (Vasco dos anos 1930), *Laranja Mecânica* (seleção holandesa da Copa do Mundo de 1974), etc.

<sup>34</sup> Ex-jogador de defesa que atuou por muitos anos no Palmeiras.

tádio que o torcedor atinge o auge de seu papel, torna-se o “12º jogador” do time, uma figura de linguagem que define a participação da torcida no jogo. Há consenso de que os gritos saídos das arquibancadas podem mudar o rumo de uma partida.

“Eu vi, aqui em Bauru. O Botafogo [de Ribeirão Preto] estava ganhando do Noroeste de 3 a 0 e o Noroeste virou para 5 a 4, com o apoio da torcida, porque a torcida ‘curtiu’ o momento. Os próprios jogadores falam que sem o torcedor ... A torcida do Corinthians é considerada a mais fanática, porque cada jogo para eles é como se fosse uma decisão. A gente tem que dar a mão à palmatória, os caras ganham jogos. Aqui [em Bauru] é totalmente diferente, mas já vi jogos que o torcedor sentiu o momento e o estádio todo levou o time. O jogador é o artista, mas o torcedor também...” (*Pavanello*)

“A torcida pode mudar o resultado de um jogo, a torcida pode ganhar um jogo, como pode ... Ela tem essa força. Pode dar ânimo pra um jogador que às vezes está desanimado. Grita o nome do jogador. Às vezes o jogador está ruim, está vendo que ele está ruim, está todo mundo vendo, a imprensa, a tevê, todo mundo vendo que o jogador está mal dentro do campo. Aí a torcida começa a gritar o nome dele, ele se sente renovado, vem uma força lá de dentro, vem lá das arquibancadas, a gente leva pro jogador. Com certeza isso muda o resultado do jogo”. (*Givanildo*)

A experiência de presenciar grandes disputas e, principalmente, grandes vitórias de seus times é decisiva também para que o indivíduo escolha o clube de sua preferência. Segundo Damo (1998), essa crença do torcedor de que pode interferir no andamento do jogo, mesmo à distância, estaria mais disseminada no futebol do que em outras modalidades. Entre as causas mais prováveis de tal comportamento estaria o fato de o torcedor se projetar na imagem de seus ídolos, ele “joga junto com o time”. É comum torcedores “chutarem” a bola, de maneira imaginária, na arquibancada ou até mesmo quando assistem jogos pela televisão. Isso os transforma em “observadores participantes”.

As torcidas *organizadas* têm tanta consciência de que também fazem parte do espetáculo que, assim como os times, *treinam* para os jogos, preparam-se, ensaiam sua participação com cânticos e coreografias. Não é incomum atletas

e representantes dos times, antes de jogos importantes, pedirem nas reportagens o apoio da torcida. Durante as próprias partidas, alguns jogadores, geralmente aqueles mais “identificados” com os clubes, costumam fazer gestos conclamando o público a incentivá-los. Essa relação, porém, tem o outro lado, que são as chamadas “cobranças” pelas derrotas e má atuações. Os aplausos, muitas vezes, transformam-se em vaias, por isso, a relação de jogadores e clubes com os torcedores é sempre conflituosa quando uma equipe não realiza performances tecnicamente satisfatórias. De manifestações intensas de apoio mútuo a relações de ódio profundo: é assim que caminham as trocas culturais entre os diversos grupos sociais criados ou representados no “mundo do futebol”.

### *Da assistance às organizadas*



*Torcedores brasileiros no Maracanã, na década de 1950.*  
(in: Duarte, 1993)

Numa análise de cunho culturoológico é necessário conhecer aspectos históricos dos fenômenos, com o intuito de projetá-los no espaço-tempo das sociedades em que se dão e poder compreender um pouco mais da contraditória lógica do comportamento dos mesmos. Assim, apresenta-se aqui uma breve trajetória do torcedor de futebol brasileiro, a partir da qual pode-se notar como as trans-

formações da sociedade se refletiram também nos modos de se torcer por um time.

No Brasil, o futebol começou a ser praticado de modo organizado entre jovens pertencentes às elites a partir de 1894 e os primeiros torcedores eram, na verdade, em sua maioria, damas, que compunham a maior parte da então chamada *assistance*. Apenas nos primeiros anos do século XX, com a fundação de equipes como a Ponte Preta (Campinas), o Bangu (Rio de Janeiro) ou Corinthians (São Paulo) é que as classes “populares” passaram a ser representadas, apesar de haver muitas evidências de que o futebol era praticado pelo “povão” nos campos de várzea das grandes cidades (conforme visto no capítulo 2 deste trabalho). Mazzoni registra como primeira partida a ter torcedores em solo nacional, um jogo entre um “time avulso”<sup>35</sup>, recrutado pelo alemão Hans Nobiling e o São Paulo Athletic, de Charles Miller.

“ (...) No mês seguinte [maio], dia 3, voltamos a empatar com o Mackenzie, 1 a 1, tendo os pontos sido conquistados por Shaw e Robboton. Animados com este resultado, desafiamos os ingleses, contra os quais jogamos a 29 de junho de 1899, na Consolação, na presença da primeira assistência que compareceu a um campo de futebol: 60 pessoas.” (in: Mazzoni, 1950, p. 22)

Porém, segundo relato do próprio Charles Miller, as primeiras partidas organizadas por ele, já despertavam interesse, se não de “torcedores” no sentido que o termo assume atualmente, pelo menos de curiosos. “[Desde 1888] Na Chácara Dulley, foram realizados diversos outros prélios, todos assistidos com grande interesse.” (in: Mazzoni, 1950, p. 18). O semanário *Times of Brazil* publicou, segundo Mazzoni, uma crônica dedicada a Miller em que se descreve o “espírito” que dominava os campos e as arquibancadas nos primeiros tempos do futebol brasileiro.

---

<sup>35</sup> Clube que mais tarde se transformaria no E.C. Germania, atual E.C. Pinheiros.

Juvenil entusiasmo, cordial amadorismo e são espírito desportivo prevaleciam ao tempo integrando as várias equipes unicamente elementos da elite social. E, quando tudo o que de mais seletivo havia na Paulicéia acorria ao “Velodromo”, aos domingos, invariavelmente, para assistir à memoráveis pugnas que em seus gramados travavam os nossos valorosos futebolistas, contava Charles Miller com o unânime apoio dos espectadores e, “fan” de cada aficionado, incontidos eram os aplausos a coroarem os seus sucessivos “dribles” e brilhantes feitos. (Mazzoni, 1950, p. 18)

Entre os fechados clubes da época, como o Germânia, o São Paulo Athletic, o Paulistano, o Mackenzie e o Internacional, em São Paulo, ou Rio Cricket e Fluminense, no Rio, a rivalidade estava restrita aos atletas “dentro das quatro linhas”. Entretanto, a popularidade do esporte aumentava e também o número de pessoas nos campos. Com isso, o fenômeno das torcidas começou a tomar corpo e já a partir da segunda metade da primeira década do século XX a disputa extrapolou os limites do campo.

Apesar de passível de variações, uma divisão da história do futebol em quatro grandes fases, elaborada por Robert Levine, conforme cita Damo (1998, p.42), tem pontos coincidentes com a trajetória histórica dos modos de torcer no Brasil: a primeira entre 1894 e 1904, “em que o futebol se manteve restrito aos clubes urbanos pertencentes a estrangeiros e à elite local”; a segunda, entre 1905 e 1933, “fase amadora, marcada por grandes passos de divulgação e pressão crescente para melhorar o nível do jogo através de subsídios para os jogadores”; a terceira, de 1933 a 1950, “período inicial do profissionalismo”; e a quarta, de 1950 até hoje, marcada pelo reconhecimento internacional, comercialização sofisticada e “maturidade” do futebol como “recurso nacional incontestável”.

Na primeira fase, que poderia também ser denominada de *fase de implantação*, o futebol era um esporte elitizado, praticado entre cavalheiros ligados a uma mesma classe social. Mesmo com as discriminações contra jogadores que não pertencessem ao mesmo círculo social da maioria dos integrantes dos clubes, as rivalidades se resumiam aos períodos das pelepas (os “90 minutos”), após as

quais, geralmente, ocorriam confraternizações entre os atletas. A julgar pelos relatos históricos, a assistência também se comportava dessa maneira.

É na segunda fase, a da *afirmação*, quando começam a surgir times representantes de outras classes sociais, bem como dissidências de outras agremiações, que aparecem as primeiras rivalidades. Em São Paulo, em 1910, surge o Sport Club Corinthians Paulista<sup>36</sup>, que se firma desde o início como o “time do proletariado e do subproletariado urbano (inclusive uma grande maioria de negros)” (Damo 1998, p. 44). Rapidamente, o Corinthians conquista grande número de torcedores, ansiosos por ver seus representantes derrotarem o estrangeiro e o rico arrogante. Em 1914, surge o Palestra Italia, atual Sociedade Esportiva Palmeiras<sup>37</sup>, que, como representante da colônia italiana na capital paulista, se torna o time de maior torcida na época. Não demorou mais que um ano para que as duas equipes se tornassem rivais em campo e fora dele, dando origem a um dos mais conhecidos antagonismos do futebol brasileiro, explicado por Anatol Rosenfeld “como uma oposição entre o elemento local, nativo, e o elemento estrangeiro em ascensão que disputam entre si um mercado de trabalho ainda reduzido” (in: Damo, 1998, p. 44).

No Rio de Janeiro, apesar de o Bangu ter surgido ainda na *fase de implantação*, como representante do operariado e do subúrbio, e ser antagonista de todos os times formados na elite carioca, a primeira grande rivalidade surgiu em virtude de um “racha” acontecido no Fluminense em 1911, quando vários jogadores do clube se desentenderam com a direção e bateram na porta do Flamengo, clube que até então se dedicava exclusivamente ao remo. Apesar disso, até o advento da profissionalização, os torcedores de Fluminense e Flamengo pertenciam a uma mesma classe social em sua maioria. Apenas a partir da década de 1930 é

---

<sup>36</sup> É curioso notar que o nome Corinthians foi adotado em homenagem a uma equipe inglesa que excursionou pela América do Sul naquela época e que em seu país se destacava como defensora de um futebol elitizado e que até hoje recusa a profissionalização do esporte.

<sup>37</sup> A mudança de nome ocorreu durante a Segunda Guerra Mundial, para desvincular o nome do clube do facismo de Mussolini. Mais uma vez, o futebol se mostra como espelho da sociedade.



que as torcidas desses times começaram a se diferenciar e uma tornou-se representante da “elite entre a elite” (Fluminense) e a outra, do povão (Flamengo).

Mas, o maior antagonismo de torcidas no futebol carioca é entre vascaínos e flamenguistas e já existia antes mesmo dos times, pois tanto um como outro não iniciaram suas atividades nesse esporte, eram clubes de remo (daí a denominação “Clube de Regatas” de ambos). E é uma rivalidade motivada por questões de representações sociais também, já que o Vasco da Gama nasceu como um clube de portugueses, que naquele tempo sofriam restrições para se integrar aos círculos sociais da capital. Na verdade, os portugueses que viviam em bom número no Rio de Janeiro, viram no esporte uma “brecha” para se integrar à sociedade e fundaram seu próprio clube de regatas, o Vasco da Gama, em 1898. O time de futebol seria formado apenas em 1915 e disputaria a primeira divisão em 1923, quando realmente se iniciou a maior rivalidade do futebol carioca.

A partir da década de 1920, com a crescente popularização do futebol e a profissionalização oficializada em 1933, o Brasil já tinha as principais rivalidades entre torcedores, que perduram até hoje. Além das citadas nos parágrafos anteriores, as mais famosas são entre Cruzeiro e Atlético, em Belo Horizonte; Grêmio e Internacional, em Porto Alegre; Ponte Preta e Guarani, em Campinas; Bahia e Vitória, em Salvador; Remo e Paysandu, em Belém; Náutico, Santa Cruz e Sport, em Recife; Goiás e Vila Nova, em Goiás. No Rio de Janeiro, a rivalidade não se resume a vascaínos e flamenguistas, a eles somam-se as torcidas de Fluminense e Botafogo: as quatro odeiam-se mutuamente. O mesmo acontece em São Paulo, com corintianos, palmeirenses, são-paulinos e santistas. A maioria dessas rivalidades se ancora em motivos históricos, pois o torcedor não só se sente representado pelos jogadores e pelas cores do clube, ele se sente como uma parte do time, já que fala dele sempre na primeira pessoa (meu time ganhou, nós somos os melhores, etc.). O clube passa a carregar então todas as marcas culturais do grupo que representa, por isso, alguns adversários incorporam o outro a ser odiado. As rivalidades históricas entre brasileiros, argentinos, uruguaios e para-

guaios, faz com que qualquer jogo entre equipes deste país adquira importância de um enfrentamento entre as nações e não entre as seleções.

Nas metrópoles, muitas pessoas vinham de diferentes partes do território nacional ou do mundo. Na busca de novos traços de identidade e solidariedade coletiva, de novas bases de coesão que substituíssem as comunidades e os laços de parentesco que cada um deixou ao emigrar, essas pessoas se vêm atraídas, dragadas para a paixão futebolística que irmana estranhos, os faz comungarem ideais, objetivos e sonhos, consolida gigantescas famílias vestindo as mesmas cores. (Nicolau Sevcenko. In: Gianoli, 1996, p.32)

Depois de 1950 os modos de torcer passaram por outra modificação, inicialmente sob a influência da Copa do Mundo daquele ano e da expansão dos centros urbanos. Logo, com uma substancial colaboração dos meios de comunicação de massa, especialmente da televisão, os clubes de futebol viram o número de torcedores se multiplicar, bem como as suas respectivas representatividades. Aos poucos, times que eram “de italianos” conquistaram também a simpatia de membros de outros grupos sociais. Além disso, começaram a nascer as torcidas uniformizadas, em moldes muito diferentes de como são conhecidas as torcidas organizadas de hoje – estas, surgiriam apenas na década de 1960.

Há registros de grupos de torcedores que iam ao estádio uniformizados desde a década de 1940. Segundo Pimenta (1997), não há uma cronologia exata do fenômeno, mas ele indica a *Charanga do Flamengo* como o primeiro grupo de torcedores organizados do Brasil, surgido em 1942. No entanto, Gianoli (1996) aponta o *Grêmio Sãopaulino* (mais tarde, TUSP – Torcida Uniformizada do São Paulo), fundado em 1939, como a primeira “uniformizada” do país. Pimenta, porém, lembra que nesse grupo paulista “não havia uma estrutura organizativa e o vínculo se dava com o clube” (p.65). No entanto, Gianoli cita o seguinte depoimento de Manoel Raymundo Paes de Almeida, o principal organizador da TUSP, colhido em revista comemorativa dos 45 anos daquela torcida:

Ela foi organizada realmente por um grupo de torcedores que acompanhavam muito de perto o futebol do São Paulo. Dela fazia parte a juventude universitária são paulina: desde gente muito conhecida, como os Mesquita ou os filhos de Paulo Machado de Carvalho, a todos os jovens torcedores. A torcida uniformizada, como o próprio nome diz, começou com a organização de uniformes com o distintivo e as cores do time; era uma camisa branca com o distintivo do São Paulo no peito e, em semicírculo o nome Grêmio São paulino ... (Gianoli, 1996, p.35)

Segundo Pimenta (1997, p. 66-67), esses agrupamentos surgidos a partir dos anos de 1940, apesar de poderem ser considerados precursores, não têm muito em comum com o que se conhece hoje por torcidas organizadas. “Em que pese a utilização de bandeiras, faixas, camisetas dos clubes, banda musical, não tinham e nem pensavam em formar uma estrutura burocrática” (idem, p.66). O fenômeno das torcidas organizadas continuaria a se delinear no Rio de Janeiro, com a criação da *Torcida Organizada do Vasco*, em 1944 (esta, ainda em atividade). Diferentemente do que acontece hoje, os três agrupamentos de torcedores citados possuíam como principal característica atitudes festivas e pacíficas. Inclusive, a *Charanga* condenava qualquer tipo de violência nas arquibancadas e evitava usar palavrões.

Essa situação, entretanto, começou a mudar a partir dos anos de 1960, quando surge a *Torcida Jovem do Flamengo*, dissidente da romântica *Charanga* (Pimenta, p.66) e que passa a ter na violência sua marca registrada. Também entre os vascaínos surge uma *Jovem*, criada “para se opor aos métodos considerados demasiadamente pacíficos” até então adotados. Em São Paulo, nasce a *Gaviões da Fiel*, do Corinthians, que por força de possuir uma estrutura burocrática, ser regida por regras estatutárias, com presidente, conselheiros e diretores escolhidos através de eleições periódicas, é por muitos considerada como a primeira torcida organizada do país. Não por ser a mais antiga, mas por seu modo de organização, que se tornou modelo para as demais torcidas.

Oliveira (2000) vê na trajetória da torcidas organizadas modificações que acompanharam as transformações históricas e sociais. “Elas fazem parte de um conjunto de relações mais amplas e que, de certa forma, respondem às mudanças pelas quais passaram tanto o futebol quanto a própria sociedade” (p.44). Assim, na década de 1950, os grupos de torcedores organizados e uniformizados tinham como objetivo apenas torcer pelo time.

Os torcedores símbolos, como eram chamados, representavam toda a torcida do time e tinham prestígio na imprensa. Ao contrário de hoje, estes grupos não viam inimigos do outro lado da arquibancada, mas apenas adversários que deveriam ser superados na festa das bandeiras e na animação da partida. (Oliveira, 2000, p.44)

Para este autor, a partir da década de 1960, a sociabilidade passou por grandes transformações, surgindo então outras formas de desfrutar do futebol enquanto lazer e hábito. Com isso, o “torcedor símbolo”, festivo, cedeu lugar ao organizado que além de torcer na arquibancada passa também a fazer parte da vida do clube fora dos gramados.

Em alguns casos, as torcidas são vistas como verdadeiros braços armados de dirigentes dos clubes (ou currais eleitorais dos mesmos). Em outros, o movimento das primeiras torcidas faz parte e foi fruto da mobilização e oposição ao período militar vivido pelo país, formando canais de participação popular diante da ausência de partidos e representações legais. (idem)

As torcidas organizadas surgem então como a representação do torcedor no cenário político do futebol, ou seja, na administração do clube. Para Pimenta, o que distingue uma “organizada” das demais formas de torcer é o fato de as primeiras possuírem uma estrutura burocrática à qual o torcedor se associa através do pagamento de mensalidades e se “enquadra” a um regulamento e maneiras de procedimento dentro e fora dos estádios, estabelecidos pela organização. Para Oliveira (op.cit.) as organizadas ao imporem limites, hierarquias, vesti-

rem-se de modo diferenciado, criar padrões estéticos de como torcer, influenciar gostos e comportamentos de seus associados se distinguem definitivamente das demais formas de torcer.

Uma outra diferenciação das “novas” organizadas para as antigas “uniformizadas” ou torcedores-símbolo, é a desvinculação e independência das primeiras em relação ao clube. Na gênese das principais torcidas da cidade de São Paulo isso fica bem claro. Segundo Pimenta (op.cit., p. 67) a *Gaviões da Fiel* “foi fundada em 01/07/1969, com o objetivo de fiscalizar e apontar todos os erros praticados pelos dirigentes do S. C. Corinthians Paulista, auto-intitulando-se assim os representantes da nação corintiana junto à instituição-clube”.

“Foi na época do sr. Wadih Helu, seu Wadih Helu é o inimigo número 1 nosso, entende. Porque na época ele contratava capanga para batê em nós (...) Por que ele queria o quê? Ele queria que nós chegássemos no estádio, gritasse Corinthians, tando bem, tando ruim, de qualquer jeito. Ele queria comprar nós, né. Ofereceram para nós a sede, entende, bandeira, instrumentos. Falaram – Ó, vocês vão ser uma torcida uniformizada do Corinthians, só que vocês vão ter que: vocês nunca vão poder protestar, vocês vão ter que engolir. E esse grupo não aceitou. Então ele ia lá, contratava capanga que rasgava as bandeiras, quebrava os instrumentos (...), batia nos caras. Teve um jogo que eles acabaram com nós, né, deram porrada e tal. No jogo seguinte nós levamos uma faixa que dizia: ‘Os Gaviões nunca acabarão’. Daí para rente é este monstro que você está vendo (...) Nasceu para quê? Nasceu para fiscalizar o Corinthians”. (Jamelão, presidente dos *Gaviões*, in: Motta, 1997, p. 230)

Por sua vez, a *Torcida Independente do São Paulo*, fundada em 1972 e reconhecida como uma das mais violentas do país, surge a partir de uma dissidência da *Torcida Uniformizada do São Paulo* (TUSP) e com o objetivo de ser “totalmente independente da instituição São Paulo F.C., ocupando os espaços das arquibancadas para apoiar o time e a diretoria e a criticá-los se necessário” (Pimenta, op.cit., p.68). Para os *Independentes*, a TUSP pecava por “não ser uma

torcida atuante e condicionar sua sobrevivência aos patrocínios que o São Paulo F.C. oferecia em troca de apoio” (idem).

Outra torcida muito conhecida por sua truculência é a Mancha Verde, da S. E. Palmeiras. Esse grupo surgiu da fusão de outras quatro torcidas (*Império Alviverde, Inferno Verde, Grêmio Alviverde e Pal-Chopp*) e, já no nascedouro, possuía motivações bem pouco pacíficas. Segundo Pimenta, a *Mancha* nasceu “porque os torcedores do Palmeiras cansaram de apanhar nas arquibancadas e se acovardarem diante de um confronto” (p.69). “Na época, a torcida do Palmeiras era uma torcida amedrontada, que não tinha personalidade (...), nós resolvemos juntar essas torcidas e fazer uma que viesse com peso e com respeito e, graças a Deus, a gente conseguiu” (Paulo Serdan, presidente da *Mancha Verde*, in: Pimenta, p. 69).

O que se nota é que a maior parte das torcidas nasce a partir de situações conflituosas. Paradoxalmente, há mesmo uma espécie de rede de solidariedade, há um sentido de união entre os torcedores que se agrupam sob um nome e uma causa. Essa colaboração faz com que o indivíduo se sinta entre os seus. Para muitos, a *organizada* funciona como uma família, os demais associados, para ele, são seus *irmãos*, com os quais podem contar, sempre.

“... a mais distante cidade que nós tivemos foi no Vale do Paraíba, em Guaratinguetá, quase 600 quilômetros pra chegar, são 1.200 entre ir e vir ... você está lá, isolado, com 50 elementos, mas o jogador se sente prestigiado, é minoria diante do adversário, mas ele sabe que você está ali, ele vai jogar para você, para retribuir a caminhada. Porque eles tiveram uma noite boa, um café da manhã bom, vão ter um almoço bom, ou tiveram, e vão voltar com conforto. Torcedor não tem esta mordomia, o clube pode contribuir com ônibus, ajuda, só que existe o gasto do ingresso, sai do bolso da gente, o rateio para o lanche, para um elemento que você sabe que tem dificuldade, então existe aquela união, ninguém deixa de entrar no estádio, ninguém deixa de comer, a gente mantém esta união... Esse esforço não aparece na mídia, eles não sabem, no fundo, o que se passa ...” (*Pavanello*)

No grupo, todos são iguais, as diferenças sociais são postas de lado, pelo menos por alguns instantes. Teixeira (1998) colheu depoimentos esclarecedores sobre isso, entre os torcedores cariocas:

“Não importa o que você é. Maluco, advogado, polícia, qualquer segmento social. Importante é que você seja Flamengo”.

“Tem vários torcedores aqui, vários componentes nossos que falam de política, uns são PDT doente, uns são PT, uns gostam de Che Guevara. Outros já são mais do lado de Deus ... uns já são do diabo. Tem vários tipos de componentes, aqui tem de tudo”.

“Eu aprendi muita coisa porque a torcida é uma amostra da sociedade ... tem pessoas ricas com dinheiro que são *amamãezadas*, né? Ou aqueles que tem dinheiro e são revoltados, tem os sem-grana que de repente fazem de tudo para se dar bem e tem aqueles que são super honestos ... Quer dizer é uma amostra da sociedade, você começa crescer (...) Você fica mais humano, você começa a entender melhor essa relação de classe ....”

“Tem um mundo de seres humanos ali, assaltante, drogado, pessoas de bem, trabalhador. Tem de tudo. Mescla tudo dentro de um meio ali e esse meio é o quê? O fanatismo pelo time, que une essas pessoas num mesmo pensamento”. (Teixeira, 1998, p.135)

“(...) é um grupo diversificado, aqui temos pessoas de todas as classes. (...) temos pessoas aqui dentro que participam de partidos políticos (...), ricos, pobres, negros, amarelos, viciados (...) A gente forma uma grande família”. (Paulo Serdan, presidente da torcida da Mancha Verde, in: Pimenta, 1997, p.96)

Portanto, há embutido no fenômeno *organizadas*, processos de identificação em duas mãos. De um lado, se dão através da *diferenciação*, quando os torcedores adotam uma agremiação e se distinguem dos demais, ao assumirem-se como corintianos, palmeirenses, flamenguistas, vascaínos, etc. De outro, se dá pela *afinidade* entre os associados, que se juntam para serem iguais entre eles. Pertencer a uma torcida significa muito mais que ter simpatia por um time, implica em compromissos como pagamento de mensalidades, a presença no estádio, conhecer as músicas, participar das coreografias e brigar, muito.

## *Torcida e violência*

Atualmente é impossível se falar em torcidas de futebol, do Brasil ou de qualquer outro país, sem fazer referência à violência. E esse não é um problema recente, como muitos imaginam. Na Inglaterra, berço do futebol, alguns registros atestam a rivalidade e as brigas entre torcidas desde a segunda metade do século XIX.

(...) Cada uma das grandes cidades industriais inglesas se veria dividida nesse período [durante a década de 1880] em duas imensas comunidades rivais, arrastadas ao mais apaixonado estado de loucura, quando os times que as representavam se viam frente a frente nos limites do gramado e dos noventa minutos. Era uma comoção, um redemoinho, um cataclisma de nervos arrebatados e corações explodidos, não raro com algumas cabeças quebradas e olhos arroxeados. Era assim que se enfrentavam, por exemplo, o Manchester United e o Manchester City; o Nottingham Forest e o Nottingham County; o Glasgow Celtics e o Glasgow Rangers; ou, em Londres, qualquer partida em que se confrontassem os arquirivais Arsenal, Chelsea e Crystal Palace. (Sevcenko, 1994:35 in: Damo, 1998, p.29)

Segundo Pimenta (op.cit.), entre 1895 e 1915 a Federação Inglesa de Futebol adotou inúmeras medidas para tentar coibir as desordens e o comportamento violento dos torcedores, entre elas interdições de estádios, advertências aos clubes, etc. Depois desse período, a incidência de atos violentos arrefeceu até pelo menos a metade da década de 1950, para depois recrudescer e atingir o auge nas décadas de 1980 e 1990. Mas foi a partir dos anos 60, com o surgimento de uma nova categoria de torcedor, denominada pela mídia inglesa de *hooligans*<sup>38</sup>, que o mundo do futebol veria a violência atingir proporções de insanidade e o fenômeno passou a preocupar as autoridades inglesas de um modo mais intenso. Pior, tal comportamento agressivo seria “exportado” para a maioria dos países

---

<sup>38</sup> “O termo *hooligan* tem sua origem ligada ao nome de uma família irlandesa que viveu em Londres, no fim do século XIX (*Houlihan*). Devido às características de violência e de não sociabilidade de seus membros, esse termo passou, gradativamente, a designar os jovens que se organizavam em gangues” (Costa, Márcia Regina da. In: Pimenta, 1997, p.72)



onde o futebol tivesse popularidade, como o Brasil. Isso, entretanto, não significa que os torcedores de outros países tenham se tornado violentos por terem “copiado” o comportamento dos ingleses.

Cabe ressaltar que a violência nos estádios de futebol está associada, seguramente, ao processo de industrialização e suas consequências nos centros urbanos dos países que promoveram a construção de uma cultura específica, porém, com as peculiaridades de cada sociedade. (Pimenta,1997, p.73)

Os *hooligans* se tornaram sinônimo de violência no futebol, mesmo caminho trilhado pelas torcidas organizadas brasileiras, pelos *barras-bravas* argentinos, pelos *tiffosi* italianos, etc. Embora haja muitas diferenças entre os torcedores ingleses e brasileiros, a começar pela própria história do futebol nos dois países<sup>39</sup>, *organizados* e *hooligans* têm pontos em comum, como o fato de terem surgido no final da década de 1960<sup>40</sup> e que, após eles, a violência no futebol aumentou de forma abrupta. Não que antes deles não existisse violência, pelo contrário, mas essa tinha motivações diferentes e, raramente terminavam em mortes. Paralelamente ao ludismo estampado na devoção e na festa dos *organizados*, se desenrola uma disputa baseada em agressões físicas com objetivos como “impor respeito” ou simplesmente de buscar a “violência pela violência”.

“... acho que o torcedor quando monta uma torcida organizada é uma coisa tribal, de batalha de guerra. Tanto que nas vitórias os caras brigam. Eu conversei com um torcedor da Mancha Bauru uma vez, ele queria que eu entrasse na torcida, ele falou que quando o São Paulo jogava e o Palmeiras não, eles iam para a porta do estádio do São Paulo para brigar com alguém. O que me espantou nas organizadas foram cenas de brutalidade que eu vi, eu presenciei em Rio Preto, presenciei uma batalha campal, um confronto na (rua) Constituição, em São Paulo, num jogo Palmeiras e São Paulo da Libertadores de 94, uma família passando e os caras brigando, um apontava rojão contra o outro, paulada e pedrada pra lá e pra cá. Aquilo me deixou muito triste. Quando eu criei uma torcida de futebol a gente ia de trenzinho

---

<sup>39</sup> No capítulo 2 do presente texto.

<sup>40</sup> Mais detalhes à frente neste capítulo.

da alegria para o campo. Eu sonhava de ser só carnaval. Eu gosto do batuque, gosto da cerveja e gosto de amizade, sempre gostei de grêmios, clubinhos, associações, montar turma ser líder. Então eu montei uma organizada, a Noruscaipira, eu pensei “vai ser legal, todo mundo vai se divertir”. A gente levava uma bandinha do Liceu [Noroeste, colégio de Bauru]. Em 92 na Primeira Divisão, eu achava que a gente ia se divertir muito, mas você vê espírito-de-porco no meio da sua torcida. Hoje eu vejo assim uma organizada, o cara está indo num Corinthians e Flamengo no Rio, nessa organizada, no meio dela, vai aparecer bandidos, traficantes, desempregados, que se juntam ali e põem a camisa da Gaviões, da Mancha, da Independente, da Jovem, da Leões da Fabulosa da Portuguesa (que é pequena, mas violentíssima, de bater em jogador e quebrar as coisas), esse torcedor, ele vai se fortalecer. “Se eu arrumar uma encrenca aqui, todo mundo entra”. E esse cara é um bandido em potencial. Ele vai passar maconha pro moleque, ele vai passar uma arma branca, vai ensinar o moleque a atirar, a brigar com o outro, a fazer alguma coisa assim, quer dizer, que vai acontecer da torcida organizada ficar desorganizada. (*Sinuhe*)

Pimenta (p. 71) levantou 18 tragédias “que marcaram a história do futebol mundial envolvendo confronto entre torcedores”, ocorridas entre os anos de 1946 e 1985, em 14 países, nenhuma delas no Brasil. Porém, não ter sido incluído não é sinônimo de que no país não tenham ocorrido mortes em função dos confrontos, o dado é importante por mostrar que o comportamento violento não é exclusivo das torcidas organizadas brasileiras, se dá também em outros contextos socioculturais. O autor apresenta também um levantamento que registra 67 casos de violência envolvendo torcedores publicados pela imprensa Paulista entre 1981 e 1995. No total, 25 torcedores morreram nesses confrontos (15 pertencentes a torcidas organizadas e 10 identificados como *comuns*). O número de feridos chega a 654. A cada episódio, a sociedade tenta buscar respostas, enquanto o poder público procura reagir para coibir a violência. Em São Paulo, algumas torcidas organizadas, que comprovadamente se envolveram em episódios graves fo-

ram proibidas de existir<sup>41</sup>. Nada disso conseguiu solucionar a questão, numa repetição do que já ocorreu na Europa, fazendo com que as sociedades em que o problema se manifesta devam continuar a buscar respostas ainda por um bom tempo. Um exemplo de quão complexa pode ser esta tarefa são os torcedores conhecidos como *casuels*, fenômeno surgido na década de 1985, na Inglaterra, após duras medidas tomadas pelas autoridades para combater o *hooliganismo*. Para driblar o aparelho de segurança pública, grupos de *hooligans* passaram a ir aos jogos vestidos com roupas de marcas e a se misturar aos demais torcedores e a marcar os confrontos com os torcedores adversários fora dos estádios e em dias de jogos não considerados “de risco” pelo controle policial. Dessa forma, podem acompanhar os times e também dar vazão a seus instintos violentos. De forma que, com tais características, as relações entre os torcedores e a imprensa não poderiam ser livre de conflitos, como se verá no próximo item.

### *Torcida vs. imprensa*

Em relação à imprensa, em geral, os torcedores *organizados*, inclusive os entrevistados neste trabalho, fazem avaliações negativas. A maioria vê os órgãos de imprensa como responsáveis pela imagem agressiva que consideram “distorcida” que se criou em relação aos *organizados*.

“Eu acho que [a mídia] deveria falar mais a verdade, mesmo que for mal para algum lado, mas que falasse mais a verdade, porque eu acho que muitas coisas ... acho não, tenho certeza ... porque você vê muitas coisas no jornal, chega no final da tarde, você liga a tevê está anunciando outra totalmente diferente. É que tem que vender, a mídia tem que vender o seu produto, tem que trabalhar em cima disto. Mas eu acho que deveria se falar mais a verdade, antes de lançar alguma coisa no mercado, no jornal, na revista, deveria ter a certeza, porque isto influencia os torcedores. Às vezes você tá lá triste com o seu time, você vê certas coisas e pensa:

---

<sup>41</sup> No entanto, duas das principais torcidas extintas oficialmente, resistiram e ainda hoje desafiam a proibição. A *Mancha Verde*, do Palmeiras, trocou de nome para *Mancha Alviverde* e A *Independente*, do São Paulo, se mantém a custa de liminares, assim, de qualquer modo, permaneceram.

‘ô legal’. Daí a pouco, não é nada daquilo. Você vê lá: vai contratar tal pessoa, você compra bebida, compra jornal, assina revista, pensando que é aquilo e vai ver não é nada daquilo. [a mídia] Vende uma ilusão para o torcedor, nem sempre é verdade... Muitos torcedores nossos, o pessoal, às vezes chega e comenta: ‘ah, você viu? O Corinthians vai fazer isso...’ Eu pergunto: ‘aonde você viu isto?’, ‘Ah eu li numa revista, li num jornal...’ Hoje em dia eu só acredito vendo. ‘O Corinthians vai contratar o Maradona<sup>42</sup>!’ Eu falo assim: ‘legal’ [com desdenho]. Só acredito a hora que ele chegar no Parque São Jorge, vestindo a camisa, porque não dá pra você acreditar... Tem muitas matérias boas, eu acho que é mais parte negativa, mas tem muitas matérias boas. Às vezes, você está curioso, querendo saber certos assuntos... Que nem na parte de artes [do jornal]... O que está acontecendo? Porque tem muitas coisas que eu chego: ‘nossa o que está acontecendo? O que vai acontecer? Será que vai ter os jogos?’ Então, você vai lá no jornal e fica sabendo o que está acontecendo.” (Giva)

Gianoli (1996, p.157), colheu a seguinte declaração de um torcedor, sobre os motivos que levam as *organizadas* a criarem cantos, “gritos de guerra” e coreografias: “Tudo para contestar a imprensa”, afirmou um torcedor, porque a mesma usaria as torcidas organizadas como bode expiatório pela violência no futebol. “A gente gasta dinheiro e fica trabalhando até tarde porque tem que se preparar para um jogo, isso a imprensa não mostra”, afirmou o mesmo torcedor. Questionado se sente-se representado na imprensa enquanto torcedor, um dos entrevistados para o presente trabalho também fez críticas contundentes sobre a atuação da mídia esportiva.

“Eles [e imprensa] mostram só a parte ruim da torcida. Quando tem uma briga no estádio mostra lá. A torcida causou a briga, olha que escândalo! Mataram um torcedor, pisotearam o torcedor... Mas quando o torcedor chega lá pra comprar o ingresso, enfrenta aquela puta fila e não consegue comprar o ingresso, a imprensa não divulga. Você vai, viaja - que nem nós aqui, são 400km até São Paulo pra assistir um jogo do Corinthians, qualquer jogo do Corinthians pra nós é uma viagem - a gente chega lá pra comprar o ingresso e, às vezes, não tem. Você fica debaixo de sol, chuva, ninguém vê isto. Aí um jogador se machuca, eles falam: ‘ah, coi-

---

<sup>42</sup> Nome do jogador argentino aposentado, sinônimo de “craque” entre os torcedores.

tado do jogador, treinou e se machucou'. Só que eles não vêem, não falam, da torcida, não representam a torcida, não vêem o sacrifício que a gente faz. Isto aí a imprensa não mostra, eu acho que a imprensa deveria mostrar um pouco isto pros próprios jogadores verem o sacrifício que a torcida faz pelo seu clube. Ele vai, resiste à esposa, deixa serviço, escola, tudo pra acompanhar o clube, sendo que a imprensa nem divulga isto, fala só sobre o time. "O jogador não pôde jogar porque pegou uma gripe". O torcedor está lá na arquibancada com gripe, doente, com a família em casa passando mal também, passando necessidade, só que o torcedor está lá, ele vai. Isso a imprensa não mostra, só mostra o lado dos jogadores. Acho que deveria mostrar um pouco mais da torcida. Como que o torcedor vai, as dificuldades que o torcedor tem pra chegar num estádio. Por exemplo, numa final da Libertadores, o clube aumenta o preço do ingresso, hoje em dia, no nosso país, como que você consegue pagar R\$ 70,00 um ingresso? No [Campeonato] Brasileiro agora, está R\$ 20,00 o ingresso, tem oito jogos no mês, às vezes, o torcedor ganha um salário mínimo, como ele pode acompanhar o seu clube? É bem complicado, e este lado a imprensa não mostra, às vezes, até puxa mais a sardinha pro lado do clube. "Vamos aumentar, vamos profissionalizar o futebol". Mas quem faz a alegria do futebol é o povão... (*Givanildo*)

Os torcedores não ligados a torcidas organizados entrevistados para o presente trabalho também foram convidados a tecer considerações a respeito da influência da mídia sobre suas práticas.

"O jornalista influencia a gente sim, quando fala muito sobre um time só. Conforme eles falam sobre os times, você passa a simpatizar por eles. Porque o jornalista sabe conduzir o torcedor..." (*Erasmão*)

"Veja pelos times europeus, que ninguém conhece, mas começa a passar na tevê e, pela mídia, a gente começa a ter simpatia por eles, torcer para o Real [Madrid], Barcelona, etc. Tem a publicidade também, que influencia bastante." (*Mário*)

"Até brinco com alguns cunhados, com meus primos, que têm a mesma idade que eu e torcem para o São Paulo. Eu falo que é porque o São Paulo foi bicampeão da Libertadores, ganhou vários títulos e ficou muito exposto na mídia, com posters, etc. Não só nos jornais, mas na televisão também, mostrou muito tudo aquilo, acho que a mídia tem poder de convencimento, em todos os sentidos. Hoje você é Lula e amanhã não é mais. A mídia, não sei se felizmente ou infelizmente, tem esse poder de convencimento." (*André*)

O que se percebe é que os torcedores reconhecem os meios de comunicação como potencialmente capazes de manipular informações e induzir os leitores a assumirem opiniões, por outro lado, as notícias se baseiam em fatos que nem sempre correspondem à realidade, são construções discursivas. Ao mostrar que reconhecem uma intenção subliminar nos discursos midiáticos, os torcedores se contradizem, pois demonstram que eles mesmos não foram manipulados, o que já é suficiente para dizer que o poder de convencimento da mídia não é tão abrangente e influente. Exemplos dessa instabilidade são comumente encontrados em reportagens publicadas na mídia esportiva impressa, fonte de informação e formação para uma parcela considerável das pessoas envolvidas no fenômeno. Na seqüência de textos abaixo<sup>43</sup>, apresenta-se uma dessas situações.

Texto 1

### **Norusca rompe com torcida organizada**

*Direção do clube denuncia hostilidades por parte de membros da Sangue Rubro, apesar da vitória sobre a Matonense*

- 1 Damião Garcia condenou as hostilidades de alguns elementos da Sangue Rubro, quinta-feira à noite, apesar da vitória sobre a Matonense por 1 a 0, pelo Campeonato Paulista da Série A2.
- 2 Segundo o presidente do Noroeste, as relações com a principal facção da torcida organizada estão cortadas, pelo menos temporariamente.
- 3 “Ao invés de comemoração pelo resultado, aconteceu um ato de vandalismo, que me entristece muito”, afirmou Damião Garcia, explicando que não adianta ele receber elogios, se outras pessoas do clube recebem insultos e tentativas de agressões.
- 4 “O time melhorou em relação aos jogos anteriores e venceu. Mas mesmo que tivesse perdido, não há justificativa para as agressões. Não precisamos de torcedor desse tipo, prefiro que eles nem apareçam no estádio”, disse Damião, consolando a funcionária do Noroeste, Josiane Cardoso, a Josi, que foi a principal vítima das cenas de selvageria. Josi

---

<sup>43</sup> Essa análise está livre de qualquer valor de juízo sobre quem está certo ou errado em relação aos acontecimentos relatados.

- contou que ela e a colega de trabalho Elaine, sofreram humilhações e quase foram agredidas.
- 5 “Dez ou 15 torcedores com a camisa da Sangue Rubro cercaram meu carro na entrada do portão e me chamaram de vagabunda, p. além dos pontapés no veículo, causando danos na lataria. Alegaram que eu joguei o carro contra eles, mas não foi isso. Como eu estava assustada, acelerei um pouco para fugir da fúria deles. Depois, na rua, um torcedor investiu contra mim e só não me agrediu mais graças ao Pavanello, que interferiu”.
  - 6 Josi lamentou a ausência da polícia no local, e procurava identificar o agressor para fazer um Boletim de Ocorrência ainda ontem.
  - 7 Celso Zinsly, por sua vez, chegou a pedir demissão do cargo, estava irredutível, e só voltou atrás por causa dos apelos de Damião.
  - 8 “Coloco muito dinheiro, sim, do meu bolso. Mas não adianta gastar, se eu não contar com uma pessoa talentosa, de minha confiança. Tudo que foi feito no estádio foi planejado pelo Celso”, diz o presidente.
  - 9 Membros da comissão técnica, funcionários do clube, alguns jogadores e imprensa, também lamentaram o triste acontecimento. Segundo eles, foram ofensas que partiram das arquibancadas durante a partida, e na entrada de um dos principais portões do Estádio Alfredo de Castilho.
  - 10 “Nossa torcida é maravilhosa e vem nos apoiando. A média por jogo desde o ano passado, tem sido de três mil pessoas. Esses são noroestinos de verdade. Já a organizada, com 40, 50 ou 70 integrantes, sei lá, não representa nada. Não será por causa dela que vamos subir para a Série A1 e nem cair para a A3”, afirmou Celso Zinsly.
  - 11 Dizendo que Sinuhe Daniel - fundador da extinta Noruscaipira - é um grande noroestino, “além de ter educação”, Celso lembra de outro protesto da Sangue, que segundo ele, foi injusto.
  - 12 “Num jogo que perdemos em Mirassol, no ano passado, pagamos o ônibus para a viagem da Sangue Rubro, o ingresso da partida, e sabe qual foi o reconhecimento? Viraram a faixa de ponta cabeça, vaiaram nosso time e gritaram olé. São torcedores que ao invés de ajudar atrapalham”.

## Texto 2

### **Pavanello pede desculpa**

- 1 José Roberto Pavanello, criador e atual presidente da Sangue Rubro, pede desculpa pelo incidente depois do jogo

contra a Matonense, no portão que dá acesso aos vestiários e centro de treinamento do estádio.

- 2 “Realmente houve uma confusão e condeno todo o tipo de hostilidades. Peço desculpa ao Noroeste, principalmente a funcionária do clube. Estou muito chateado, foi lamentável”, disse Pavanello.
- 3 “É difícil controlar um grupo que tem dezenas de pessoas e conter os mais exaltados. Mas tem uma coisa: torcedor que não é sócio, adquire uma camisa da Sangue e se infiltra no meio”.
- 4 O líder da torcida organizada garante que episódio como o de quinta não se repetirá, e gostaria de se reunir com Celso Zinsly. (Jornal da Cidade, 5/2/04, p. 12)

Texto 3

### **O restante é sigiloso**

A respeito do incidente no dia 3 de fevereiro de 2005, nos portões laterais do estádio “Alfredo de Castilho”, quando alguns torcedores exaltados faziam seu protesto, a “senhorita Josi”, funcionária do Esporte Clube Noroeste, antes de sair com o veículo Gol, parou do lado de dentro das dependências do Alfredão e trocou de lugar com o motorista e então acelerou o carro contra os torcedores. Sendo assim, venho esclarecer que é uma grande mentira ela dizer que acelerou porque estava com medo sendo que ela foi para o volante premeditadamente para já de vontade própria jogar o carro contra os torcedores. A torcida Sangue Rubro foi a torcida que levou o E. C. Noroeste nas costas na série A3 chorando, sofrendo, rindo e festejando e não como algumas pessoas do clube afirmam, que podem se virar sem a torcida, sendo que na hora que o bicho pega ou pegou foi a Sangue que salvou. (Landulpho Nascimento Hortêncio, Tribuna do leitor, Jornal da Cidade, 7/2/2005)

Texto 4

### **O restante é invenção**

- 1 Gostaria de esclarecer ao senhor Landulpho Nascimento Hortêncio (RG 26.191.087-5/SSP) que de forma alguma troquei de lugar com outra pessoa no carro para assumir a direção, até porque o carro é meu e quem o dirige sou eu. O que houve é que minha colega de trabalho Elaine estava subindo ao lado de seu namorado e parou meu carro dizendo que ia pegar uma carona até sair do portão central porque estava com medo de passar por ali e a torcida mexer com ela. Então, disse que tudo bem e realmente abri a porta do carro e eles entraram, mas como disse, em momento algum troquei de lugar, como haviam falado.



- 2 Também gostaria de esclarecer que não joguei o carro nos torcedores propositalmente. Acontece que a torcida estava toda na frente do veículo e realmente a única saída que encontrei foi acelerar o carro para ver se eles saíam da frente, vindo a ocorrer chutes na lataria e palavras ofensivas. Imagine se passo devagar...
- 3 Inclusive, porteiros do clube presenciaram o fato real. Estou com minha consciência tranqüila, mas me senti na obrigação de responder aos leitores, pois quem cala consente. Portanto, o restante não é sigiloso, o restante é invenção. (Josiane Aparecida Cardoso, Tribuna do leitor, Jornal da Cidade, 10/2/2005)

#### Texto 5

#### **Jogadores pedem apoio da torcida**

- 1 Alegando que a partida é de vida ou morte, os jogadores do Noroeste fazem um pedido aos torcedores, em termos de apelo, para que compareçam em massa esta noite, ao Estádio Alfredo de Castilho. “Mais do que nunca precisamos do apoio da nossa torcida. Sabemos que o time andou dando umas derrapadas, mas não foi por falta de empenho. Nesta quarta-feira, queremos casa cheia para nos incentivar. A Sangue Rubro sempre nos apoiou e agora queremos um incentivo bem maior e de todos os torcedores”, afirmou o atacante Gileno, ídolo da galera.
- 2 Outros jogadores, como o goleiro Maurício, o meia Luís Carlos e o atacante Sinval, entrevistados nos últimos dias pelas emissoras de rádio, conclamaram o público esportivo da cidade para esse jogo, considerado o da ‘vida do Norusca’. “Torcedor, precisamos do seu apoio”, disse Sinval.
- 3 Celso Zinsly e alguns jogadores preferem esquecer as críticas e cobrança feitas desde as primeiras rodadas. “Num momento importante como esse, todos devem cerrar fileiras pelo time”, disse o gerente de futebol.
- 4 José Roberto Pavanello, chefe da Sangue Rubro, promete uma festa esta noite no estádio. “A Sangue vai incentivar o time do princípio ao fim do jogo. Se sempre apoiamos, nesta quarta-feira o incentivo será maior ainda”, disse Pavanello. Os componentes da Sangue se reunirão por volta das 18h em frente ao ginásio de esportes. (Jornal da Cidade, 27/04/05, p. 10)

Interessante notar que, *através* das páginas dos jornais, um incidente entre algumas pessoas à porta de um estádio assume proporções de confrontação

entre o clube e a torcida organizada. Se os envolvidos no momento dos fatos não estivessem investidos de identificações que os ligassem a uma ou outra entidade, provavelmente, o ocorrido não teria maiores conseqüências. Na visão do clube, divulgada pelo jornal, as agressões ocorreram não contra uma pessoa apenas, mas contra o próprio Noroeste. E, talvez, os torcedores tenham realmente agido com essa intenção: a de agredir o clube. A desavença preexistia aos fatos, com se vê nos parágrafos 11 e 12 do texto 1, no qual nota-se ainda que os torcedores diretamente envolvidos não foram identificados: na primeira referência que se faz a eles, aparecem como “10 ou 15”. Certamente, o fato de a polícia não estar presente colaborou para isso, pois sem boletim de ocorrência não há como identificar os acusados. Estes, aparecem prejudgados, como culpados pelo incidente, como se nota pela classificação dos eventos como “hostilidades” e “cenas de selvageria” (par.1 e 4, respectivamente). Um dos entrevistados também fala em “atos de vandalismo”. Certo ou errado, os representantes do clube fazem, via imprensa, a oficialização ou, simplesmente, *tornam público* um rompimento de relações.

No texto 2, publicado na mesma página, como uma *sub*, é dado voz a um dos torcedores, porém, não para apresentar uma versão do ocorrido, mas para pedir desculpas, primeiro ao clube, depois à pessoa agredida. Na condição de presidente da torcida, o entrevistado fala por todos, e procura eximir a *Sanguie Rubro* de qualquer responsabilidade, ao dizer que não é possível controlar “os mais exaltados” ou que as agressões poderiam ter sido feitas por torcedores “infiltrados” usando a camisa do grupo. No texto, o torcedor ainda manda um recado diretamente para um dos diretores do clube, predispondo-se ao diálogo.

A essa altura, já não está mais em questão o fato de alguém ter sido agredido após uma partida de futebol, os cidadãos protagonistas do fato que ocasionou toda a celeuma saem de cena e surgem então os desdobramentos naturais, com novos atores. O rompimento poderia ter se dado sem uma real necessidade de ser publicado - bastaria, por exemplo, que a diretoria do clube comunicasse à

da torcida organizada que as relações entre ambos estavam cortadas -, no entanto, ele se dá *via* imprensa. Na prática, busca-se castigar os agressores, livres de sanções imediatamente após terem agido, devido à ausência dos órgãos reguladores da convivência pública. Assim, o jornal não noticia o rompimento, implicitamente, o jornal *promove* o corte de relações, à semelhança de documentador da atitude “drástica”. A imprensa transforma-se assim em um espaço não apenas de discussão, mas também de solução para os conflitos, com penalizações, perdões, pedidos de desculpas, acusações, etc.

Sem a intenção de “ressuscitar” o assunto, mesmo porque, o impasse entre clube e torcida foi superado alguns meses depois (texto 5), ou de defender quem quer que seja, apresenta-se aqui um depoimento do presidente da Sangue Rubro sobre a atuação da imprensa neste caso.

“Só que eles [imprensa] venderam uma imagem errada, porque não sabiam na íntegra o que houve, eles não foram ao fundo. É ‘o que ouvi falar, o que comentaram’. Então nós tentamos nosso espaço para justificar e não houve, não foi dado este espaço pra gente. Não sei porque cargas d’água. Ou se pelo bom relacionamento que eles têm com a diretoria do clube, ficou elas por elas... Só que o tempo mostrou, hoje as coisas voltaram à normalidade, tanto com a diretoria que reconhece a importância da gente, nós estamos aí... Esse episódio marcou muito. Uma emissora [de rádio] fechou a porta para a gente, a outra, é ligada ao clube... No caso do *JC*, talvez alguém lá tenha amizade demais com a diretoria, faltou esse espaço. E isso não é cobrado por mim não, é pela maioria dos torcedores, que falam: ‘vocês não se defenderam?’ ‘Não, se vocês quiserem falar como amigo da gente...’ Só que nada disso foi publicado, nem na rádio e nem no jornal...

(...)Esse episódio, talvez essa parcialidade houve, porque tudo começou errado, a divulgação foi equivocada. Ninguém, na rádio, no jornal ou da tevê chegou para perguntar a nossa versão, só houve uma versão. “Ah, mas eu abri um espaço para vocês”. Puxa vida, o presidente não vai numa emissora de rádio sabendo que vai ‘cair numa arena’, sabendo que vai ser bombardeado... O que magoou a gente é que não houve o espaço que a gente esperava para defesa...” (*Pavanello*)

O conflito ocorreu no dia 3 de fevereiro e foi publicado no jornal dois dias depois, ou seja, o que foi divulgado pelo órgão de imprensa foram versões de cada um dos envolvidos, entretanto, não é necessário uma análise muito minuciosa para se constatar que a cobertura do assunto foi tendenciosa para um dos lados e, a seguir, adotou-se o silêncio. Ainda que tenham sido publicadas cartas dos envolvidos alguns dias depois (textos 3 e 4), no ponto de vista estritamente jornalístico, elas não podem ser consideradas *matérias*, pelo fato de não terem sido produzidas pelo jornal. Além disso, as cartas apareceram numa seção específica do jornal, que dá voz aos leitores em geral. O desdobramento do fato não foi acompanhado pela editoria que deu amplo destaque para o “dia do rompimento”. As cartas demonstram que o fato não chegou a ser totalmente esclarecido. Ao optar pelo silêncio e não mais publicar matérias sobre o caso, no mínimo, o jornal deixou de dar uma resposta a seus próprios leitores, mais ainda após as dúvidas levantadas na seção de cartas.

Surpreendente, em tudo isso é que, no texto 5, publicado 84 dias após o incidente, os discursos mudam de tom. Esquece-se o passado recente para conchamar a torcida a “cerrar fileiras” pelo clube. A expressão remete a uma convocação para uma guerra. A *organizada* que não “representava nada” assume importância vital em um jogo de “vida ou morte”. As divergências são superadas em nome de um objetivo que passa a ser comum: a vitória do time.

Este caso serve para ilustrar como são conflituosas e contraditórias as relações dos torcedores com os clubes e de ambos com a imprensa. Isso ocorre, entre outras coisas, porque na raiz de todo o imbróglio está a insatisfação do torcedor com a performance dos atletas e com o modo de agir daqueles que o estão representando. Os torcedores avaliam os jogadores, julgam se estes *honram*, ou não, a camisa. Os torcedores organizados reivindicam o direito de exigir dos jogadores, técnicos e dirigentes que tenham bom desempenho. E fazem isso, por que *sofrem* com as derrotas do time, que sempre que não agrada a torcida, proporciona o risco de ocorrerem conflitos, que, na imprensa, são ampliados.

## **CAPÍTULO 4**

## REPRESENTAÇÕES DO TORCEDOR NA MÍDIA IMPRESSA

A primeira questão a ser respondida neste capítulo é: o que é, ou que são representações? A resposta, mais uma vez, é complexa, pois este não é um termo claramente definido. França (2004, p.14) lembra que o conceito de representação vem sendo historicamente construído “nas fronteiras da sociologia, psicologia e semiótica”. Nas Ciências Sociais, “dizem respeito aos significados, às imagens, ao quadro de sentidos construídos e partilhados por uma sociedade”. Na Psicologia, diz respeito à capacidade de simbolização dos indivíduos, ligadas aos processos de socialização e construção da noção de sujeito, são “construções particulares que expressam a subjetividade do campo social”. Para a Semiótica, “diz respeito às imagens mentais (processos intra-subjetivos), mas também à sua dimensão externa, forma de existência pública (processos intersubjetivos)”.

Portanto, dentro de uma perspectiva culturológica, representações são construções simbólicas do homem sobre o mundo que o cerca, feitas de modo subjetivo para uns e socialmente determinadas para outros, porém, sempre elaboradas fora dos fatos e dos objetos em si. Ou seja, representar algo, seja um acontecimento, um sentimento ou um objeto materializado, é atribuir-lhe significação. Quando se representa algo, é a idéia individual ou coletiva que se tem sobre isso que é codificada e não a coisa em si. Esse processo, por sua vez, recebe influências das mediações, que, a grosso modo, “referem-se às nossas práticas sociais, à nossa inserção na cultura, na história e no cotidiano”. (França, 2004, p. 20)

As representações midiáticas referem-se à significação que os meios de comunicação de massa dão aos fatos que registram ou aos sujeitos que retratam. E, para desvendá-las são necessárias análises que ultrapassem a superfície do texto, que associem a historicidade dos meios e dos fenômenos, que busquem em fatores como intertextualidade, vozes discursivas, coesão textual, relações de poder, etc, a real significação do que foi escrito, falado ou televisionado. As interpretações dos discursos impressos, ou as maneiras como são recebidos pelos lei-

tores, também são essenciais para completar a construção dos significados. Afinal, uma representação só se efetiva se quem a interpretar também atribuir-lhe significação.

### *Mídia local e regional*

Antes de apresentar o estudo de caso, através do qual se propõe analisar as representações culturais do torcedor de futebol na imprensa esportiva, é necessário fazer algumas considerações prévias sobre a natureza do espaço midiático em que se desenrola o fenômeno a ser investigado. O *Jornal da Cidade*, publicação escolhida para este estudo, é reconhecido como uma *mídia local*, termo que tem uma multiplicidade de significações, determinadas pelo contexto em que é invocado. Distinguir o que é local ou regional antes do desenvolvimento das telecomunicações e das redes de alcance mundial já era bastante complicado, depois do surgimento desses fenômenos, tornou-se tarefa quase impossível. Dois exemplos podem ilustrar tal dificuldade, o primeiro: um jornal que circule em um espaço geográfico demarcado como um *bairro* com a proposta de divulgar assuntos de interesse específico para a população dessa *localidade*, é, sem hesitação, visto como um meio de comunicação local e não deixará de sê-lo mesmo que passe a ser disponibilizado na Internet e tornar-se acessível ao mundo inteiro. Ou seja, o espaço de circulação das informações deixa de ser limitado, porém, a *característica* da informação é mantida.

Já outros jornais, como o *The New York Times*, circulam por vastos espaços geográficos, com distribuição em muitas cidades. São veículos presentes em mais de um país ou continente, por isso, *a priori*, não são reconhecidos como mídia local ou mesmo *regional*. Contrariamente, porém, nos Estados Unidos e, em particular, em New York, cidade de origem do exemplo, pode ser visto como uma *mídia local*, sem dúvida de alcance e importância mundial, entretanto ainda um jornal de New York.

No Brasil, muito mais ainda que na França, os jornais (informação) seduzem microgrupos. Primeiro são jornais regionais. Mesmo os de alcance nacional, como Folha de S. Paulo, O Estado de S. Paulo, O Globo e Jornal do Brasil, conservam marcas de inserção regional muito fortes. O Jornal do Brasil e O Globo, encarnam, até certo ponto, um espírito carioca. Folha de S. Paulo e O Estado de S. Paulo expressam, como se diz, principalmente os interesses paulistas ou, ao menos, um modo de ver, um estilo dito paulista. Depois, dentro de cada jornal, as diferentes seções conquistam públicos específicos. Raramente a informação alcança todos ao mesmo tempo. Quase nunca ele é universal. Esse é um mito do jornalismo ocidental. (Maffesoli, 2003, p. 15)

Portanto, um jornal é reconhecido como local ou regional muito mais por sua capacidade de *representar* uma determinada região, pela existência de uma identificação mútua entre o veículo e os atores sociais envolvidos no processo, do que pelo fato de circular em espaços geograficamente delimitados ou se pautarem por assuntos relacionados a uma determinada *localidade*. Quando se fala em regional, ou local, faz-se uma referência à noção de identidade, portanto, um processo regido por parâmetros culturais. Por sua capacidade de aglutinar e representar aspectos do modo de vida dos meios sociais em que se processam, os meios de comunicação local podem dizer muito sobre as comunidades em que estão inseridos, pois passam eles mesmos a serem produtos culturais das mesmas.

A imprensa local é um espaço que reproduz, registra e, em certo sentido, amplia as representações culturais de uma região. Entre elas, as práticas esportivas competitivas, nas quais indivíduos ou equipes tomam o nome de todo o grupo a que pertencem. Países, estados, municípios, bairros, clubes, etc, são representados por times, que tentam realizar performances cada vez mais eficientes para “honrar” as cores que identificam o grupo a que pertencem, geralmente materializadas em camisas ou bandeiras. Daí a importância de se entender as dinâmicas e os reais significados das publicações chamadas locais.

O *Jornal da Cidade* possui muitas características que o distinguem como um veículo de comunicação *local*, que representa, especificamente, o municí-



pio de Bauru e algumas cidades próximas<sup>44</sup>. Isso faz do veículo, ele próprio, um espaço onde diversos grupos dessa comunidade realizam trocas culturais e econômicas. Apesar de conter informações do mundo todo e buscar um perfil de jornal metropolitano, o *JC* não perde suas características de meio de comunicação regional, o que demonstra, entre outras coisas, que o termo *mídia local* também não pode ser determinado pelo conteúdo em si, mas pelo interesse que esse conteúdo desperta. Assim, o *JC* mostra-se um órgão representativo para muitas análises que se queira realizar sobre os fenômenos midiáticos, também no caso das relações entre torcedor de futebol e imprensa.

### *Do Progresso de Bahuru ao Jornal da Cidade: breve histórico do jornalismo em Bauru*

Neste item apresenta-se um breve panorama histórico do jornalismo em Bauru, uma vez que para se construir um relato mais detalhado, seria necessário uma pesquisa que tratasse especificamente de tal tema. Ou seja, não há pretensões aqui de se contar a história da imprensa na cidade, mas apenas conhecer o contexto histórico em que nasceu e se desenvolveu o *Jornal da Cidade*. Os dados levantados foram extraídos de um caderno especial publicado pelo *JC*, no dia 1 de agosto de 1987, sob o título “Resumo histórico da Imprensa de Bauru”.

O município de Bauru foi fundado em 1 de agosto de 1896 e o primeiro jornal a circular na localidade foi o *Progresso de Bahuru*, em 1905. Com periodicidade semanal e “formato pequeno”, foi lançado no 1º de maio daquele ano. No entanto, seis meses depois, por dificuldades financeiras, o pioneiro saía de cena. O pouco que se sabe sobre o *Progresso* é que a iniciativa de lançá-lo foi do cidadão José Antonio Pereira Júnior e o gerente se chamava Horácio do Vale. Ante às dificuldades para levar o empreendimento adiante, o proprietário da publicação teria recorrido à Câmara Municipal, propondo divulgar os atos do órgão público

---

<sup>44</sup> A população estimada da cidade de Bauru em 2005 é de 350.000 habitantes.

em troca de uma ajuda em dinheiro no valor de 240 mil réis. Com a “colaboração” da edilidade, o pequeno hebdomadário circulou por mais alguns meses, porém, em dezembro daquele mesmo ano, seu proprietário recorreu mais uma vez à Câmara Municipal e solicitou um empréstimo de 500 mil réis. O parecer favorável, datado de 21 de dezembro, foi submetido à sessão plenária apenas em 12 de fevereiro de 1906, quando o jornal já não mais circulava. A seguir, foi rejeitado.

Passaria-se ainda quase um ano para que a cidade voltasse a ter um periódico impresso. Em 16 de dezembro de 1906 começava a circular *O Bauru*, fundado pelo advogado, político e comerciante Domiciano Silva. O jornal tinha o formato de 30cm x 42cm, o que corresponde, aproximadamente, a um *tablóide* atual, e mais estabilidade financeira que seu precursor, portanto, sem a perigosa dependência de um órgão público a sustentar-lhe. Assim o periódico foi o primeiro na cidade a ultrapassar os 12 meses de vida, circulando normalmente até 1908, quando, por motivos políticos e ameaçados de morte, seus proprietários tiveram que deixar a cidade e a publicação suspensa. Àquela altura, porém, o jornal já era uma necessidade no município e, no mesmo ano, *O Bauru* voltaria à cena, sob a direção de Almerindo Cardarelli. A instabilidade e violência política da época foram uma constante ameaça ao periódico que conseguiu manter-se em atividade até 1929, quando seu diretor decidiu-se pela aposentadoria e uma vida mais tranqüila, em uma fazenda da região junto com seus familiares.

O terceiro jornal a surgir em Bauru foi *A Cidade de Bauru*, fundado em 1909 e ligado ao Partido Republicano Paulista (PRP). Com o formato de 32cm x 45cm, um pouco maior que um *tablóide* e seis páginas, a exemplo de seus antecessores era semanal. O principal objetivo inicial dessa publicação foi reforçar o movimento que lutava pela criação da Comarca de Bauru, o que ocorreria em 1911. Um ano antes, em consequência de distúrbios causados pela disputa pela presidência da República entre o marechal Hermes da Fonseca e Rui Barbosa, a sede do jornal seria destruída por uma multidão favorável ao candidato civil, irritados com a militância de *A Cidade* em favor do candidato militar (que ganhou o

pleito, saberia-se depois). Reconstruído, o jornal se engajaria ainda em outra campanha, em 1913, contra a demolição da igreja matriz da cidade, entretanto, dessa vez, sairia derrotado e seu proprietário, Néelson Noronha de Gustavo, magoado com o fato, decidiu abandonar o município e *A Cidade* deixava de circular.

No ano seguinte, o redator-chefe desse jornal, Albino F. dos Santos fundaria *A Gazeta de Bauru*, também semanário e assumidamente “órgão do Partido Republicano”, porém, de vida efêmera (de fevereiro a setembro de 1914). No ano seguinte, o advogado Eduardo Vergueiro de Lorena adquiriu o maquinário de *A Gazeta* e lançou *O Comércio de Bauru*, que também não teria longa duração, desaparecendo no mesmo ano.

Outro jornal de importância naquela época foi *O Tempo*, que teve seu primeiro número lançado em 12 de maio de 1910, fundado por Carlos Marques da Silva, um político que foi vereador e prefeito da cidade por duas vezes, com o claro objetivo de se contrapor politicamente ao *A Cidade*. Apesar de não haver precisão nos dados, essa publicação circulou até meados da década de 1920.

O primeiro jornal diário de Bauru começou a circular em 1916 e se chamava *O Correio de Bauru*, que nascera semanal sob o nome *O Dilúculo*. O fundador dessa publicação foi Manoel Ferreira Sandim, um português de nascimento, simpatizante e militante do PRP. Em 1925, mais um diário começou a circular na cidade, tratava-se de o *Diário da Noroeste*. A opção política das duas publicações, contra a Aliança Liberal, que apoiava Getúlio Vargas, acabou por determinar-lhes um final trágico. No dia 24 de outubro de 1930, Vargas tomava o poder e, no dia seguinte, simpatizantes da Aliança saíram às ruas para comemorar ruidosa e violentamente a vitória. Resultado: as sedes dos dois diários foram “empasteladas”, ficando totalmente destruídas.

Na década de 1930, Bauru viu nascer alguns dos principais órgãos de imprensa de sua história. Em 1933 começava a circular semanalmente *A Folha do Povo*, que receberia o reforço do extinto *A Gazeta da Noroeste* e, em 1937, se tornaria diário. Esse foi um dos jornais de mais longa duração na imprensa local,

circulando por mais de 30 anos. O fim da publicação começou em 1956, quando um incêndio destruiu boa parte de sua sede, depois disso, teve diversos proprietários até parar de circular em meados dos anos de 1960.

Em 1931, surgiu *O Correio da Noroeste*, o mais duradouro dos jornais antigos, que circulou durante “quase quatro décadas”. Este teria sido o primeiro jornal de Bauru a dar importância maior aos esportes. Inclusive, seu proprietário, José Fernandes, foi um dos fundadores da Liga Bauruense de Futebol Amador, entidade ainda em atividade no município.

O Correio da Noroeste sempre dispensou aos esportes muita atenção, encarando sua prática como uma atividade muito útil ao espírito e ao corpo, desviando o pensamento da juventude de outros campos nocivos aos costumes e à saúde.

O jornal criou a “Volta de Bauru”, grandiosa competição de pedestrianismo que se realizava anualmente. Organizava e patrocinava corridas de bicicletas, para adultos e para as categorias juvenis. E foi ainda o mesmo jornal, por inspiração de José Fernandes, que deu origem ao tradicional campeonato amador de futebol, então com a denominação de Campeonato Varzeano de Futebol, quando em 1942, patrocinou o primeiro certame dessa categoria. A sede dos dirigentes estava localizada na própria redação do jornal. (Jornal da Cidade, suplemento especial *Imprensa, um poder sempre vigilante*, 1987, p. 14)

Em 1938 nasceu *A Folha de Bauru*, bisemanário vendido em 1945 para Nicola Avallone Júnior, José Gomes de Araújo e Emílio Viegas, que remodelaram a publicação e mudaram seu nome para *Diário de Bauru*. O novo jornal começou a circular em 1 de janeiro de 1946 e resistiu até o final dos anos de 1990. O *Diário de Bauru* serviu como meio de propaganda política para eleger Avallone Júnior prefeito, em 1955, e deputado estadual de 1959 a 1964, quando teve seu mandato cassado. Gomes de Araújo também se beneficiou do jornal para conseguir um mandato como vereador em 1951. Viegas falecera logo após a fundação do diário.

Apesar dessa orientação política, a exemplo do *Correio da Noroeste*, o *Diário de Bauru* teve desde de suas primeiras edições o esporte como um de seus

principais temas. Com era costume à época, o jornal organizou e patrocinou diversos campeonatos de futebol, boa parte para categorias infantil. Um desses torneios teria contado com a participação de um garoto chamado Edson Arantes do



Foto da primeira página do Jornal da Cidade número 1

Nascimento e apelidado como *Pelé*, que mais tarde defenderia o Bauru Atlético Clube e depois seria reconhecido como o melhor jogador de futebol de todos os tempos.

A longevidade e representatividade do *Diário de Bauru* só viria a ser repetida no município pelo *Jornal da Cidade*, que começou a circular no dia 1 de agosto de 1967, com 52 páginas e 7.500 exemplares. O projeto de lançamento do *JC*, como é comumente chamado, teve à frente o empresário Alcides Franciscato, que se elegeria prefeito de Bauru em 1968 e conseguiria quatro mandatos consecutivos na Assembléia Legislativa paulista. O comando editorial da publicação foi entregue ao jornalista Nilson Costa, que tivera seu mandato de deputado cassado em 1966. Uma das principais características empresariais do *JC* é acompanhar a inovação tecnológica, tanto que, em 1972, tornou-se o primeiro jornal do interior do estado a ser impresso

em 1972, tornou-se o primeiro jornal do interior do estado a ser impresso pelo sistema *offset*. Atualmente, a empresa possui um dos mais modernos parques gráficos do país.

Em relação à linha editorial, o *JC*, em que pese ter nascido com motivações políticas, não pode ser considerado um jornal “combativo”, se o termo for pensado como qualquer tipo de militância. A orientação sempre foi de ser um veículo “informativo”, com notícias locais, regionais, nacionais e internacionais. Isso, porém, não quer dizer que o *JC* não tenha participação ativa na vida política do município, pois desde seus primeiros anos de vida revestiu-se, e foi aceito, como um dos principais “formadores de opinião” na cidade. Quanto ao esporte, o *JC* nunca deixou de circular sem dedicar ao menos uma de suas páginas ao tema, assunto a ser tratado mais detalhadamente no próximo item.

### *O esporte no JC*

Das 52 páginas da primeira edição do *Jornal da Cidade* duas foram dedicadas ao tema esportes. Uma delas traçava a trajetória histórica do Bauru Atlético Clube (BAC), um dos clubes mais importantes da cidade e no qual o jogador Pelé iniciou oficialmente sua carreira de atleta. No entanto, o texto de página inteira tem característica de propaganda institucional, não se trata de uma *reportagem* sobre a instituição, mas de uma espécie de homenagem. O segundo texto, com o título “Noroeste é líder autentico e tem muita pinta de campeão” apresenta um resumo da campanha do E.C. Noroeste no campeonato daquele ano e pode ser considerado como a primeira matéria de esportes do *JC*.

Assim como o restante do jornal, devido às condições técnicas da época, a página é graficamente rústica pra os padrões atuais, entretanto, em termos de conteúdo, o *JC* adotava um discurso abertamente favorável ao clube em questão, o que pode ser visto pela manchete. Pela quantidade de texto, vê-se que o esporte não estava entre os principais assuntos abordados pela publicação.

Até pelo menos 1970, o JC teria, em média, uma página de esportes por dia, logo após a Copa do Mundo, essa média passaria a duas páginas e assim se manteria por quase toda aquela década. Na década de 1980 essa média subiria para três páginas e chegaria à média de 4,5 páginas esportivas diárias já na década atual. Isso demonstra que o esporte foi ganhando espaço paulatinamente na publicação e hoje é uma das maiores seções no todo do jornal.

Em relação ao conteúdo a editoria de esportes do JC passou por algumas transformações. Até 1972, a maior parte das notícias eram sobre fatos locais. Um exemplo é a edição de 10/08/1967, em que das seis matérias publicadas, cinco eram sobre acontecimentos esportivos de Bauru. O futebol nacional tinha seu espaço, porém, bastante limitado, com uma só matéria agregando as informações de todos os times e feita por um correspondente instalado em São Paulo. Entretanto, a partir daquele ano, o jornal entrou na “era das agências de notícias”, o que operaria alterações consideráveis na pauta. Aos poucos, o futebol nacional tornou-se o principal assunto no jornal. Pouco mais de 10 anos após sua fundação, em 14 setembro de 1977, o JC circulava com duas páginas de esportes, nas quais o material “de fora” já superava a produção própria. Naquele dia foram publicadas 13 matérias, sendo 5 locais e 8 nacionais ou internacionais, duas colunas (a opinativa *Em Confiança* e uma de indicações para a Loteria Esportiva) e uma foto-legenda.

Passados mais dez anos, em 13 de setembro de 1987, não se notam mudanças profundas na editoria, apenas um pequeno aprimoramento gráfico. Em relação aos textos, o material não-local continuou predominando. A edição daquele dia foi composta de 20 matérias, sendo apenas 5 delas locais, ou seja 25%.

Na década de 1990, o jornal evoluiu graficamente, acompanhou as novas tecnologias, passou a ser colorido e o esporte continuou ganhando espaço. Também foi mantida a relação desfavorável entre o material local e o “de fora”. Na edição de 10 de outubro de 1997, as três páginas de esportes do JC reuniram 25 matérias, apenas cinco delas produzidas pela própria editoria, ou seja 20%. O

futebol, em todos os casos sempre manteve-se como assunto predominante, seja em relação ao esporte local ou não.

Assim, nota-se na trajetória da editoria de esportes do *JC* uma tendência a valorizar mais os acontecimentos não-locais. Da primeira página ‘100% local’ a publicação chegou a três páginas com 20% de material próprio. Esses números, obviamente, pela pequena amostra, podem sofrer variações, mas estas não serão significativas a ponto de contradizerem a constatação de que o material sobre o esporte local de Bauru foi perdendo espaço, curiosamente, enquanto a editoria do assunto foi sendo ampliada. Tanto que a investigação feita com edições mais recentes (2003) confirma essa tendência, como se verá no próximo item.





Acima e abaixo à esquerda, fotos da primeira página de esportes publicada pelo JC, em sua primeira edição (01/08/1967). Abaixo, à direita, a página de esportes do JC no dia 10/08/1967





Acima, páginas de esportes do Jornal da Cidade de 14/09/1977; abaixo de 13/09/1987





*Na década de 1990, já com páginas coloridas, o JC circulava com a média de três páginas esportivas por dia. As fotos são da edição de 10/10/ de 1997.*

## *O conteúdo e os discursos da editoria de esportes do JC*

Neste item apresentam-se análises de conteúdo e dos discursos da editoria de esportes do *Jornal da Cidade*. Para tanto, foram escolhidas três seqüências. A primeira, aleatória, composta de dez edições (entre os dias 7/12 e 16/12 de 2003) e as demais escolhidas em virtude de lacunas apresentadas nesse período, como por exemplo o fato de o EC Noroeste, principal time de futebol da cidade, não estar disputando nenhum campeonato nos dias das edições selecionadas, fator que poderia influenciar nas observações. Assim, para preencher essa ausência, foi incluída a seqüência dos dias 13/09 a 15/09 de 2003, quando o referido time estava em atividade. A seqüência dos dias 19 e 20/10 de 2003 levou em consideração o fato de se tratar de edições publicadas em um domingo e uma segunda-feira, os dias em que o esporte é mais visado pelos jornais e também para efeitos de comparação com as primeiras análises.

O que se busca mostrar a partir destas análises é a representatividade da editoria de esportes dentro da edição; a relação entre material local e não-local, bem como entre futebol e demais esportes. No quadro a seguir, apresenta-se as quantificações das 16 edições analisadas.

Data (2003)	Total de páginas na edição	Primeiro caderno	Páginas de esportes	Textos sobre esportes	Esporte local	Sobre futebol	Outros Esportes	Sobre futebol local
7/12 (dom)	<b>86</b>	<b>18</b>	<b>5</b>	<b>22</b>	<b>8</b>	<b>14</b>	<b>8</b>	<b>3</b>
8/12 (seg)	<b>26</b>	<b>14</b>	<b>5</b>	<b>25</b>	<b>5</b>	<b>18</b>	<b>7</b>	<b>4</b>
9/12 (ter)	<b>34</b>	<b>14</b>	<b>4</b>	<b>17</b>	<b>5</b>	<b>9</b>	<b>8</b>	<b>0</b>
10/12 (qua)	<b>42</b>	<b>16</b>	<b>4</b>	<b>18</b>	<b>2</b>	<b>13</b>	<b>5</b>	<b>1</b>
11/12 (qui)	<b>48</b>	<b>18</b>	<b>4</b>	<b>22</b>	<b>0</b>	<b>16</b>	<b>6</b>	<b>0</b>
12/12 (sex)	<b>42</b>	<b>18</b>	<b>4</b>	<b>21</b>	<b>1</b>	<b>17</b>	<b>4</b>	<b>1</b>
13/12 (sáb)	<b>50</b>	<b>18</b>	<b>4</b>	<b>22</b>	<b>2</b>	<b>15</b>	<b>7</b>	<b>1</b>
14/12 (dom)	<b>122*</b>	<b>18</b>	<b>5</b>	<b>17</b>	<b>5</b>	<b>10</b>	<b>7</b>	<b>5</b>
15/12 (seg)	<b>24</b>	<b>12</b>	<b>4</b>	<b>20</b>	<b>3</b>	<b>16</b>	<b>4</b>	<b>3</b>
16/12 (ter)	<b>32</b>	<b>12</b>	<b>3</b>	<b>14</b>	<b>3</b>	<b>10</b>	<b>4</b>	<b>2</b>
13/9 (sáb)	<b>48</b>	<b>18</b>	<b>5</b>	<b>26</b>	<b>13</b>	<b>14</b>	<b>12</b>	<b>5</b>
14/9 (dom)	<b>82</b>	<b>16</b>	<b>5</b>	<b>24</b>	<b>4</b>	<b>16</b>	<b>8</b>	<b>3</b>
15/9 (seg)	<b>24</b>	<b>12</b>	<b>5</b>	<b>27</b>	<b>3</b>	<b>19</b>	<b>8</b>	<b>3</b>
18/10 (sáb)	<b>52</b>	<b>18</b>	<b>5</b>	<b>20</b>	<b>6</b>	<b>14</b>	<b>6</b>	<b>2</b>
19/10 (dom)	<b>102</b>	<b>16</b>	<b>4</b>	<b>20</b>	<b>3</b>	<b>15</b>	<b>5</b>	<b>2</b>
20/10 (seg)	<b>24</b>	<b>12</b>	<b>4</b>	<b>21</b>	<b>3</b>	<b>16</b>	<b>5</b>	<b>3</b>
Totais/ Médias	<b>388</b> <b>52,4</b>	<b>250</b> <b>15,6</b>	<b>70</b> <b>4,4</b>	<b>336</b> <b>21</b>	<b>66</b> <b>4,12</b>	<b>232</b> <b>14,5</b>	<b>104</b> <b>6,5</b>	<b>38</b> <b>2,4</b>

\* Inclui caderno especial *Guia de Compras*, de 32 páginas, portanto, a edição teria 90 páginas.

Obs: não estão inclusas na contagem as colunas *Em Confiança (diária)*, *Tênis (às segundas-feiras)* e *Futebol Menor (aos sábados)*.

Em relação a esses dados, num primeiro momento, observa-se que:

- O número de páginas total do jornal é bastante variável, indo de um mínimo de 24 até o máximo de 122. A média é de aproximadamente 52 páginas por edição, porém, se não se considerar as edições de domingo, que incluem cadernos especiais, cai para 36 páginas.

- O primeiro caderno, que inclui em todas as edições as páginas de esportes, tem um número de páginas mais constante, variando de um mínimo de 12 e um máximo de 18, com média de 15,46.
- A editoria de esportes tem uma média de 4,33 páginas diárias, oscilando bastante entre 4 e 5. Desse modo, é responsável por mais de um quarto das páginas do primeiro caderno.
- Às segundas-feiras o assunto esporte chega a preencher mais de 40% das páginas do primeiro caderno e 20% de toda a edição.
- De um total de 336 matérias de esportes publicadas (média, 21,5 por dia) apenas 66 se referiam a esporte local ou 18,5%.
- O futebol é assunto predominante, sendo este o tema de 232 das 336 matérias publicadas (70%). O futebol local contribui com 15% do material publicado sobre futebol. Se forem consideradas as edições fora da seqüência de 7 a 16/12 (em virtude de o Noroeste não estar em atividade) a participação do futebol local aumenta para 20%.
- Observou-se ainda (não consta no quadro) que das 70 manchetes, ou matérias principais das páginas de esportes, 38 foram sobre futebol nacional, 14 sobre esportes locais (10 de futebol) e 13 de outros esportes.

A partir dessas quantificações, fica evidente que o esporte local não é a prioridade da editoria, mas sim o futebol nacional, que ocupa 60% das manchetes e é responsável por 70% de todo o material veiculado. O esporte local aparece em 21,5% das manchetes, mas é responsável por apenas 18,5% do material veiculado. Observe-se que no dia 11/12 de 2003, o JC circulou sem nenhuma matéria sobre o esporte local. Naquele dia foram publicadas quatro páginas de esportes com 3 manchetes sobre futebol e uma sobre a Superliga Masculina de Vôlei (torneio sem participação de Bauru). No total foram 16 matérias de futebol e 6 de outros esportes. Se não forem consideradas as manchetes sobre futebol, o esporte da

cidade aparece apenas 3 vezes (4,6%) como matéria principal de uma página. Em contrapartida, no dia 13/9/2003, o JC teve uma edição mais “balanceada”. Nas cinco páginas de esportes, duas manchetes foram de futebol nacional, duas locais e uma de tênis. Das 26 matérias publicadas naquele dia, 13 foram locais, portanto, 50% do material veiculado. Esses números contradizem, pelo menos em relação ao esporte, o *slogan* do jornal: *O melhor jornal do [nosso] mundo*.

Entretanto, embora os números mostrem o contrário, entre os leitores-torcedores entrevistados a inserção de material sobre o esporte local no JC é considerada satisfatória.

“Trabalham bem. Eles dão notícia até da segunda divisão do futebol amador. Eles procuram divulgar o futebol amador de Bauru. Está bom, pelo porte da cidade o JC está bem em relação ao esporte local, divulga bastante, inclusive basquete e outros”. (*Erasmo*)

“Não sou muito de acompanhar o esporte local. Mas já sou até torcedor do *Norusca*. O basquete está bem. Na verdade, eu não me interesso muito pelo esporte local, eu leio mais aquilo que me interessa diretamente, que é futebol, vôlei e Fórmula 1 Mas se o JC desse mais espaço para outros esportes eu leria mais, claro”. (*Mário*)

“O JC tem dado um espaço bom para o Noroeste. Também ao basquete, principalmente quando ganhou os campeonatos Brasileiro e Paulista, o JC deu matéria dignas da conquista. Acho que tem mesmo de incentivar, independente de um ou outro patrocinador ser ou não anunciante do jornal. De vez em quando, tem as manchetinhas sobre o judô do BTC, ‘ganhou não sei o quê’ ou do xadrez, ‘conquistou tal’, acho interessante isso, inclusive se possível ter fotos. Na verdade, acho que o JC não deixa muito a desejar no esporte, como acontece com outros assuntos, mas não vem ao caso aqui”. (*André*)

“Eu nem sabia que tinha ginástica em Bauru, e o *Jornal da Cidade* falou de ginástica. O jornal fala do tênis, do pólo, tenho alunos que participam do pólo e falam ‘nós saímos no jornal’. O Quiroga joga hoje no Bauru Basquete, mas já era comentado desde os tempos de cadete. Então é um trabalho que é divulgado assim”. (*Sinuhe*)

“Nessa parte de esporte local eu sou meio desatualizado, acompanho assim: leio alguma matéria, como está o resultado, mas só de passagem. Acompanho é o Corinthians. Às vezes, quando estou na cidade, que estou de folga, alguma coisa, eu acompanho



eu vou assistir algum esporte amador, basquete, alguma coisa, mas sou totalmente por fora... Mas apesar de não acompanhar acho que o jornal dá uma boa cobertura. O amador, o que eu vejo, futebol amador, dá cobertura total sobre jogadores, sobre os times, como que está a campanha. Às vezes que acho que tem cobertura melhor no futebol amador do que do próprio Estadual mesmo”. (*Givanildo*)

Outra observação é que a tendência à supremacia do assunto futebol nas páginas analisadas é mantida em relação ao esporte local, não apenas quanto aos números, mas também quando se refere ao tratamento qualitativo das performances atléticas. Na edição de 8/12 foram publicados dois fatos que mereciam, no mínimo, o mesmo destaque, porém, aconteceu o contrário. Enquanto a decisão do campeonato de futebol amador da cidade, que teve inclusive chamada de capa, ocupou quase uma página inteira, a conquista do campeonato estadual de basquete infanto-juvenil por uma equipe local mereceu apenas uma matéria de ¼ de página, visivelmente elaborada a partir de um *press release*, ainda que pese o fato de ter sido manchete. Fica evidente o uso de “dois pesos e duas medidas”. O feito da equipe de basquete, em termos de dificuldade atlética foi de maior relevância e poderia ter tido mais atenção.

Ainda em relação ao conteúdo e retornando ao assunto torcedor de futebol, observou-se que em 6 das 16 edições analisadas foram publicadas matérias com títulos contendo a palavra “torcida” ou “torcedores”.

No dia 14/9/2003, pág. 16, um texto de 3 colunas, aparece com o título “Palmeiras empata e frustra torcida”. No entanto, na matéria, apenas em um dos nove parágrafos faz-se uma pequena referência ao torcedor de futebol, com as seguintes palavras: “Uma nova goleada se renunciava. No entanto, coube à defesa do Palmeiras estragar a festa da torcida, que ontem compareceu em pequeno número”. Assim, não é um texto sobre o comportamento da torcida ante a um resultado negativo da equipe, como sugere o título, mas sobre o jogo em si.



No dia 10/12/2003, pág. 14, texto de duas colunas, com o título “Ponte Preta espera pelo apoio maciço da torcida”. Na matéria fica implícita a importância do apoio do torcedor para que o time consiga alcançar a vitória. Para incentivar a presença de público em um jogo, a diretoria da A.A. Ponte Preta, de Campinas, anunciava uma promoção no preço dos ingressos. Entretanto, no texto, produzido pela Agência Estado, fala-se do torcedor e para o torcedor sem dar-lhe voz ativa. Além disso, fica no ar a dúvida: por que não houve essa movimentação e preocupação do clube em ter casa cheia em outros jogos do campeonato? Por que apenas na hora de extrema necessidade?

No dia 11/12/2003, pág. 16, matéria de 3 colunas, sob o título “FPF quer a volta das uniformizadas”. Este sim um texto sobre torcidas, assinado pela Agência Estado. Nele, estão presentes duas vozes: a do presidente da Federação Paulista de Futebol e a de um misterioso “Marinho”, provavelmente ligado à Polícia Militar. No final das contas, o torcedor é apenas o *assunto* a ser comentado, nenhum representante das organizadas foi ouvido. Ressalve-se que isso pode ter sido causado por alguma dificuldade do jornalista em encontrar membros das torcidas ou até recusa destes em falar com a imprensa. O que, entretanto, não foi esclarecido aos leitores.

Em 13/12/2003, uma matéria de quatro colunas anuncia no título: “Torcida é trunfo na última rodada”, que já denota o conteúdo, elaborado pela Agência Folha, de São Paulo. O texto refere-se à última rodada do Campeonato Brasileiro de 2003 e começa com a seguinte frase: “Os torcedores estão sendo convocados a comparecer em massa aos estádios”. Com a necessidade de vencerem seus jogos, alguns clubes fizeram promoções para ter “casa cheia”, fator considerado essencial para o time alcançar o resultado esperado. Mais uma vez, na hora do sufoco, os clubes buscam apoio na torcida. Apesar de ser uma matéria sobre a importância do torcedor em jogos decisivos, o torcedor continua sem voz ativa. Os jornalistas ouviram os presidentes de três clubes e nenhum torcedor.

O quinto texto referente aos torcedores foi publicado em 15/12/2003, como um “box” da matéria principal da página, sobre a vitória do Grêmio, de Porto Alegre, sobre o Corinthians Paulista. Em duas colunas, sob o título “Torcida ‘enlouquecida’ tumultua final do jogo”, o jornalista fala sobre o comportamento dos torcedores gremistas, que entusiasmados com a vitória da equipe, promoveram uma invasão do gramado. Na pequena reportagem, foram ouvidos o presidente e o treinador do clube. Nenhum torcedor.

Finalmente o último “texto” sobre torcedores é uma foto da torcida do Cruzeiro, de Belo Horizonte, que foi o campeão daquele ano. A imagem ilustra uma matéria sobre a fórmula de disputa do campeonato que terminara dois dias antes da edição. No texto em si, assinado pela Agência Estado, não há referências aos torcedores. Inclusive, uma frase chama a atenção: “O Brasileiro de 2003 foi aprovado por boa parte dos jogadores, treinadores e dirigentes.” E os torcedores?

Resumo: num total de 241 matérias sobre futebol, cinco se referiam exclusivamente ao torcedor e, em nenhuma delas ele surge com voz ativa. Por outro lado, na seção *A tribuna do leitor* das 16 edições analisadas foram publicadas duas cartas com o assunto esporte, ambas sobre o E.C. Noroeste.

### **Ao torcedor sem limites**

1. Agradecemos de coração as manifestações de carinho para com o nosso Norusca do torcedor Reynaldo C. Grillo, New Jersey, USA. Você não imagina o quanto importante são as críticas, sugestões e, principalmente, elogios que nos animam ainda mais nessa difícil missão de levar adiante a nossa proposta frente ao Esporte Clube Noroeste.
2. Primeiramente, gostaríamos de dizer que a atual diretoria está aqui para servir ao Noroeste e não se servir do Noroeste, contando com transparência, honestidade, lealdade e, acima de tudo, boa vontade para colocar o Norusca no lugar de destaque que é o Paulistão.
3. Hoje, com as pendências sanadas, o clube pode se orgulhar de dizer que tem alojamento para 16 atletas juniores, Casa do Atleta, estando em fase de conclusão (pintura) com alojamento para 54 atletas, todas instalações individuais, tipo flats. Tudo isso resultará em uma economia de concentrações e refeições, uma vez que onde funcionava a sala de atletismo, está sendo construída uma cozinha para atender a demanda.

4. Já estamos atendendo em nossa nova administração que conta com sala da presidência, gerência de futebol, tesouraria e secretaria, visando atender aos nossos sócios, torcedores e admiradores que se dirigem até ao Estádio Alfredo de Castilho, encontrando um ambiente muito agradável e confortável.
5. Junto à secretaria estará também a galeria dos troféus conquistados pelo clube ao longo de seus 93 anos de existência.
6. Também está em pleno funcionamento a sala de fisioterapia, que conta com profissionais altamente competentes para atender todos os atletas noroestinos que dela necessitarem.
7. É pensamento de nossa diretoria transformar a antiga secretaria, ao lado dos portões de entrada do Estádio, em uma loja que estará vendendo os produtos com a logomarca do Noroeste: a Noroeste Mania. Funcionará inclusive em dia de jogos para atender aos nossos torcedores.
8. Obrigado pelas palavras de reconhecimento e incentivo ao nosso trabalho e esperamos poder contar com a união de torcedores visando levar o nosso querido Noroeste ao lugar que merece e você mostrou que o bom senso não tem limites.
9. Solicitamos seu endereço para futuras correspondências e mostrarmos as novidades do Noroeste e também mandarmos uma lembrança de Natal. Um grande abraço, feliz Natal e que o novo ano seja repleto de realizações. *Celso Zinsly, gerente de Futebol do Esporte Clube Noroeste.* (JC, 14/12/2003, p.2)

### **Novo Noroeste**

Léo, você está correto! A grande maioria dos noroestinos é omissa (me incluo) ou oportunista: não colabora efetivamente e assim fica apenas na saudade e na espera de um milagre. Moro em São Paulo (estou fora de Bauru há 20 anos) e gostaria de participar mais efetivamente da vida do clube que gosto e torço tanto, por isso pergunto: para me tornar sócio-contribuinte, como faço? Além de noroestino sou palmeirense e pela primeira vez tiro meu chapéu para um corintiano (mas também um grande noroestino, como eu): Damião Garcia, parabéns. *Antonio Augusto Juliani* (JC, 16/12/2003, p. 2)

No primeiro caso, a carta é um agradecimento do clube a um torcedor que assina *Reynaldo C. Grillo*, de New Jersey, USA, e costumeiramente tem suas cartas publicadas na seção. O texto ocupa mais da metade da coluna e em seis dos nove parágrafos o autor aproveita para desfilas ações e planos da diretoria do clube. Assim, o agradecimento serviu de argumento para o clube falar dele próprio. Além disso, implicitamente fica a mensagem de que é este tipo de torcedor, que se manifesta sempre positivamente até mesmo quando faz críticas, que mere-

ce o apoio público dos dirigentes, uma vez que a carta foi a única manifestação desta natureza observada.

A título de esclarecimento, antes de comentar a segunda carta, “Léo”, a pessoa a que se refere o autor na primeira linha, é o senhor Leonardo de Brito, editor de esportes do JC e Damião Garcia, o presidente do Noroeste. No texto surge, enfim, a voz de um torcedor, que cobra publicamente um apoio mais substancial dos demais simpatizantes, ao mesmo tempo em que solicita informações de como se filiar ao clube.

Em ambos os casos, os autores das cartas poderiam ter optado por um contato direto, que não envolvesse o jornal, entretanto, não o fazem. Mas os motivos de terem se utilizado de um espaço público para manifestarem-se são diferentes. O clube não pretendia apenas agradecer a um torcedor, mas tornar notório o que a administração do Noroeste realizou durante o ano que, no calendário esportivo, já terminara e também deixar claro qual tipo de torcedor quer ter. Já no segundo caso, o torcedor pretende apenas compartilhar com os leitores sua aprovação a alguma declaração feita anteriormente pelo jornalista que cita no texto. As informações solicitadas via imprensa, poderiam ser obtidas até com mais facilidade junto ao próprio clube. É possível dizer que a verdadeira intenção do torcedor talvez era mostrar-se ou ver-se nas páginas do jornal.

Entre os entrevistados para este trabalho, apenas um leitor afirmou sentir-se representado, enquanto torcedor de futebol, pelo *JC*. Os demais responderam negativamente e foram unânimes em reivindicar mais espaço para o torcedor de futebol nas páginas do jornal.

“Sim, estou representado pelo jornal. Quando leio as matérias me sinto mais próximo do time. Quanto à qualidade e espaço reservado para o torcedor, é boa, mas podia ter mais uma página para esclarecer mais as dúvidas do torcedor”. (*Arialdo*)

“Não, de maneira nenhuma. Ele [o jornal] se preocupa com o clube, mas não estão nem aí com o torcedor. O *JC* também deveria dar mais voz para o torcedor. Jornal e rádio não dão apoio ao torcedor”. (*Erasmão*)

“Não é só o JC, outros jornais também deveriam de ter um espaço para o torcedor falar, fazer o protesto. Você vê tanta coisa errada no futebol, os dirigentes ... deveria ter um espaço para o torcedor desabafar. O torcedor fica amargurado, sempre esperando uma chance de dar sua opinião, só que não tem voz, quem tem voz é quem comanda o futebol, acho que a parte do torcedor fica meio vaga. (Mário)

“Não. Não representa. Não sei outros jornais. Mas o ‘nosso’ aqui não. Pelo menos eu nunca vi manifestação de torcedor no jornal. As entrevistas são direcionadas aos jogadores, técnicos e dirigentes. Seria interessante, porque, na verdade, o próprio torcedor precisa expor sua opinião fazer críticas, construtivas ou não. Na verdade tem ali a *Coluna do leitor*, que não é exatamente para isso, mas daria para usar. Inclusive já pensei em fazer um paralelo de tudo o que está acontecendo na política...” (André)

“Eu daria mais espaço para o torcedor. Uma coisa é ligar para o editor de esportes, para o jornalista responsável, e falar: ‘fala mais do Palmeiras, o Noroeste está contratando não sei quem’. Outra é o torcedor poder tirar aquele sarro, ele ser ‘o torcedor’, igual a idéia do Lance! de colocar o Tião da Fiel<sup>45</sup>, etc”. (Sinuhe)

“Não. Eu me baseio por algumas pessoas que mandam alguma matéria pro jornal... as pessoas de bom senso não vão mandar matéria ofendendo, xingando... mas eu acho que existe uma barreira ali, é cortado parte do que a pessoa gostaria de expressar, então o espaço do torcedor precisava se expressar um pouco mais. Se ele quiser falar de um jogador, de um diretor, se estiver descontente, eu acho que devia ter esse espaço, porque existe outros jornais, a gente vê, que têm a chamada ‘voz da arquibancada’, o torcedor tem espaço, desde que não esteja falando palavrão ou fazendo acusações graves sem provas ... a gente vê, a gente está antenado e toda hora vê no estádio as torcidas, o dia-a-dia dos clubes, é difícil, o torcedor falar, se manifestar (...) então, esse tipo de espaço para o torcedor, se for feito uma pesquisa geral entre os torcedores, esse espaço está faltando ainda (...) num espaço democrático, a gente poderia falar de nosso trabalho, dar nossa opinião a respeito de contratações de fulano, de beltrano, do treinador... da mesma maneira que o diretor tem o espaço dele, o treinador, o jogador. Mas o torcedor não tem esse espaço, quando ele escreve alguma coisa, a gente percebe que não sai tudo. Um exemplo é o incidente que aconteceu com a garota. Algumas pessoa me ligaram, não do grupo, mas pessoas simpatizantes e disseram que mandaram matérias, mas não foram publicadas, eram matérias de defesa, quem

---

<sup>45</sup> O diário esportivo Lance! criou personagens de acordo com os estereótipos de torcedores dos chamados “times grandes” paulistas (Corinthians, Palmeiras, São Paulo e Santos), que dão sua opinião sobre jogos e outros fatos relativos ao clube. Apesar da criatividade da iniciativa, os textos são elaborados na redação do matutino, portanto, não são manifestações dos torcedores, mas de jornalistas.

conhecia a gente, sendo solidário a gente. Não foram, publicadas, também não cobramos e não sabemos ... a gente tem que respeitar. Agora, se o jornal tem amizade demais com o diretor, com o presidente, com o jogador... O torcedor se manifestou, agora se não foi publicado... (*Pavanello*)

Deve se considerar que a percepção do que é “estar representado” é diferente para cada um dos entrevistados. Para *Arialdo*, é “sentir-se mais próximo do time”, ou seja, para ele, o importante são informações sobre o clube em si, se o mesmo estiver representado, ele mesmo, *Arialdo*, estará. Há uma contradição na opinião dele em relação ao espaço reservado ao torcedor: “está bom”, mas poderia “ter mais uma página”. Como são-paulino, ele se sente representado nas matérias que saem diariamente sobre seu time.

Por sua vez, *Erasmus* vincula a representação com ter apoio ou ser objeto de preocupação. Assim, estar representado não é uma simples questão de se falar a respeito ou dar voz aos sujeitos, em sua visão, seria necessário haver uma colaboração entre o órgão de imprensa e a torcida.

Os demais torcedores compartilham da idéia de representação como um espaço de expressão, um canal em que pudessem expor suas convicções. Entretanto cada um deles possui motivações diferentes para pensar dessa forma. Para *Mário*, deveria servir para protestos e desabafos. *Sinuhe*, para “ser torcedor” fazer provocações aos adversários, ponto de vista lúdico. Para o leitor-torcedor *Pavanello*, teria características políticas, de reivindicação e negociação. De toda forma, há, tanto na interpretação dos conteúdos como na opinião dos entrevistados, uma lacuna relativa à representatividade do torcedor nas páginas do *JC*.

### *Análise dos discursos da editoria de esportes do JC*

As representações midiáticas podem ser percebidas mais detalhadamente através da análise nos discursos. De acordo com a proposta teórica desenvolvida no primeiro capítulo desta dissertação, apresenta-se nesta seção uma análise de

alguns textos do *JC*, selecionados de acordo com os seguintes critérios: a) sobre eventos paralelos ocorridos em âmbito local; b) não serem provenientes de agências de notícias ou de assessorias de imprensa; c) referentes ao futebol. É uma amostra pequena, mas que pode revelar muitos aspectos sobre o discurso da editoria em relação ao torcedor de futebol.

Quanto aos textos, são necessários alguns esclarecimentos prévios para que as pessoas não familiarizadas com os sujeitos envolvidos possam entendê-los melhor. As reportagens referem-se aos campeonatos de futebol amador de Bauru. Na cidade existem duas ligas organizadoras de torneios entre equipes amadoras. A divisão é recente. Até 1999 existia apenas a Liga Bauruense de Futebol Amador - LBFA, entretanto, uma dissidência da entidade resolveu criar a Liga Regional de Futebol de Bauru - LRFB. Assim, todos os anos são disputados dois campeonatos paralelos na cidade. Apesar de ser mais recente, a LRFB conseguiu afiliar os clubes mais tradicionais de Bauru, conseqüentemente, seu campeonato é considerado de nível técnico mais elevado e atrai mais torcedores. Por outro lado, os times da LRFB são semi-profissionais, fato que para muitos tem descaracterizado a face amadora de seus torneios, com algumas equipes conseguindo patrocínios fortes e decretando uma disparidade técnica. Esta tendência começa a atingir a LBFA, que teve em 2003 um campeonato bem desequilibrado, com o time campeão apresentando-se com estrutura muito superior a seus adversários. Transcreve-se agora as reportagens.

***Reportagem 1*** (publicada em 08/12/03, página 14)

**Parquinho é o bicampeão da cidade**

*Time do Vista Alegre venceu Nacional virada, num jogo tumultuado, e ficou com o título deste ano da Liga Regional*

1. O Parquinho conquistou o bicampeonato da cidade, ao vencer o Nacional por 2 a 1, de virada. A decisão de ontem pela manhã, no Mirante Ferroviário, foi tensa e teve um grande tumulto quando o árbitro apitou o final do jogo. A torcida do Nacional provocou os incidentes.
2. O Parquinho foi superior tecnicamente, e mereceu com todos os méritos seu segundo título seguido do Campeonato Amador da Liga Regional de Futebol de Bauru (LRFB).

3. A partida começou com 20 minutos de atraso, porque os torcedores do Nacional ocuparam um setor da arquibancada que estava reservado aos parquinhenses. Branco, presidente do Parquinho, alegou que de acordo com o que foi combinado, os fãs do seu clube teriam que ficar naquela parte, porque no jogo de ida, lá ficou a torcida rival.
4. Mas foi um jogo limpo, bom tecnicamente, sem cartão vermelho e com uma arbitragem normal. O Nacional, que entrou nas finais com a vantagem de dois resultados iguais, seria o campeão se desse empate. E logo aos 4 minutos abriu a contagem através de Zé Cláudio. Tanaka aproveitou uma bola perdida pelo Parquinho no meio-campo e fez longo lançamento para a área. A bola bateu em um zagueiro parquinhense e Zé Cláudio, bem posicionado, desviou para as redes: 1 a 0.
5. O Parquinho não se abateu, saiu logo para o jogo, graças, principalmente, às jogadas feitas pelo lateral-esquerdo Silva, que além de bom marcador, apóia com incrível talento e tranqüilidade.
6. E de tanto insistir nas investidas, o tricolor do Parque Vista Alegre chegou ao empate aos 27 minutos, num pênalti bem cobrado pelo ótimo atacante Baianinho. O gol do empate deixou o time comandado por Beto mais confiante e ofensivo.
7. No segundo tempo o Parquinho melhorou a marcação e a qualidade no toque de bola, além de pressionar mais do que o seu leal adversário. O jogo estava bom, quando então alguns membros da torcida organizada do Nacional resolveram tirar o brilho do espetáculo. Uma pedra atirada da arquibancada atingiu um jogador, e o Parquinho ameaçou abandonar o campo. O jogo ficou 20 minutos paralisado. O policiamento, eficiente, recebeu reforço e a partida foi reiniciada.
8. Os dez minutos finais foram dramáticos, com pontadas perigosas dos dois lados. O lateral parquinhense Neto salvou gol certo, tirando uma bola em cima da risca, num chute de Tanaka.
9. E quando os torcedores do Naça comemoravam o possível título, Fabinho Ibitinga fez o gol da virada e do bicampeonato, aos 43 minutos, numa jogada coordenada por Silva. Ibitinga partiu em velocidade e encheu o pé para as redes, sem chances para Dida. Nas comemorações do Parquinho aconteceu um sério tumulto, com a invasão do campo.
10. Parquinho: Paulo César; Neto, Rogério, Frizão e Silva; Fernando (Mineiro), Pereira, Bocão e Lolo (Fabinho Ibitinga); Baianinho (Rodrigo) e Fio (Fabinho Negão). Técnico: Beto.
11. Nacional: Dida; Rica, Roni, Fabinho e Nescau; Cacau, Tanaka, Adílson e Kika; Zé Cláudio (Elton) e Mona. Técnico: Aparício. Árbitro: Márcio Tragante. Assistentes: Antônio Ramos e Ricardo Garcia.

#### **Sub1: Sentimento do dever cumprido**

1. Toninho Goulart, presidente da Liga Regional de Futebol de Bauru (LRFB) e cotado para ser eleito o dirigente do ano do futebol bauruense, mostrava-se triste com os incidentes, mas ao mesmo tempo satisfeito.
2. O sentimento de Toninho Goulart, seus companheiros de diretoria e dos dirigentes dos dois clubes era o do dever cumprido.
3. “É até provável que alguém nos critique, mas estamos com a consciência tranqüila, porque temos certeza que fizemos um campeonato vibrante, competitivo, tudo com transparência, como é o lema na Liga Regional. Lamentamos, mas pa-



ra o nosso conforto, os incidentes não foram provocados pelos verdadeiros e grandes nacionalistas”, disse Goulart.

4. Vadão, diretor de esportes do Nacional, foi a única pessoa que fez o uso da palavra durante a premiação. O dirigente pediu desculpas pelo tumulto e lembrou que durante o jogo nada de mal aconteceu com os jogadores das duas equipes e com o trio de arbitragem.
5. “Recebo com o orgulho esse troféu de vice-campeão e cumprimento o Parquinho pelo título. Infelizmente a gente não queria um final de campeonato dessa forma, mas não foi culpa nossa”, disse Vadão, explicando que segurar torcedor briguento é quase impossível.
6. O radialista e membro do comando do Nacional, Zé da Barca, condenou os atos de vandalismo. Não afirmou, mas deu a entender claramente que o tumulto foi de uma torcida de aluguel.
7. “Vamos escolher melhor nossos torcedores. O que aconteceu hoje (ontem) vai servir de exemplo para o futuro”, disse Zé da Barca.
8. No Parquinho, o técnico Beto, que é um dos ‘cardeais’ do clube, era o mais emocionado. Beto chegou a chorar de emoção e fez rasgados elogios ao time todo, pela aplicação tática e poder de reação. E preferiu não comentar o ato impensado dos ‘hooligans’.
9. “A alegria por esse bicampeonato é muito grande, faz a gente esquecer as coisas desagradáveis”, afirmou o treinador, elogiando os torcedores do Parquinho e os atletas do Nacional por não terem apelado para qualquer tipo de antijogo na grande final.
10. “Foi um ótimo campeonato e cumprimos nosso grande objetivo em 2003. Agora é só festa”, disse Branco, presidente do Parquinho.

#### **Sub2: Tumulto rouba a cena na final**

1. Grande tumulto acabou roubando a cena na decisão de ontem. Alguns integrantes da torcida organizada do Nacional - chamada por muitas pessoas, inclusive da Liga Regional, de torcida de aluguel - deram muito trabalho aos policiais militares quase o jogo todo.
2. Esses torcedores provocaram uma paralisação de 20 minutos, por atirarem pedras no gramado, na metade do segundo tempo, e causaram grande tumulto quando o árbitro usou o apito pela última vez. O gramado do Mirante se transformou em praça de guerra.
3. Muitos torcedores das duas equipes pularam o alambrado, os do Parquinho para fazer a festa com os jogadores, enquanto os do Nacional queriam mesmo confusão. Se confrontaram com os torcedores rivais e até com os PMs, que foram obrigados a agir com certo rigor.
4. Nenhum atleta, nem a arbitragem foram agredidos, mas o patrimônio do Triagem foi danificado e pelo menos cinco pessoas ficaram feridas, uma delas um Oficial da Polícia Militar, que levou uma pedrada no rosto. O caso mais grave é de um rapaz que foi atropelado por um cavalo, ficou desacordado e levado para o hospital por uma unidade do Resgate.

**Reportagem 2** (publicada em 15/12/2003, página 12)

#### **Corinthians vence e conquista o bi**

*Alvinegro do Jardim Prudência goleou o Barcelona ontem, e após 11 anos do primeiro título volta a erguer a taça*

1. Confirmando o favoritismo ao longo de todo o campeonato, o time do Corinthians, sagrou-se bicampeão da Liga Bauruense de Futebol Amador (LBFA), ao golpear o Barcelona, ontem, por 4 a 0, no Estádio Silvio de Magalhães Padilha.
2. O Corinthians foi superior em relação as outras equipes durante toda a competição e sacramentou a ótima campanha ao ganhar as duas partidas da decisão - na primeira havia marcado 4 a 2. O Barcelona ficou com o vice-campeonato e foi escolhido como time revelação do torneio.
3. No primeiro tempo, o jogo ficou truncado no meio-de-campo, com chutões sem perigo de gol. O primeiro lance importante aconteceu aos nove minutos, num chute do volante Pica-Pau, do Barcelona, que passou sobre a meta do goleiro Ricardo.
4. Logo em seguida o Corinthians, através do experiente meia Marquinhos Yamamoto, cruzou na área, mas a zaga do Barcelona cortou para a lateral.
5. Na metade do primeiro tempo, o que se viu foi o Barcelona ameaçando com chutes de fora da área, com o volante Sabá e algumas jogadas pela ponta-direita com o atacante Gilsinho.
6. Até que, aos 24 minutos, surgiu o primeiro gol da partida. O ex-noroestino Marquinhos Yamamoto, recebeu um lançamento vindo do meio-campo, dominou com categoria a bola na risca da grande área, invadiu um pouco e chutou no canto direito do goleiro Fábio, sem chances de defesa: 1 a 0.
7. O Barcelona não esmoreceu com o gol adversário e aos 33 minutos aconteceu um lance que poderia mudar a história do jogo. Num cruzamento da direita, que passou por toda a zaga do Corinthians, a bola chegou no atacante Reginaldo, que teve tempo de dominar escolher o canto e chutar. A bola caprichosamente bateu na trave direita da meta do goleiro do Corinthians, para sorte dos campeões.
8. O último lance do primeiro tempo, aconteceu a favor do corintinha. Novamente com Yamamoto. O jogador entrou na área, driblou um defensor, mas na hora do arremate o chute saiu prensado.
9. No segundo tempo, o Barcelona voltou para o tudo ou nada. Só que aos oito minutos, o Corinthians marcou o seu segundo gol com o atacante Té. O jogador deu um drible desconcertante no zagueiro do Barça e chutou rasteiro, de canhota, para o fundo das redes do adversário: 2 a 0.
10. Após o segundo gol o jogo ficou meio morno e, aos 35, o atacante Adriano Dick, que tinha acabado de entrar, desviou a bola de cabeça, após cobrança de escanteio e marcou o terceiro gol do alvinegro. Logo em seguida o Barcelona teve um pênalti, marcado em cima do atacante Gilson. Ele mesmo bateu, mas o goleiro fez grande defesa e no rebote o zagueiro do Barça tirou em cima da risca.
11. Logo após o pênalti perdido foi a vez do Corinthians ir ao ataque. Novamente com Adriano que dominou dentro da área e chutou fraco, a bola resvalou na zaga adversária e entrou devagarinho, dando números finais a partida: 4 a 0.
12. Após o jogo, o atacante Té, um dos destaques do Corinthians e autor do segundo gol, era só alegria. “Foi muito emocionante esta conquista, eu vinha de contusão e felizmente pude marcar um dos gols”, conta.
13. Já pelo lado do Barcelona, o capitão Rogério ressaltou a raça da equipe. “O Corinthians mereceu o título, mas o nosso time lutou até o final e sai de campo de cabeça erguida.”

14. O técnico do Barça, Cléber Luiz, também destacou a união do grupo. “Meus jogadores sentiram um pouco a responsabilidade. Mas agora o que importa é manter o grupo para a próxima temporada”, conta.
15. Corinthians: Ricardo; Negão, Elizeu, Tiziu, Ailton, Juninho, Té (Dick), Bia (João Rubens), Marquinhos, Hebinho e Renatinho (Lênis).
16. Barcelona: Fábio; Luis André, Rogério, (Reinaldo) Nardo e Nardella; Pica-Pau, Sabá, Gilsinho, Reginaldo; Paulo e Renato. Árbitro: Antonio Cardoso.

**Sub: Presidente faz balanço**

1. O presidente da Liga Bauruense de Futebol Amador, Milton Martins, fez um balanço ontem sobre o campeonato. O dirigente ressaltou as falhas e virtudes da sua gestão ao longo do campeonato.
2. “Uma medida que será tomada com mais rigor é contra a violência nos jogos. Em algumas partidas houve tumulto dentro e fora de campo. Para o campeonato do ano que vem nós iremos punir com a eliminação das equipes da competição.”
3. Sobre as acusações que o presidente da entidade sofreu de favorecer a equipe do Corinthians, com inscrições de atletas de forma irregular, Martins respondeu que não passa de intrigas de pessoas que não têm espírito esportivo.
4. “Ninguém foi favorecido no decorrer do campeonato, falaram isso só porque eu fui presidente do Corinthians nas décadas de 80 e 90. Quando as inscrições foram abertas, foi para todos os clubes e não só para o Corinthians. Houve um prorrogamento para as inscrições e todos tiveram tempo para inscrever qualquer jogador”, afirma Martins.
5. Para o próximo ano, Martins pretende aumentar o número de clubes na Segunda Divisão e manter o mesmo número na elite da LBFA.

Nos títulos das matérias já se nota que o jornal considera o vencedor do campeonato da LRFBA como “bicampeão da cidade”, portanto, seria este o campeonato da cidade, o outro é apenas o da entidade que o promove. No primeiro parágrafo de ambos fica mais clara ainda esta posição dos jornalistas. Em 1: “O Parquinho conquistou o bicampeonato da cidade...”. Em 2: “...o time do Corinthians sagrou-se bicampeão da Liga Bauruense de Futebol Amador”. Entretanto, oficialmente, esta distinção não existe, sendo as duas entidades consideradas equivalentes. Nenhuma delas é a representante oficial do futebol amador da cidade.

A estrutura de ambas as reportagens é bastante parecida, há semelhanças claras entre as duas. Ambas são iniciadas com um *lead* estruturado de acordo com a fórmula apresentada no capítulo 3, ou seja, diz *quem*, o *resultado*, *quando* e *as conseqüências* do evento. A seguir, no segundo parágrafo, os dois textos apresentam opiniões generalizadas e até certo ponto descontextualizadas acerca do campeonato. A questão da subjetividade no texto jornalístico aflora nestes pará-

grafos. Afinal, a “superioridade” das equipes não é justificada analiticamente, apenas o texto 2 tenta apresentar alguns dados que abonem tal afirmação: os placares dos dois jogos decisivos, o que, certamente, pode não refletir o que ocorreu durante a disputa do torneio. As afirmações podem até corresponder à realidade, mas precisavam ser contextualizadas.

A subjetividade é ainda mais clara no texto 1. Logo no parágrafo inicial, emite-se um julgamento, ao atribuir a culpa pelos incidentes ocorridos após a partida aos torcedores de uma das equipes (Nacional). No terceiro parágrafo, relata-se um incidente que atrasou o início da partida em 20 minutos, entretanto, descreve a reivindicação do dirigente de apenas uma das equipes (Parquinho). A seguir, o texto narra a partida. Apesar de não aparecer claramente, nas entrelinhas é possível notar a simpatia do narrador por um dos times, no caso o Parquinho: no quinto e sexto parágrafos aparecem elogios um tanto exagerados a jogadores e ao time do Parquinho, como o fato de a equipe não se abater com uma desvantagem inicial, ou as seguintes características de um dos atletas da referida agremiação: “além de bom marcador, apóia com incrível talento e tranqüilidade”. Sobre outro atleta: “ótimo atacante”. Sobre o time: “ainda mais confiante e ofensivo”. Ms não há qualquer referência aos jogadores do adversário.

No sétimo parágrafo, ao atribuir o adjetivo de “leal” ao “adversário do Parquinho”, a tomada de partido assume contornos explícitos. Afinal, duas equipes se enfrentavam por um título e, presumivelmente, ambas são “leais”, já que de acordo com o próprio texto, no quarto parágrafo, foi um “jogo limpo”. No mínimo, desnecessária a observação. Ainda no sétimo parágrafo, em relação a um tumulto, novamente atribuído à torcida do Nacional, o jornalista refere-se ao policiamento como “eficiente”, o que acaba por ser contradito na própria reportagem, já que o “eficiente” policiamento não conseguiu conter o tumulto após o encerramento do jogo.

Em relação ao “sério tumulto”, as informações fornecidas são bastante superficiais. Mesmo uma das “subs” sendo dedicadas ao assunto (“Tumulto rouba

a cena na final”), a abordagem foi bastante subjetiva e assemelhou-se mais a uma crítica aos prováveis provocadores da confusão do que a um texto jornalístico a respeito de um tumulto de grandes proporções como fazia crer as indicações iniciais da reportagem e da sub. No segundo parágrafo afirma-se ter o “gramado do Mirante se transformado em praça de guerra”, o que justificaria a apuração mais detalhada sobre o assunto. Afinal, foi aberto boletim de ocorrência? Se não, por quê? Quantas, e quais, pessoas teriam sido presas e indiciadas? O texto omite estes dados, importantíssimos para um dimensionamento “objetivo” da confusão. Afinal, se os culpados eram tão visíveis e o policiamento tão eficiente, não deveria ter havido dificuldades em relação a estes esclarecimentos oficiais.

A reportagem poderia ter ouvido autoridades policiais e torcedores. No terceiro parágrafo, relata-se que “muitos torcedores das duas equipes pularam o alambrado, os do Parquinho para fazer a festa com os jogadores, enquanto os do Nacional queriam mesmo confusão”. É difícil imaginar como o jornalista conseguiu separar quem brigava e quem comemorava em meio a “uma praça de guerra”. O relato pode até ser verdadeiro, o que se questiona é a falta de dados que o comprovem, principalmente porque não foram ouvidas nenhuma das partes envolvidas na confusão, nem policiais, nem torcedores, nem atletas. Desta vez, o torcedor não ficou de fora sozinho.

Em outra sub da reportagem 1, é dado voz a alguns dirigentes que tecem os mais variados elogios à organização da competição e ao jogo decisivo. O próprio título da matéria indica seu teor: “Sentimento do dever cumprido”. Nada contra os dirigentes defenderem seu trabalho ou o jornalista dar espaço para esta defesa. No entanto, o senso crítico pede que outras partes sejam ouvidas. Ainda que dirigentes das duas agremiações tenham dado suas opiniões no texto, faltou novamente ouvir os torcedores e também os atletas, partes integrantes e verdadeiros protagonistas do evento.

Na reportagem 2 a narração dos lances da partida é um pouco mais objetiva, não privilegia nenhuma das equipes, apesar de aparecerem termos que de-

notam subjetividade, como “jogo meio morno” (parágrafo 10). Diferentemente da reportagem 2, o jornalista ouviu atletas das duas equipes ao final da partida (parágrafos 12 e 13). No entanto, ao elaborar uma sub exclusivamente com o presidente da Liga, demonstra-se a tendência a ouvir o “lado do poder” no espetáculo. O dirigente estaria sendo acusado de favorecer uma das equipes. Mas quem, afinal, acusa? E por que acusa? Se o dirigente tem o direito de se defender, o outro lado deveria ser ouvido, o que não ocorreu. Da maneira que o assunto foi apresentado parece mais uma defesa do que um esclarecimento dos fatos.

Voltando ao método de análise proposto por Fairclough e seguindo o roteiro por ele sugerido, podem ser apontados alguns elementos lingüísticos importantes para o entendimento do discurso da editoria de esportes do *JC*. Em relação ao *controle interacional*, o que se nota é que a voz do jornalista é praticamente única nas matérias da reportagem 1, à exceção da sub “Sentimento do dever cumprido”, na qual alguns dirigentes das agremiações envolvidas foram ouvidos. Entretanto, a voz é dada pelo jornalista, não há uma tomada de turno, como numa conversa, são fragmentos do discurso de outras pessoas, usados pelo narrador na construção de seu próprio texto e que, ao fim, servem para justificar afirmações e opiniões pessoais, já que todas as declarações seguem um tom único de condenação aos torcedores que provocaram incidentes no evento e de elogios à organização da competição. Na verdade, trata-se mais de uma intertextualidade direta do que um controle interacional, já que o narrador é quem dirige os rumos do texto o tempo todo.

Na reportagem 2 o controle interacional continua em poder do narrador, ainda que no texto principal atletas e um dos treinadores tenham manifestado suas vozes. Já na sub “Presidente faz balanço”, o entrevistado tem voz ativa e a usa para justificar seus próprios atos. Nesse caso, o narrador aparece como um portador da mensagem, já que não há mais de uma opinião a ser costurada. O que deve ser ressaltado é que não há *troca* de informações em nenhum momento de ambas

as reportagens e que o controle do discurso fica o tempo todo a cargo dos jornalistas.

Quanto à *coesão*, os textos principais apresentam narrativas fluentes. Relatam no *lead* (conforme já descrito) o fato em um nível macro, para depois descrevê-los em detalhes. Nas descrições há uma cadeia temporal bastante nítida, na qual os fatos são descritos numa sucessão cronológica rígida. Na reportagem 1, desde fatos precedentes até o apito final. Na reportagem 2, do início da partida até os momentos imediatamente subsequentes ao encerramento da disputa, com declarações de atletas “após o jogo”.

Em relação ao que Fairclough classifica como *polidez*, ou o modo como os sujeitos são tratados no texto, na reportagem 1, “jogo limpo e bom tecnicamente”, “bem posicionado”, “bom marcador”, “apóia com incrível talento e tranqüilidade”, “ótimo atacante”, “leal adversário” e “policciamento eficiente”, são algumas adjetivações positivas. O lado negativo do evento recai todo sobre uma parte dos torcedores, como já dito anteriormente, acusados diretamente como responsáveis pelos tumultos.

Por tudo o que já foi analisado, pode dizer que em relação ao *ethos*, o que transparece nas reportagens é que os organizadores do evento são mais valorizados, a eles é dada voz e não se faz qualquer comentário crítico. Os atletas aparecem como heróis, porém, distantes dos fatos, cumprem seu papel de jogadores e só. Não têm voz, a performance atlética é o que interessa. Na reportagem 2, a voz dada a dois atletas - quatro linhas para cada - ameniza um pouco, mas não apaga a impressão de que para o narrador, além da performance durante a disputa, nada mais resta. Os torcedores são coadjuvantes do espetáculo em ambas as reportagens, ainda que tenham tido papel central em um dos eventos (na reportagem 1) aparecem sem voz. É o discurso de quem gostaria que o povo permanecesse em seu devido lugar e só se manifestasse festivamente.

Em relação à gramática, todos os textos primam pela simplicidade, sem rebuscamentos e com elementos que deixam claro o assunto que se trata. São ter-

termos como “superior tecnicamente”, “abriu a contagem”, “encheu o pé”, “jogo truncado”, “cortou para a lateral”, “invadiu um pouco”, “chute prensado”, “drible desconsertante”, etc., que fazem parte de um vocabulário particular, o dos futebolistas. Algumas falhas de revisão podem ser notadas, como no olho da reportagem 1, “Time do Vista Alegre venceu Nacional virada”, o certo é “de virada”, que no discurso futebolístico significa reverter um placar adverso. A simplicidade gramatical é até uma exigência da prática jornalística, que presume assim tornar o texto acessível a leitores de vários níveis de alfabetização.

Por outro lado, as reportagens apresentam a visão dos jornalistas e de alguns dirigentes e, de modo distante, dos atletas. Os torcedores, mesmo reconhecidamente protagonistas do espetáculo, aparecem como sujeitos passivos nos textos, no sentido de não terem voz. Mais uma vez, é necessário lembrar que o que se pretende aqui não é fazer julgamentos de juízo, dizer se algo está certo ou errado, o que se pretende é apenas apontar aspectos da mídia nem sempre transparentes e, na maioria das vezes, ocultos do grande público. Afinal, ninguém lê, ou poucos lêem, reportagens de maneira crítica, principalmente sobre um assunto tão “leviano” como uma decisão de campeonato de futebol amador.

No entanto, apesar de aparentemente ser um “assunto de menor importância” e tecnicamente classificado como *fait divers*<sup>46</sup>, os jogos de futebol amador em Bauru são uma das pouquíssimas opções de lazer para os que moram na periferia da cidade, onde são realizadas as partidas, sempre aos domingos de manhã. Assim, atraem grandes públicos - ainda que não haja estatísticas oficiais, estima-se que mais de três mil pessoas assistiram ao jogo Parquinho x Nacional - e são ainda opção para os “atletas de final de semana”, que não possuem renda suficiente para frequentar clubes sociais ou academias de ginástica. No torneio da L-RFB participaram 18 equipes (cerca de 270 atletas) e no da LBFA mais 16 (cerca de 240). O futebol amador é ainda uma espécie de estágio para jogadores que de-

---

<sup>46</sup> Este conceito acabou por confinar de vez aspectos da cultura popular ao espaço das “coisas de menor importância”, entretanto, o que se classifica como *fait divers* pode ser mais revelador sobre uma determinada sociedade do que aspectos políticos e outras categorias de assuntos “sérios”.



sejam tentar carreira no futebol profissional e, de outro lado, prolonga as atividades de ex-profissionais, além de ser um espaço para aqueles atletas que sabem e gostam de jogar mas não tiveram oportunidade como profissionais. Há, sim, um importância social muito grande nestes eventos, por isso, merecem ser visto além da simples performance esportiva.

De outro lado, a análise textual, aponta o *poder do discurso*, que transforma totalmente um fato. Ou seja, o que *realmente* aconteceu é uma coisa, o que foi relatado é outra, mas que passa a ser tomada como os próprios acontecimentos. Após as reportagens, o que se passou é o *que deu no jornal*. E, nos casos apresentados, fica evidente que nem sempre isso corresponde à realidade e nem mesmo às expectativas dos leitores.

É positivo o fato e as reportagens analisadas apresentarem uma faceta do esporte local bem longe dos grandes espetáculos que costumeiramente se vê em relação a decisões de campeonatos de futebol. É o esporte em sua plenitude lúdica, sem grandes estrelas e com cidadãos anônimos. Por outro lado, o jornal não conseguiu explorar este lado, ao prender-se demais em uma cobertura que privilegiou aspectos da organização e dos organizadores, que, por sua vez, tentaram mascarar os defeitos destes campeonatos. Em relação ao tumulto da decisão da LRFB, o *JC* poderia ter explorado o fato de os aparelhos de segurança pública terem subestimado o evento, não proporcionando segurança adequada; poderia mostrar um pouco mais quem são os atletas. Em relação aos torcedores, há um campo inteiro a ser descoberto pelo jornal. Além disso, poderia ter sido mais explorado o lado não-profissional e “folclórico” do futebol varzeano. Há, porém de se louvar o fato de o *JC* pautar o evento e até dedicar chamadas de capa para eles, pois, nos grandes jornais, o futebol amador inexistente.

Mais recentemente, o próprio jornal deu uma amostra de que é possível sim inserir a voz do torcedor nas matérias sobre esporte, principalmente, local. No mês de julho de 2005, o E.C. Noroeste disputou as finais da segunda divisão do Campeonato Paulista e foi vice-campeão, com isso, conquistou o direito de dispu-

tar a divisão principal no ano seguinte. Em pelo menos duas edições (de 09/06 e 13/06) o *JC* publicou matérias em que os torcedores aparecem como os principais personagens do espetáculo.

### *Reportagem 1*

#### **Partida do Noroeste mobiliza a cidade**

*Desde o início da tarde de ontem, torcedores já se aglomeravam na porta do estádio, atrás de ingressos e camisas*

O clima nas imediações do Estádio Alfredo de Castilho durante toda a tarde de ontem, antes do confronto decisivo contra o Mirassol, era de empolgação, confiança na vitória e, principalmente, na conquista do acesso à Primeira Divisão do Campeonato Paulista da Série A1, em 2006.

Até às 14h, dos 15 mil ingressos disponíveis, aproximadamente 8 mil já haviam sido vendidos e segundo estimativas da polícia militar 12 mil torcedores estiveram presentes.

A procura por ingressos foi intensa durante o dia todo, já que a maioria dos torcedores estavam em horário de trabalho e acabou comprando o ingresso no final da tarde. Desde o torcedor mais fanático, até o craque do Norusca Luciano Bebê, que cumpria suspensão automática, buscavam o melhor lugar para assistir ao jogo.

Luciano Bebê assistiu à partida acompanhado da esposa e do filho de apenas nove meses na tribuna do estádio. “Eu queria estar lá dentro, ajudando o Noroeste e meus companheiros, mas infelizmente eu terei que cumprir suspensão automática”, disse o craque noroestino.

Um caso de total dedicação e paixão pelo Alvirrubro era o torcedor bau-ruense Eliseu de Almeida, de 44 anos, com mais de 20 dedicados ao Norusca. Após ser transferido por motivo de trabalho, em 2004, para Mirassol, cidade do time rival do Norusca, Eliseu pediu ao seu patrão para viajar e assistir à partida do time do coração.

“Eu consultei o meu chefe, achando que a resposta seria negativa, mas ele é torcedor do América, de São José do Rio Preto, um dos rivais do Mirassol e não teve dúvidas em me liberar”, conta o torcedor, que ainda afirmou que pretendia ficar até domingo, para acompanhar o jogo contra o Bandeirante, de Birigui.

Os ambulantes, que nesses dias de jogos de grande porte buscam uma forma alternativa de ganhar um dinheiro extra, se mobilizavam para montar barracas, churrasqueiras, com o tradicional espetinho, para poderem atender a massa noroestina que chegava de todas às partes da cidade.

“Eu trabalho na prefeitura, mas o meu marido está desempregado e eu tenho que ganhar pelos dois”, revelava Maria Gomes, que apesar da esperança de vender os mais de 400 refrigerantes do seu estoque, ficou sabendo em cima da hora, que às vendas não poderiam ser feitas na porta do estádio e sim numa área de 200 metros de distância da porta do Alfredão.

Consultado pela reportagem do JC, o tenente Valentim, que comandou uma operação desde às 17h, nas imediações do campo, com cerca de 40 policiais, revelou que a presença dos ambulantes próximos dos estádios é proibido por lei.

“Nós seguimos as leis e vamos cumprir até o fim. Com organização e disciplina tudo transcorrerá normalmente”, concluiu o tenente. (Jornal da Cidade, 09/06/2005, p. 16)

### *Sub*

#### **Dono de tradicional barraca vende e torce em família**

Um dos principais points dentro do Estádio Alfredo de Castilho, a barraca de lanches ‘Au Au’, do apaixonado noroestino Reinaldo Costa, que há mais de 20 anos vende os saborosos lanches, esperava com ansiedade o início do jogo decisivo.

O vendedor-torcedor, como ele mesmo se auto define, chega a vender mais de 500 lanches e espetinhos antes, durante e após os jogos de maior apelo e revela uma curiosidade.

“Nós dias de jogos à noite, a procura é muito maior do que no período diurno”, conta o vendedor, que ontem vivia um clima de alegria e satisfação.

“Além de ganhar um dinheiro, eu, como noroestino, torço e vibro com os gritos de gol em família”, diz Reinaldo, que conta com a ajuda das filhas e genros.

“Todos trabalham e torcem juntos em prol do Noroeste”, conclui Reinaldo Costa, que espera ansioso pela volta do Norusca à Série A1. “O ano que vem o Noroeste estará na Primeira Divisão, podem apostar.” (Jornal da Cidade, 09/06/2005, p. 16)

### *Reportagem 2*

#### **Série A2: '12º jogador', torcida também deu show**

*Público vibrou antes, durante e depois da partida que definiu a volta do Noroeste à Primeira Divisão do Paulistão*

Quando o apito do árbitro Rodrigo Martins Cintra ecoou no ar decretando o final da partida entre Noroeste e Bandeirante, os mais de 15 mil torcedores presentes ao Estádio “Alfredo de Castilho” foram ao delírio vibrando com a conquista oficial do acesso do “Norusca” à Primeira Divisão do futebol paulista. A “explosão” de alegria atingiu seu ápice na volta olímpica dos jogadores, que ouviam entusiasmados os gritos de “Primeira Divisão” entoados pela torcida.

A festa da “galera”, após a goleada de 4 a 0, “invadiu” as principais ruas da cidade e começou tão logo após a saída do elenco noroestino, por volta das 21h, do “Alfredão”. À frente, um caminhão preparado por várias empresas bauruenses levava os jogadores e integrantes da comissão técnica. Ele era seguido pelo ônibus oficial do Noroeste, que transportava os familiares dos jogadores, um trio elétrico e milhares de carros de torcedores que faziam um “buzinaço”.

A “carreata da vitória” saiu da rua Nilo Peçanha e passou pela avenida Duque de Caxias, seguindo pela rua Rio Branco em direção à avenida Getúlio Vargas, onde partiu rumo ao ponto final da festança: a sede da escola de samba “Acadêmicos da Cartola”, no Parque Vista Alegre. Lá,

muitos litros de chope e a bateria da Cartola foram os “combustíveis” que alimentaram o ânimo dos torcedores, jogadores e comissão técnica do “Norusca”.

Entretanto, não foi apenas após a partida que a torcida incentivou o time alvirrubro. Para apoiar o “Norusca”, a enorme torcida que compareceu ao “Alfredão” deu as mais variadas manifestações de amor ao time. Muitos fizeram até sacrifícios para assistir à partida.

Foi o caso de Luiz Carlos Machado, que, mesmo com a perna quebrada, foi ao campo apoiado em muletas. “Para assistir o Noroeste, vale qualquer coisa. E pode ter certeza que hoje é só alegria, pois vai ser uns dois a zero pra gente”, profetizou.

Quem também não se abateu com as dificuldades de locomoção foi Mário Luiz de Oliveira, que foi de cadeira de rodas e torceu juntamente com Gilmar José Furquim, Rildo Nunes e Nivaldo Antunes de Oliveira. “Onde tem jogo do Noroeste, a gente não perde”, ressaltou Mário. “Vai ser uns dois a zero, fora as bolas na trave”, palpitou Gilmar.

Já Anderson Rozetti, de apenas 9 anos, provou que a paixão pelo “Norusca” não tem idade. Com o rosto pintado de vermelho e branco, as cores tradicionais do Noroeste, arriscou um 3 a zero como resultado do jogo e fez questão de destacar: “Venho ao campo desde pequenininho, pois adoro o Noroeste”, frisou o jovem noroestino.

Até mesmo o Dia dos Namorados foi usado como justificativa para a vitória do time. Chegando ao estádio de mãos dadas, o casal Pedro e Giovana aproveitou a data para pedir um “mimo” ao Noroeste. “Se ele vencer, principalmente de goleada, iria ser um belo presente para comemorar o Dia dos Namorados”, salientou Pedro.

E o trio formado por Tião Camargo, Rodrigo Costa e Marcelo Fernandes reunia antes do jogo os sentimentos comuns à todos os noroestinos. Bem-humorados, dispostos a vibrar até o último minuto e confiantes no acesso do Noroeste à Primeira Divisão, o grupo salientou que o mais difícil era conter a emoção e a ansiedade. “Só assistindo para descrevê-las, mas antes o coração já está batendo a mil por hora. Mas o importante é que o ‘Norusca’ ganhe, não importa o placar e nem que seja com um gol de bunda”, exagerou Camargo.

Costa acrescentou que fez até promessa, sem revelar qual, para o “Norusca” vencer. “Aí, também vou poder ver o São Paulo jogar aqui no ano que vem”, destacou. Diante da resposta do amigo, Camargo não perdeu a chance de zombá-lo. “A promessa dele é ir a pé daqui até o boteco ali perto para comemorar”, brincou. (Jornal da Cidade, 13/06/2005, p.16)

Os três textos são exemplares de como é possível inserir a opinião do torcedor e demonstram a riqueza de informações que se pode obter com isso. Em apenas três reportagens são resgatados detalhes que mostram como o fenômeno futebol mexe com os sentimentos das pessoas, como os torcedores são capazes de se sacrificarem pelo time. Revela-se a paixão do torcedor que mora

pazes de se sacrificarem pelo time. Revela-se a paixão do torcedor que mora em outra cidade e negocia com o patrão para poder assistir a um jogo de futebol. Mostra-se a esperança da ambulante que aproveita a ocasião de um jogo com “casa cheia” para melhorar a renda familiar, porém, tem de enfrentar a regulamentação do poder público e manter-se afastada do local do espetáculo. Descobre-se o vendedor-torcedor que trabalha dentro do estádio e pertence a uma família toda de simpatizantes do time; um torcedor que foi a um dos jogos “de muleta”; outros que acompanham o time mesmo necessitando de cadeiras de rodas; um casal ‘comemorando’ o dia dos namorados no jogo; amigos que se unem em torno do evento. Enfim, além do jogo em si, há em torno do futebol todo um universo a espera de ser revelado nas páginas esportivas dos jornais. No entanto, esse tipo de matéria não é a regra nas coberturas esportivas, mas a exceção. E isso não acontece só com o *JC*, o jornal apenas reflete uma tendência do jornalismo em geral, cada vez mais presos às questões de mercado e menos às culturais.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como já colocado na introdução, a proposta teórica deste trabalho poderia levantar mais questões do que dar respostas. Isso era previsível não apenas pelos conceitos adotados, mas também em virtude do tema escolhido envolver elementos culturais, sujeitos sociais, representações simbólicas e ser de natureza midiática. Assim, antes de tentar responder à dúvida-título deste trabalho, apresentam-se algumas considerações, ou melhor, *interpretações* de todo o percurso percorrido ao longo dessas mais de duzentas páginas. Ressalte-se que, em meio à explanação foram tecidas algumas considerações específicas relativas a cada seção, assim, neste último tópico, busca-se associar os vários aspectos estudados com o tema nuclear: o torcedor de futebol e a mídia esportiva.

Primeiramente, observou-se que ambos os fenômenos (futebol e mídia) se dão numa dimensão cultural, portanto, para serem interpretados de um modo mais proveitoso, necessitam ser vistos a partir de um ponto de vista culturoológico. Assim, a opção mais viável foi buscar subsídios nos Estudos Culturais, uma vez que a investigação trabalha com os conceitos de identificações, significações, relações de poder, historicidade e linguagem (discursividade).

Ao aceitar as posições dos culturalistas britânicos, o estudo proposto obrigatoriamente se desenvolveria a partir do campo da recepção ou no “espaço em que se constroem os significados”. Entretanto, pelo menos em relação ao tema desta investigação, surge um certo desconforto quanto às influências que os receptores recebem. O leitor é agente ativo no processo e isso não dá para negar, porém, também não se pode ignorar que os agentes construtores da notícia conseguem trabalhar as informações de modo a induzir esse leitor. A omissão proposital de informações, a tomada de posição a favor ou contra personagens e instituições e a subjetividade discursiva não podem ser vistas como variantes acessórias, claramente identificáveis pelos receptores. Também influências como a formação (escolar, política, religiosa, etc.) dos leitores interferem no pro-

cesso, através da *imposição*, não necessariamente pela força, de paradigmas que passam a ditar tendências e a condicionar as leituras. Desse modo, como é possível dizer que o leitor decodifica a informação livremente, que não sofre nenhum tipo de manipulação?

Aceitar esses contrapontos críticos ou “frankfurtianos” não significa afirmar que a mente do leitor é uma espécie de tábula rasa ou que os consumidores da informação sejam uma massa acrítica, não-pensante e manipulável. As reflexões teóricas apresentadas apontam para uma convergência entre conceitos de duas teorias aparentemente antagônicas, mas que, numa visão livre de *pré-conceitos*, mais se complementam do que se chocam. São incompatíveis em alguns momentos, porém, se completam em outros.

Os Estudos Culturais exigem uma postura além da ideologia, que busque também no cotidiano, na linguagem, no “jeito de ser” das pessoas comuns e nas produções *da* massa, elementos para entender melhor as sociedades e os fenômenos socioculturais contemporâneos. Entretanto, não podem ignorar a força do poder simbólico e a influência das ideologias nos processos de identificações e representações, que tanto prezam como objetos de estudo.

Por seu turno, a Teoria Crítica, juntamente com todo o *paradigma marxista*, se é que exista um, viu muitos de seus conceitos serem superados tanto por novas configurações sociais impossíveis de serem previstas à época em que os frankfurtianos desenvolveram seus trabalhos, como por novas teorias que avançaram e se aprofundaram justamente nas brechas deixadas por Adorno, Horkheimer *et al* - as principais: a possibilidade de reação das massas e a imprevisibilidade do efeito das mensagens. Por outro lado, a idéia de uma Indústria Cultural soberana e controladora dos discursos midiáticos encontra respaldo ainda hoje nas redações do mundo todo. O próprio Stuart Hall (1997) coloca a Teoria Crítica como um dos discursos teóricos em que os Estudos Culturais se apoiaram para elaborar suas conceituações.

A partir desse posicionamento teórico, a mídia esportiva aparece como um dos mais típicos produtos da Indústria Cultural, seja por seu conteúdo classificável como *fait divers* ou por seu distanciamento da realidade política. Já o fenômeno torcedor de futebol surge como um dos muitos processos de identificação criados no contexto urbano da era industrial. O crescimento das cidades forçou a convivência de diversos grupos sociais, que passaram a lutar não mais por espaços *físicos* (ainda que não deixassem de fazê-lo) mas *simbólicos*. Por outro lado, os esportes de competição que até então eram praticados nos espaços públicos, foram sendo incorporados às grades curriculares das instituições de ensino e passaram a ter regras rígidas, que logo também se estabeleceriam para além dos colégios e transformariam o conceito de esporte, até então vinculado às festas e ao sagrado. É nessa conjuntura que práticas como o futebol e o *rugby* surgem na Europa Moderna. As agremiações foram sendo criadas em torno de grupos sociais e passaram a representá-los. Ao incorporar simbolicamente valores culturais, os times de futebol começaram a conquistar simpatizantes que se identificam com estes significados agregados em torno do fenômeno: os torcedores.

Quando os times entram em campo, não são apenas alguns atletas que lutarão desesperadamente durante alguns minutos para tentar passar, o maior número de vezes possível, uma bola por dentro de um de dois retângulos colocados em extremidades opostas do campo. Quem entra na arena são as cores, a tradição, a história, o jeito de ser de um grupo, ou mesmo de uma classe social, representadas através da simbologia das camisas envergadas pelos atletas. Para a torcida, quem ganha ou perde não são os jogadores (*eles*), mas eles mesmos torcedores (*nós*).

A mídia, como espaço privilegiado para que as representações culturais se manifestem, não poderia deixar de se relacionar com tal fenômeno e logo se tornou ela própria uma parte dele. É a partir da intervenção dos meios de comunicação que o futebol extrapola definitivamente sua dimensão de prática es-



portiva. Primeiramente, através dos jornais, que passam a dar atenção aos jogos e a criar seus personagens, a eleger seus heróis e a desaprovar os fracassados. A seguir é o rádio, que introduz uma nova narratividade ao jogo e contribui de modo significativo para a construção de uma linguagem especial para o esporte. Finalmente, surge a televisão que amplia as qualidades imagéticas do espetáculo e faz do jogo um evento não mais para centenas ou milhares, mas sim milhões de indivíduos.

No entanto, constatou-se que a teia de relações estabelecidas na intersecção entre o espaço midiático e o futebolístico é cheia de pontos também conflituosos. A mídia utiliza-se do futebol para buscar fatos que possam atrair leitores, ouvintes ou telespectadores. Os sujeitos e entidades esportivas, por sua vez, usam o futebol para se projetarem, se tornarem conhecidos e conseguir subsídios financeiros ou institucionais que possam melhorar suas performances ou apenas atrair público para vê-los em ação. Mídia e entidades esportivas, na verdade, estão em busca de um só sujeito: o cidadão-consumidor, nesse caso, investido na figura do torcedor.

Por outro lado, o torcedor de futebol não se trata de uma categoria única. O mais certo é falar em *torcedores*, não porque existam muitos, mas porque são de muitos tipos. Num jogo de futebol, dentro do estádio, podem se reunir desde simples admiradores do esporte, interessados em ver uma boa performance, “uma partida bem jogada”, até seguidores incondicionais do clube mais preocupados com o resultado. Há ainda aqueles que simpatizam de maneira moderada com um dos times e os *fanáticos*, estes, podem ainda ser vinculados ou não a uma organização. Em vista disso, conclui-se que o torcedor focalizado neste trabalho e objeto da pergunta-título é o *fanático* e, se for pensado exclusivamente no contexto do futebol é também a alma do espetáculo. Entretanto, como demonstrado, na imprensa, os torcedores – fanáticos ou não – são representados apenas como o público pagante, não possuem voz ativa, aparecem como plano

de fundo para um cenário em que as performances atléticas são o mote quase único das reportagens.

Os torcedores também são sujeitos atuantes no espaço da recepção, estabelecem relações a partir das manifestações da imprensa em relação às suas equipes, às suas preferências. Apesar de não estarem representados nas páginas dos jornais com a mesma magnitude com que atuam no desenrolar dos eventos esportivos, isso não faz dos torcedores sujeitos passivos no processo. Eles reagem e buscam modos de mostrar suas identificações, mas, principalmente, têm consciência de que a mídia não os representa, não lhes dá voz para desabafarem suas insatisfações ou comemorar as conquistas de seus times (e deles mesmos). Assim, não dependem da imprensa para fazê-lo. Os torcedores podem efetivar suas reivindicações diretamente nas arquibancadas, quer a mídia divulgue-as ou não. Podem também se manifestar através da festa ou da violência e, nesse caso, mais do que no primeiro, conseguem chamar a atenção dos meios de comunicação.

Quanto ao caso estudado, constatou-se que realmente há uma lacuna em relação aos torcedores de futebol, verificada tanto na análise do conteúdo, quanto nos discursos e também nas falas dos torcedores-leitores entrevistados. Essas lacunas não têm origem apenas na opção editorial do veículo analisado, ela tem relação com a cultura da sociedade em que os fenômenos se dão. A história da imprensa bauruense mostra que os jornais estabelecidos na cidade, em sua maioria, surgiram para representar interesses de grupos específicos, não da sociedade como um todo. E isso tem reflexos diretos nas pautas, nas abordagens, nos conteúdos e nos discursos. No caso apresentado, o veículo assume-se desde sua edição de lançamento, como porta-voz do único time profissional da cidade. O jornal “veste a camisa do time”, defende-o até mesmo nos embates com os próprios torcedores, que a princípio são também leitores da publicação (não se pretende aqui julgar ou fazer qualquer valoração quanto às posições do veículo, mas sim demonstrar como o jornal é posicionado no espaço da recepção).

Obviamente que algumas das constatações aqui expostas poderiam ser um pouco diferentes se tivesse sido tomado qualquer outro veículo como referência. Mas crê-se que, na essência, ou seja, nas representações da mídia acerca dos torcedores de futebol, ter estudado outro órgão impresso, nada mudaria de maneira substancial, uma vez que no estágio atual das práticas jornalísticas, todos os veículos possuem uma linha de produção textual bastante próxima uns dos outros. A imprensa contemporânea tende ao “discurso único”.

A título de justificativa, é preciso dizer que este estudo também possui lacunas, em consequência de não ter sido possível, em virtude do tempo estipulado para o curso, estudar todos os aspectos relativos ao fenômeno. A questão do gênero entre os torcedores poderia ter sido incluída, mas até pela importância que possui, mereceria um estudo à parte, bem como a problemática dos preconceitos racial e sociais embutidas no universo do futebol. Ficaram de fora ainda as relações entre esporte e educação, também de extrema importância. Assim, fica aqui a sugestão de alguns bons temas para serem discutidos de modo mais aprofundado em âmbito acadêmico.

### *Recomendações*

Em vista das observações feitas neste estudo, propõe-se neste item algumas sugestões que possam amenizar os conflitos verificados. No tocante às questões teóricas é necessário superar as barreiras estabelecidas por conceituações estanques. Ou seja, o comunicólogo não pode ficar preso a conceitos de uma só corrente, ainda que possa parecer contraditório, pois os fenômenos comunicacionais são plurais: se desenvolvem no espaço da recepção, mas esta sofre influências do meio social, das instâncias produtoras e até do próprio suporte da informação. Assim, uma análise culturoológica deve procurar aglutinar estes fatores. De que maneira isso pode ser feito é mais uma questão a ser respondida,

o percurso do presente texto apresenta alguns passos, mas não o caminho completo, que seria muito mais longo.

Em relação aos estudos sobre o futebol, é preciso inserir novos capítulos na história desse esporte, que contenham a versão dos que, assim como os torcedores de hoje, deram vida ao espetáculo, mas ficaram de fora das manchetes dos jornais. É preciso reavaliar as teses dos “mitos fundadores”, dos “heróis pioneiros”. Afinal, antes do *football association* dos ingleses, havia o *soule* dos franceses e o *calcio* italiano. Antes desses, houve o *harpastum* romano, o *epyschiro* grego, o *kemari* japonês e o *tsu-chu* chinês, além do *tlachtli* asteca, do *tchoekah* dos patagônios, do *pilimatum* dos chilenos, do *pasuckquakkohowog* dos índios da América do Norte e, possivelmente, muitos outros jogos. Eram essas outras práticas futebol? Provavelmente não, mas elas deram forma ao longo do tempo a uma propensão do homem em jogar utilizando-se de objetos esféricos até que se formasse o *association*.

Quanto ao futebol brasileiro, é preciso investigar além dos Chares Millers e Oscars Cox, como fez José Moraes dos Santos Neto, no seu *Visão do Jogo*, trabalho que resgata a prática do futebol nos colégios jesuítas, antes da existência dos times oficiais. É preciso buscar como se formou a *Liga dos Canelas Pretas* no Rio Grande do Sul, bem como a implantação do futebol fora do eixo Rio-São Paulo. Não para desmistificar nomes, mas para contar uma história inclusiva, com todos os reais protagonistas da introdução e formação do futebol no país.

Aos jornalistas esportivos fica a sugestão de incluir a voz do torcedor nas reportagens sobre jogos de futebol. Muitas vezes, o repórter vai ao campo fazer a cobertura e senta-se em meio aos torcedores, porém, não se digna a tomar suas opiniões. Escreve seu texto baseado em suas próprias observações e nas análises de técnicos, dirigentes e atletas. Certamente, se puder incluir uma voz a mais, terá espaço para ampliar suas pautas e, conseqüentemente, elaborar

matérias mais próximas dos leitores, que podem ampliar sua identificação com o veículo.

Aos meios de comunicação, e vale não só para o veículo que foi objeto da análise, sugere-se, além de orientar repórteres e redatores a adotarem a prática de ouvir e inserir os torcedores em seus textos, que também incluam em suas páginas colunas dedicadas ao torcedor, como, por exemplo, um espaço para publicar cartas e mensagens específicas dos esportistas (não só futebolistas). Assim, no futuro, a história poderá ser contada sem excluir a *alma do espetáculo*.

## BIBLIOGRAFIA

ADORNO, Theodor W. e HORKHEIMER, Mark. *Dialética do esclarecimento*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

ANTUNES, Fátima Martins Rodrigues Ferreira. *Com brasileiro não há quem possa: futebol e identidade nacional em José Lins do Rego, Mário Filho e Nelson Rodrigues*. São Paulo: Editora Unesp, 2004.

ARQUIVO EM IMAGENS. Série Última Hora - futebol. São Paulo: Arquivo do Estado, s/d.

BARROS, Laan Mendes de. Comunicação: uma abordagem plural. In: *Communicare: revista de pesquisa*. São Paulo, nº 1, p. 9-16, 1º semestre 2002.

BAUDRILLARD, Jean. *A transparência do mal: ensaios sobre os fenômenos extremos*. Campinas: Papyrus, 1990.

BETTI, Mauro. *Violência em campo: dinheiro, mídia e transgressão às regras no futebol espetáculo*. Ijuí: Unijuí, 1997.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

\_\_\_\_\_. Como é possível ser esportivo? In: *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

BRITTOS, Valério da Cruz. *Comunicação e cultura: o processo de recepção*. São Leopoldo, 2001. Disponível em: <<http://bocc.ubi.pt>> Acesso em: 12 set. 2003.

BUFORD, Bill. *Entre os vândalos: a multidão e a sedução da violência*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

CANCLINI, Nestor García. *Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2001.

COELHO, Cláudio Novaes Pinto. O conceito de indústria cultural e a comunicação na sociedade contemporânea. In: *Communicare: revista de pesquisa*. São Paulo, nº 2, p. 35-46, 2º semestre 2002.

COELHO, Paulo Vinicius. *Jornalismo esportivo*. São Paulo: Contexto, 2003.

CONTADOR, Maria Amália Campana. *Driblando a linguagem*. 2003. 131f.. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, Universidade Estadual Paulista, Bauru.

CORAZA, Ana Paula et al. *Mídia esportiva: a intencionalidade no discurso jornalístico*. In: XXIV Congresso Brasileiro de Comunicação, Campo Grande-MS, setembro, 2001.

COSTA, Allan José Silva da. *História do futebol*. [S.l.], [2.00-]. Disponível em <<http://www.spiner.com.br/modules.php?name=News&file=article&sid=576>> Acesso em: 30 jan. 2005.

COSTA, André Lucirton. Cultura brasileira e organização cordial: ensaio sobre a torcida Gaviões da Fiel. In: CALDAS, Miguel P.; MOTTA, Fernando C. Prestes (org.). *Cultura organizacional e cultura brasileira*. São Paulo: Atlas, 1997.

CUCHE, Denys. *A Noção de cultura nas ciências sociais*. Bauru: Edusc, 1999.

CUNHA, Fábio Aires da. *Evolução do futebol no cenário mundial*. Belo Horizonte, [2.00-]. Disponível em <<http://www.cdof.com.br/futebol2.htm>> Acesso em 30 de jan. 2005.

DALPIAZ, Jamile. Os caminhos e os (des) caminhos apontados em “A sociedade do espetáculo” para se pensar o futebol brasileiro. *Revista Famecos*. Porto Alegre, nº 17, p. 142-152, abril 2002.

DAMO, Arlei Sander. *Para o que der e vier: o pertencimento clubístico no futebol brasileiro a partir do Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense e seus torcedores*. 1998. 237f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal do rio Grande do Sul, Porto Alegre.

DAOLIO, Jocimar. As contradições do futebol brasileiro. In: CARRANO, P. C. R. (org.). *Futebol: paixão e política*. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

DE FLEUR, Melvin e BALL-ROKEACH, Sandra. *Teorias da Comunicação de Massa*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

DUARTE, Orlando. *Futebol: histórias e regras*. São Paulo: Makron, 1993.

FAIRCLOUGH, Norman. Critical analysis of media discourse. In: *Media Discourse*. New York: Edward Arnold, 1995. p. 53-72.

\_\_\_\_\_. *Discurso e mudança social*. Brasília: UNB, 1997.

FELINTO, Erick. Patologias no sistema da comunicação, ou o que fazer quando o objeto desaparece. In: *Communicare: revista de pesquisa*. São Paulo, nº 2, p. 19-26, 2º semestre 2002.

FERNÁNDEZ, Maria do Carmo L. E Oliveira. *Futebol, fenômeno lingüístico: análise lingüística da imprensa esportiva*. Rio de Janeiro: Documentário, 1974.

FRANÇA, Vera Regina Veiga. Representações, mediações e práticas comunicativas. In: FIGUEIREDO, Vera Lúcia Follain de; GOMES, Renato Cordeiro; PEREIRA, Miguel (org.). *Comunicação, representação e práticas sociais*. Rio de Janeiro, PUC-Rio, 2004.

FUCHS, Catherine. *As problemáticas enunciativas: esboço de uma apresentação histórica e crítica*. São Paulo, Alfa: São Paulo, 1985. (p. 111 - 129)

GARRIDO, Fernando Antonio Cardoso. *Tendências da cultura esportiva no Rio de Janeiro: uma análise da mídia e das práticas de esporte*. 1999. 198f.. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.

GERHARDT, Wilfried. *Historia del juego*. Zurique, 1979. Disponível em <<http://www.fifa.com/es/history/history/0,1283,1,00.html>> Acesso em 26 jan. 2005.

GIANOLI, Manuel Gustavo Manrique. *O torcedor de futebol e o espetáculo da arquibancada: características da participação de torcedores brasileiros em jogos de futebol*. 1996. 203f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – ECA – USP, São Paulo.

GIDDENS, Anthony. *As conseqüências da modernidade*. São Paulo: Ed. da Unesp, 1991.

GIULIANOTTI, Richard. *Football: a sociology of the global game*. Cambridge, Polity Press. 1999.

GOLDGRUB, Franklin. *Futebol, arte ou guerra?: elogio ao drible*. Rio de Janeiro: Imago, 1990.

GUEDES, Olga. Os estudos de recepção, etnografia e globalização. In: RUBIM, Antônio Albino C.; BENTZ, Ione Maria G.; PINTO, Milton José (orgs.). *Produção e recepção dos sentidos midiáticos*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 107-118.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

\_\_\_\_\_. *A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo*. In: THOMPSON, Kenneth (ed.). *Media and cultural regulation*. Londres, Thousand Oaks, Nova Délhi. 1997. Disponível em: <[http://www.educacaoonline.pro.br/art\\_a\\_centralidade\\_da\\_cultura.asp?f\\_id\\_artigo=450](http://www.educacaoonline.pro.br/art_a_centralidade_da_cultura.asp?f_id_artigo=450)> Acesso em: 12 set. 2003.



HOGGART, Richard. *As utilizações da cultura: aspectos da vida cultural da classe trabalhadora*. Lisboa: Presença, 1973. Vol. 1 e 2.

HOLFELDT, Antonio (org.). *Teorias da comunicação: conceitos, escolas e tendências*. Petrópolis: Vozes, 2001.

HUIZINGA, Johan. *Homo Ludens*. São Paulo: Perspectiva, 1990

JAMESON, Frederic. *Pós Modernismo, a lógica cultural do capitalismo tardio*. São Paulo: Ática, 1997.

\_\_\_\_\_. *O marxismo tardio: Adorno, ou a persistência da dialética*. São Paulo: Unesp, 1997.

JORNAL DA CIDADE. *Imprensa, um poder sempre vigilante: ensaio da história da imprensa de Bauru 1905-1987*. Bauru: 4 de out. 1987.

LEVER, Janet. *A loucura do futebol: esporte e integração social no Brasil*. Rio de Janeiro: Record, 1983.

LEVINE, Robert M. Esporte e sociedade: o caso do futebol brasileiro. In: MEIHY, José Carlos Sebe Bom; WITTER, José Sebastião (org.). *Futebol e cultura: coletânea de estudos*. São Paulo: IMESP/DAESP, 1982. p. 21-44.

LIMA, Venício A. *Mídia: teoria e política*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2001.

LOPES, Maria Immacolata Vassalo de. *Pesquisa em comunicação*. São Paulo: Loyola, 2001.

MARIANI, Bethania S. Corrêa. Sobre um percurso de análise do discurso jornalístico – A Revolução de 30. In: *Os múltiplos territórios da Análise do Discurso*. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 1999.

MARQUES, José Carlos. *Breves estudos sobre futebol, esporte e cultura no Brasil*. In: XXIV Congresso Brasileiro de Comunicação, Campo Grande-MS, setembro, 2001.

MAFFESOLI, Michel. *O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa*. Rio de Janeiro: Forense, 2002.

\_\_\_\_\_. A comunicação sem fim (teoria pós-moderna da comunicação). *Revista Famecos*. Porto Alegre, nº 20, p. 13-20, abril 2003.

MARTIN-BARBERO, Jesús. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. Rio de Janeiro, UFRJ, 2001.

- MATTELART, Armand e Michèle. *História das teorias da comunicação*. São Paulo: Loyola, 2000.
- MÁXIMO, João. *João Saldanha: sobre nuvens de fantasia*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1996.
- MAZZONI, Tomás. *História do futebol no Brasil*. São Paulo: Olympicus, 1950.
- MC PHERSON, Barry D.; CURTIS, James E.; LOY, John W. *The Social significance of sport: an introduction to the sociology of sport*. Champaign (EUA): Human Kinetics, 1989.
- MELO, Victor Andrade de. Futebol: que história é essa?! In: CARRANO, P. C. R. (org.). *Futebol: paixão e política*. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.
- MILAN, Betty. *O país da bola*. Rio de Janeiro: Record, 1998.
- MORAES, Dênis (org.). *Por uma outra comunicação: mídia, mundialização cultural e poder*. Rio de Janeiro: Record, 2003.
- MORIN, Edgar. A comunicação pelo meio (teoria complexa da comunicação). In: *Revista Famecos*. Porto Alegre, nº 20, p. 7-12, abril 2003.
- MOTTA, Luiz Gonzaga. Explorações epistemológicas sobre uma antropologia da notícia. In: *Revista Famecos*. Porto Alegre, nº 19, p. 75-92, dezembro 2002.
- NETO, José Moraes dos Santos. *Visão do jogo: primórdios do futebol no Brasil*. São Paulo: Cosac & Naify, 2000.
- OLIVEIRA, Ana Beatriz Correia. *Representações da torcida “Raça Rubro-Negra” sobre o ídolo do futebol*. 2000. 138f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro.
- PAULA, Silas de. Estudos culturais e receptor ativo. In: Rubim, Antônio Albino C.; Bentz, Ione Maria G.; Pinto, Milton José (orgs.). *Produção e recepção dos sentidos midiáticos*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 131-141.
- PIMENTA, Carlos Alberto Máximo. *Torcidas organizadas de futebol: violência e autoafirmação – aspectos da construção das novas relações sociais*. Taubaté: Vogal, 1997.
- PRYSTHON, Angela. Revisitando a antropofagia: os estudos culturais brasileiros nos anos 90. *Revista Famecos*. Porto Alegre, nº 17, p. 101-109, abril 2002.
- REIS, Helena Baldy dos. *Futebol e sociedade: as manifestações da torcida*. Campinas. 1998. 127f. Tese (Doutorado em Estudos do Lazer). Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual da Campinas.

ROSA, Jorge Martins. *Festa, espetáculo e lazer: três metamorfoses do jogo*. Lisboa, 1999. Disponível em: <[http://bocc.ubi.pt/pag/\\_texto.php3?html2=rosa-jorge-Festa-espetaculo-lazer.html](http://bocc.ubi.pt/pag/_texto.php3?html2=rosa-jorge-Festa-espetaculo-lazer.html)> Acesso em: 28 mar. 2005.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade*. São Paulo: Cortez, 2001.

SHIRTS, Mathew G. Futebol no Brasil ou football in Brazil? In: MEIHY, José Carlos Sebe Bom; WITTER, José Sebastião (orgs.). *Futebol e cultura: coletânea de estudos*. São Paulo, IMESP/DAESP, 1982. p. 87-99.

SILVA, Silvio Ricardo da. *Tua imensa torcida é bem feliz...: da relação torcedor com o clube*. Campinas. 2001. 130f. Tese (Doutorado em Estudos do Lazer. Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas.

SILVA, Tomaz Tadeu da. *Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo*. Belo Horizonte, Autêntica, 2002.

SODRÉ, Muniz. *Antropológica do espelho: uma teoria da comunicação linear e em rede*. Petrópolis: Vozes, 2002.

TEIXEIRA, Rosana da Câmara. *Os perigos da paixão: filosofia e prática das torcidas jovens cariocas*. 1998. 222f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

THOMPSON, John B. *A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia*. Petrópolis: Vozes, 1998.

TURTELLI, Sandra Regina. *Estudo da linguagem de um evento esportivo numa abordagem sócio-léxico-computacional*. 2002. 255f. Tese (Doutorado em Lingüística) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

WILLIAMS, Raymond. *Cultura*. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

WOLTON, Dominique. A Globalização da Informação. *Revista Famecos*. Porto Alegre, nº 20, p. 21-25, abril, 2003.